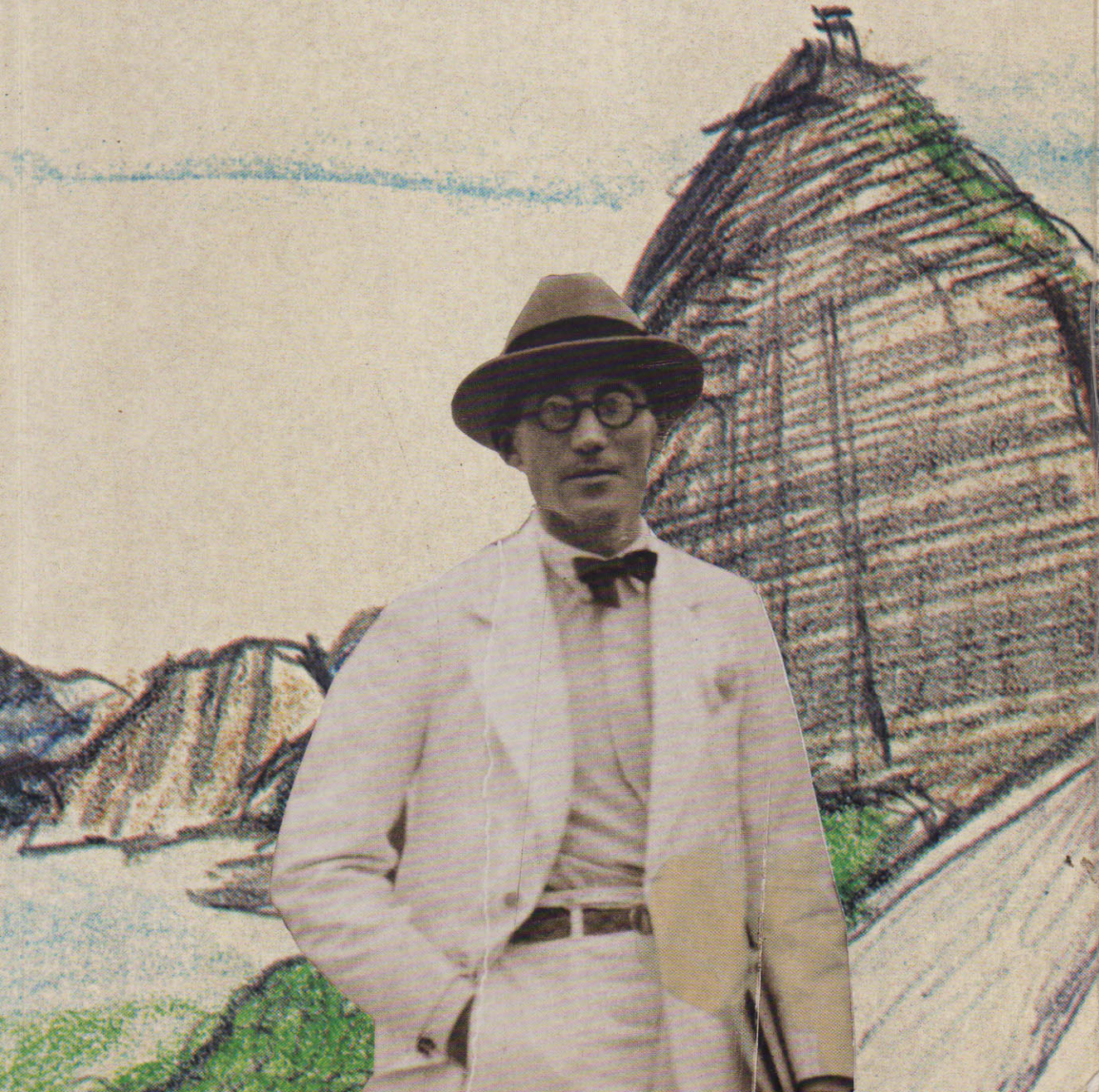
LE CORBUSIER
PRECISÕES



"Temos aqui dez conferências sobre a arquitetura e o urbanismo, realizadas em Buenos Aires, e um prólogo americano.

O prólogo nada tem com a arquitetura americana, mas exprime o estado de alma de um arquiteto na América.

Uma pessoa não viaja para tão longe a fim de fazer conferências sobre a arquitetura e o urbanismo se ela não se sentir capacitada para contribuir com alguns dados de realidade. Estas dez conferências foram realizadas com o infatigável desejo de propiciar certezas. É por isto que o presente livro intitula-se *Precisões.*

Encerra-se com um 'Corolário brasileiro' (São Paulo e Rio de Janeiro) que também é uruguaio (Montevidéu). Este corolário comenta um estado de tensão nascente nestes lugares de crescimento precipitado: o urbanismo."

Le Corbusier

Tradução de Carlos Eugênio Marcondes de Moura

Posfácio de Carlos A. Ferreira Martins

ISBN 85-7503-290-9
9 788575 032909

PRECISÕES SOBRE UM ESTADO PRESENTE DA ARQUITETURA E DO URBANISMO

PRECISÕES

SOBRE UM ESTADO PRESENTE DA ARQUITETURA E DO URBANISMO

Le Corbusier

TRADUÇÃO Carlos Eugênio Marcondes de Moura

POSFÁCIO Carlos A. Ferreira Martins

Cosac & Naify

134 REVOLUKITNETE
213 FREJ RGB UNIVERCIDADE
219 ALFABERTO
230 PROP. INTELECTUAL

7 PREFÁCIO À REIMPRESSÃO DE "PRECISÕES" *Le Corbusier*

13 ADVERTÊNCIA

15 Prólogo americano

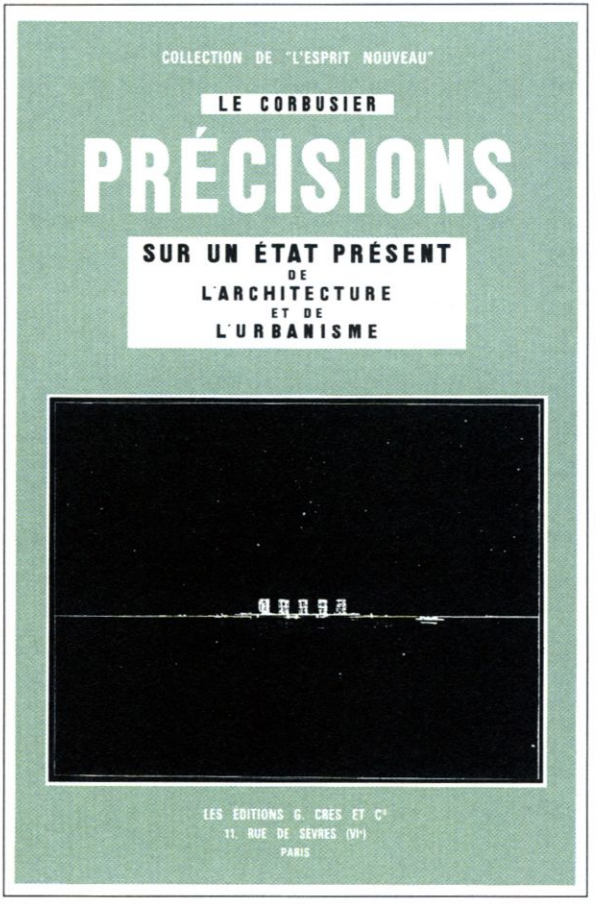
35 Livrar-se de todo espírito acadêmico
47 As técnicas são a própria base do lirismo
77 Arquitetura em tudo, urbanismo em tudo
93 Uma célula na escala humana
111 A aventura do mobiliário
127 O plano da casa moderna
143 Um homem = uma célula; células = a cidade
159 Uma casa – um palácio
169 O plano "Voisin" de Paris
211 A "cidade mundial" e considerações talvez inoportunas

227 Corolário brasileiro

APÊNDICE
241 Temperatura parisiense
253 Atmosfera moscovita

263 "APARTE"

265 UMA LEITURA CRÍTICA *Carlos A. Ferreira Martins*
288 BIBLIOGRAFIA SELECIONADA
291 ÍNDICE REMISSIVO
295 SOBRE O AUTOR



Capa da edição original, com projeto gráfico de Le Corbusier. Paris, Crès, 1930. A presente edição não é fac-similar, mas buscou manter o espírito da original.

PREFÁCIO À REIMPRESSÃO DE "PRECISÕES" LE CORBUSIER

Durante alguns anos realizei conferências mundo afora. Aprendi a ver como eram diferentes os climas, diferentes as raças, diferentes as culturas... e os homens, espalhados por todas as partes, também eram diferentes. Reflitam durante alguns instantes: os homens, como as mulheres, possuem uma cabeça, dois olhos, um nariz, uma boca, duas orelhas etc. Disseminam-se pela terra, aos bilhões. Quando dois homens ou duas mulheres se assemelham totalmente é uma surpresa tão grande que eles são exibidos nos circos!

Nosso problema é o seguinte: os homens habitam a terra. Como? Por quê? Outros lhes darão a resposta. Meu dever, minha busca, é tentar colocar este homem de hoje fora da infelicidade e da catástrofe; é colocá-lo na felicidade, na alegria cotidiana, na harmonia. Trata-se particularmente de restabelecer ou estabelecer a harmonia entre o homem e seu meio. Uma biologia (é o homem) e a natureza (é o meio), este imenso vaso que contém o sol, a lua, as estrelas, o desconhecido do qual não podemos nos apoderar, as ondas, a terra redonda com seu eixo inclinado sobre a eclíptica que provoca as estações, o sistema respiratório, o sistema digestivo, a noite, o dia solar de 24 horas, sua alternância implacável mas nuançada, benfazeja etc.

Instalou-se sob nossas barbas, sorrateiramente, clandestinamente, uma civilização maquinista, mas sem que a distingamos com clareza. Ela nos jogou e nos mantém em uma existência hoje discutível. Surgem sintomas de transtorno na saúde dos indivíduos, transformações econômicas, sociais, religiosas etc. Começou uma civilização maquinista. Alguns não a percebem, outros a ela se submetem.

Mas onde estão as neves de outrora? Que papel desempenha Roma nesta aventura? O que são para nós as sete ordens da arquitetura? O que são para

nós os títulos, os diplomas, todos esses marcos que balizam as estradas de nossas profissões?

O ouro e o dinheiro circulam em nossas atividades, reforçados com honrarias, orgulhos, vaidades...

A terra é redonda e contígua. O atomismo perturba as estratégias. Há vinte anos os aviões transportam (verdadeiramente) os homens. Com sua pasta de couro debaixo do braço eles entram no avião. Dentro de dez, vinte horas, estarão do outro lado do mundo. Tão logo cheguem, encontrarão o cavalheiro que os aguarda, que está a par de tudo, que pode discutir, que tem um mandato para tomar todas as providências. O espírito belicoso sempre prestará assistência ao espírito de competição. É o espírito de luta, de vitória e a escolha está entre a guerra atômica ou a emulação no plano da idéia, da técnica, do comércio.

Hoje, porém, coloca-se um problema para nós: a terra é mal ocupada pelos homens. Ela é até mesmo despovoada em grande parte. Nela surgiram monstros, são as cidades tentaculares, cânceres de nossos ajuntamentos. Quem cuida delas, quem se preocupa com elas, quem consegue perceber com clareza o que está acontecendo? Ainda não se dispõe de um método a ser adotado, ainda não existem especialistas devidamente formados. Os problemas modernos são de tal modo densos, interdependentes, imbricados, solidários, que sua leitura e tratamento são impossíveis. As soluções dependem umas da outras, entrelaçam-se, são indissociáveis...

No entanto a eletricidade foi domesticada, o homem apoderou-se dela. Já acontecem milagres e prodígios. Nasceu a eletrônica, isto é, a possibilidade de delegar a robôs a pesquisa e a organização de dossiês, a preparação de discussões, a proposição de soluções. A eletrônica serviu para fazer o cinema, a gravação sonora, a televisão, o rádio etc. A eletrônica permitirá pôr em funcionamento um novo cérebro, de incomparável capacidade, que permitirá aos homens encarregados de responsabilidades conhecer os dados dos problemas, expor soluções, ter a capacidade de repetir incansavelmente suas demonstrações, apelos, propostas e soluções, hoje, amanhã, daqui a um mês, um ano, dentro de suas casas ou do outro lado das fronteiras. E isto nos limites de um tempo que se tornou novamente apreensível.[1]

As conferências da América do Sul, improvisadas em 1929 diante de uma platéia muitas vezes renovada, são reimpressas hoje, trinta anos após

---

1 O "Poema Eletrônico" do Pavilhão Phillips, na Exposição Universal de Bruxelas, realizada em 1958, atraiu 1 milhão e 250 mil espectadores-ouvintes, à razão de quinhentos por vez, fazendo com que mergulhassem, durante dez minutos, numa torrente, massa, abismo de sensações. Mostrou-lhes, demonstrou-lhes e, quem sabe, provou-lhes algo.

sua primeira edição. Elas abordam o homem e seu meio. Evocam solidariamente os empreendimentos do engenheiro e do arquiteto. Elas, com toda modéstia, abriram portas e janelas. São ilustradas com esboços feitos sob os olhos do público. Permitiram a seu autor perceber-se com clareza, ser ingênuo mais uma vez, contentando-se em apresentar os problemas e lhes dar a resposta mais natural. Um desenho, por exemplo, mostra as maneiras de sentar-se em casa; outro, a maneira de instalar uma cidade em um local; outro desenho compara o transatlântico, o palácio moderno e o arranha-céu moderno, destinado a atividades empresariais (o palácio era o da Sociedade das Nações em Genebra, o projeto que fizemos em 1927); o arranha-céu, chamado mais tarde "cartesiano", tornar-se-ia em 1947, em Nova York, o Secretariado das Nações Unidas. Outro desenho mostra as conseqüências arquitetônicas de uma acústica científica inventada por Gustave Lyon.

[...]

A primeira conferência de Buenos Aires intitulava-se: "Livrar-se de todo espírito acadêmico" (3 de outubro de 1929): "A profissão de fé acadêmica não é mais do que uma miragem; ela constitui o perigo de nossa época"[...] Hoje os bem posicionados cavalheiros de Roma anunciam na imprensa que eles constituem a elite da profissão de arquiteto e que depois de terem evoluído com sabedoria e lentidão, agora optaram pelas mais modernas idéias. Têm até mesmo a delicadeza de referir-se a este seu criado, que qualificam como um "individualista".[2] "[...] Quanto à influência de Le Corbusier ela, evidentemente, é fundamental. Talvez o que ela tenha de particular na França esteja no fato de que se exerce muito mais nas teorias e nos traçados de urbanismo do que no domínio puramente plástico da arquitetura. Parece, no entanto, que hoje há uma tendência a distanciar-se do caráter um pouco barroco das obras de Le Corbusier para retornar a realizações mais equilibradas. Esta tendência parece-me razoável. Se é bom seguir este grande teórico em suas afirmações, é sem dúvida perigoso querer imitar uma arquitetura marcada por uma personalidade tão forte — e poderia declarar — tão individual..." É assim que o sr. Zehrfuss previne seus confrades arquitetos.

Semelhante informação só deu um trabalho: redigi-la.

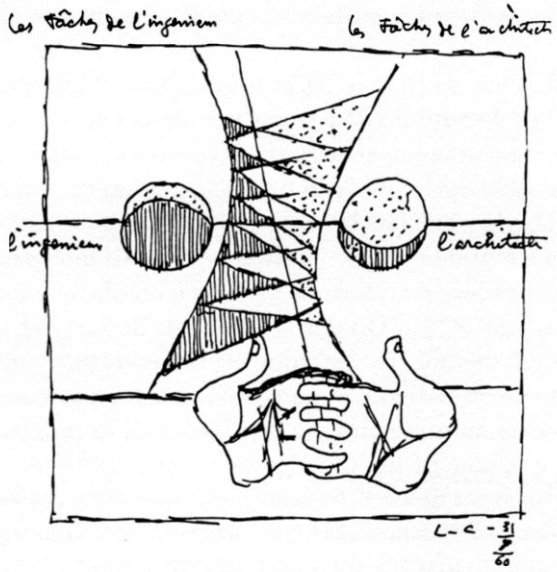
Um desenho destinado aos "construtores" encerra a presente Introdução. É uma nova etapa, que de agora em diante põe em contato permanente, fraternal, igual, as duas vocações cujo destino é equipar a civilização maquinista, conduzi-la em direção a um esplendor inteiramente novo. Estas duas

---

2 Para afirmar que ele não tem a capacidade de participar de trabalhos em comum: "Ponha-se no seu lugar, por favor!".

vocações são a do engenheiro e a do arquiteto. Uma caminhava, a outra dormitava. Eram rivais. As tarefas dos "construtores" conjugam-se uma com a outra após a represa, a fábrica, o escritório, a residência, o palácio, chegando até a catedral, até o fim de tudo. O símbolo desta associação surge embaixo, no desenho. São duas mãos cujos dedos se entrelaçam, duas mãos colocadas na horizontal, duas mãos no mesmo nível.

LE CORBUSIER, Paris, 4 de junho de 1960.



PRECISÕES

SOBRE UM ESTADO PRESENTE DA ARQUITETURA E DO URBANISMO

COM

UM PRÓLOGO AMERICANO
UM COROLÁRIO BRASILEIRO

SEGUIDO

DE UMA TEMPERATURA PARISIENSE
E DE UMA ATMOSFERA MOSCOVITA

ADVERTÊNCIA

Temos aqui dez conferências sobre a arquitetura e o urbanismo, realizadas em Buenos Aires, e um prólogo americano.

O prólogo nada tem a ver com a arquitetura americana, mas exprime o estado de alma de um arquiteto na América.

Uma pessoa não viaja para tão longe a fim de fazer conferências sobre a arquitetura e o urbanismo se ela não se sentir capacitada para contribuir com alguns dados de realidade. Estas dez conferências foram realizadas com o infatigável desejo de propiciar certezas. É por isto que o presente livro intitula-se *Precisões.*

Encerra-se com um "Corolário brasileiro" (São Paulo e Rio de Janeiro) que também é uruguaio (Montevidéu). Este corolário comenta um estado de tensão nascente nestes lugares de crescimento precipitado: o urbanismo.

Buenos Aires
Montevidéu
São Paulo
Rio de Janeiro

10 de dezembro de 1929
a bordo do *Lutetia*
mar adentro da Bahia.

PRÓLOGO AMERICANO

A Compagnie Sud-Atlantique colocou amavelmente à minha disposição um camarote de luxo e assim, longe do barulho da casa de máquinas e no lugar mais calmo do navio, posso empreender a redação destas dez conferências de Buenos Aires que foram improvisadas, faladas e desenhadas. Os desenhos aqui estão e mais adiante os mostrarei. São eles que reconstituirão o sentido e a ordem de minhas conferências.

Estamos em pleno verão tropical, o sol é magnífico. Durante a semana anterior eles criaram diante de meus olhos a inesquecível e entusiasmante magia do Rio de Janeiro. Minha cabeça ainda está repleta de América e até esta manhã (embarquei ontem) não havia infiltração européia alguma nesta massa poderosa de sensações e de espetáculos americanos que, devido ao efeito de meu itinerário e ao *crescendo* das estações (início da primavera argentina e verão tropical no Rio), sucederam-se, acumularam-se, superpuseram-se numa pirâmide da qual o Rio era o topo e esse topo era coroado, como um fogo de artifício. A Argentina é verde, plana e seu destino é violento. São Paulo está a 800 metros de altura, em planaltos acidentados, cuja terra é vermelha como brasa e a cidade ainda parece suportar, em seu território, a carga espiritual e autocrática dos fazendeiros de café que outrora mandavam nos escravos e que hoje são como governadores severos e insuficientemente ativos. Vermelho e rosa são as terras do Rio, verde sua vegetação, azul seu mar. As ondas, cobertas com um pouco de espuma, vão morrer em praias que se multiplicam. Erguem-se ilhas que furam as águas, gaivotas mergulham no mar, elevam-se altas colinas e grandes montanhas. Seus cais são os mais belos do mundo. A areia do oceano está na

beira das casas e dos palácios. Uma luminosidade imensa faz o coração bater mais depressa. Como minha pirâmide dos troféus da América é bela, poderosa, incitante!

Em casa, em Paris, aonde chegarei daqui a doze dias, estará a praça da Madeleine e seus pinheiros de Natal, seu asfalto por onde escorre a chuva, o sol que nasce às dez horas e se põe às quatro: as trevas do inverno, a paisagem de purgatório. E tudo aquilo que constitui Paris, a fuligem e a sujeira, as casas vetustas. E também esta estranha precipitação de todos os elementos do universo que faz com que Paris seja a *Cidade Luz*. Admitamos que assim seja no plano espiritual, mas as viagens mostram que em outros lugares, sob outras luzes...

Este valor espiritual de Paris permitiu-me poder dizer em Buenos Aires, Montevidéu, São Paulo e Rio, aquilo que eu tinha para dizer, "*em nome de...*". Esta viagem torna-se uma missão. Em certos momentos oficializam-me quando menos espero (Deus sabe como me encolho, como os chifres de um caracol, quando se trata da imensa máquina "de pistolões", dos "amigos de meus amigos"). Em Buenos Aires sou convidado dos "Amigos da Arte" e da Faculdade de Ciências Exatas. No entanto, aqui e acolá, automóveis vêm me buscar, surgem jornalistas, explodem lâmpadas de magnésio e, em nome de determinado comitê, visito lugares e em seguida ouço discursos precedidos por jantares. Conversei longamente com o sr. Luis Cantilo, prefeito de Buenos Aires, num momento de minha estada em que esta cidade gigantesca, a mais desumana que se pode imaginar, me havia esmagado e comprimido suficientemente para que eu me recompusesse e imaginasse, com toda humildade, algo que fosse sua salvação. Elabora-se, neste lugar do rio da Prata, uma das estações essenciais do mundo. No Brasil sou recebido na Câmara da Cidade de São Paulo e o generoso orador que me dirige um discurso estende-se longamente (fico bem comovido) sobre a impressão que lá provocou, desde 1920, *L'Esprit Nouveau*, nossa revista de atividade contemporânea. O futuro presidente do Brasil, sr. Júlio Prestes, está a par de toda a cronologia de nossos esforços. Na véspera de assumir o poder, ele já se inquieta com as grandes obras de urbanismo que será necessário realizar. Procurará manifestar, através da arquitetura, os novos tempos que ele pressente. Em cada uma das grandes cidades da América do Sul grupos entusiasmados cultivam a nova idéia. A fermentação é geral. Em Buenos Aires, a Companhia Sul-Americana de Navegação Aérea convidou-me para participar da viagem inaugural do transporte de passageiros em seu novo avião de dez lugares, com destino a Assunção, Paraguai. O imperturbável e sorridente capitão Almonacid (que nome mais árabe!), o qual descende, aliás, de índios do norte, aparentado com os Guiraldes, gente do campo, lugar de origem do

poeta Ricardo Guiraldes, autor desta obra-prima que é *Don Segundo Sombra*, o capitão, dizia eu, dirige a Companhia e envia diariamente aviões a 180 quilômetros por hora em direção ao Chile, atravessando os Andes, e ao Rio, a Natal, Dacar e Paris, cruzando o pampa, a floresta virgem e o oceano. Este país da América é dimensionado pelo avião. Parece-me que a rede aérea haverá de se tornar seu sistema nervoso eficaz. Observem o mapa: tudo é gigantesco e de tempos em tempos surge um povoado, uma cidadezinha. Conhecemos com todos os detalhes as proezas de Ulisses, mas vi na casa de meu amigo Alfredo Gonzalez Garaño,[1] em Buenos Aires, a história dos colonos da Argentina, narrada por aqueles admiráveis criadores de imagens que foram os litógrafos de meados do século XIX. Esta Odisséia dos pampas ainda não completou cem anos. Existem ainda testemunhas, em suas terras verdejantes. Existem ainda, nas famílias argentinas, os filhos daqueles que participaram dessa Odisséia. Existem pessoas fabulosas, instaladas muito longe em alguma estância magnífica, senhores da terra ou gente isolada, cuja grandeza se revela pela temeridade que demonstraram, pela perseverança, pelo isolamento. Do alto do avião Latécoère, a 1200 metros de altitude, vi cidades de colonização, cidades retilíneas ou fazendas de traçado em forma de tabuleiro e vi também postos avançados. Um posto avançado é uma casa rodeada de laranjeiras plantadas com regularidade em grupos de cinco e, em seguida, algumas trilhas que seguem em direção a um bebedouro e depois ao campo e de lá aos locais onde estão os rebanhos. A planície se estende à sua volta. Onde está o vizinho? Onde se localiza um possível centro de abastecimento? Onde está o médico? Onde está aquela jovem a quem gostaríamos de amar? Onde está o carteiro que traz a correspondência? Nada. Não existe esperança, a não ser em si mesmo. Vi nas litografias de 1830-1840 a odisséia do colono. O navio de rodas singra o rio. Não existem atracadouros; carretas especiais entram na água, indo ao encontro das canoas de desembarque. Lá está o imigrante, com todos os seus embrulhos. Ele deixou definitivamente tudo. Durante quantos dias viajou através do oceano? Nós levamos catorze dias entre o céu e o mar, sem ver nada e eles, provavelmente, levaram cinco vezes mais. Chegam enfim a essa margem plana do rio e a Buenos Aires, numa planície ainda inexplorada. Os índios, absolutamente hostis, estão em todos os lugares, nas portas da cidade. Eles partiram com alguns cavalos, armas e seus carroções imensos, e evocam os hunos que acossaram a Europa. Estradas? Mas eles são os primeiros colonos! O céu

---

1 Colecionador de arte e fomentador da cultura na Argentina, foi diretor da Asociación Amigos del Arte, principal responsável pela visita de Corbusier ao país. [N.E.]

argentino? Sim, o único e grande consolo. Pois eu vi este céu, na planície verdejante e ilimitada, raramente marcada por alguns salgueiros. É um céu sem fronteiras, refulge de dia e à noite, é de uma luminosidade azul e transparente ou semeado com milhares de estrelas. Ele cobre os quatro horizontes e, para dizer a verdade, toda essa paisagem é uma única e mesma linha reta: o horizonte. Ao folhear os álbuns de Gonzalez Garaño eu dizia a meu amigo: "Com você, que conhece esta história em todos os seus detalhes, que teve seus pais e avós metidos nessa aventura, eu queria escrever um livro, ilustrado com seus documentos tão elucidativos: *A magnífica história dos colonos argentinos*".

Vi, do avião, alguns espetáculos que se poderiam denominar cósmicos. Que convite à meditação, que chamado às verdades fundamentais de nossa Terra! Partindo de Buenos Aires, atravessamos o delta do Paraná, um dos maiores rios do mundo. Este delta é um formigueiro de canais, é cultivado intensamente. Nele se faz a colheita dos frutos e para os proteger das violentas correntes de ar do rio erguem-se, ao infinito, intermináveis paliçadas de choupos que formam cercados muito pequenos. Um choupo leva oito anos para crescer, pois esta terra é prodigiosamente rica em limo. Então ele vale oito pesos, o que, segundo parece, é uma fortuna. Visto do avião, este delta evoca, em escala gigantesca, as gravuras italianas ou francesas da Renascença, que ilustram os tratados sobre a arte dos jardins. Sobrevoamos em seguida o rio Uruguai; remontamos seu curso durante horas. Eis finalmente o rio Paraguai, que aqui chega ao fim de sua trajetória, ao despejar-se no Paraná, e que remonta infinitamente em direção ao norte, na floresta virgem do Brasil, até as proximidades do Amazonas. O curso destes rios, nestas terras ilimitadas e planas, desenvolve pacificamente a implacável conseqüência da física. É a lei da linha do maior declive e, em seguida, se tudo tornou-se plano, é o teorema comovente do meandro. Digo teorema porque o meandro que resulta da erosão é um fenômeno de desenvolvimento cíclico absolutamente semelhante ao do pensamento criador, da invenção humana. À força de desenhar do alto dos ares os delineamentos do meandro, expliquei a mim mesmo as dificuldades com que as coisas humanas deparam, os impasses que elas enfrentam e as soluções de aparência milagrosa que, subitamente, resolvem situações inextricáveis. Para meu uso, batizei este fenômeno de *lei do meandro* e durante minhas conferências, em São Paulo e no Rio, aproveitei este símbolo milagroso para apresentar minhas propostas de reformas urbanas ou arquitetônicas, para buscar apoio na natureza, numa conjuntura em que pressentia um público capaz de acusar-me de charlatanismo.

De avião ainda compreendemos muitas outras coisas:

A Terra assemelha-se a um ovo *poché*, é massa líquida esférica rodeada por um envoltório enrugado. A cordilheira dos Andes ou o Himalaia nada mais são do que rugas. Certas dobras das rugas romperam-se e eis a razão desses perfis de rochas audaciosas que nos proporcionam a noção do sublime! Assim como o ovo *poché*, a Terra é saturada de água na superfície, encontra-se em constante função de evaporação e condensação. Observem, do avião, formarem-se sobre as planícies do Uruguai as nuvens que entristecerão as moradias, que tornarão abundante a colheita ou apodrecerão o vinhedo; ou então esse encontro das nuvens que dá origem ao relâmpago e ao trovão, temidos como deuses. Nessa hora extrema, pouco antes do nascer do sol, o frio é mais intenso. Desde que o sol se pôs é o tempo mais longo. Aquele que dorme sob um teto refugia-se no calor de seu cobertor de lã e o vagabundo que dorme sob a luz das estrelas encolhe-se como um feto.
O vapor da água em suspensão no espaço precipita-se e, de repente, a terra inteira se cobre com água: é o orvalho. E neste momento explode o sol, como um tiro de canhão, nas bordas do horizonte. Reparem com que rapidez ele caminha. É vertiginoso. Tem-se a impressão de que tomou impulso para sair! Não, esta velocidade impressionante que se pode medir na linha do horizonte é seu único regime mas, contemplando a abóbada do céu, pensamos: "vai durar o dia inteiro". Observar esta extrema velocidade do sol é notar como é rápida e fugaz nossa vida, e como é irreparável o tempo perdido. Quanta severidade: como é irreparável o tempo perdido! O céu estava uniforme, alaranjado a leste do horizonte, repleto de luz em toda a sua extensão, sem uma mancha sequer, e o avião encontra-se em plena alegria. São dez horas: tudo está azulado, em cima, embaixo, mas não diante de nós. Estamos numa barreira de nuvens, diante de nós ergue-se uma barreira compacta, *ela nos rodeia*. Esta barreira de nuvens não é maciça, porém. Observem o maravilhoso espetáculo: a planície do Uruguai é uma imensa pele de pantera, verde e amarela com sua vegetação banhada de luz, maculada por um número infinito de manchas de sombra que nos parecem negras. Como a sombra de uma nuvem é opaca e espessa, ao encobrir a terra e as cidades! Estas manchas inumeráveis são todas do mesmo tamanho. O orvalho voltou para o ar, para uma nova metamorfose e a magia apoderou-se dele, militarizou-o, o dispôs em esquadrões. Esta adesão à ordem é surpreendente. Eis portanto uma clara expressão da distribuição total (o orvalho) e, em seguida, de um primeiro estado de agrupamento: igualdade, concentração em torno de um centro, instituição de diversos centros, primeira forma de uma administração constituída por células administrativas. Os acontecimentos não ficam nisso. Eis os grandes fenômenos incontroláveis: o sol rói, fura, agita a atmosfera; a densidade se exerce; as massas de ar, desigualmente densas, deslizam umas sobre as outras.

Chegam mesmo a ocorrer escorregadelas vertiginosas. A tranqüila gestão de milhares de pequenas nuvens foi subjugada por alguma potência irresistível; cá estão ajuntamentos, adesões, anexações, coalizões. Eis a tempestade, o encontro, o choque, o estrépito, o fogo do relâmpago.

São acontecimentos que aguçam a curiosidade de um urbanista que viaja para fazer conferências!

Aqui, o ovo *poché* nos inclina à melancolia, até mesmo à desesperança. Acredito numa neurastenia do "ovo *poché*". Deixem seu ovo apodrecer ou, caso não disponham de tempo, recordem-se do aspecto interno dos potes de geléia de sua mãe. Antigamente cobriam-se os potes de geléia com um papel embebido no álcool ou no leite. Decorridos alguns meses, um bolor medonho se espalhava pelo papel. A floresta virgem, as vegetações exuberantes do meandro são o bolor de nossa Terra. Cá estão as palmeiras! As palmeiras da América crescem em estado selvagem na planície, seguindo uma regra que eu ignoro, no meio das áridas extensões de vegetação rala, a distâncias regulares e muito espaçadas. Eis os estuários, os confluentes e obedecendo também a uma cadência regular, eis os caniços que crescem como imensas coroas cerradas, implacavelmente redondas, como os atóis de coral na Polinésia. Vejam as planícies: os matizes da vegetação atestam os estados de umidificação do subsolo. Toda uma biologia, toda uma vida orgânica fundamental surge, vista do alto: belas pradarias ou campos onde crescem ervas daninhas. Sempre vigora a lei da linha da maior vertente das águas, que correm na superfície ou são subterrâneas. A Terra não é verde uniformemente, ela possui a marmorização de um corpo que apodrece. Palmeiras elegantes, prados floridos, rios majestosos ou riachos encantadores, florestas virgens, estaturas que nos transmitem, à queima-roupa, sensações de nobreza, exuberância, opulência, vida — *você, árvore* e vocês todos, vistos do céu, não passam de um bolor aparente. E você, Terra, oh Terra desesperadamente úmida, você é apenas bolor! E sua água, sob forma de vapor ou líquida, manobrada por um astro de fogo que está tão distante, traz para você, desordenadamente, a alegria ou a melancolia, a abundância ou a miséria.

O avião impassível ainda nos mostra, durante horas, as grandes inundações do Paraná e do Uruguai. Esta terra sem limites pertence ao colono intrépido que nela penetrou, caminhando a pé e com os olhos à altura dos caniços. O colono detém-se: aqui está, diz a si mesmo, uma terra fértil. A água não se encontra longe etc. etc. Se vocês tivessem visto a angustiante subida das águas nessas imensas planícies! Mas este colono nasceu bafejado pelo destino, pois o lençol líquido parou a 100 metros. Mas, e aquele outro colono? O telhado de sua casa, na fazenda, emerge de uma inundação amarela, bem como a verde copa das laranjeiras, plantadas regularmente. Ele teve de fugir precipitadamente desse cerco. Seu rebanho afogou-se. Vi, do

avião, sobressair um teto em um lago imenso. Não havia outras fazendas, a uma distância prodigiosa. Era um colono intrépido. Será que em Montevidéu, capital do Uruguai, que não possui recenseamento, tem-se conhecimento da provável epopéia desse colono vanguardista, que dedicou sua vida a construir casas, criar rebanhos, plantar árvores? Romancistas da cidade, com seus adúlteros e suas virgens acadêmicas, saibam que há temas dignos de uma epopéia quando se contempla o mundo lá de cima.

A 500 ou 1000 metros de altitude e a 180 ou 200 quilômetros por hora a visão que se tem do avião é a mais calma, regular e definida que se possa desejar. Aprecia-se o pelame malhado de vermelho ou preto de uma vaca. Tudo adquire a precisão de uma épura. O espetáculo não é apressado, mas muito lento, sem rupturas. Com exceção do avião, somente um transatlântico e os pés do caminhante na estrada permitem o que se poderia chamar de visões humanas: contempla-se e o olho transmite calmamente, enquanto denomino desumanas ou infernais as visões oferecidas de um trem, de um automóvel, até mesmo de uma bicicleta. Só existo na vida com a condição de *ver*.

Assim, deixando de lado qualquer veículo e contando apenas com minhas pernas, parti rumo a Assunção para ver as casas dos índios. Naquele país o índio parece ocupar um lugar preponderante no sangue da população. Assunção! É lá que eu, subitamente, deparo com a terra vermelha. Em São Paulo também, mais tarde, fiz aquarelas *exatas* dessa terra. Quando as contemplo hoje, tendo o azul do oceano como pano de fundo, elas me parecem loucas.

Assunção! Apenas uma geração antes dessa, a invasão da roupa de confecção padronizada e internacional ainda não havia ocorrido. Cidadezinha enterrada em uma vegetação admirável: 50% de verdor de uma crueza compreensível ao lado de 50% de terra avermelhada, árvores imensas, inteiramente malvas, cor de açafrão ou de camarão rosa. Mulheres de túnica branca e lenço na cabeça, casas de índios nos bairros da cidade, que constituem o ato da mais total devoção de uma alma sensível: rodeadas de terra batida, extraordinariamente limpa, sempre bem cuidada — um tapete vermelho, no estilo "recepção no Elysée"; casinhas de ripas de madeira ou de bambu, preenchidas, a intervalos, com terra batida. E, é claro, a caiação muito branca, sob a pérgola de bambus ou de madeira retorcida que suporta uma trepadeira, como aliás, acontece em todos os lugares onde se gosta de viver bem, mas que apresenta uma particularidade: desse tapete vermelho de terra batida despontam flores com longos cabos (lírios ou margaridas, simplifico os nomes), dispostas com uma raridade que transmite a mais elevada impressão de distinção, uma idéia extraordinária de distinção. As mulheres, índias de tez amarela, com as maçãs do rosto salientes, são muito belas.

A alegria está presente em toda a cidade, graças ao aporte dos italianos, pois, devido a uma tradição implantada pelos jesuítas espanhóis, a cada passo vemos as silhuetas dos balaústres de Palladio projetadas contra o céu.

Oh, balaústres sul-americanos! Macarrões italianos! Quanta profusão, que exagero! A trágica Buenos Aires tenta rir com seus balaústres italianos, mas isto só dá certo fora do centro dos negócios. Ali o exagero é manifesto. Tentei anatematizar o balaústre! Mas por meio dele afirma-se a latinidade que gosta de sorrir e os balaústres contribuem com uma riqueza artificial e um sorriso latino. Os Estados Unidos, porém, exercem uma pressão formidável, com seus navios, capitais e engenheiros. Vemos, nos bairros afastados de Buenos Aires, grande número de casas feitas com chapas de ferro fundido e ondulado, sem coração e sem alma, mas que mesmo assim possuem um e outra, novos e desconhecidos. E vi também uma casinha operária, inteiramente construída com esse material, chique até mais não poder, cuja porta era enfeitada com uma roseira cor de rosa. Era um poema dos tempos modernos.

Busco com verdadeira avidez essas casas que são "casas de homens" e não casas de arquitetos. A questão é grave. Pode-se dizer que uma casa de homem é *amor*. Permitam-me ser mais preciso e isto diz respeito ao cinema. Observem um dia, não em um restaurante de luxo, onde a intervenção arbitrária dos garçons e dos *sommeliers* destrói meu poema, observem em um pequeno restaurante popular dois ou três convivas, depois que tomaram o café e que agora conversam. A mesa ainda está coberta com copos, garrafas, pratos, galheteiro, saleiro, pimenteira, guardanapos com suas argolas etc. Observem a ordem fatal que põe todos esses objetos em relação mútua. Todos eles serviram, todos foram pegos pela mão de um ou de outro conviva. As distâncias que os separam constituem a medida da vida. É uma composição matematicamente calculada. Não existe um hiato, um engano, o menor desvio. Se um cineasta não enlouquecido por Hollywood estivesse presente filmando essa natureza morta em primeiro plano teríamos *um testemunho de pura harmonia*. Não é piada! Sim, infelizes são aqueles que buscam harmonias falsas, fabricadas, que obedecem a um receituário, a harmonias acadêmicas de Vignola, de 1925 ou no rigor da moda. Volto a encontrar naquilo que denomino a "Casa dos homens" estas disposições fatais. Dei, aliás, explicações a este respeito em *Une Maison — Un Palais*.[2] No entanto, altas personalidades brasileiras ficaram furiosas quando souberam que, no Rio, subi os morros habitados pelos negros. "É uma vergonha para nós,

---

2 *Une Maison — Un Palais — À la recherche d'une unité architecturale* [Uma casa — Um palácio — Em busca de uma unidade arquitetônica]. Paris, Crès et Cie, 1928. (Coleção de l'Esprit Nouveau)

gente civilizada!" Expliquei serenamente que, antes de mais nada, eu considerava esses negros fundamentalmente *bons*, gente de bom coração. E belos, magníficos, além do que sua *nonchalance*, os limites que eles sabem impor a suas necessidades, sua capacidade de devaneios interiores, sua candura faziam com que suas casas estivessem implantadas admiravelmente no solo, com a janela surpreendentemente aberta para espaços magníficos, e que a exigüidade de seus cômodos fosse abundantemente eficaz. Tinha em mente o problema das casas baratas de nossa Europa, envenenada pelos príncipes da Renascença, os papas ou o sr. Nénot, e minha eterna conclusão, após tantos países percorridos há mais de vinte anos, torna-se cada dia mais precisa: é o conceito de vida o que se tem de mudar, é a noção de felicidade o que se deve resgatar. A reforma está nisso, o resto é apenas conseqüência. "Os negros irão assassiná-lo nesses lugares medonhos; são extremamente perigosos, são selvagens; lá, a cada semana, acontece dois ou três assassinatos!" Eu respondia: "Eles assassinam somente o ladrão do amor, aquele que os feriu no mais fundo de suas carnes. Por que os senhores haverão de querer que eles me assassinem, eu que os encaro com profunda compreensão? Deixem disso, meus olhos, meus sorrisos me protegem!".

Recordo-me de que já em 1910 os habitantes de Pera diziam-me dos turcos de Istambul: "O senhor é louco de ir lá à noite, eles o matarão, são uns celerados". Ora, as casas de Pera, seus bancos, seus estabelecimentos comerciais, seus escritórios, sua alfândega e seus protetorados europeus, o semblante equívoco de sua arquitetura esclareciam-me sobre o verdadeiro lugar dos maus pensamentos.

Se penso naquela arquitetura "casa dos homens" torno-me um seguidor de Rousseau: "O homem é bom". E se penso na arquitetura "casa de arquitetos" torno-me cético, pessimista, adepto de Voltaire e digo: "Tudo vai mal, no mais detestável dos mundos" (*Cândido*). Eis aonde nos conduz a exegese arquitetônica, sendo a arquitetura o resultado do estado de espírito de uma época. Chegamos a um beco sem saída, os mecanismos sociais e morais estão desorganizados. Temos a sede de Montaigne ou de Rousseau, que se dispõem a viajar para ir questionar "*o homem nu*". A reforma que se precisa realizar é profunda e reina a hipocrisia: amor, casamento, sociedade, morte. Somos inteira e totalmente falsificados, somos *falsos*!

Atingimos uma saturação ao estilo de Brillat-Savarin: culinária apropriada a jantares e banquetes diplomáticos, quando se vestem *smokings* e se exibem condecorações (estilo general do Glorioso Exército). Juntamos alhoporró, aspargos, batatas, carne bovina, manteiga, temperos, frutas e, devido aos efeitos de uma ciência que motivou livros inteiros, desnaturalizamos tudo, fazemos com que tudo tenha o mesmo sabor. O resultado é que graças aos vinhos e queijos mal cheirosos sobrecarregamos suficientemente os

estômagos para que se perca uma parte do controle intelectual. E então falamos de negócios: tratamos de guerras, alianças, alfândegas, inumeráveis especulações. Digerimos como serpentes as perigosas e incontáveis combinações de um mundo que verdadeiramente deixou de existir.

A arquitetura chegou a este ponto. Os palácios acadêmicos de Genebra eram os mais inconcebíveis baldaquinos de pelúcia vermelha e passamanaria dourada que se pode imaginar. Havia um objetivo para esse palácio: trabalhar para o bem do mundo, assim como existe um objetivo para uma refeição: alimentar. Imaginem só! Trabalhar, agir com rapidez, limpidez, exatidão. E o que faremos com a diplomacia? E com a arte culinária da arquitetura?

Escapou-me uma expressão no Automóvel Clube de São Paulo quando fizeram-me ver com insistência o álbum de esculturas de um célebre índio que fez maravilhas para os padres espanhóis. A gente acreditaria estar em Berna, Basiléia, Praga, Cracóvia etc. Este estilo jesuíta (Brillat-Savarin) que destila a clareza helênica com os tormentos da Inquisição: Afinal de contas o que é que os gregos e os padres vieram fazer aqui? Estamos na terra vermelha e violenta dos índios e essa gente tinha uma alma. De meu catecismo restam estas palavras de Jesus Cristo: "Se alguém escandalizar algum destes pequeninos que acreditam em mim, será preferível que lhe amarrem uma pedra no pescoço e o joguem no fundo do mar".

Digam-me se não nos ocorre o sabor da cozinha dos grandes hotéis internacionais, cozinha que apresenta o molho Brillat-Savarin e provoca uma digestão penosa, devida ao patê de fígado, quando estamos diante das icterícias do Salão dos Artistas Franceses...

Digam-me se reencontram Brillat-Savarin nos pórticos das catedrais de Chartres ou Vézelay? Isto foi antes da academia, não é mesmo? E nas máscaras indígenas do museu do Rio?[3]

Digam-me se subsiste um motivo para enfeitar as cidades com canteiros exuberantes, enquanto o homem moderno é tão sensível a um relvado que se estende a perder de vista, a uma árvore cujo arabesco vivo fala a seu coração? Certa tarde vi no Rio um pequeno parque miserável, com canteiros de grama aparada, dispostos em quadrado, com os ângulos arredondados no estilo Luís XVI e tentativas de ornamentação no estilo 1925. — "Era um parque de esportes, no centro desse bairro encantador, mas fizeram dele um jardim suntuoso!" Então senti violentamente o que era uma múmia acadêmica!

Há vinte e cinco anos ouço, vindas do povo, sob todos os céus do mundo, músicas profundas. Declaro: amo Bach, Beethoven, Mozart, Satie, Debussy,

---

3 Refere-se ao Museu Nacional, hoje Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro. [N.E.]

Stravinsky. É a música clássica, criada na cabeça de um homem que experimentou de tudo, que mediu tudo, que escolheu e criou. Arquitetura e música são as manifestações instintivas da dignidade humana. Por meio delas o homem afirma: "Existo, sou um matemático, um geômetra e sou religioso. Isto quer dizer que acredito em algum ideal gigantesco que me domina e que eu poderia alcançar...". Arquitetura e música são irmãs muito íntimas: matéria e espiritualidade. A arquitetura está na música, a música está na arquitetura. Existe, nas duas, um coração que tende a sublimar-se.

Sublimar-se é um ato profundamente individual. Não nos tornamos sublimes com trajes de pouco valor — os uniformes de general do Glorioso Exército — mas com algo que nada é e que é tudo: *com a proporção*. A proporção é uma série de relações conjugadas. Não tem necessidade de mármores, de ouro, de um Stradivarius e nem de ser um Caruso.

Quando em 27 de novembro de 1929, em São Paulo, Joséphine Baker, num espetáculo idiota de variedades, cantou *Baby*, ela transmitiu-lhe uma sensibilidade tão intensa e dramática que as lágrimas invadiram minhas pálpebras.

Em seu camarote, no navio, ela pega um violão pequenino que lhe deram de presente — um brinquedo de criança — e entoa todas as canções negras: "Sou um passarinho preto que procura um passarinho branco; quero um ninhozinho para que nós dois nos abriguemos nele...", ou "Você é a asa do anjo que apareceu, você é a vela do meu barco, não posso viver sem você; você é... etc. etc.; você é a trama do tecido e ponho tudo o que você é nesse tecido, eu o dobro e levo comigo; não posso ficar sem você...".

Ela vive percorrendo o mundo. Comove multidões imensas. Então existe um verdadeiro coração que palpita no mais fundo das multidões? A música encontra o caminho que chega até ele. O homem é um animal magnífico, mas é preciso sublimá-lo, é preciso arrancá-lo às mentiras abomináveis que tornam sua vida um inferno, sem que ele consiga medir o motivo disto e sem que ele denuncie sua causa.

Eis no que eu pensava na mata virgem da fazenda São Martinho,[4] a doze horas de viagem de trem expresso, em direção ao centro do Brasil: "É preciso saber ficar sempre *em estado de julgamento*. Você está nos trópicos do Brasil, no pampa argentino, na Assunção dos índios etc... Saber vencer a fadiga ambiente e *julgar na justa medida*, a medida dela própria, uma coisa que se encontra em harmonia em todos os seus contatos ambientes e que, em conseqüência, *não choca*. Tirando a terra muito vermelha e as palmeiras, estamos numa paisagem eterna e que existe em todos os lugares: estepe

---

4 Fazenda de café que pertencia à família de Paulo Prado, próxima a Ribeirão Preto. [N.E.].

ou pampa, é apenas uma vastidão de terras; floresta virgem ou bosque francês, não são mais que ramificações. Apreender! Ver os negros, os mulatos, os índios na multidão de São Paulo! Perceber o *estilo* de Buenos Aires!

Expliquemo-nos: tudo está em conformidade com os livros e narrativas de nossa infância: a floresta virgem, os pampas. Mas, no verão, a terra é verdejante, e isso em todos os lugares. A floresta virgem é como as outras. No entanto nela existem cipós. Não podemos omitir-nos e deixar de vê-los. Existem onças. Nosso companheiro atirou numa delas há oito dias, mas não as vemos! Vamos até um posto de observação feito de bambu e folhagens, no coração da mata. Passa-se quase meia hora e nada. Por que as feras iriam precisamente ali, onde estamos com uma espingarda? À tarde ouvimos o alarido estridente dos periquitos, verdes como as folhas. Não os vemos! Existem cobras imensas e aqui estão suas fotos. No mês passado um empregado da fazenda morreu picado por uma delas, mas não as vemos. O lago é repleto de jacarés, mas eles estão no fundo. Surgem, numa trilha, os rastros do veado, do porco do mato etc. Aí está, na estrada, um tatu esmagado. A mata é silenciosa, imóvel, fechada, impenetrável, talvez ameaçadora.

Mas nas praias francesas, quando nós, pescadores amadores, partimos com nossas redes, por acaso o peixe vem até nós?

Tudo está na floresta da América, mas nada se vê.

Permanecer, espiar, ouvir, durante um ou dois dias e a floresta falará. Jamais temos tempo!

Assim é na vida!

Saber permanecer em estado de julgamento!

Existe na música norte-americana, vinda dos negros, uma massa lírica "contemporânea" invencível. Procurem bem lá no fundo: o tam-tam do Chade sacode as melodias populares das montanhas da Bavária ou da Escócia, as cantigas bascas etc. O clérigo passou pela Cabana do Pai Tomás. Então hoje, na formidável forja dos Estados Unidos, onde tudo é novo e nasce no século XX, e onde uma timidez de rapagões desajeitados paralisa até aqui a expressão de um lirismo contemporâneo, temos o negro, simples e cândido, que fez esta música que corre pelo mundo. O cinema falado realizou sua invasão de Átila. Não resistimos a um assalto tão violento e a tamanha verdade. Vejo nesta música o alicerce de um estilo capaz de constituir a expressão sentimental da nova época. Apreciemos o fato de que nele se encontram as mais profundas tradições humanas: África, Europa, América. Sinto nele uma energia capaz de classificar os métodos tipo Brillat-Savarin dos conservatórios acadêmicos, assim como se classificam nos dias de hoje, na arquitetura, os procedimentos da idade da pedra que chegaram até Haussmann e que foram categoricamente rompidos por Eiffel ou Considère. Uma página que se vira. Nova exploração. Música pura. As formas

escolásticas, codificadas pelos institutos de música, fazem seus barulhinhos nas salas de concerto e nas estações de rádio (miserável abuso de confiança!). O cinema sonoro fala à multidão moderna e, no navio, ao marinheiro e à bela viajante, no Rio seleto e na favela dos negros, em Buenos Aires nas ruas trágicas e sem esperança, a melodia do "Anjo Pecador" nina inúmeros e diversos corações.

A emoção dos tempos maquinistas diverge da culinária pesada e "erudita". É inteiramente outra coisa! Está muito mais próxima do coração e as lágrimas reencontraram a borda das pálpebras.

Saber permanecer em estado de julgamento e sempre; apreciar; julgar por si mesmo; perceber as relações; criar uma sensação individual; tender ao *completo desinteresse* de sua pessoa, impor uma constante renúncia ao seu "eu" material significa conquistar, em relação à vida, *resultantes meditadas*. Preferivelmente a suportar os constrangimentos de uma era que caiu em desgraça, mais vale permanecer num perpétuo sacrifício de sua pessoa, mais vale mergulhar na aventura, correr riscos, ser sensível diante de tudo, com o coração cada vez mais aberto aos outros.

A história da América me parece ser uma poderosa mola propulsora, apesar de seus horrores, seus massacres inexoráveis, suas destruições decretadas em nome de Deus. O estudo da história manifestada tão diversamente e tão utilmente pelos documentos escritos, com tanta lealdade pelos arquitetos, com tamanha fineza pelas artes plásticas e pela música, parece-me dever constituir o alicerce sólido de uma educação inteligente, ficando bem entendido que as realidades das presentes ciências são a aplicação útil desse estudo. Por outro lado, as verdades científicas, em sua constante mobilidade, conduzem um dia à reflexão, a um "para que isto serve" e, mediante uma reposta que é propriamente a intervenção pessoal, a uma sabedoria...

Meus dois grandes amigos da América, Gonzalez Garaño, de Buenos Aires, e Paulo Prado,[5] de São Paulo, são um e outro descendentes de famílias americanas muito antigas. Ambos possuem o entusiasmo de seu passado, o sentido de sua história, o sentimento daquilo que foi realizado. Que história é esta? Os conquistadores da coroa de Castela, os bandeirantes de São Paulo. Procurava-se o ouro, empreendimento pouco recomendável, mas que coragem, que iniciativa, quanta perseverança! Se levarmos em consideração o mapa da América e imaginarmos esse exército de trezentos homens

---

5 Intelectual e personalidade pública dos mais destacados da cultura brasileira, um dos animadores da Semana de 22, Paulo Prado foi o responsável pela visita de Le Corbusier ao país. Antes dele, já havia patrocinado a vinda do pintor Fernand Léger e do poeta e escritor Blaise Cendrars. [N.E.]

descendo ao longo dos Andes, desde o México até o Rio da Prata; se imaginarmos que eles eram apenas um pequeno contingente e que impunham sua vontade aos povos que encontravam, que travavam batalhas ou se depravavam, nós os veremos um pouco como se fossem deuses. Não é mesmo, Homero? Trata-se aí de força moral e é isso que eu depreendo. Faço votos para que possa um dia encontrar tempo de estudar essa história, que não é legendária, mas que possui documentos de época nas bibliotecas da Europa.

O progresso europeu invade esses países e destila seu racionalismo e sua cupidez. No entanto, que coração largamente aberto às coisas do espírito! Certa manhã de domingo, às onze horas, Gonzalez Garaño disse-me: "Quero que você conheça um lado íntimo de Buenos Aires". Fomos ao enorme Teatro Colón. Ali se cantava a Missa Solene de Beethoven diante de um auditório imobilizado pela atenção. Soa a última nota e a multidão retira-se sem aplaudir, sem dar sequer um sinal. O argentino é reservado. Diz que é tímido. Rumina muitas coisas, mas não se manifesta. Existe, em torno dos Amigos da Arte em Buenos Aires, uma considerável massa de pessoas apaixonadas pelas coisas do espírito, música, pintura, arquitetura, cujas manifestações alternam-se a cada dia. Existe, na rua Tucumán, uma pequena livraria, em excelente estilo moderno, propriedade de duas francesinhas e que é uma verdadeira embaixada intelectual. Toda a boa sociedade a freqüenta, lê, compra. Ali não se encontra obra acadêmica alguma, mas o que se publica de melhor em Paris. Paris! Para o argentino é uma miragem. O argentino que não precisa preocupar-se em "fazer a América" (ganhar dinheiro), compartilha sua vida e seus pensamentos com sua pátria e a França. Oh, França, que faz suas dádivas a este país novo, por ocasião de seu centenário, a este país repleto de um conhecimento ponderado daquilo que constitui o poderio intelectual de Paris, desse imenso bombom glacê de mármore branco, talhado sob os auspícios do Instituto, você se ofende ao ofender o belo passeio de Alvear e Palermo!

Há apenas dez anos Buenos Aires agita-se utilmente em favor da arte. Isto se percebe na arquitetura que passou para novas mãos. São os grandes estancieiros, os grandes proprietários, os grandes patronos que provocam tal movimento. A sra. Victoria Ocampo,[6] somente ela até agora, fez o gesto

---

6 A ensaísta e mecenas Victoria Ocampo (1891-1979) foi uma das principais difusoras na Argentina das idéias e da arte de grandes figuras internacionais do século XX, como anfitriã e por meio da revista *Sur*, que fundou com seus próprios recursos em 1931. Entre os colaboradores da revista estavam ela própria, os arquitetos Walter Gropius e Alberto Prebisch, os filósofos Martin Heidegger e Ortega y Gasset, os escritores Jorge Luis Borges, Bioy Casares, Thomas Mann, T. S. Eliot e Albert Camus, e muitíssimos outros. [N.E.]

decisivo na arquitetura, ao construir uma casa que provocou escândalo. Pois assim é Buenos Aires. Seus dois milhões de habitantes, emigrantes que se enternecem com o mais reles brique-a-braque, chocam-se com esta mulher só, que sabe *querer*. Encontramos em sua casa Picasso e Léger, num ambiente de uma pureza com que raramente deparei até hoje.

No Brasil, Paulo Prado, fazendeiro de café, financista e filósofo, apresentou Cendrars. São Paulo, situada num planalto elevado, a 800 metros de altitude, cidade que não se pode entender, de tanto que parece ter envelhecido, apesar de seus arranha-céus e embora seus bairros elegantes sejam recentes, São Paulo agita-se. No Brasil, como na Argentina, aliás, *l'Esprit Nouveau*, nossa revista de 1920, precipitou desejos. Estes países, a Argentina — a velha Castela — e o Brasil — o velho Portugal — chegaram a um momento em que querem desenhar sua história. Jamais a história dos povos é outra coisa que não a expressão de um ideal contemporâneo, uma fabricação espiritual que é como uma doutrina, uma descrição de si mesmo, uma definição de si. A história não existe, é talhada. Assim é que vemos surgir a ficção da "*raça*". Viajantes, em São Paulo, como em Buenos Aires, vocês riem quando um patriota por demais confiante entoa esta canção diante de vocês. Fazem mal, pois alguém torna-se americano na América, embora seja emigrante, vindo de todos os lugares. Os jovens de São Paulo expuseram-me sua tese: "Somos antropófagos". A antropofagia não era um costume glutão. Tratava-se de um rito esotérico, de uma comunhão com as melhores forças. O repasto era parcimonioso, dele participavam cem ou quinhentas pessoas que iriam comer a carne do inimigo capturado. Esse guerreiro era valoroso; assimilavam-se suas virtudes, porém ele, por sua vez, havia comido a carne dos próprios guerreiros da tribo. Assim, ao comer sua carne, assimilava-se a própria carne de seus ancestrais.

Um semelhante arroubo de coragem não é inútil naquele país. Disse-lhes muitas vezes: vocês são tímidos, timoratos, têm medo. Nós somos aqueles que, em Paris, formam equipes, mais intrépidos que vocês e vou explicar: entre vocês os problemas são tão numerosos, tão imensos, o interior a ser colonizado é tão grande que suas energias são diluídas imediatamente pelas dimensões, pelas quantidades e pelas distâncias, enquanto que nós, de Paris, não temos nada a fazer. Lá o vasto interior não existe. O país está saturado. Se vocês são um para dez trabalhos, nós somos dez para um trabalho. Então nossas energias concentram-se em si mesmas, não se consomem, retraem-se, mergulham fundo, refluem, voltam a se projetar e nós somos os temerários do mundo. Paris é impiedosa e ali se trava uma batalha que a ninguém poupa. É o lugar dos campeonatos e dos gladiadores. Nós nos confrontamos e nos matamos. Paris está juncada de cadáveres. Paris é um concílio canibal que estabelece o dogma do momento. Paris é uma selecionadora.

Estas são as impressões que uma viagem pode suscitar.

Quando lhe é concedida a felicidade de atravessar o oceano em um transatlântico, de sobrevoar estuários, rios gigantescos, planícies sem limites, de ver acumular-se navios cargueiros nos portos, ler, em um mapa mural, a grandeza não colonizada de um país imenso; quando, sob a pressão do progresso, sentimos que o conceito de fronteiras e países é vacilante; quando verificamos que os usos e costumes tendem a ser os mesmos, mas que unicamente uma reformulação da moral será capaz de dar fim às contorções incoerentes dos meandros de uma civilização ultrapassada; quando verificamos que a França, por ter sido artista e cartesiana é, em todos os lugares, o farol que dirige — o farol que uma parte de suas próprias instituições oficiais tenta apagar, mas em vão; que os Estados Unidos é o grande motor do mundo moderno; que Moscou é o desconhecido resplandecente; que os jovens de Montevidéu jogam basquete com um ardor convincente, falam com um cigarro no canto da boca, as mãos enfiadas nos bolsos; que entre eles o respeito está no olhar e não tiram o chapéu da cabeça; quando se avalia que Buenos Aires é um potencial, a Nova York de uma próxima aventura, onde a ordem sublime será o efeito das digestões e onde a grandeza será a mola ainda desconhecida do lirismo; que as cidades do mundo e, particularmente, as cidades dos países denominados "velhos" poderiam tornar-se não os relicários de uma beleza que foi revolucionária em sua época, mas as irresistíveis provocadoras de entusiasmos coletivos, de ação coletiva, de alegria geral, de orgulho e, em conseqüência, de uma felicidade individual que se espalha por todos os lugares; que bastaria que uma autoridade — um homem — suficientemente lírica acionasse a máquina, promulgasse uma lei, uma regulamentação, uma doutrina, para que o mundo moderno começasse a sair do enegrecimento de suas mãos e de seu semblante marcado por trabalhos pesados, para que ficasse sorridente, poderoso, contente, crente; quando vemos o mundo do alto, da maior altura possível, quando o contemplamos em toda sua largura e extensão — e tudo nos proporciona essa ocasião — podemos verificar que a arquitetura é nova, está se iniciando, será unitária e imensa, através dos mares e continentes, sob um único signo.
A corrente arquitetônica, assim como a corrente elétrica, rodeia a terra e as antenas despontam em todos os lugares.

Como ainda somos velhos em um mundo novo! Como somos ordinários!

O esporte — e também o esporte do coração — nos salvará. Corramos o risco da aventura. A aventura: o rio da Prata, 500 metros abaixo de nós, é avermelhado, devido à lama; os quatro horizontes não o limitam. Somos doze pessoas na cabina do avião. O céu argentino nos rodeia. O plano da asa é paralelo ao da água; a beira da asa pousa na água do horizonte. Tudo é matéria nova: nácar, a asa de alumínio, a água rosada, o céu transparente;

as linhas são retas; os planos são horizontais. Em tudo temos a sensação de lisura. O vôo é uniforme, contínuo, inteiro.

Arquitetura? Mas é nisto que se vê e que se sente, é nisto que está toda a moral da arquitetura: verdadeira, pura, classificada, órgãos... e aventura.

• • •

Tentei a conquista da América devido a um motivo implacável e a uma grande ternura que dediquei às coisas e às pessoas; compreendi, entre esses irmãos separados de nós pelo silêncio de um oceano, a existência de escrúpulos, dúvidas, hesitações, assim como as razões que motivam o estado atual de suas manifestações, e confiei no dia de amanhã.

Sob uma tal luz nascerá a arquitetura.

• • •

Foi na residência da encantadora e tão inteligente duquesa de Dato, em Paris, que conheci Gonzalez Garaño. Ele intimou-me a viajar a Buenos Aires para exprimir naquela cidade em gigantesca gestação as realidades e os próximos destinos da arquitetura moderna. Desde 1925, aliás, Paulo Prado me enviava sinais de São Paulo, e Blaise Cendrars, de Paris, empurrava-me para lá, incentivando-me com argumentos, mapas e fotos.

Uma viagem tão longa não pode ser decidida assim sem mais nem menos. Sobretudo não é o caso de apresentar ali idéias aproximativas ou hipóteses sem fundamento.

Até então, nas capitais da Europa, eu havia tentado aprofundar meu tema em duas conferências: "Arquitetura" e "Urbanismo". Durante três ou mesmo quatro horas consegui manter o interesse de uma platéia que seguia, com a ajuda do carvão e do giz colorido, os assustadores saltos da lógica, pois ocorreu-me uma técnica apropriada a conferências. Armei meu palco: um bloco com uma dezena de grandes folhas nas quais desenho em preto e a cores; um cordão estendido de um a outro lado do cenário, atrás de mim, no qual dependuro as folhas em seqüência, tão logo estiverem cobertas com desenhos. Assim o auditório terá diante de si o desenvolvimento completo da idéia. Finalmente uma tela para uma centena de projeções que materializam os raciocínios precedentes. Cada cidade que visito surge diante de mim sob um certo aspecto. Sinto nelas certas necessidades. Detenho-me numa determinada linha de conduta apropriada a meu público; aliás, no decorrer da conferência algumas vezes essa linha poderá modificar-se. Recorro à improvisação, pois o público gosta de sentir que criamos para ele. Assim ele não dorme.

Em Buenos Aires convencionamos dividir o tema em dez conferências. A iniciativa coube à Associação dos Amigos da Arte, magistralmente dirigida pela sra. Helena Sansinea de Elizalde. A Faculdade de Ciências Exatas com seu diretor, que é mais jovem do que eu, o sr. Butti, encarregou-se de quatro conferências e os *Amigos de la Ciudad* organizaram uma.

Aqui está a lista das conferências argentinas:

Quinta-feira	3/10	Amigos da Arte: *Livrar-se de todo espírito acadêmico.*
Sábado	5/10	Amigos da Arte: *As técnicas são a própria base do lirismo.*
Terça-feira	8/10	Faculdade de Ciências Exatas: *Arquitetura em tudo. Urbanismo em tudo.*
Quinta-feira	10/10	Faculdade de Ciências Exatas: *Uma célula na escala humana.*
Sexta-feira	11/10	Amigos da Arte: *O plano da casa moderna.*
Segunda-feira	14/10	Amigos da Cidade: *Um homem = uma célula; células = a cidade.*
Terça-feira	15/10	Faculdade de Ciências Exatas: *Uma casa, um palácio.*
Quinta-feira	17/10	Faculdade de Ciências Exatas: *A cidade mundial.*
Sexta-feira	18/10	Amigos da Arte: *O plano "Voisin" de Paris e o plano de Buenos Aires.*
Sábado	19/10	Amigos da Arte: *A aventura do mobiliário.*[7]

Encerrado este ciclo, solicitaram-me que o disponibilizasse, tendo em vista sua utilidade. Eu jamais tivera a oportunidade de exprimir-me com tamanha abundância e sentia-me feliz por poder contribuir com fatos precisos. No entanto, por ocasião de cada uma das conferências, o fator tempo me perseguia. Eu poderia ter realizado cem conferências!

Acabei descobrindo um poderoso consolo nesse ofício de conferencista ambulante improvisador, que é o seguinte: vivi momentos agudos de lucidez e cristalização do pensamento. Temos diante de nós um auditório numeroso e *hostil*. Quando uso o termo hostil, refiro-me ao fato de que o conferencista encontra-se na situação desagradável de um conviva a quem servem um frango, que ele deve comer sem mastigar. Novidades e mais novidades apresentam-se a ele. Seu aparelho receptor não dá mais conta do recado. Então é preciso oferecer-lhe uma comida que ele consiga engolir, isto é, torna-se necessário expor-lhe sistemas claros, indiscutíveis e até mesmo fulminantes. Quando você está desempenhando suas tarefas cotidianas nada o obriga a essas cristalizações instantâneas. Quando você se encontra diante de um

---

7 Por motivos locais e por uma questão de oportunidade, essas conferências não foram realizadas obedecendo à ordem do programa submetido às pessoas que me convidaram para ir a Buenos Aires. A distribuição dos capítulos reintroduz a linha lógica de minha proposta inicial.

auditório que, pouco a pouco, você atraiu para as regiões virtuais que seus desenhos delimitaram, torna-se necessário *exprimir, esclarecer, formular.* É esta a cansativa, porém fecunda ginástica do conferencista improvisador. Ele discerniu trajetórias claras! E conserva para si mesmo os benefícios que elas proporcionam!

Ao sair desse ciclo em que percorri os caminhos da arquitetura, sorriu para mim a proposta de fixar para um leitor desconhecido a trama da idéia. Meus desenhos haviam sido postos de lado. É em torno destes desenhos, aqui reproduzidos,[8] que reconstituirei minha canção de Buenos Aires.

---

8 Com a finalidade de restabelecer da melhor maneira possível o contato entre o texto que se seguirá e os desenhos que a palavra acompanhava intimamente, foi feita uma numeração das imagens nas pranchas, a qual foi repetida no corpo do texto.

PRIMEIRA CONFERÊNCIA
3 de outubro de 1929
Amigos da Arte

LIVRAR-SE DE TODO ESPÍRITO ACADÊMICO

Percorri a pé inúmeras ruas de Buenos Aires e isto representa uma quilometragem respeitável, não é mesmo? Observei, vi, compreendi...

Devo falar do *espírito novo*, aos senhores que são o *Novo Mundo*. Eu me questiono: será que conseguirei impor-me?

Pois Buenos Aires é um fenômeno completo. Aqui existe uma unidade formidável: estamos diante de um bloco único, homogêneo, compacto. Nenhuma falha em uma fundição maciça. Uma só: o interior da residência da sra. Ocampo.

Como então ousar dizer-lhes que Buenos Aires, capital sul do Novo Mundo, gigantesco aglomerado de energias insaciáveis, é uma cidade de erros, de paradoxos, uma cidade que não é nem de espírito novo nem de espírito antigo, mas simples e unicamente uma cidade de 1870 a 1929, cuja forma atual será passageira, cuja estrutura é indefensável, desculpável mas insustentável, tão insustentável quanto aqueles imensos bairros de cidades nascidas na Europa sob o signo súbito da expansão industrial do final do século XIX, na mais lamentável confusão entre fins e meios? É a história daquelas cidades ativas nascidas entre a bigorna e o martelo: Berlim, Chemnitz, Praga, Viena, Budapeste etc., ou que estão sujeitas ao gigantesco impulso do maquinismo: Paris.

No entanto aqui, no fundo do estuário do rio da Prata, existem elementos fundamentais. São três bases eminentes do urbanismo e da arquitetura:

o mar e o porto imenso,
a magnífica vegetação do parque de Palermo,
o céu argentino...

Mas, por assim dizer, não vemos nem uns nem outros, estando dentro da cidade. A cidade é desprovida de mar, de árvores e de céu.

Descobre-se ainda esta outra realidade que conta para uma grande cidade e que permite augurar um destino prodigioso:

o estuário do rio, porta gigantesca pela qual entram coisas do mundo inteiro,

a planície, que se estende até o mar e sobre a qual pode levantar-se, sem choques, uma cidade fremente com o sublime da criação humana,

estes imensos interiores, feitos de pampa, planaltos e montanhas, com rios gigantescos, terras próprias ao cultivo e à criação de gado, terras ricas em minérios e jazidas. Tudo aquilo que é necessário para que a indústria nasça e a agricultura produza.

Contam-se nos dedos os países que possuem semelhante topografia e geografia, de onde pode surgir com tanta normalidade uma cidade que seja um *posto de comando.*

Aquilo que, no mundo inteiro, foi produzido no início da época da máquina não passa do fruto de uma convulsão do espírito e é o efeito de um equívoco. Penso friamente que tudo isto deverá desaparecer.

A força de onde surgiram monstros — nossas cidades ditas "modernas" — essa força que seu próprio elã aumentou poderosamente, em breve saberá expulsar a incoerência, destruir as primeiras ferramentas que usou e, ao substituí-las, introduzirá a ordem, expulsará o desperdício, imporá a eficácia, produzirá beleza!

• • •

O tema que abordarei — arquitetura e urbanismo — é de tal forma vasto, móvel, tem suas raízes em tantas ocorrências, precipita-se, indo ao encontro de perspectivas tão longínquas, que as conferências de que me encarreguei poderiam ser uma centena e nem por isso eu ficaria sem ter o que dizer.

Quando, durante vinte anos, empreendemos pesquisas, passo a passo, quando essas pesquisas parecem levar finalmente a um sistema claro, simples, inteiriço, é um alívio e, ao mesmo tempo, uma prova perigosa vir justificar-se perante x..., por meio de demonstrações precisas que permitem — e que permitirão aos senhores — questionar-me, corrigir-me, contradizer-me. Em uma palavra, é uma coisa útil submeter a um veredicto geral esta série de fatos encadeados que constituem uma *doutrina.* O termo doutrina não me assusta. Muitas vezes fui tachado de doutrinário. Doutrina quer dizer um leque de conceitos que derivam intimamente uns dos outros, segundo as leis da razão. Mesmo assim torna-se necessário que esta doutrina tenha um impulso, uma razão razoável e um objetivo que promova a

adesão. Mesmo assim é preciso que acontecimentos peremptórios nos obriguem a abandonar o velho travesseiro dos hábitos seculares para irmos em direção ao desconhecido e forjarmos uma nova atitude para nossos pensamentos, para assinalarmos objetos fecundos a nossos gestos e para sacudirmos, mesmo que brutalmente, uma quietude garantida há tanto tempo pelo mecanismo governamental e onipotente das academias encarregadas de redigir a profissão de fé que tranqüiliza os povos.

A profissão de fé acadêmica não é mais do que uma miragem. É mentirosa, constitui o perigo de nossa época.

O mundo está em plena perturbação.

Algo de novo aconteceu: *o maquinismo.*

Um século formidável de conquistas científicas, o século XIX, operou a transformação molecular do mundo. Já não nos ligamos mais ao dia de ontem, somos um outro corpo social: nasceu *uma época maquinista*, ela sucede à época pré-maquinista que remonta bem longe, ao longo da história. Virou-se uma página.

O maquinismo perturbou tudo:

as comunicações. Antes os homens organizavam os empreendimentos à escala de suas pernas. O tempo tinha outra duração. A noção que se tinha da terra era a de grandeza sem limites. A flora humana — quero dizer, com isto, as flores espirituais produzidas pelo espírito criador — era diversificada, múltipla. Os usos, os costumes, os modos de agir e de pensar, o modo de trajar eram comandados por inúmeros pequenos centros administrativos, semelhantes às nuvenzinhas matinais e que exprimem a forma primária de agregação e de administração. Gerimos aquilo que vemos, que podemos atingir, que podemos controlar...

a interpenetração. Certo dia Stevenson inventou a locomotiva. Caçoamos. E como os homens de negócios, os primeiros *capitães da indústria* que iriam ser os novos conquistadores, levaram esse fato a sério e solicitaram concessões, o sr. Thiers, o homem de Estado que conduzia a França, interveio com todo empenho no Parlamento, suplicando aos deputados que se ocupassem com coisas mais sérias: "Jamais uma estrada de ferro (interpretem a frase da seguinte forma: jamais *uma estrada que será feita com ferro*) conseguirá ligar duas cidades..."!

Pois chegaram o telégrafo, o telefone, os transatlânticos, os aviões, o rádio e a televisão. Uma palavra enviada de Paris chega a sua casa numa fração de segundos! As longas operações intercontinentais que chegavam a uma solução por meio de ritmos anuais, agora obedecem a cadências horárias. As multidões de imigrantes cruzam os mares, surgem novas entidades nacionais, formadas pela nova fusão de todas as raças e de todos os povos, os Estados Unidos ou o país dos senhores. Bastou uma geração para esta alquimia

fulminante. Os aviões vão a todas as partes. Seu olho de águia esquadrinhou o deserto e penetrou na floresta virgem. Ao precipitar a interpenetração, a estrada de ferro e o telefone fazem com que a província esparrame-se para a cidade, a cidade para a província, sem parar...

o aniquilamento das culturas regionais. Aquilo que se acreditava ser mais sagrado: a tradição, o patrimônio dos ancestrais, o pensamento provinciano, a expressão legal daquela primeira célula administrativa caiu por terra. Tudo não passa de destruição, aniquilamento. A máquina impressora pertence verdadeiramente ao século XIX: vimos tudo e conhecemos tudo com assustadora rapidez. O jornal é do século XIX. A fotografia é do século XIX, o cinema também. E o cinema falado é bem recente. Então lemos tudo o que acontece. Por volta do meio-dia de cada dia tomamos conhecimento da palpitação do mundo inteiro. Aqui, em suas salas de cinema, os senhores ouvem a voz do mar norte-americano, o barulho da ressaca nos rochedos, os gritos da multidão que assiste a uma luta de boxe do outro lado do mundo. Ouvem e vêem, nas telas de todos os cinemas de Buenos Aires, Mr. Hoover pronunciar um discurso a seu povo, e aprendem a falar inglês. Ouvem as cantigas melodiosas e fascinantes do Havaí e vêem os pescadores descerem até o fundo do mar, pegarem a ostra que lhes dá o pão cotidiano e chegam mesmo a notar o medonho tubarão, que passa como um relâmpago. Vêem como os chineses, os ianques, os alemães e os franceses realizam suas conquistas amorosas. Todas as paisagens lhes são familiares. Chegou até os senhores um extraordinário conhecimento do mundo. A Terra é pequena. Os senhores sabem do que é feita. Ela não encerra mais nenhum mistério e vemos com exatidão os icebergs do Pólo Norte.

E o trem trouxe os ternos de Londres e as modas de Paris. Agora os senhores usam o chapéu coco!

É uma dissolução fenomenal, que se precipita a cada dia e que em breve será total. Somente os acontecimentos que se situam fora do alcance da máquina parecem resistir. Os negros continuam sendo negros e os índios, vermelhos. E ainda assim... Em todos os lugares o sangue negro infiltra-se no branco, e o do vermelho, no negro ou no branco.

Os lamuriosos fazem discursos veementes contra a máquina perturbadora. Os inteligentes ativos pensam: enquanto ainda for tempo, registremos por meio da fotografia, do cinema, do disco, do livro, da revista, os testemunhos sublimes de culturas seculares. É ao estudá-los que encontraremos a lição de amanhã. Eles são os marcos da grandeza humana. Devemos forjar uma nova grandeza para a época maquinista, um novo semblante para a nova alma dos tempos modernos.

Nessa interpenetração precipitada a mácula invade tudo, enfeia tudo, brutaliza, devasta, aniquila. Uma espécie de dança macabra faz esgares para

tudo aquilo que era puro e nobre. Uma sede do ouro apoderou-se daquela população que emigrava. Quem explicará um dia por que a feiúra, o horror, o falso foram o delicado alimento de nossos pais? América do Sul ou do Norte e vós, todas essas cidades da Europa dos mestres ferreiros, e essa célebre cultura que levamos aos chineses, aos hindus, aos árabes, aos japoneses, tudo foi posto sob o signo tortuoso da estupefação, da aparência, da mais descarada pretensão, da mais notável abdicação da dignidade. Penso que a busca do ouro pelo ouro é um aviltamento da alma e que o homem só tem razão de viver se for animado por uma intenção elevada. Sem essa intenção, os baixos poderes dominam, produzem, poluem e saqueiam o mundo. Eu, no entanto, afirmo que o século XIX, destruidor de todas as civilizações, foi sublime...

uma intensa e súbita mobilidade na família e na cidade. O trabalho já não se reparte como outrora. O pai de família não constitui mais a chave de um regime hierárquico. A família foi aniquilada. Os filhos e filhas, o pai e a mãe, cada um deles partia toda manhã em direção às oficinas, a diferentes fábricas. Ali estabeleciam todo tipo de contatos, bons e maus. Ali se viam diante daquelas novas correntes sociais que, dia após dia, transformavam o Estado molecular do mundo. O lar ancestral perdeu sua alma. O lar persiste, mas está tomado pela desordem. Cada um leva para ele sua parcela de crença, de ideal, seu fetiche. Esses diversos fetiches, no velho lar, criaram um tumulto horrível e em todos os lugares a família desestruturou-se.

A cidade? Ela é a soma desses cataclismas locais, a adição dessas coisas desapropriadas. Ela é um equívoco. A tristeza pesa sobre ela. Que melancolia tão pungente nos fatos! E que máquina admirável é o homem que, sobre tantas ruínas, em semelhante precariedade, procura com obstinação um novo equilíbrio! Subitamente a cidade tornou-se gigantesca: bondes, trens de subúrbio, ônibus, metrô formam um conjunto cotidiano frenético. Quanta corrupção da energia, quanto desperdício, quanta insensatez! E porque a corporação dos proprietários de restaurantes é tão forte quanto a dos meios de transporte, duplica-se, na hora do almoço, essa cruel desdita. Com exceção de alguns países, ainda não se criou a jornada de trabalho da época maquinista. E porque reclamei um dia em um escrito,[1] um senador interpelou-me, indignado: "Mas o que tem o senhor a ver com isto? Ocupe-se com o urbanismo!...

---

1 *Vers le Paris de l'époque machiniste* [Em direção à Paris da época maquinista]. Paris, Redressement Français, 28, rue de Madrid.

uma ruptura brutal, rápida

dos usos seculares,
dos hábitos de pensar.
Tudo é falso,
não diz mais nada,
precisa ser reajustado:
os conceitos morais,
os conceitos sociais...

O que afirmo aqui já está implicado naquilo que acabo de dizer. Detenho-me, porém, neste reajustamento dos conceitos morais e dos conceitos sociais. Tenho este direito, pois refiro-me ao homem-indivíduo e a esse homem que vive em sociedade. Isto é o próprio alicerce da arquitetura e do urbanismo.

A publicação *Cahiers de l'Étoile* solicitou-me com grande empenho que respondesse ao seguinte questionário:

A "Existe uma inquietação que seja específica de nossa época?

B 1º O senhor a constata em seu mundo? Que formas ela assume nele?
2º Como se exprime esta inquietação na vida social e diante dela?
3º E na vida sexual?
4º Qual é seu efeito sobre a atividade criadora?

C A inquietação não é o sofrimento de uma humanidade que procura reencontrar sua unidade, libertando-se de suas prisões (tempo, espaço e solidão individual)? Neste caso, uma época de grande inquietação não marca o despertar de uma nova consciência? E se estamos em semelhante época, já podemos distinguir esta nova consciência e suas características?"

É isto que constitui a arquitetura e o urbanismo!

Penso que vivemos em um equívoco profundo e em uma hipocrisia deprimente. O "*contrato social*" vigente não passa de um resíduo. Sua moral é cruel, pérfida, mentirosa. Ela é imoral. O dogma bíblico que começa a definir como pecado o ato de fazer amor, que é a lei fundamental da natureza, apodreceu nossos corações, acabou desembocando, neste vigésimo século, em conceitos de honra e honestidade que não passam de fachadas, as quais, algumas vezes, encobrem mentiras e crimes. O peso deste contrato social sobre nossos atos mais legítimos e normais sujeita multidões inteiras. É uma sujeição medida no segredo dos corações, sofrida na intimidade de uma dor que se procura disfarçar. A caridade dos padres inicia sua obra por um equívoco que acarreta uma infelicidade enorme e que lhes serve para definir seu Satã! E eles não perdem tempo. Hoje julga-se sem o menor

exame. Que exemplos famosos para apontar do alto dos púlpitos! Com efeito, o castigo se abate sobre esses pecadores! O castigo de quem? Simplesmente a cruel e inconsciente "honestidade" daqueles que, aparentemente, seguem o código. Este julgamento é tão correto quanto o destino de uma tropa jogada na linha de tiro da vida: aqueles que foram atingidos pelos obuses são os pecadores! Não é angustiante o espetáculo da grande imprensa, que descreve com todos os detalhes o drama "escandaloso" — ofensa à dignidade humana (!) — de uma pobre moça que praticou o aborto? Querem saber por que ela abortou? Busquem: arquitetura e urbanismo. Pois a arquitetura exprime o estado de pensamento de uma época e hoje nós estamos sufocados pela opressão.

A fé? Subam num avião e sobrevoem as imensas planícies *onde está a natureza*, a natureza que nos fez e cujas forças aqui aparecem. Travar-se-á um debate em suas almas e os senhores terão imensas inquietações (não as do Inferno, mas as do destino). Os senhores proclamarão seu ato de fé em relação a si mesmos, dizendo: "Tanto pior, eu quero!".

O efeito da inquietação sobre sua atividade criadora? Os senhores disseram: "Eu quero!". Quero agir livremente, individualmente, observar, ver, compreender, julgar e decidir. E pensarei que é mais agradável dar do que receber, avaliando ao mesmo tempo que sempre existe alguém a nosso alcance a quem podemos dar. Pensarei que a felicidade, minha felicidade está na potência criadora que existe em cada um de nós, potência que podemos cultivar, da qual podemos extrair julgamentos úteis à nossa linha de conduta. Poderei participar da vida através da afirmação de meu ponto de vista. Entrarei em conflito com o "contrato social"? Será doloroso! Mas a abdicação também é dolorosa. E se formos mil, dez mil, cem mil, faremos explodir o "contrato social".

Estamos diante de uma decisão: nossa felicidade resulta de nossa lealdade. A lealdade é insubmersível. Repito: os males que nossa atitude nos acarretará serão menos cruéis do que aqueles provocados se nos submetermos como cadáveres. Sejamos precisos: a liberdade é que assombra os homens. Toda a história se resume nisto. Façamos destas palavras fatos, para nós mesmos, para nosso uso.

Eis-me no âmago de meu tema: arquitetura e urbanismo. Sinto-me com toda liberdade. Poderei denunciar o *academismo*, em nome daquilo que existe de mais profundo em nossos corações: agir animado pelo espírito da verdade.

A época maquinista perturbou tudo:

comunicações,
interpenetração,

aniquilamento das culturas regionais,
mobilidade súbita,
ruptura brutal com os costumes seculares,
modos de pensar.

As três grandes bases do urbanismo entraram neste jogo:

o sociológico,
o econômico,
o político.

Adotamos novos costumes,
aspiramos a uma nova ética,
procuramos uma nova estética,
E, para tudo isto, que espécie de autoridade?

Resta-nos uma *constante*: *o homem*, com sua razão e suas paixões, seu espírito e seu coração e, nesta questão da arquitetura, o homem *com suas dimensões.*

• • •

Quem foi o perturbador?

Quem foi o introdutor da época maquinista?

O engenheiro.

Sua obra cobre o mundo, ela o pôs em movimento. Os senhores acharão supérfluo que eu insista. Assim seja! Ainda assim apelo para que procurem apreciar a envergadura deste acontecimento, reportando-se ao que acontecia há um século. Gostaria que se sentissem impelidos por aquela onda imensa que começou a rebentar, que constituiu como que um acontecimento cósmico, para o qual os homens foram arrastados pela força, sem poder reagir, ler, sentir ou apreciar. Um acontecimento cósmico sem diques, sem represas...

Quem é o visionário, o leitor do acontecimento, o profeta que se projeta, indo adiante da marcha dos acontecimentos?

O poeta.

O que é o profeta? É aquele que no âmago do turbilhão sabe observar os acontecimentos, sabe como os ler. É aquele que percebe as relações, que denuncia as relações, que designa as relações, que classifica as relações, que proclama as relações.

O poeta é aquele que mostra a nova verdade.

O aspecto dos tempos presentes? A brutalidade da cifra, do peso, da quantidade, do benefício, do soco (seria ele moral?).

Então tudo nada mais é do que um buraco negro, uma decadência, um desespero?

Tudo é morte para quem não sabe julgar, mas que *suporta, para quem tem os pés fincados no ontem.* Ele é estirado de todos os lados, despedaçado, desmembrado. Para ele tudo é apenas uma catástrofe irreparável, morte dos belos dias...

O aspecto dos tempos presentes? A mais prodigiosa epopéia, os heroísmos desconhecidos, as descobertas perturbadoras, os encontros sensacionais. Oh, poeta, é inútil você inclinar-se para minuetos graciosos. O mundo inteiro explode de vida, de renascimento, de atos positivos. Basta ver, apreciar. "*Está se iniciando* uma grande época."[2]

Quando damos as costas aos ossários surge uma aurora violenta.

• • •

Por que evocar os ossários? Porque a emanação de inumeráveis coisas mortas invade nossas narinas. A máquina moderna ainda está comprometida com as excreções de atores preguiçosos. Existem os que gozam, os que se beneficiam, os que estavam lá e não pretendem arredar pé. Eles estão em todas aquelas torneiras por onde extravasa a energia nacional. Na biologia é uma doença terrível, o câncer, que mata sufocando.

É o academismo que se agarra assim aos pontos vitais do corpo social.

• • •

O que é o academismo?

Definição de acadêmico: que não julga por si mesmo, que admite o efeito sem contribuir para sua causa,
que acredita em verdades absolutas,
que não faz seu "ego" intervir em cada interrogação.

Em relação ao que agora nos diz respeito — arquitetura e urbanismo — academismo é aquilo que admite formas, métodos, conceitos, simplesmente porque eles existem, e que não pergunta o porquê.

No ramerrão da existência cotidiana a multidão pensa academicamente. Ela obedece, assim é mais fácil. Mas nas horas exatas em que vivemos, sua obediência a coloca em estado de desacordo, de não acordo, pois ela não

---

2 *L'Esprit Nouveau. Revue internationale d'activité contemporaine*, nº 1, 1920.

reage mais a relações, mas a objetos codificados, etiquetados, vendidos pelos comerciantes ou pelos bons pastores, e estampilhados, avalizados pelos Institutos (e existem muitas espécies de Institutos!).

Este estado de sujeição não lhe proporciona grandes satisfações, ao contrário. Sua existência desdobra-se num amontoado de coisas ilegais. Convenções, costumes, palavras de rendição! Nos objetos de que essa multidão se rodeia, nas casas que constrói, nas cidades em que habita, na vida de sociedade que leva, na moral a que se submete, está o inexato, o inapropriado, o que não lhe convém, o fracasso. E os minutos da vida decorrem sem uma verdadeira alegria. É o pesado interruptor, direcionado para as aspirações naturais. É agir segundo *palavras de ordem* e não *segundo si mesmo.* É a repressão e a repressão está a serviço da instigação das Academias! A Academia de Belas Artes fixa as normas do belo e outras academias literárias, por meio do teatro, do cinema e do livro, intoxicam os corações crédulos com as mais artificiais maquinações amorosas.

Experimentei, numa vida desprovida de quietude, numa vida de incessantes inquietações, a vigorosa alegria do "*como*" e do "*por quê*".

"Como?", "por quê?"

Hoje tacham-me de revolucionário. Vou fazer uma confissão: sempre tive um único mestre, o passado, e uma única formação: o estudo do passado.

Tudo,

durante muito tempo,

ainda hoje: os museus, as viagens, o folclore. Inútil estender-me, não é mesmo? Os senhores compreenderam-me. Fui a todos os lugares onde havia obras puras, as do camponês ou as do gênio, com uma interrogação sempre presente: "como, por quê?"

Recolhi, do passado, a lição da história, a razão de ser das coisas. Todo acontecimento e todo objeto existem "*em relação com...*"

É por isto que permaneço sem opinião diante das escolas e é por isto que recusei cátedras de ensino que me foram propostas.

Colocado diante dos acontecimentos contemporâneos, foi com simplicidade, mas com obstinação, insistência, angustiosa espera que indaguei: "Como, por quê?"

Não é possível avaliar suficientemente o quanto estes "*como*" e o "*por quê*", formulados com simplicidade, com toda a simplicidade, mas também com coragem, enunciados até mesmo com uma candura tão ingênua quanto indiscreta, ou insolente, proporcionam uma *resposta temerária*, insólita, espantosa, revolucionária. É que os dados do problema, a razão do "como" e do "por quê" constituem hoje acontecimentos muito mais perturbadores do que se acredita.

• • •

O engenheiro foi o perturbador, o propiciador de fatos, o homem predestinado do "como" e do "por quê". Não entanto, como ele perde rapidamente o fôlego no declive escorregadio da memória!

Coloquei o engenheiro em primeiro plano. *Por uma arquitetura* (meu primeiro livro, 1920-21, l'Esprit Nouveau) era-lhe dedicado em grande parte e constituía, até certo ponto, uma antecipação. Em breve eu iria pressentir o "construtor", "o novo homem dos novos tempos".

O engenheiro é análise e aplicação dos cálculos; o construtor é síntese e criação.

Notem o seguinte: o engenheiro, admirável em suas tarefas meticulosas, debruçado sobre sua régua de cálculo, é, na maior parte do tempo, um revoltado contra os filhos que gera. Acredita neles apenas como um mecanismo que funciona. Não reconhece neles um organismo do pensamento. Não *sabe* sua obra, apenas sujeita-se a ela. Chega até mesmo a desculpar-se e faz questão de retificar a atitude que poderíamos atribuir-lhe. Somente a economia e a penúria do dinheiro obrigaram-no a abandonar sua obra quando ela atingiu aquele estado puro de funcionamento bruto e de certa pureza. Se o dinheiro entra, ele assassina sua obra. Não estou referindo-me, é claro, aos admiráveis Eiffel e Freyssinet e ainda a outros, cujos nomes no momento não me ocorrem.

Mal passageiro, crise de crescimento, cadeia da evolução, transferência de poder. É preciso dizer que o mundo maquinista é novo e que se torna necessário um pouco de "wait and see"[3] antes que todas as coisas se organizem.

Quando a noção dos novos tempos for pertinente, quando a harmonia contemporânea for apreendida, exaltada por um novo espírito, conquistada após a tomada de uma resolução, no sentido de caminhar *para a frente* e não *para trás*, quando nos voltarmos *em direção à vida* e não nos congelarmos na morte, o construtor nascerá e a imensa produção dos tempos modernos se orientará unanimemente em direção à clareza, à alegria e à limpidez. Acreditem em mim: a hora está próxima. Ela soa simultaneamente em todos os países, na Argentina assim como na França e no Japão.

Mas é preciso que antes de mais nada e em todos os lugares o espírito acadêmico seja soterrado.

Não se deve mais pensar academicamente.

---

3 "Esperar para ver". Em inglês, no original. [N.E.]

SEGUNDA CONFERÊNCIA
Sábado, 5 de outubro de 1929
Amigos da Arte

AS TÉCNICAS SÃO A PRÓPRIA BASE DO LIRISMO, ELAS ABREM UM NOVO CICLO DA ARQUITETURA

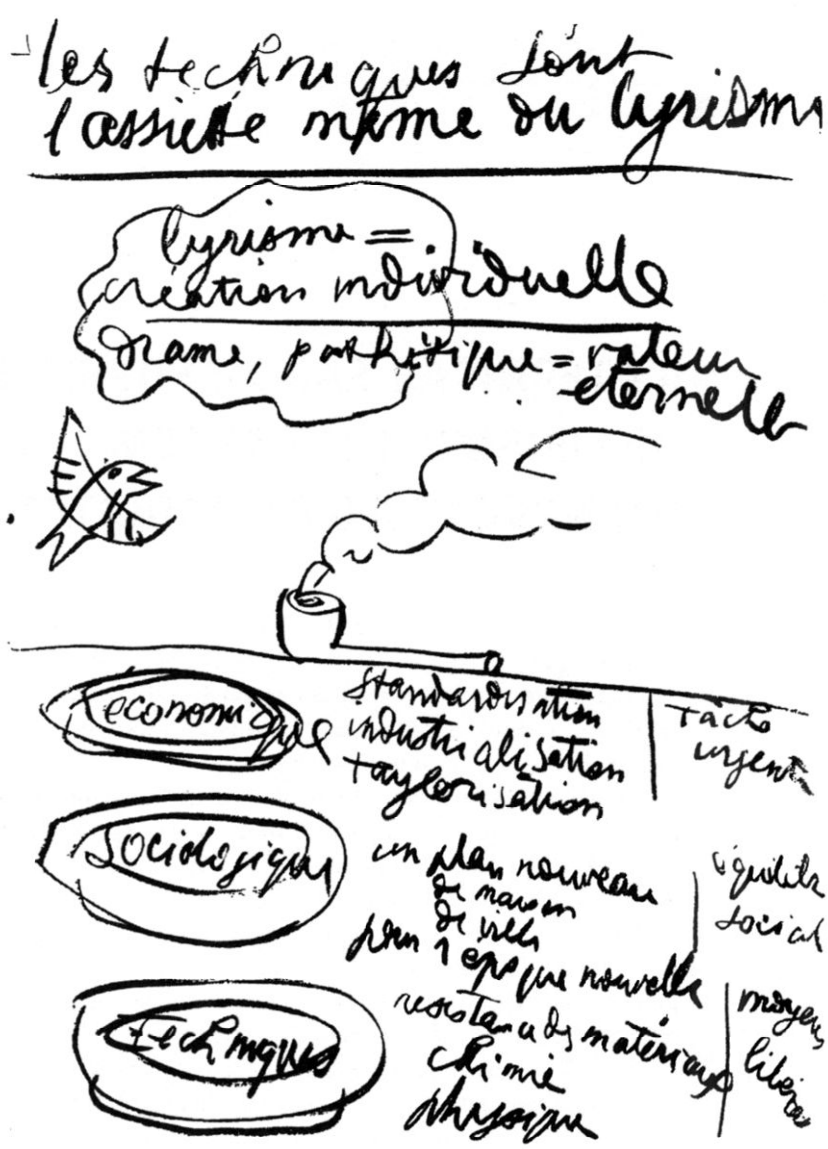
Começo, senhoras e senhores, traçando a linha que pode separar, no processo de nossas percepções, o domínio das coisas materiais, dos acontecimentos cotidianos, das tendências razoáveis, do domínio mais particularmente reservado às reações de ordem espiritual. Abaixo da linha: aquilo que é. Acima da linha: aquilo que sentimos.

Continuando meu desenho pela parte de baixo, desenho uma, duas, três bases. Coloco alguma coisa nelas. Na primeira, *Técnica*, palavra genérica que carece de precisão, mas que me apresso em qualificar por meio de termos que nos remetem a nosso tema: *resistência dos materiais, física, química* [1].

Escrevo na segunda base: *Sociológico* e qualifico: *uma nova planta da casa e da cidade, para uma nova época.* O conhecimento da questão me faz perceber ao longe uma espécie de rumor surdo e inquietante. Apresso-me em acrescentar: *equilíbrio social.*

Na terceira base: *Econômico.* E evoco estas fatalidades do momento presente que ainda não atingiram o cerne da arquitetura, e é por isto que a arquitetura está bem doente e o país adoece com a doença da arquitetura: *padronização, industrialização, taylorização.* Três fenômenos consecutivos que geram sem piedade a atividade contemporânea, que não são nem cruéis, nem atrozes, mas que, ao contrário, conduzem à ordem, à perfeição, à pureza, à liberdade.

Transponho o limite e penetro no domínio das emoções. Desenho um cachimbo e a fumaça do cachimbo. E, em seguida, um passarinho que voa e, numa pequenina nuvem cor-de-rosa escrevo: *Lirismo.* E afirmo: *lirismo = criação individual.* Explico: o que é *drama*, o que é *patético*, e acrescento:


les techniques sont
l'assiette même du lyrisme
lyrisme =
création individuelle
drame, pathétique = valeur
éternelle
économique
standardisation
industrialisation
taylorisation
tâche
urgente
sociologique
un plan nouveau
de maison
de ville
pour 1 époque nouvelle
équilibre
social
techniques
résistance des matériaux
chimie
physique
moyens
libérateurs

[1]

são valores eternos que, em todas as épocas, voltarão a acender a chama no coração dos homens.

A trajetória atingiu seu objetivo. A partir de elementos materiais que estão na ordem do dia e que, por conseqüência, são móveis, efêmeros, mas que nem por isto deixam de constituir a plataforma de onde ela se projeta, essa trajetória passou através do sonho humano para chegar a valores eternos: a obra de arte que é imortal e que nos tocará ao longo de todos os séculos.

Aí está!

Já não lhes falarei mais de poesia e lirismo. Desenharei coisas especificamente razoáveis. Meus esquemas, em sua indiscutível verdade, propiciarão ao espírito uma trajetória ágil. Com estes esquemas iremos abandonar as práticas tradicionais e, mais exatamente, iremos tomar consciência do estado atual. Veremos que hoje a arquitetura está coberta por uma camada apodrecida que pertence ao ontem ou ao antes de ontem. E se quiserem, façam o seguinte: enquanto eu desenhar, tanjam as cordas de seu alaúde, dêem livre curso a seu lirismo. Criem — e para si mesmos — a visão poética deste hoje que vou mostrar-lhes. Eu direi: *técnica*, e os senhores reagirão: *lírica*. Prometo-lhes um poema deslumbrante: o poema das arquiteturas da era moderna.

Desenharei aquilo que é o símbolo decisivo de tudo o que vim dizer-lhes em Buenos Aires: por um lado, a construção de pedra, que remonta a séculos longínquos e que desabou diante do ferro e do concreto armado do século XIX. Esta construção de pedra teve seu apogeu. Sua última manifestação ocorreu na época de Haussmann, quando ela atingiu seu limite. É sobre ela que se assentaram as Academias, para pavonear-se, dogmatizar, explorar, tiranizar e paralisar a vida das novas sociedades. Nos dois desenhos que farei — dois cortes — tudo se escreve, tudo se inscreve, o jogo é aberto, o veredicto é definitivo e a decisão não será equivocada.

Direi algo de passagem: jamais falarei de outra coisa que não seja a casa dos homens. É dela que se trata, não é mesmo? Sempre me recusei a preocupar-me com casas destinadas aos nobres moradores do Parnaso.

Até o concreto armado e o ferro, para se construir uma casa de pedra, cavavam-se largas valetas na terra e procurava-se um solo apto à construção de um alicerce. A terra, porém, desmoronava no flanco das valetas e então era preciso levantar rapidamente o núcleo central que sobressaía entre as valetas dos alicerces. Era assim que se constituíam os porões, lugares medíocres, desprovidos de iluminação ou mal iluminados, em geral úmidos. **[2]**

Em seguida subiam-se as paredes de pedra. Estabelecia-se um primeiro piso *apoiado nas paredes* e depois um segundo, um terceiro. Abriam-se janelas e finalmente, sobre o último piso, repousava a cumeeira. Abrir janelas nas paredes em que se apóiam os pisos *é uma operação contraditória*. Abrir

janelas significa enfraquecer a parede. Havia portanto um limite entre a função de apoiar os pisos e a de iluminar os pisos. Era um estado limitado, que provocava incômodos. *Ficava-se paralisado.*

Vou dizer-lhes uma extravagância fundamental, mas tanto pior: *a arquitetura são pisos iluminados.* Por quê? Os senhores adivinham: fazemos algumas coisas em casa, se for dia; se for noite, dormimos.

Com o concreto armado *suprimimos inteiramente as paredes.* Assentamos os pisos em pilares delgados, dispostos a grandes distâncias um do outro. Para fincar estes pilares, escava-se um pequenino poço para cada pilar e procura-se um solo apropriado. Em seguida tira-se o pilar da terra. Neste momento, aproveitamos as circunstâncias. Não tive necessidade de remover aquele fatal núcleo de terra no centro da casa. Meu solo está intacto, *ele continua!* Farei uma bela especulação: os pilares de concreto armado (ou de ferro) não custam quase nada. Eu os levantarei 3 metros acima do solo intacto e fixarei meu piso lá no alto. *Disponibilizo assim todo o solo sob a casa.* **[3]**

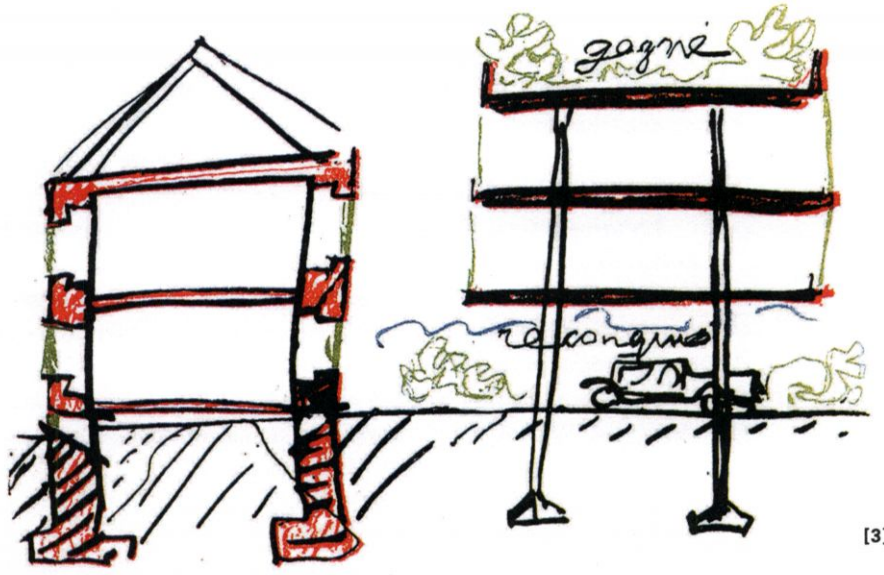
Neste solo reconquistado desenho um automóvel, faço passar por ele o ar e a relva.

Prossigo com meus pisos, segundo, terceiro. O teto? Não o faço, pois o estudo (e a prática) das construções que possuem aquecimento central *em países onde neva muito* demonstrou-me que era preciso evacuar as águas do degelo *para o interior da casa* (eu explicarei). Meu teto, portanto, será plano, com uma inclinação *em direção ao interior* de um centímetro por metro, o que é imperceptível. No entanto, o estudo dos terraços de concreto armado nos *países quentes* mostra-nos que os efeitos da dilatação podem ser desastrosos e podem provocar fissuras, por onde se infiltrará a água da chuva. É necessário portanto colocar o teto-terraço ao abrigo do sol demasiado quente. Para isso crio um jardim no teto da casa. Tais jardins — e há treze anos venho tendo experiências com eles — estão sob condições favoráveis, as de uma verdadeira estufa quente e as árvores e plantas crescem neles admiravelmente.

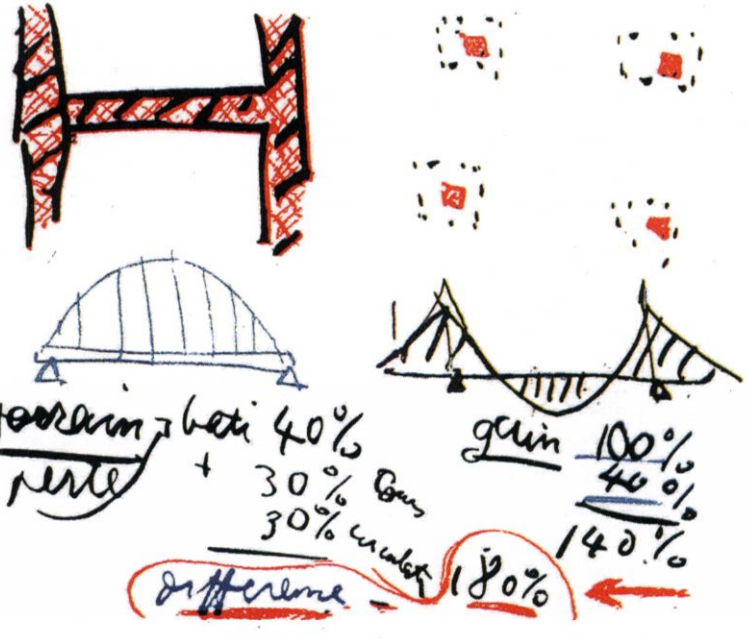
Desenho agora, *em planta*, abaixo dos dois cortes, ao nível do solo, as paredes de pedra da casa de todos os séculos até nossos dias **[4]** e os pilares de concreto armado ou de ferro da casa moderna com o solo inteiramente livre. **[5]**

Chamo a atenção dos técnicos para as condições em que atuam as vigas dos pisos da casa de pedra e as da casa de concreto. O cálculo dos esforços mostra que a primeira viga **[6]** opera em condições duas vezes mais desfavoráveis do que as vigas "em balanço" **[7]** da construção de concreto armado. Isto precisa ser levado em consideração!

Há outras coisas a assinalar. Onde estão, em nossa casa de concreto, as paredes em que se apóiam os pisos e que são penosamente perfuradas pelas



[2] [3]



[4] [5]

[6] [7]

janelas? *Não existem paredes*, mas ao contrário, se eu assim desejar, posso fazer janelas em toda a superfície das fachadas da casa — janelas, ou outra coisa que explicarei. Se por acaso, na fachada, em vez de superfícies que proporcionam iluminação, eu quiser usar superfícies opacas, estas, que nada mais são do que enchimentos, *se apoiarão no piso*. É uma modificação total das condições tradicionais.

"A arquitetura (a casa, mais exatamente) são pisos *iluminados*". Que resposta total aqui!

Por outro lado, quanto a estes pilares de concreto armado ou de ferro, que se vêem no interior da casa e que deixam os senhores inquietos, veremos os serviços que eles nos prestarão!

Recapitulo: *o terreno, sob a casa, ficou desimpedido; o teto foi reconquistado; a fachada está inteiramente livre* e, assim, *não estou mais paralisado.*

Tudo isto posto, façamos alguns cálculos:

Casa de pedra tradicional

Terreno construído, coberto, perdido: cerca de 40% da superfície de uma cidade.
= PERDA 40%
espaço destinado a pátios internos, cerca de 30%
espaço destinado à circulação das ruas, cerca de 30%

Casa de concreto armado ou ferro

Solo disponível para a circulação da cidade e da casa	= 100%
Solo ganho sobre o teto	= 40%
Ganho total	= 140%

DIFERENÇA 180%
ganhos para a circulação.

Quando tivermos de enfrentar os problemas angustiantes da circulação e da higiene nas grandes cidades nós nos lembraremos desta pequena aula.

Retomo, mais uma vez *em planta*, o diagnóstico da casa de pedra tradicional e da casa de concreto armado ou de ferro. Vamos começar pela parte de baixo do desenho.

Casa de pedra

Subsolo: paredes espessas do alicerce. Iluminação medíocre, lugares de aproveitamento limitado, construção muito onerosa. **[8]**

Térreo: exatamente as mesmas paredes do subsolo, portanto mesmas dimensões dos lugares. Abertura de janelas segundo o limite já assinalado. Ali instalo a cozinha, a sala de almoço, o salão, o vestíbulo etc. **[9]**

Primeiro andar: mesmas paredes do térreo, no mesmo lugar. **[10]**

Segundo andar, terceiro andar: idem. Aí se situam os quartos. Suas formas e dimensões serão as da sala de almoço, do salão ou da cozinha. É razoável? De jeito nenhum.

Telhado: quartos dos empregados. Em geral, quentes no verão e frios no inverno. Má política para cativar os empregados. A questão dos empregados encontra-se em plena crise, aliás. Esta história atingiu o crepúsculo, como veremos mais adiante.

Se eu ler meus gráficos, constatarei uma pobreza miserável em minhas combinações arquitetônicas. Por que o banheiro é tão grande quanto a cozinha e o quarto dos pais tão grande quanto o salão? Quais são os fatores comuns de forma, disposição, iluminação e superfície entre uma sala de almoço e um quarto? Estamos no domínio do arbitrário, do mais ou menos, do desperdício. Tudo isto, uma vez acabado, custa mais caro do que deveria. A cada pergunta o arquiteto responde: "Mas fui obrigado; minhas janelas, meus muros de arrimo etc.".

É com plena convicção que inscrevo neste desenho: *desperdício, ineficiência, paralisia.*

Casa de ferro ou de concreto armado

Subsolo: nada. Ah, sim! Instalaremos num espaço menos nobre da casa, escavando segundo as velhas fórmulas, um depósito de carvão, uma central de aquecimento (admitindo que o aquecimento particular em breve terminará: a água, o gás, a eletricidade em breve serão distribuídos por serviços industriais. Quanto à questão do aquecimento, teremos de buscar soluções novas e agradáveis) e, eventualmente, uma adega.**[11]**

Térreo: sob o piso que domina o terreno, a uma altura de 3, 4 ou 5 metros, neste espaço que, por uma questão de maior rapidez, chamarei de "os *pilotis*", instalo a porta de entrada da casa, uma escada (eventualmente um elevador), um vestíbulo. Quanto à garagem do automóvel: providenciarei para que, diante da garagem, haja um espaço suficientemente grande que possibilitará deixar o veículo ao abrigo da chuva ou do sol, lavá-lo e revisá-lo agradavelmente, em plena luz do dia. A porta de entrada, abrigada sob os pilotis, abrirá para este grande espaço, *seco*, coberto, que se tornará o lugar ideal de brincadeira das crianças.

A luz e o ar penetrarão na casa. Que conquista! O jardim da frente e o jardim dos fundos tornam-se um só. Quanto ganho de espaço, que sensação de bem-estar! A casa se apresentará como que suspensa. Que pureza arquitetônica! Voltaremos a falar disto.**[12]**

Primeiro andar: temos diante de nós apenas algumas colunas redondas ou quadradas, com 20 a 25 centímetros de diâmetro. A luz *rodeia tudo.* Quanta liberdade para agenciar os órgãos de uma vida privada, verdadeira

máquina de morar: quartos, vestiários, lavabos, banheiros, rouparias etc. E todas as contigüidades ou todas as separações desejáveis. Pois não iremos construir paredes, mas divisórias: de cortiça, de escórias de hulha, de palha, de aparas de madeira, de tudo que quisermos. Estas divisórias não pesam. Elas podem chegar à meia altura. Não têm necessidade de apoiar-se em colunas. Podem ser retilíneas ou curvas, como quisermos. Para cada função, uma superfície justamente proporcionada. **[13]**

Segundo andar: tendo nos distanciado da rua, do barulho e da poeira, aqui estamos na tranqüilidade, na recepção: os salões, a sala de almoço. A cozinha, no alto, invade menos a casa com seus odores. Será ventilada a partir do teto.

Devido a uma sutileza de composição farei com que se comunique agradavelmente a recepção com o teto-jardim, repleto de flores, hera, tuias, loureiros da China, okubas, zaragatoas, lilases e árvores frutíferas. Lajotas de cimento, entremeadas de grama (existe um motivo para tal) ou belos pedregulhos compõem um chão perfeito. Abrigos cobertos permitirão a sesta numa rede. Um solário proporciona saúde. À noite, o gramofone convidará à dança. O ar é puro, o barulho, abafado, a vista é ampla e a rua está distante. Se existirem árvores por perto, estaremos acima de suas copas. As estrelas cintilam no céu... vemos todas elas.

Tudo isto, até aqui, servia apenas para os encontros amorosos dos gatos vira-latas e dos pardais! **[14]**

Embaixo deste gráfico escrevo: *Planta livre, fachada livre.*

Isto significa para o arquiteto uma liberação imensa, um passo gigantesco em relação à casa de pedra. É uma contribuição dos tempos modernos!

Mas antes de abordar outro assunto, volto a *ler*:

Desenho esquematicamente o solo das cidades atuais. **[15]**

Escavo o solo da cidade a 4 metros de profundidade, transporto este entulho em carroças puxadas por mulas, em caminhões ou em barcaças, para fora da cidade, e o despejo na periferia.

O solo da cidade foi deitar-se nos terrenos da periferia! Que despesa insensata, que desperdício de dinheiro e de esforços!

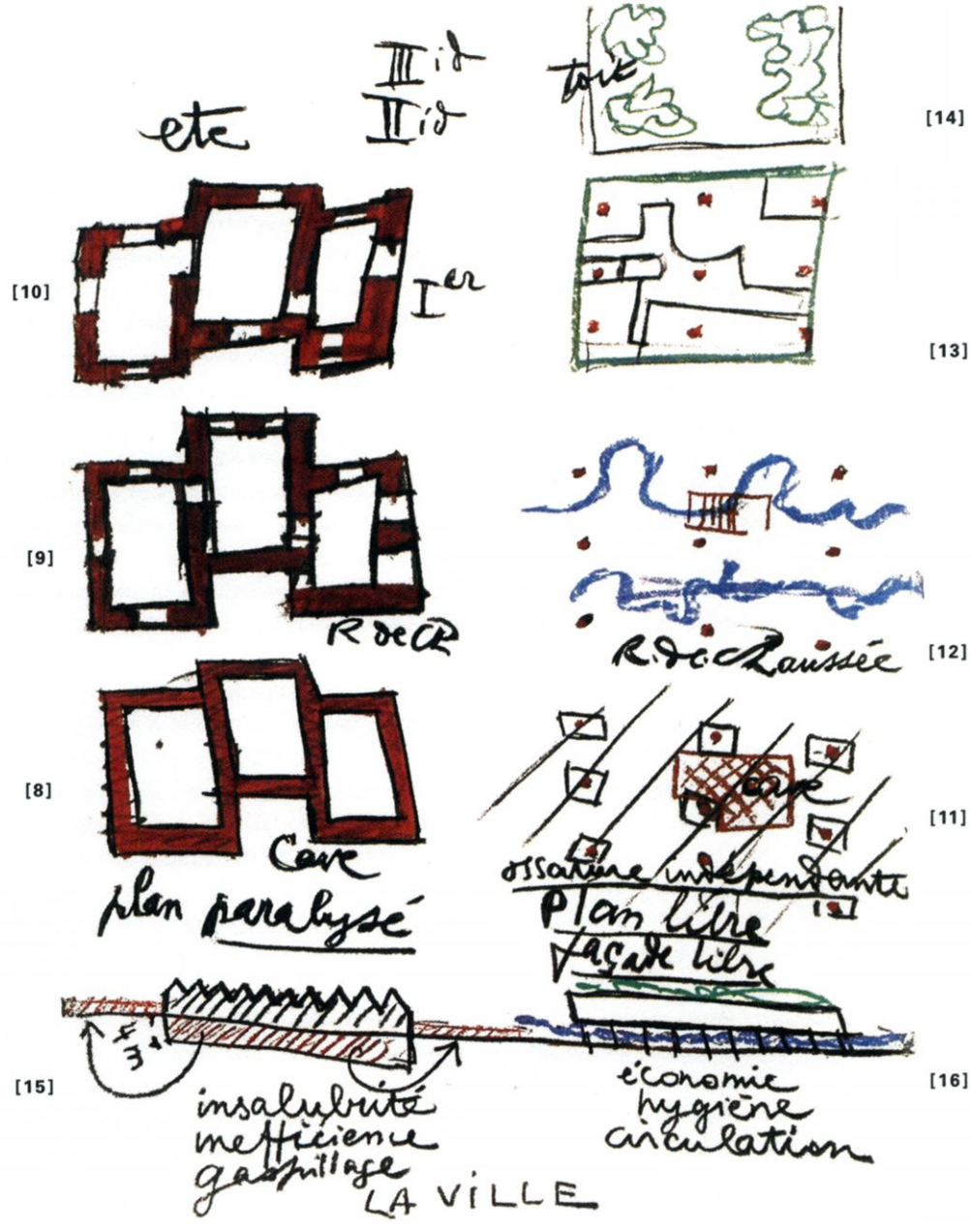
Em seguida construo as casas com seus tetos. Lembro-me das cifras:

Superfície construída (terreno perdido)	40%
Superfície reservada aos pátios	30%
Superfície reservada à circulação	30% mais ou menos.

Agora desenho o solo da cidade moderna.

Uma linha: é todo o solo disponível (quase 10%), entre a ligeira floresta dos pilotis. **[16]**

Construída sobre os pilotis, no ar, a cidade.



[14]
[10]
[13]
[9]
[12]
[8]
[11]
[15]
[16]

Sobre as superfícies construídas da cidade: os tetos-jardins.

100% para a circulação dos pedestres, das viaturas pesadas e leves; 40% de jardins destinados a passeios ou ao repouso, proporcionados por novas soluções. Tal é a cidade moderna e nos lembraremos dela!

Estes "pilotis" de que lhes falo constituem uma grande conquista das técnicas modernas. Reconheçam que muitas vezes "o homem nu", aquele a quem denomino homem puro, usou este magnífico recurso em todas as épocas e em todos os lugares. No entanto, quantas resistências, quantas invectivas nos dias atuais, em nome de cânones acadêmicos, é claro. O presidente do Governo de Genebra dizia-me que, por causa de meus pilotis, fui expulso daquela aventura que o Palácio das Nações representou. Aí está uma explicação milagrosamente simples (cândida, mas característica) para acontecimentos infinitamente menos límpidos. Os pilotis de nosso Palácio do *Centrosoyus*, em Moscou, foram discutidos apaixonadamente no Soviete do Trabalho, mas o presidente concluiu secamente: "Construiremos o palácio sobre pilotis, para inaugurar, a partir dele, as obras da Grande Moscou!". Já era o urbanismo! Chegaremos lá.

Permaneçamos na arquitetura. Desenho o andar térreo de uma pequena residência em Boulogne-sur-Seine e as explicações precedentes aplicam-se a ela. **[17]**

Aqui está nosso tipo de casinhas no estilo "Lei Loucheur". **[18]**[1] Uma parede-meia, que denomino "diplomática", pois sela a aliança com o comerciante desonesto do quarteirão (experiências que evocarei em outra ocasião incitaram-nos a estabelecer uma aliança diplomática com o tal comerciante). De um e de outro lado desta parede, a alguns metros de distância, dois pilotis de ferro perfilado sustentam os pisos da casa e seu teto. Assim, na parte de baixo da casa, que agora é salubre, há um espaço magnífico e abrigado, para trabalhar, descansar, equipar uma pequena oficina, lavar a roupa ao ar livre, construir um pequeno depósito para guardar instrumentos de jardinagem.

Aqui estão as edificações do "Centrosoyus" de Moscou: escritórios das cooperativas de alimentação, 2.500 funcionários. **[19]** Estabelecer uma ordem obrigatória nesta multidão que entra e sai ao mesmo tempo. Nestes momentos, necessidade de uma espécie de vestiário para pessoas cujas galochas e casacos de pele se cobrem de neve no inverno. É preciso uma organização

---

1 Lei francesa aprovada em 1928, que previa a construção em ampla escala de unidades residenciais para a classe média, buscando atender parte de um déficit habitacional estimado em um milhão de residências. [N.E.]

bem estabelecida destes vestiários e também pensar na circulação. Os automóveis de serviço não podem estacionar na rua Miasnitzkaïa, estreita demais. Uma fileira de pilotis estende-se inteiramente (ou quase) sobre o solo. Estes pilotis sustentam no ar os imóveis dos escritórios, que só começam no primeiro andar. Circula-se livremente na parte de baixo, ao ar livre, ou em locais que se estendem sobre uma grande superfície, alimentados por duas entradas e que constituem o mencionado vestiário. Deste espaço partem os elevadores, os "pater-noster" (espécie de elevadores contínuos) e imensas rampas helicoidais, que substituem as escadas e permitem um escoamento mais rápido. Abrem-se portas onde seja julgado útil fazê-lo, sob as edificações, na frente, atrás delas. Capta-se a luz do dia à vontade. Estabelecemos a seguinte classificação, segundo a qual uma edificação como esta compreende dois tempos: o primeiro tempo, um afluxo desordenado, num vasto plano horizontal ao nível do solo: é um lago; o segundo tempo, um trabalho estável, ao abrigo do barulho e do vai-e-vem, cada um em seu lugar e controlável: os escritórios. São rios que conduzem até ali, são meios de comunicação.

Circulação é uma palavra que empreguei sem parar em Moscou para explicar-me, a tal ponto que alguns delegados dos Sovietes acabaram ficando nervosos. Mantive meu ponto de vista. Segunda extravagância fundamental: *arquitetura é circulação*. Reflitam sobre o meu enunciado. Ele condena os métodos acadêmicos e consagra o princípio dos *pilotis*.

Eis o projeto do *Palácio das Nações*, realizado no primeiro terreno imposto, por ocasião do concurso internacional. **[20]** No fundo, a estrada de Lausanne, a 300 ou 400 metros do lago. Entra-se nesta prestigiosa propriedade, plantada com árvores centenárias, atravessa-se um bosque magnífico, desemboca-se de repente em gramados que descem até o lago. O Mont Blanc, os Alpes da Savóia e o Salève estão diante de nós. Insígne espetáculo! Os senhores me dirão que aproveitarei este terreno plano, que se estende em direção à estrada de Lausanne, para evitar as declividades da colina e garantir uma circulação horizontal para as edificações. Sou mais normando do que se possa imaginar (não é mesmo, Léger?). Quero não só a manteiga mas o dinheiro da manteiga. Para desembaraçar meu palácio e receber as multidões que para ali afluem em determinadas horas, conservo esta esplanada natural, plana.

Então, na borda desses declives gramados, estabeleço meu nível zero. Oriento, em direção a Genebra, as alas do Secretariado Geral e da Biblioteca, na cota zero; oriento em direção ao lago o piso da Grande Sala das Assembléias, o das Grandes Comissões e o do pavilhão do Presidente da Assembléia, sempre na mesma cota zero. O piso do Presidente está bem no alto, acima do lago. Em todos os lugares estou afastado dos bosques e longe do barulho da estrada de Lausanne. Estou no ar, em pleno azul do céu, em plena alegria, em plena luz.

E o que sustenta esses andares acima do terreno acidentado, acima do lago, são os pilotis, o modo de construção mais econômico.

Mas então, perguntar-me-ão inquietos, o senhor construiu paredes em torno ou entre seus pilotis para não transmitir a angustiante sensação dessas edificações no ar?

Oh, de modo algum! Mostro com satisfação estes pilotis que sustentam algo, que se vêem refletidos na água, que deixam passar a luz sob as edificações, eliminando assim todo conceito de "frente" e "fundo" da construção, esses "fundos" oprimidos por uma sombra opaca, onde musgos melancólicos crescem por entre o chão e nos quais percorremos furtivamente espaços lúgubres. Ao contrário, o sol é abundante e, mais do que isto, aguarda-me um espetáculo deslumbrante: contemplo, através desse pórtico magnífico, a reverberação das águas; vejo passar belos barcos, espio os Alpes através de cada painel, emoldurados como em um museu.

Lembro-me das colunatas de São Pedro, em Roma, que não sustentam nada e que alimentam nossa retina com a forma adorável do cilindro. Penso também (para defender-me!) na colunata de meu confrade muito mais velho, Nénot, projetada por ocasião da construção do Palácio. Sua colunata não sustentava absolutamente nada, mas projetava uma sombra fatal sobre as salas das comissões, cujas janelas pequenas e clássicas se abriam na parte de trás. Tanto que o Comitê dos Embaixadores, ao designar esse projeto para a execução, dirigiu a seguinte pergunta ao sr. Nénot: "Como pensa iluminar os lugares situados atrás de suas colunatas?".

Assim, uma colunata de pilotis *sustenta as edificações*, da mesma forma que minhas coxas sustentam meu tronco. Foi um crime de lesa-arquitetura, que nos acarretou a guilhotina.

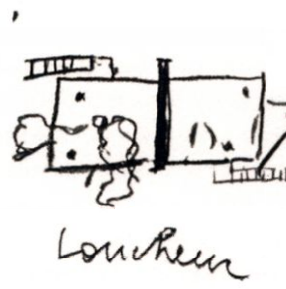
É sob os pilotis, que recuperam espaços imensos e em declive, e após garantir a unidade de circulação horizontal dos visitantes no palácio inteiro, que eu soluciono a circulação dos automóveis, em sentido único, num fluxo contínuo, e a garagem aberta, abrigada sob os pilotis do Secretariado, e fechada, sob os pilotis da biblioteca. **[21]** Pessoas influentes disseram à Sociedade das Nações: "Não, o Secretariado, os membros das Comissões da Sociedade das Nações, não podem de modo algum reunir-se em cima de automóveis!".

Finalmente **[22]** aqui está o projeto da Cidade Mundial em Genebra (afora a Sociedade das Nações). Aqui os pilotis contribuem com um potencial de lirismo tão grande que me sinto desarmado para expô-lo, em poucas palavras, para um novo público. O local é uma espécie de Acrópole, domina quatro horizontes prestigiosos, três horizontes de montanhas muito diversas e um outro onde ocorre a evasão do lago.

Na realidade, a planura é formada por pequeninos vales suaves, por imensos gramados em declive, entremeados com árvores gigantescas,

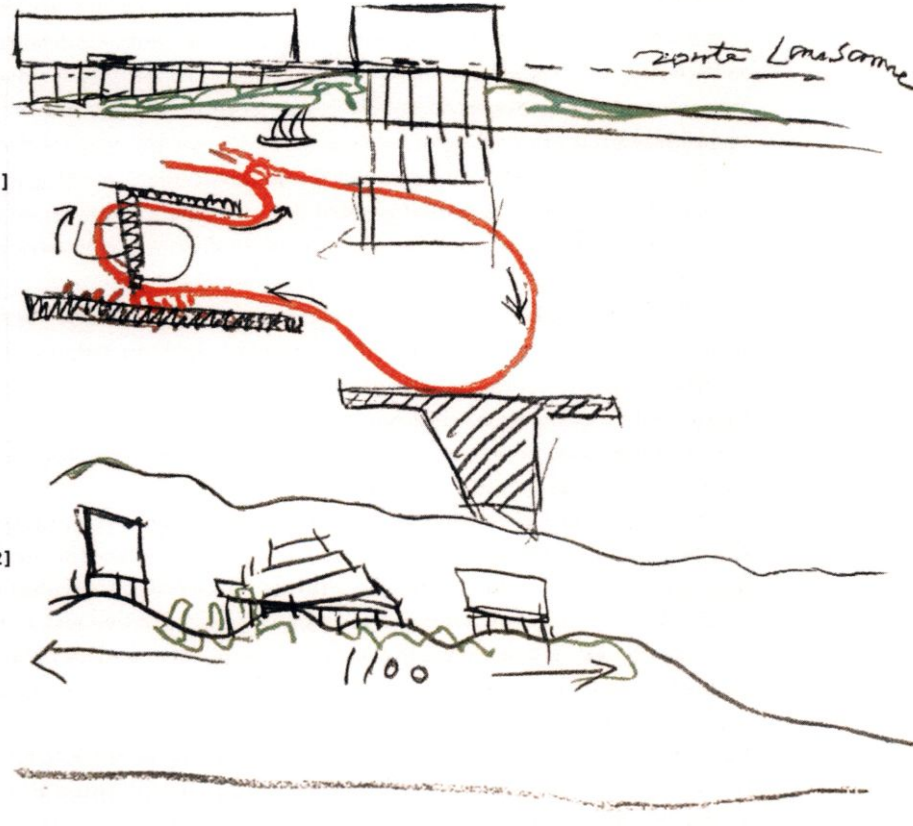
[17]

[18]



[19]

[20]



[21]

[22]

objetos do orgulho dos moradores de Genebra. Rebanhos pastam aqui e acolá. Não quero perturbar este tocante espetáculo agreste, que nos remete às páginas de Jean-Jacques Rousseau. Projeto, no entanto, a implantação de edifícios gigantescos: o Museu Mundial, a Biblioteca Mundial, a Universidade Internacional, as Associações Internacionais. Prevejo até mesmo dois arranha-céus para o centro econômico e financeiro, um aeroporto e um grande posto emissor e receptor destinado ao telégrafo.

Já comecei (tendo em vista o Centrosoyus de Moscou) a formular uma de minhas grandes convicções: aquilo que ocorre no solo diz respeito à circulação e à mobilidade. Aquilo que ocorre no ar, nas edificações, é o trabalho, a imobilidade. Daqui a pouco isto acabará por se transformar em um grande princípio de urbanismo. No momento conservo o pasto e os rebanhos, o arvoredo secular e as encantadoras perspectivas que a paisagem nos proporciona. No ar, em determinado nível, sobre um solo horizontal de concreto armado, juncado de pilotis, no ponto onde eles encontram sua base, levanto os prismas límpidos e puros de edifícios utilitários. Anima-me uma intenção superior: propicio prismas e os espaços que os rodeiam. Componho atmosfericamente. Tudo participa desta composição: os rebanhos, as pastagens, as pequeninas flores que estão no primeiro patamar, em que pisamos e que acariciamos com o olhar, o lago, os Alpes, o céu... e as proporções divinas.

Graças aos pilotis, sobre esta Acrópole destinada à meditação e ao trabalho intelectual, o solo natural persiste e a poesia continua intacta.

Os senhores se dão conta da economia de dinheiro que se obtém quando se eliminam as fortalezas dos palácios acadêmicos?

Ainda uma palavra: o piloti é a conseqüência do cálculo e a finalização elegante da tendência moderna da economia, aqui tomada em sentido nobre. É atribuir a determinados pontos o cuidado de suportar, seguindo um cálculo exato, cargas precisas, *sem perda alguma.*

Examinem as notas, as faturas dos empreiteiros, uma vez terminada a casa de tipo tradicional:

No item "*subsolo*" e "*embasamento*" depararemos com cifras assustadoras. Se sua construção se elevar sobre um terreno em declive, até mesmo abrupto (é, por exemplo, o caso de grande parte das residências da cidade de Stuttgart, onde construímos casas sobre pilotis), a despesa devorará seu orçamento. Ora, sua casa ainda não foi iniciada. Ela começa no andar térreo. Creio que os moradores de Stuttgart gastaram quantias gigantescas só para construir as bases de suas casas e os muros de arrimo, que são muros de fortalezas, muros que os arquitetos acabaram achando estéticos e que na minha opinião deslocam arbitrariamente, para maior benefício deles, o centro de gravidade da obra arquitetônica. Além do mais, eles amesquinham a paisagem, enquanto os pilotis, ao mergulhar nos declives, dariam

suporte à casa pura, criariam gratuitamente espaços utilizáveis, permitiriam que se plantassem árvores e se formassem gramados, substituindo uma paisagem de pedra, melancólica e medievalesca, por espaços verdejantes e contínuos, no meio dos quais surgiriam apenas os prismas das residências. Quanta graça, que coisa mais benfazeja, quanta economia! **[23]**

• • •

Etapa por etapa, realizamos a revolução arquitetônica contemporânea. Eis-nos diante desta surpreendente aventura da janela.

Tomei a liberdade de "desvignolizar" a arquitetura por meio desta afirmação prosaica: *a arquitetura são pisos iluminados.* O senhor Vignola, que exercia seu ofício durante a Renascença italiana, acreditou que deveria fixar para a posteridade os cânones da arte grega, que gozavam de grande prestígio, mas que ele só conhecia por meio das pesadas falsificações romanas. Os turcos, via de regra, empalavam em paus pontiagudos os pré-arqueólogos daquela época, que pretendiam ver e, em seguida, medir com a ajuda de um compasso a obra de Fídias, de Ictinos e de Calícrates, na Acrópole de Atenas. Assim, o Senhor Vignola, com muita classe, fixou para a eternidade os únicos modos da arquitetura que exprimissem a nobreza do espírito humano (profissão de fé acadêmica). Estes cânones são falsos e a um ponto que não se pode imaginar; é algo como uma prodigiosa bufonaria. Estive na Acrópole de Atenas e passei ali um mês patético, perturbado com tamanha acuidade, grandiosidade, invenções *sobre-humanas.* Devido a isto, respeito a arte grega. Desisto, porém, de entender algo da aventura que se seguiu à pretensiosa iniciativa do Senhor Vignola. Sei que todo mundo haverá de censurar-me e que serei esmagado, por causa de meu protesto isolado. O Sâar Péladan, que, no entanto, era tão inteligente quanto helenista apaixonado, dizia-me: "Gostaria de ser rei. Decapitaria todos aqueles que se permitem desenhar e construir hoje um entablamento grego!". Meu protesto é platônico, pois o sr. Vignola passou a fazer parte da moral pública, governamental e internacional (Sociedade das Nações). Tudo se constrói segundo os cânones da arte grega, desde os bicos de gás americanos (dóricos) e europeus (coríntios) até os teatros, os parlamentos, os navios de passageiros e, mais modestamente, a decoração dos cômodos destinados a encontros suspeitos. A isto denomina-se com freqüência estilo Luís XVI, para revesti-lo com um verniz novo. Meu Deus, como este rei, devidamente decapitado após um processo verbal, tem vida longa! Concordo, aliás, em achar o estilo Luís XVI muito bonito, infinitamente distinto, denotando o grau de elevada cultura do final do século XVIII. Estou tagarelando! Permitam-me oferecer-lhes mais uma flor. Neste mês de janeiro, recebi a visita de um professor da

École de Beaux-Arts de Paris, que veio falar-me de *nossa* rejeição em Genebra (a sua e a minha... por razões muito diversas). Ele: "É de fato um prazer trocar idéias com o senhor. Veja, estamos muito mais perto um do outro do que poderia parecer. Eu também pratico a disciplina. Na École des Beaux-Arts, começo por ensinar as *ordens* aos principiantes: o 'dórico' para os novos, pois o dórico é simples. Em seguida, depois que eles aprendem a segurar um lápis, o 'jônico', que é muito mais difícil, por causa das volutas. Enfim, quando eles estão capacitados, o 'coríntio', pois nele é que estão todas as dificuldades. Gosto de disciplina!...". Oh, Fídias, tu empacaste, como um principiante, no dórico do Partenon! Do que acabo de expor podemos avaliar como os alunos estão bem preparados para enfrentar os problemas da era maquinista!

O sr. Vignola não se preocupa com as janelas, mas com as "entre-janelas" (pilastras ou colunas). Desvignolizo, afirmando: *a arquitetura são pisos iluminados.*

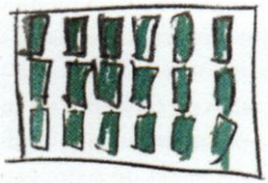
Demonstro o que digo através desta seqüência de pequenos desenhos que exprimem, através das eras, a história da arquitetura por meio da história da janela. Disse anteriormente: o objetivo é fazer com que o piso se apoie em paredes dotadas de muitas janelas para iluminar o interior. E esta ingrata e contraditória adstrição (*apoiar os pisos em paredes que serão rasgadas*) marca, no decorrer dos séculos, todo o esforço dos construtores e qualifica a arquitetura.

Aqui está a pequena janela antiga **[24]** e, em seguida, o grande vão aberto e desimpedido de Pompéia, a bela janela romana; o gigantesco esforço gótico voltado para a luz, que resultou no *arco ogival*, com suas escoras e seu sistema estático, de uma prodigiosa temeridade de pilares, pináculos, arcobotantes, contrafortes etc. Noto, porém, que quando o gótico construía em suas ruas apertadas as casinhas de madeira com sacadas, *ele recorria ao vidro tanto quanto podia*, empregando todos os recursos da madeira. Foi uma prática tão convincente que os moradores flamengos de Gand, de Louvain e da Grande Praça de Bruxelas fizeram, apoiados naquela tradição, as milagrosas fachadas de vidro com montantes de pedra que admiramos ainda hoje. Eis que chega a Renascença, com pinázios de pedra numa janela que se fazia do maior tamanho possível para iluminar o vigoroso aparato das artes domésticas, então em pleno vigor. Vem depois Luís XIV, o Rei Sol, que quer que seu padroeiro, o Sol, penetre em seus palácios para revelar seus faustos. Então a arquitetura de pedra estará definitivamente formulada. Nos reinados de Luís XV e de Luís XVI reduzem-se e humanizam-se os grandes gestos do Grande Rei. Deseja-se viver no conforto e na intimidade. A arquitetura não evolui mais. A janela foi fixada e ponto final. No entanto, na gestão de Haussmann, na alvorada dos mestres ferreiros, a casa destinada

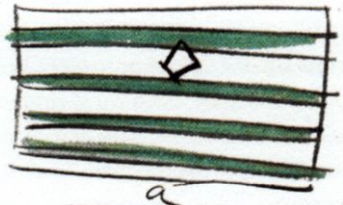
[23]

[24]

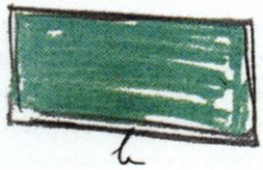
[25]



[26]

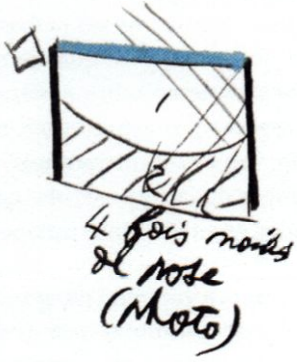


[27]

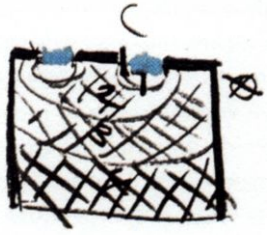


[29-28]

[30]



[31]



à locação torna-se "um negócio". É preciso explorar o metro quadrado construído. É preciso ter muitos aposentos dando para a rua. Chega-se ao limite. Alto lá! Chega de buracos, caso contrário a casa desabará. É o ponto final. Observo, porém, esta formulação da janela vertical que tende a encostar em sua vizinha, para facilitar a exploração da superfície dos pavimentos: *é o problema que se coloca.* A solução será proporcionada por novas técnicas.

Observem rapidamente o aspecto da fachada de pedra dos dois Luíses ou de Haussmann, o aspecto da fachada onde a arquitetura parou. É uma superfície perfurada regularmente com aberturas que se aproximam o máximo possível umas das outras. O desenho parece prosaico: *aí está a arquitetura de pedra, expressão de um sistema construtivo puro.* **[25]**

Senhoras e senhores, agora vamos prosseguir rapidamente. Voltemos ao corte do início, à planta inicial: construção de ferro ou de concreto armado? Desenho janelas horizontais, contínuas, *janelas em toda a sua extensão.* Elas não têm limite, *são sem interrupção*, medem 10,100, 1000 metros. As colunas estão atrás, a 1,25, 2,50 ou 3 metros atrás da fachada, no interior. Por detrás das janelas contínuas que armarei com molduras que deslizam horizontalmente, uma atrás da outra, será fácil, recorrendo a um estratagema infantil, colocar uma divisória entre dois quartos, sem que pareça. Estas divisórias não precisam, de modo algum, sobrepor-se de um andar a outro. Desafio que se possa experimentar algum tipo de inquietação, graças a este recurso. **[26]**

As faixas das paredes que separam as janelas corridas, de um andar a outro, que constituem o apoio da janela e, eventualmente, sua proteção, estas faixas *terão seu ponto de apoio nos pisos*, conforme eu já disse!

Reconheçam que esta reforma é formidável no que diz respeito aos efeitos econômicos e perturbadores que ela exerce sobre o plano estético. Nada mais tem a ver com todos aqueles espetáculos arquitetônicos a que nos habituamos devido a séculos de tradição. Então renunciaremos, devido aos códigos acadêmicos, aos imensos benefícios da janela corrida, que ilumina ao máximo os locais e que permite todas as subdivisões independentes, de um andar a outro?

Uma vez que segui por este caminho, ainda não cheguei ao fim.

O exame daquele corte inicial, que denominei o *corte símbolo* da revolução arquitetônica contemporânea, é um convite para que eu tome novas iniciativas. Idéias colaterais apoderam-se de meu espírito. Construí muitas "janelas corridas". Minha atenção fixou-se nos "peitoris de janelas" (apoios de janelas), que ainda não me pareciam muito bem solucionados, e nas "proteções" das janelas, que ainda me pareciam onerosas. As casas sempre custam muito, se bem que as nossas, com idêntico rendimento, sejam infinitamente menos caras do que as casas tradicionais. Sou obcecado por esta lei da economia à qual empresto um sentido que ultrapassa o porta-moedas.

Meu sócio, Pierre Jeanneret, é ainda mais mobilizado do que eu por este problema da economia. Graças às economias obtidas, ele quer proporcionar conforto. Leu Ford, ele é fordista! Um dia surge a seguinte verdade: "uma janela é feita para iluminar, *não para ventilar*!" Se for para ventilar, usemos aparelhos de ventilação. Trata-se aí de mecânica, de física. Mais esta: a janela é o órgão mais dispendioso de uma casa. Além dela, existe todo um arranjo em torno dela que é muito caro. A janela comum é uma obra de ferro ou madeira, isto é, algo infinitamente delicado, de construção caprichada. E se, com um gesto, pudéssemos repudiar a janela, ao mesmo tempo que iluminamos os pisos?

O exame de meu perfil-símbolo mostra-me *fachadas* que se reduzem a algumas faixas de concreto armado, com 30 centímetros de altura. Muito bem, prossigamos, *passemos adiante*! Com o auxílio de consolas de ferro plano, fixaremos ferragens verticais bem colocadas, aprumadas, 25 centímetros à frente destas faixas de concreto armado. De través, fora ou dentro, ferragens horizontais, em distâncias proporcionais ao vidro, disponíveis no comércio. Eis, portanto, diante das fachadas "*um pano de vidro*". A fachada é um pano de vidro, mas como não há a menor necessidade de que as quatro faces da casa sejam de vidro, construirei panos de vidro, **[27]** panos de pedra (placas, tijolos, produtos artificiais de cimento ou outras soluções) **[28]** e panos mistos (pequenas janelas ou vitrais), espalhados como escotilhas pelos panos de pedra. **[29]**

O encaminhamento desta idéia teve origem no Pavilhão de l'Esprit Nouveau, em 1925. Em 1926-27, projetamos o Secretariado do Palácio das Nações com uma dupla fileira de janelas corridas para os escritórios, e uma fileira simples para os corredores. As paredes da Grande Sala já eram panos de vidro (lajes espessas). Em 1928, em Moscou, deparamo-nos com um problema imperativo de temperatura: 42 graus negativos no inverno! 2.500 empregados atrás de janelas por onde o vento se infiltra, assobiando. Não há necessidade de janelas. O que se precisa é de "*panos de vidro*", hermeticamente vedados. Quanto ao arejamento, pensaremos numa solução!

Parece-me que chego ao fim da vereda da lógica e toquei num princípio essencial: o arquiteto dispõe de novos termos. Veremos![2]

Não quero, de modo algum, despertar nos senhores a menor suspeita. Afirmei que a janela corrida, que precede o pano de vidro, ilumina melhor

---

2 Estas palavras já foram ditas, aliás, e de maneira fascinante pelos construtores que usaram o ferro, no século XIX francês. Walter Gropius em Colônia, em 1914, as transpôs para a linguagem da arquitetura moderna.

que as janelas verticais. É o que pude observar na prática, mas há quem me contradiga com a maior veemência. Disseram-me, por exemplo: "Uma janela é um homem, fica de pé!". Assim seja, se o que se quer são "palavras". Ora, descobri recentemente, na tabela de um fotógrafo, dois gráficos explícitos: já não me movimento mais no que existe de aproximativo em observações pessoais, estou diante de uma película fotográfica sensível que registra a luz.

A tabela diz o seguinte: numa superfície igual, de vidro, uma sala iluminada por uma janela corrida, que encosta em duas paredes contíguas (tudo está ali: refração das ondas luminosas), comporta duas zonas de iluminação: uma zona 1, muito iluminada; uma zona 2, bem iluminada. **[30]** Por outro lado, uma sala iluminada por duas janelas verticais, entre as quais existe um vão, comporta quatro zonas de iluminação: a zona 1, muito iluminada (dois setores bem pequenos); a zona 2, bem iluminada (um setor pequeno); a zona 3, mal iluminada (setor grande); a zona 4, escura (setor grande). **[31]** A tabela acrescenta: *Expor quatro vezes menos a placa fotográfica na primeira sala.*

A película sensível falou. Por conseguinte!

Senhoras e senhores, leiamos, peço-lhes, nossa situação no mapa da arquitetura e do urbanismo.

Deixamos para trás as margens "vignolizadas" dos Institutos. Estamos ao largo. Não nos separemos esta noite sem antes deixar tudo bem esclarecido.

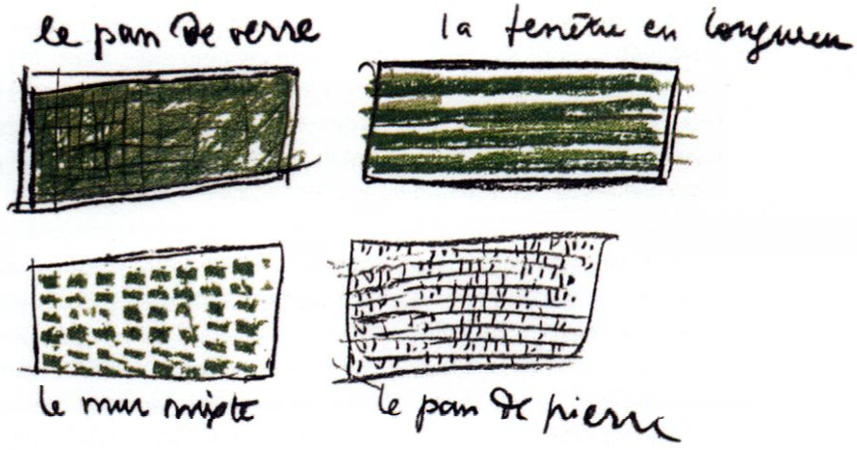
Antes de mais nada a arquitetura:

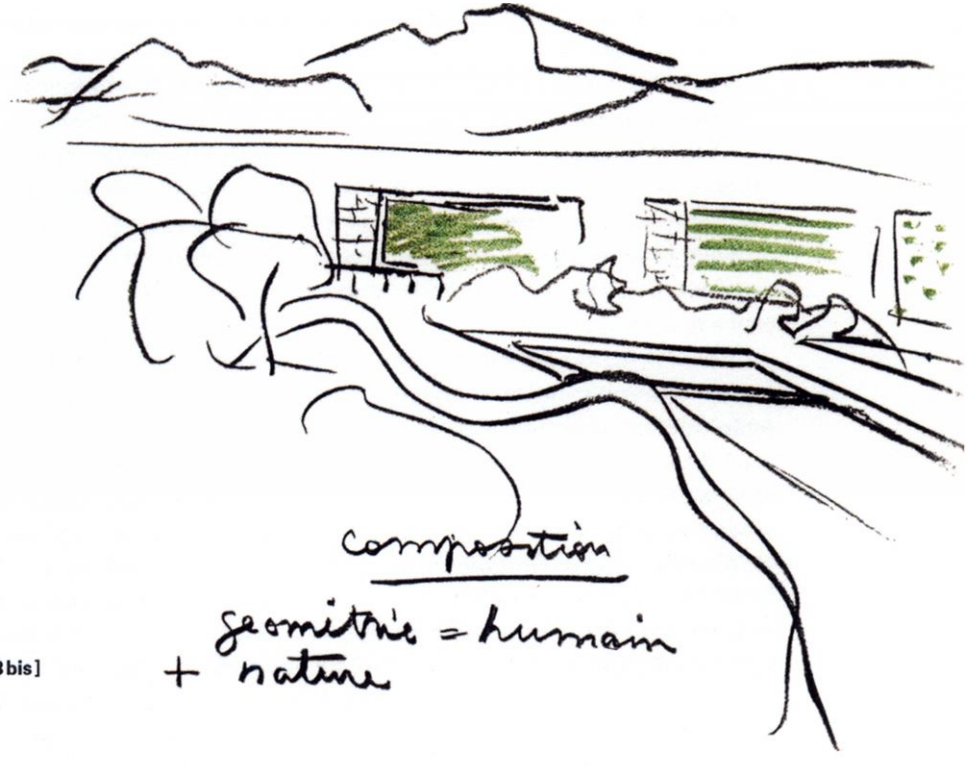
Os pilotis sustentam as massas sensíveis da casa acima do solo, no ar. A vista da casa é uma vista categórica, sem ligação com o solo. Então os senhores avaliarão a importância que as proporções assumem e as dimensões do cubo suportado pelos pilotis. O centro de gravidade **[32]** da composição arquitetônica elevou-se. Já não é mais aquele das antigas arquiteturas de pedra que estabeleciam com o solo uma certa ligação ótica. **[33]**

O teto-jardim é um novo recurso com usos encantadores. O projeto de destinação dos cômodos, no interior da casa, pode ser modificado. Novas alegrias acolhem o morador. A janela corrida e, finalmente, o "pano de vidro" trouxeram-nos algo que nada tem a ver com o passado. *Com o pano de vidro modifica-se a escala da arquitetura.* Os meios de composição são tão novos e, para dizer a verdade, *parecem* tão reduzidos, até o nada, que, aterrorizados, nos perguntamos: *"Mas para onde vai a arquitetura?"*.

As novas técnicas nos proporcionaram novos termos e estas técnicas, às quais não poderíamos resistir, recorrem à nossa imaginação. **[33 bis]**

Diante do problema de Moscou, o que faz a arquitetura? Exigiam de nós a contribuição de todas as conquistas técnicas da época. Extraíram de nós a quintessência, sob o ponto de vista do funcionamento do edifício. Eis o que fizemos com os novos termos da arquitetura:


le pan de verre
la fenêtre en longueur
le mur mixte
le pan de pierre


composition
géométrie = humain
+ nature

[33bis]

Desenho [34] o primeiro corpo central dos escritórios: dimensões em profundidade escolhidas para uma iluminação perfeita. Este corpo de escritórios comporta grandes salas de trabalho comum, é provido de um pano de vidro nas duas faces. Os flancos são de paredes opacas, formadas por uma pedra vulcânica delgada, de dupla espessura, no intervalo das quais passará o circuito de ar, de que falarei mais adiante.

Estabeleço igualmente os dois outros corpos de escritórios: um pano de vidro de um lado, uma parede mista (pedra e vidro) para atender os corredores; no final, um pano inteiro, feito com a mesma pedra opaca.

A dimensão destes três prismas é o essencial da composição arquitetônica. Eles estão dispostos na planta e em corte, de modo a criar certos aspectos: aqui, o de algo que está a prumo, ali, o de uma bacia acolhedora. O corpo central está um andar abaixo em relação aos dois corpos laterais, o que é importante.

O todo está no ar, apoiado em pilotis, solto.

Apreciem este valor formidável e inteiramente novo da arquitetura: *a linha impecável da parte de baixo da construção.* A construção apresenta-se como um objeto de vitrina sem algo que o apoie, ela se lê *inteira.*

Os pilotis proporcionam uma riqueza de cilindros, de luz numa sombra ou numa penumbra e também, ao espírito, a impressão de uma tensão surpreendente. Embaixo, a luz produz os efeitos mais fantasistas. No céu é a linha impecável do fim deste prisma de cristal, cercado de pedra vulcânica, ali onde estão os parapeitos dos terraços. Este recorte nítido contra o céu é uma das mais adoráveis conquistas das técnicas modernas (eliminação do teto e da cornija).

Para encerrar esta sinfonia arquitetônica: implantadas diante das edificações, tomando a atitude familiar de órgãos feitos à nossa medida, aqui estão as marquises de concreto armado e de placas de pedra que se estendem até a rua e servem para abrigar quem desce dos automóveis. Eis alguns objetos dispostos para criar no espaço relações em comprimento e altura: o mastro das Cooperativas e certos pedestais sobre os quais estarão emblemas de ferro fundido ou de bronze, os quais, na minha intenção, destinam-se a evocar a estatuária contemporânea (os Lipchitz, os Brancusi, os Laurent) e a desempenhar um papel deslumbrante nas sinfonias arquitetônicas. Já não se trata mais, como na época de Mansart, do "gravador que, neste tímpano, entalhará troféus". É o artista que, por meio de sua obra, semelhante a uma estrela de fogo ou a um farol, deve impor respeito e manter à devida distância estes grandes prismas puros e silenciosos de cristal ou de pedra.

Na frente das grandes fachadas límpidas transplantaremos neste inverno algumas belas árvores, cujo arabesco enriquecerá a composição e cuja

presença, quanto mais estudarmos a arquitetura e o urbanismo, mais nos parecerá bem-vinda. Um dos méritos mais autênticos da arquitetura contemporânea de ferro ou de concreto armado e que se impõe à gratidão dos cidadãos será o fato de ter introduzido as árvores em todos os traçados urbanos. Árvore, coisa maravilhosa e amada pelos homens.

Meu olhar voltou-se novamente para a natureza (onde sempre estará) e evocou o Palácio de Genebra. Desenho este esboço sinfônico: aqui está a horizontal do lago. Eis a ondulação dos outeiros, eis o recorte das montanhas sobre o céu. E eis a obra que se deve a nós, os homens: geometria. Geometria animada por um pouco do espírito de Pitágoras. Deleites espirituais, relações! Eis as verticais finas, as superfícies plenas. Elas se refletem na água. O alicerce da sensação arquitetônica está nas coisas. **[35]**

Pelo amor de Deus, o que faremos com os catálogos de decoradores? A grande obra de arte emprega meios pobres. Mas aí está o jogo: a partir do nada, realizar um milagre!

Agora o urbanismo:

Aqui está a rua de sempre, a "terra firme" e aqui estão as casas de sempre, fincadas no chão. **[36]**

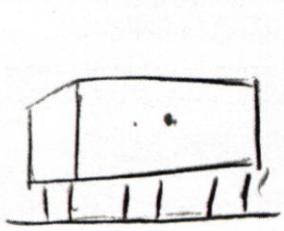
Encarem o problema da circulação moderna: estarão perdidos.

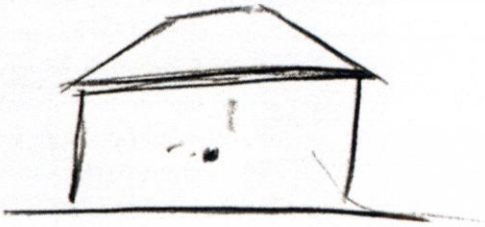
Mas aqui estão casas modernas de ferro ou de concreto armado, sobre suas pilastras que sobem lá de baixo. Cinco, dez, vinte, cinqüenta pisos sobrepostos. Lá no alto, jardins destinados a passeios, e à higiene. Embaixo, os pilotis. 100% da superfície do solo está livre, em todos os sentidos! Mais do que isto, na parte dianteira de cada casa, no alto dos pilotis, projeto sacadas. As sacadas se unem na frente e fundem-se no lado com seus vizinhos. As sacadas fizeram uma segunda rua: a rua dos pedestres e das viaturas leves. Os pesos pesados ficaram lá embaixo. As canalizações da cidade são visíveis, reparáveis, ao alcance dos olhos e da mão. **[37]**

Eis aqui outra coisa: imensos arranha-céus, com 200 metros de altura. **[38]** Na base, o ar desimpedido, a circulação. Tendo em vista a ordem, o funcionamento e a arquitetura, os arranha-céus são dispostos regularmente a cada 400 metros. Eles se elevam com uma dignidade comovente, constituem uma imponente massa de espaço e de luz. As ruas? Já não se trata mais propriamente de ruas, são rios de circulação que correm na direção em que o estudo nos dirá que devem correr. Ramificam-se, têm seus portos ligados ao arranha-céu para o estacionamento dos carros. Tudo está plantado com árvores, aliás. **[39]**

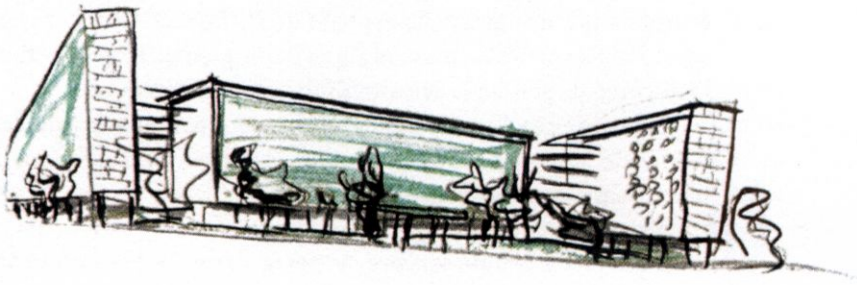
Enuncio este novo disparate urbanístico que, em breve, explicarei com detalhes: *a circulação que acontece no plano horizontal nada tem a ver com o trabalho que se exerce abaixo do plano horizontal. A rua é independente da casa.* A rua é independente da casa. Pensem nisto.

[32]

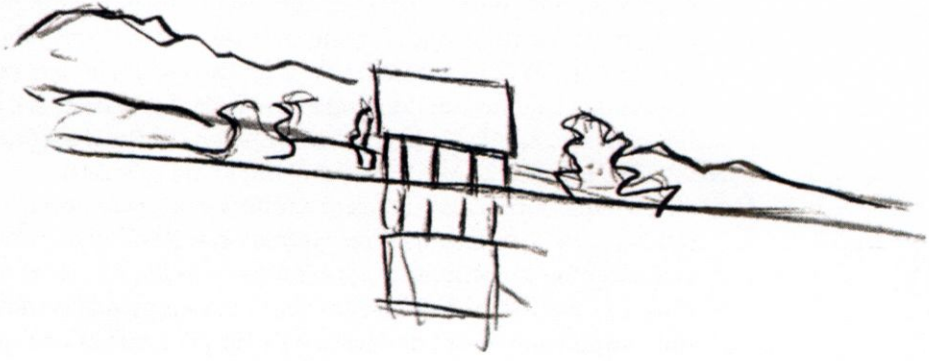




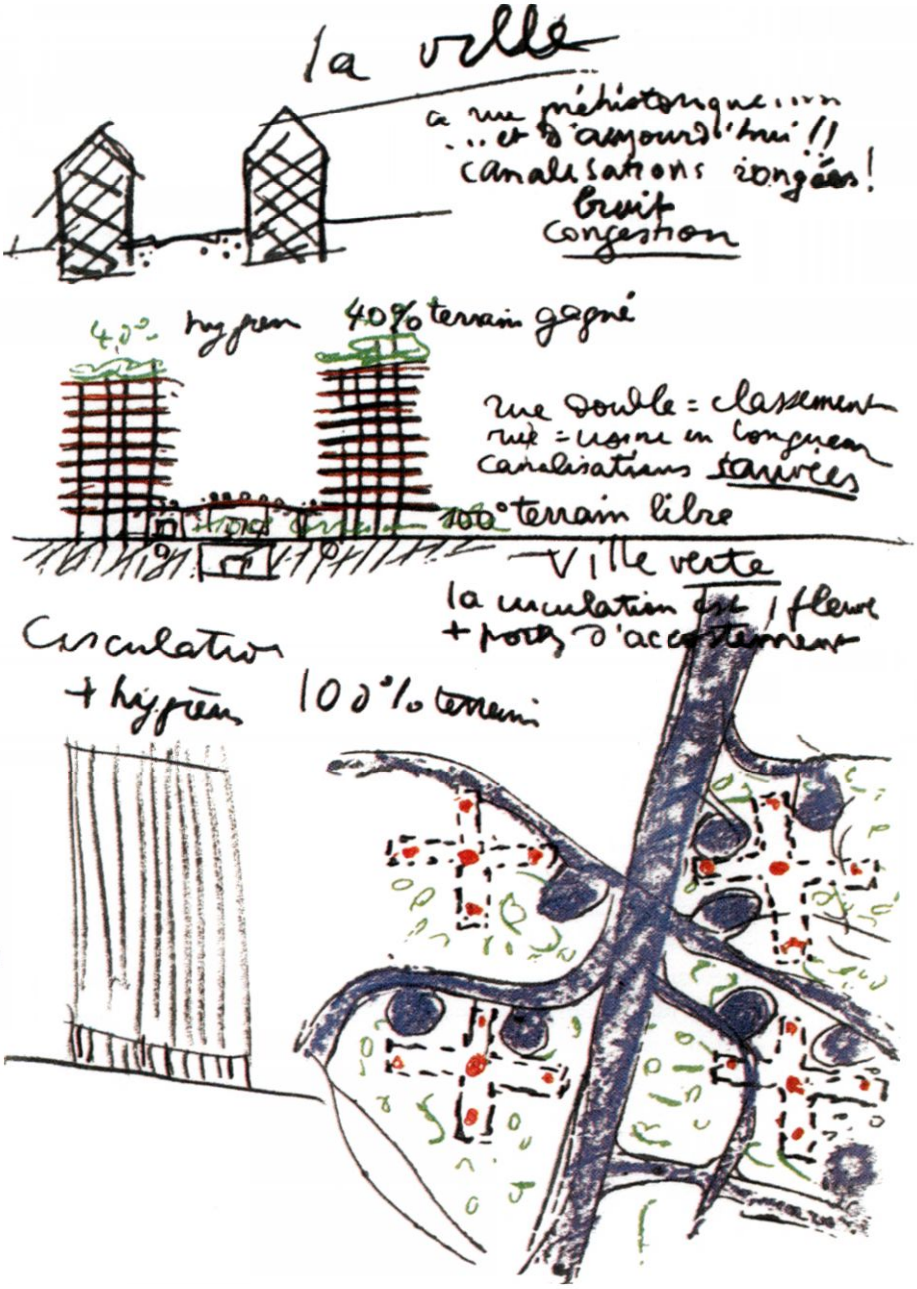
[33]



[34]



[35]


la ville
a rue préhistorique...
...et d'aujourd'hui !!
canalisations rongées !
bruit
congestion
40% hygiène
40% terrain gagné
rue double = classement
rue = usine en longueur
canalisations sauvées
100° terrain libre
Ville verte
la circulation est 1 fleuve
+ portes d'accostement
Circulation
+ hygiène
100% terrain

[36]

[37]

[38]

[39]

Prossigo no encaminhamento de minha idéia. Ela me conduz a realidades iminentes. Eis o corte de um navio intercalado entre os palácios da Concórdia, em Paris. **[40]**

Desenho o navio ao contrário. Melhor ainda, gosto de visitá-lo de alto a baixo. Existem de 2.000 a 2.500 pessoas neste navio. É uma grande casa. Ali não reina a menor confusão, mas uma disciplina perfeita. Nele se come, se dorme, se dança, se medita, se passeia. Todos nós que estamos em terra, sem exceção, sentimos uma admiração profunda pelo navio. *Estamos diante de um novo dimensionamento da casa.* **[41]**

Desenho o Secretariado do Palácio das Nações sobre pilotis. São pisos bem iluminados e circula-se bem neles. **[42]**

Desenho um arranha-céu americano. Estamos diante de um novo dimensionamento da casa. **[43]**

Assim sendo, temos de tomar decisões.

Falei-lhes em vedar hermeticamente todas as janelas. Ainda falaremos de muitas outras coisas, por exemplo, de organizar a vida doméstica moderna, arrancar o medonho e imbecil espinho que penetra em nossa carne todos os dias, o qual esvazia nossos bolsos, devora nosso tempo, nos torna tristes. Quero dizer que nossa jornada de descanso não é proporcional a nossa jornada de trabalho, imposta pela vida maquinista.

Nossas três bases repletas de técnica (resistência dos materiais: acabamos de chegar a uma etapa da nova estrada; física e química: vou revelar-lhes esperanças imediatas; sociológica: devemos encarar uma perturbação imensa, uma revolta iminente; econômica: devemos vencer a carestia) conduzem-nos, devido ao afluxo dos recursos e soluções que elas propõem, a uma decisão iminente, que marcará a transformação radical das empresas de construção. Esta mudança de dimensionamento significa o início dos *grands travaux*.
A casa, até aqui, tinha 10, 20 ou 30 metros de frente. Pertencia ao sr. X... A próxima casa terá 1, 2, 5 quilômetros de frente e se ela se anuncia tão grande é devido ao fato de que os problemas do urbanismo são decisivos e dramaticamente urgentes. Tornam-se necessários traçados que respondam às funções comuns. A velocidade é outra e é nova. Tudo se solucionará tranqüilamente, normalmente, quando as grandes obras tiverem início: a circulação, a vida doméstica livre, os preços baixos, a beleza e a harmonia espiritual.

Para imaginar estas próximas realidades, eis uma das respostas mais simples e também mais desconcertantes ao "como" e ao "por quê" a que já me referi.

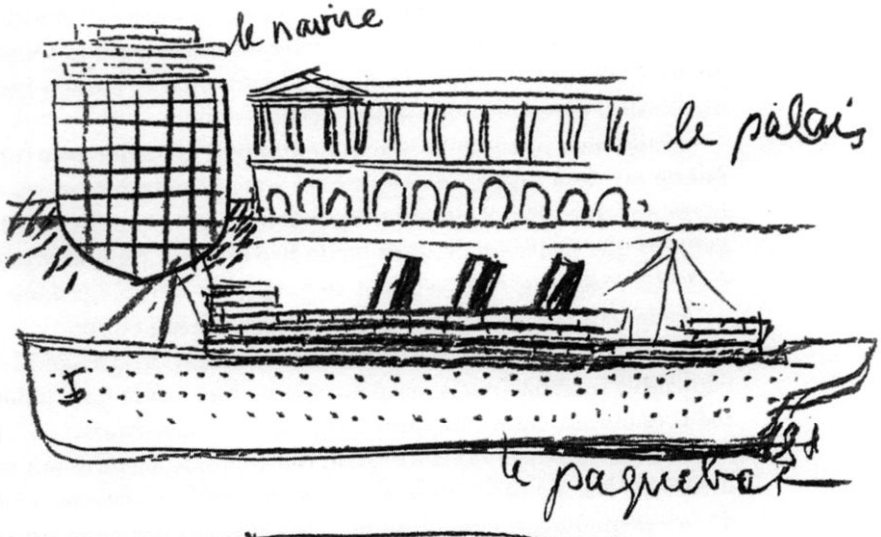
Uma casa: pisos iluminados.

Para quê? Para se viver nela.

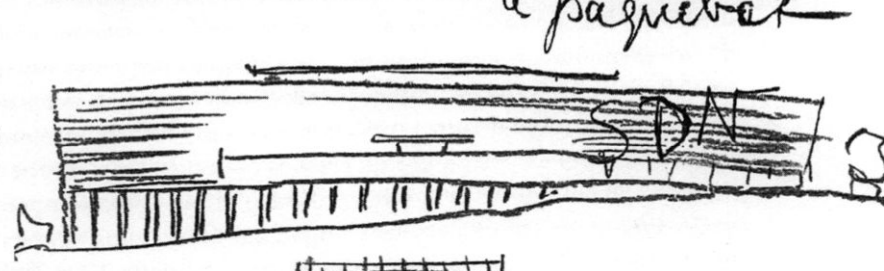
Qual é o fundamento da vida? *Respirar.*

Respirar o quê? Quente, frio, seco ou úmido?

[40]


le navire
le palais

[41]


le paquebot

[42]

SDN

[43]

le gratte ciel
la colline artificielle

Respirar ar puro, a uma temperatura constante e de umidificação regular.

Ora, as estações são quentes ou frias, secas ou úmidas. Os países são temperados, glaciais ou tropicais. Aqui, o "homem nu" (com o casaco de Londres) usava peles e lá, ele andava pelado.

Ainda uma precisão. A base fundamental do taylorismo (obra profundamente caridosa e não cruel) é manter a constância dos fatores que constituem um trabalho. A certeza proporcionada pela experiência é a de que os homens que padecem de calor ou de frio têm um rendimento inferior no trabalho e, se reagirem, estafam-se e esgotam-se rapidamente.

Cada país constrói suas casas em função de seu clima.

Neste momento em que ocorre uma interpenetração geral e técnicas científicas internacionais, proponho: uma única casa para todos os países e todos os climas, uma casa que ofereça *a respiração exata.*

Desenho pisos, corte transversal **[44]** e o mesmos pisos em corte longitudinal. **[45]** Instalo *uma aparelhagem de ar condicionado* (*air exact*). Trata-se de um pequeno empreendimento, instalado em pequenos espaços. Fabrico ar a 18 graus, de uma umidificação adequada às necessidades de cada estação do ano. Através de um ventilador, direciono este ar para envoltórios judiciosamente dispostos. Foram criados meios de fazer este ar fluir, anulando toda corrente de ar. O ar emana. Este regime a uma temperatura de 18 graus será nosso sistema arterial. Organizei um sistema venoso. Por meio de um segundo ventilador absorvo a mesma quantidade de ar. Estabelece-se um circuito. O ar respirado e expelido retorna à *aparelhagem de ar condicionado*. Lá, ele passa por banhos de potassa, onde perde seu carbono. Passa por um ozonificador, que o regenera. Chega às baterias que... o resfriam, se tiver sido muito aquecido nos pulmões dos moradores.

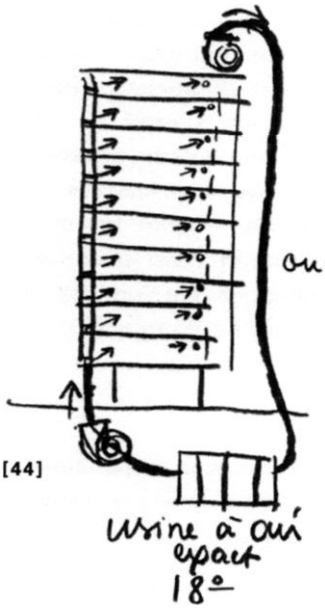
Não aqueço mais minhas casas e nem mesmo o ar. No entanto, um fluxo abundante de ar puro, a 18 graus de temperatura, circula regularmente, a uma razão de 80 litros por minuto e por pessoa.

Eis a segunda fase da operação:

Os senhores perguntarão: como é possível que o ar, que sai a 18 graus da *aparelhagem de ar condicionado*, conserve sua temperatura, dispersando-se nos ambientes, se fizer 40 graus de frio ou 40 graus de calor?

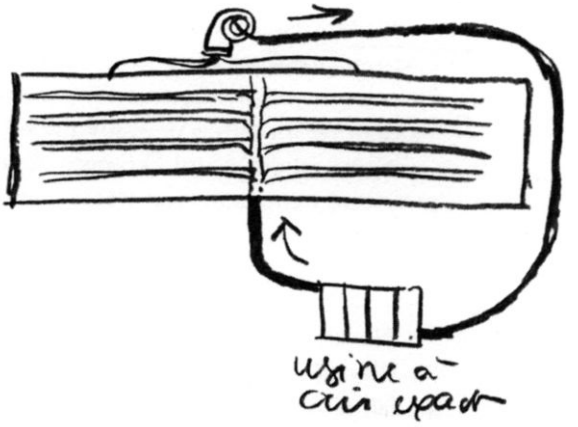
Resposta: são as "*paredes neutralizantes*" (nossa invenção) que impedirão que este ar, a 18 graus, sofra qualquer influência que seja. Já vimos que estas paredes neutralizantes são de vidro, pedra ou mistas. São formadas por uma dupla membrana e entre elas existe um vazio de alguns centímetros. No meu terceiro desenho está esse vazio que rodeia a casa sob os pilotis, nas fachadas e no teto-terraço. **[46]**

Foi instalada outra pequena aparelhagem térmica (caldeiras e frigoríficos). Dois ventiladores: um expele, o outro aspira. Um circuito.

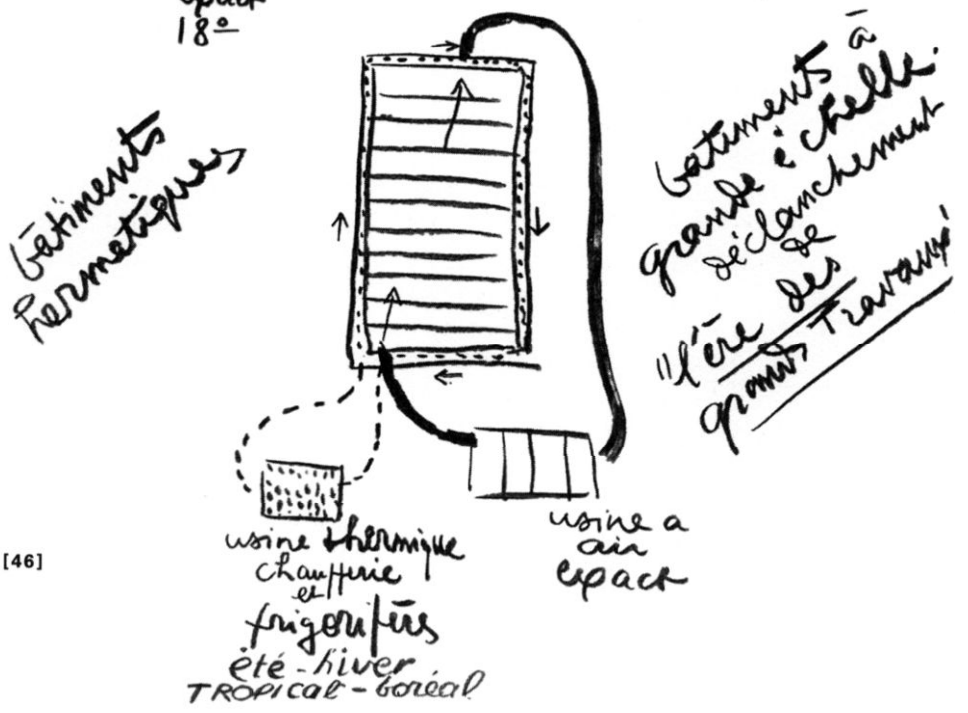

usine à air
epact
18°

[44]

ou:


usine à
air epact

[45]


Bâtiments
Perméatiques
usine thermique
Chaufferie
et
frigorifères
été - hiver
TROPICAL - boréal
usine a
air
epact
bâtiments à
grande échelle
déclanchement
de
l'ère des
grands Travaux

[46]

Neste estreito intervalo das membranas, impulsiona-se o ar muito quente, se estivermos em Moscou, e o ar glacial, se estivermos em Dacar. Resultado: regulou-se o ar de tal maneira que a parede interna, a membrana interior, conserva uma temperatura de 18 graus. Aí está!

A casa russa, parisiense, de Suez ou de Buenos Aires, o transatlântico de luxo que atravessa o Equador, serão hermeticamente fechados. No inverno, faz calor dentro deles, no verão a temperatura é amena. Isto quer dizer que, no interior, contamos permanentemente com 18 *graus de ar puro e exato.*

A casa é hermética! De agora em diante, nem o menor grão de poeira penetrará nela, nem as moscas e pernilongos. Nenhum ruído!

• • •

Eis, senhoras e senhores, o que as novas técnicas proporcionam.

Não lhes parece que meu carvão e meu giz colorido encerram uma poesia fabulosa: o lirismo dos tempos modernos?

TERCEIRA CONFERÊNCIA
Terça-feira, 8 de outubro de 1929
Faculdade de Ciências Exatas

ARQUITETURA EM TUDO
URBANISMO EM TUDO

Há, neste auditório, muitos estudantes de arquitetura.

Medirei minhas palavras com muita exatidão e escolherei elementos de discussão que sejam como pedras angulares da percepção arquitetônica. Outro dia seguimos o crescimento do organismo portante. Hoje trataremos do organismo plástico e, muito em breve, do organismo biológico.

O que vou dizer poderá abalar fortemente e para sempre jovens que flutuam em meio às hesitações próprias de sua idade. Certos conceitos, ouvidos há vinte anos, causaram em mim uma impressão indelével.

Que pena! Será que me censurarão pelo fato de vir a uma faculdade e, quem sabe, perturbar profundamente alguns jovens?

Vamos precisar o tema desta conferência. Prometi que, após as idéias gerais da primeira conferência, eu me tornaria impiedosamente objetivo. O objeto desta objetividade não é exclusivamente mecânico, prático ou utilitário. Trago a arquitetura no meu coração e ela se coloca no plano mais intenso de minha sensibilidade. No final das contas, acredito apenas na beleza, que é a verdadeira fonte da alegria.

A arte, produto da equação "*razão-paixão*" é, para mim, o lugar da felicidade humana.

Mas o que é a arte? Afirmo que o artifício nos rodeia, nos aprisiona. Não posso tolerar o artifício. Ele oculta a tolice, a preguiça e o espírito de lucro.

• • •

Desenho coisas conhecidas por todos: esta janela Renascença flanqueada por duas pilastras e uma arquitrave, sobre a qual eleva-se um frontão vazado; este templo grego; este entablamento dórico; este aqui é jônico e o outro, coríntio. E, em seguida, esta "composição" que, conforme vêem, é "compósita" e comum, desde há muito, a todos os países e serve para todos os usos. **[47]**

Pego um giz vermelho e traço uma grande cruz sobre elas! Elimino estas coisas de meus instrumentos de trabalho. Não me sirvo delas, elas não atulham minha mesa de trabalho.

Escrevo com firmeza: "*Isto não é arquitetura, são estilos*".

Para que ninguém faça mau uso de minhas afirmações, para que não me façam dizer aquilo que não penso, escrevo ainda:

"*vivos e magníficos em sua origem,*
hoje não passam de cadáveres"
ou de mulheres de cera!

• • •

A arquitetura é um ato de vontade consciente.

Arquitetar "*é colocar em ordem*".

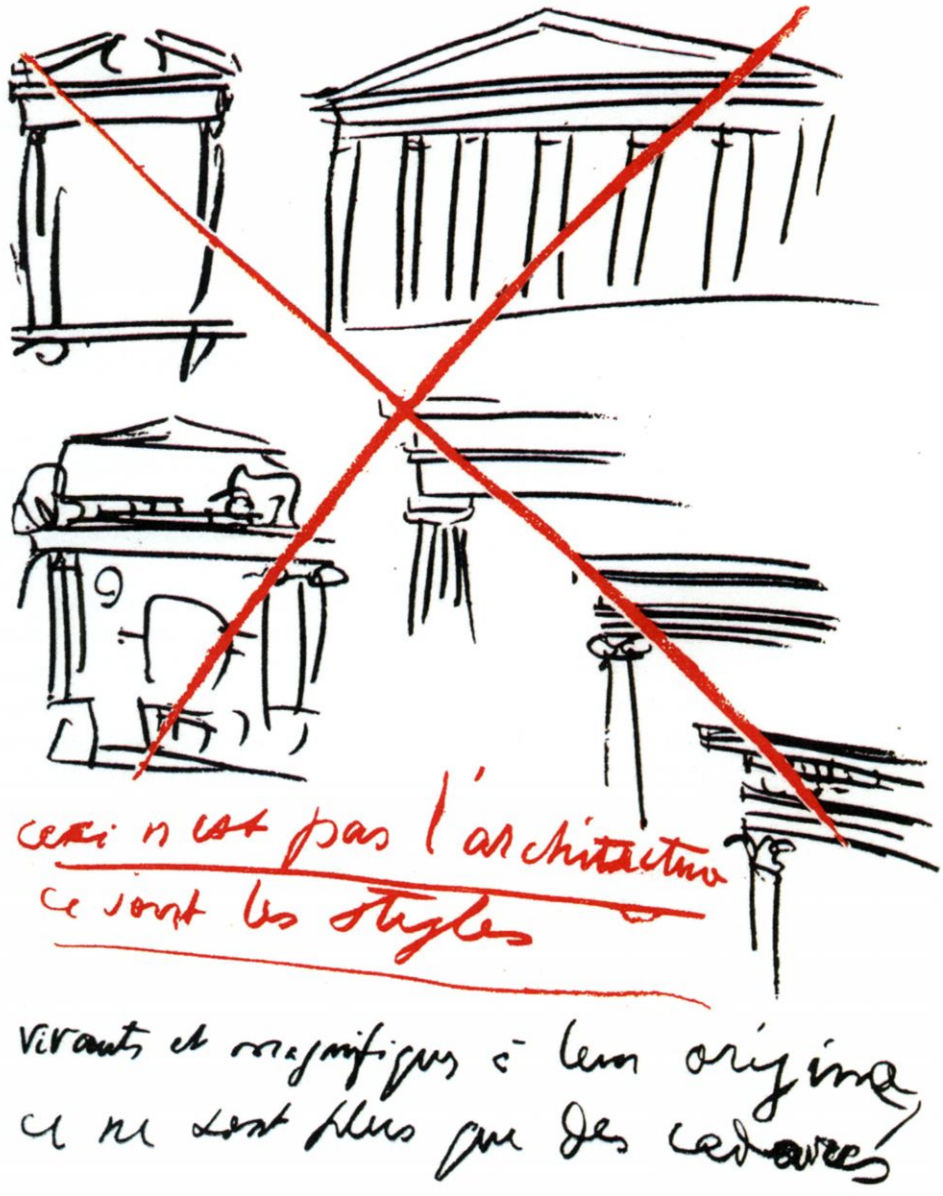
Pôr em ordem o quê? Funções e objetos. Ocupar o espaço com edifícios e estradas. Criar receptáculos para abrigar os homens e criar comunicações úteis para chegar até eles. Agir sobre nossos espíritos mediante a habilidade das soluções, sobre nossos sentidos por meio das formas propostas a nossos olhos e das distâncias impostas a nossa caminhada. Comover, por meio do jogo das percepções a que somos sensíveis e das quais não podemos nos desvencilhar. Espaços, distâncias e formas, espaços interiores e formas interiores, caminhadas interiores e formas exteriores, espaços exteriores — quantidades, pesos, distâncias, atmosfera, é com isto que agimos. São estes os acontecimentos que estão em causa.

A partir disto confundo solidariamente, num único conceito, arquitetura e urbanismo. Arquitetura em tudo, urbanismo em tudo.

• • •

Este ato de vontade se evidencia na criação das cidades. E, sobretudo na América, onde foi tomada a decisão de *vir* e, tendo vindo, a de *agir*, as cidades foram criadas geometricamente, porque a geometria é própria do homem. **[48]**

Vou mostrar como surgiu a sensação arquitetônica: em reação às coisas geométricas.


ceci n'est pas l'architecture
ce sont les styles
vivants et magnifiques à leur origine
et ne sont plus que des cadavres

[47]

Desenho um prisma alongado, **[49]**

este outro, cúbico, **[50]**

Afirmo que aí está o definitivo, o fundamental da sensação arquitetônica. Ocorreu um choque. Ao situar este prima no espaço, com suas proporções, os senhores disseram: "*eis como eu sou*".

Isto é sentido com maior nitidez caso o prisma cúbico se adelgace e se projete para o alto ou se o prisma alongado se achate e se espalhe. Estamos diante de *caracteres*, criamos caracteres. **[51]**

O que quer que se acrescente à obra, em termos de sutilezas ou solidez, de tormentos ou de clareza, tudo já está determinado e a primeira sensação que essa obra provocou não mais será modificada.

Reconheçam que vale a pena assumir uma verdade que tanto se impõe. Antes que nosso lápis trace... qualquer coisa que possamos admirar nos estilos de todas as épocas, repitamos: "*Determinei minha obra*". Verifiquemos, meditemos, apreciemos, precisemos, antes de ir mais longe.

Eis como a sensação arquitetônica continua a agir incisivamente sobre nosso espírito e nosso coração:

Desenho uma porta, uma janela, mais uma janela. **[52]**

O que aconteceu? Eu devia abrir portas e janelas, era meu dever, meu problema prático, mas arquitetonicamente, o que ocorreu? Criamos lugares geométricos, estruturamos os termos de uma equação. Pois então prestem atenção! E se nossa equação fosse falsa, insolúvel? Com isto quero dizer o seguinte: e se tivéssemos colocado tão mal nossas portas e janelas que nada de *verdadeiro*, de matematicamente verdadeiro, existisse entre estas aberturas e as diversas superfícies das paredes, assim determinadas entre as aberturas?

Pensem no Capitólio de Michelangelo, em Roma. **[53]** Primeira sensação cúbica e logo após uma segunda: os dois pavilhões laterais, o centro e a escadaria. Apreciem o fato de que *reina uma harmonia entre esses diversos elementos*. Harmonia, isto é, parentesco — uma *unidade*. Não se trata de uniformidade, ao contrário, trata-se de contraste. É uma unidade matemática e é isto que faz do Capitólio uma obra-prima.

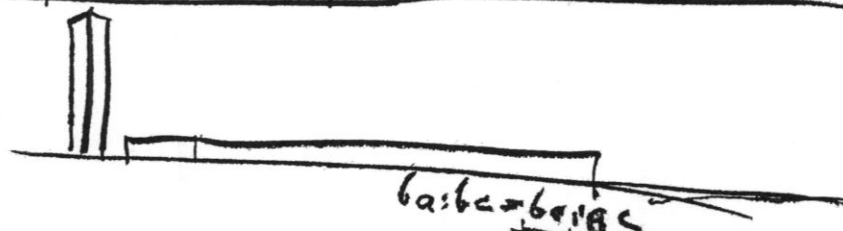
Empenhei-me, com verdadeira paixão, em lidar com estes elementos fundamentais da sensação arquitetônica. Pensem na épura que confere precisão às proporções da vila de Garches. **[54]** A *invenção das proporções*, a escolha dos cheios e dos vazios, a fixação da altura em relação a uma largura imposta pelas limitações do terreno, têm a ver com a própria criação lírica. *Tal é a obra resultante de um profundo estoque de conhecimentos adquiridos, de experiências e de potência criadora individual.* Logo, entretanto, o espírito, curioso e ávido, procura decifrar no âmago deste produto bruto no qual o destino da obra já está definitivamente inscrito. Eis o resultado de sua leitura e das retificações que dela decorrem: uma ordenação matemática

[48]

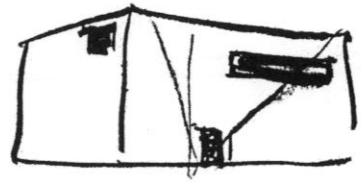
[49]

[50]

[51]

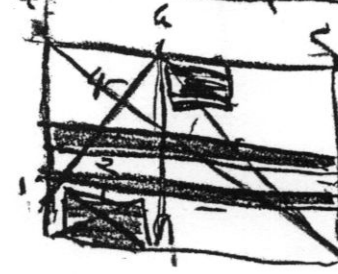


[52]

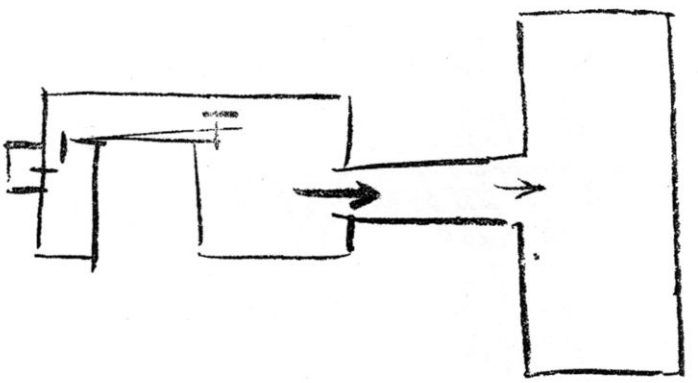


[53]

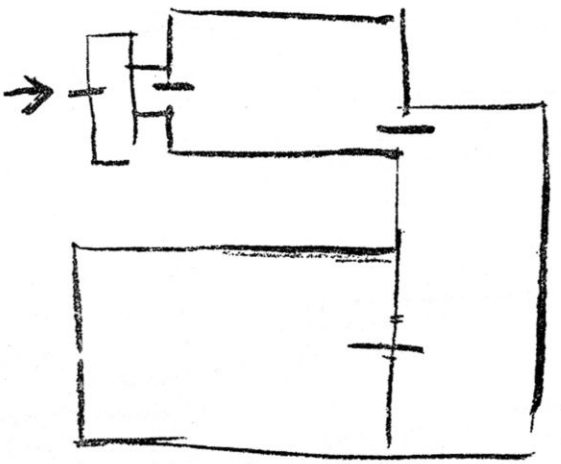
[54]



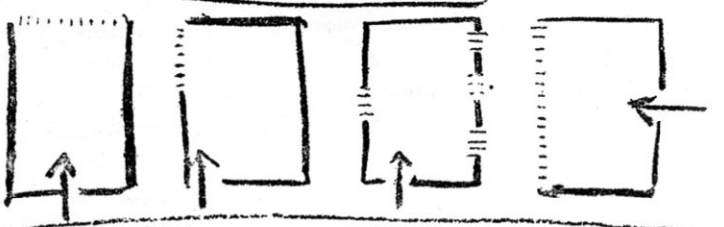
[55]



[56]



[57]



[58]

(aritmética ou geométrica), baseada na "Seção Áurea", no jogo das diagonais perpendiculares, nas relações de ordem aritmética, 1, 2, 4, entre as faixas horizontais etc. Assim esta fachada harmonizou-se em todas suas partes. A precisão criou algo definitivo, agudo, verdadeiro, imutável, permanente, que é o *instante arquitetônico*. Este instante arquitetônico comanda nossos olhares, atua como um mestre sobre nossos espíritos, domina, impõe, subjuga. Esta é a argumentação do arquiteto. Para se impor à atenção, para ocupar vigorosamente o espaço, seria necessário, antes de tudo, uma primeira superfície de forma perfeita, em seguida uma exaltação da platitude desta superfície, devida à contribuição de algumas saliências ou buracos que ocasionam um movimento direcionado para a frente e para trás. Depois, ao se recortar as janelas (as aberturas das janelas são elementos essenciais da leitura de uma obra arquitetônica), desencadeia-se um jogo importante de superfícies secundárias, que introduzem os ritmos, as distâncias e os tempos da arquitetura.

Ritmos, distâncias, tempos da arquitetura, fora da casa e dentro da casa.

Uma questão de lealdade profissional nos obriga a dedicar toda a nossa solicitude ao interior da casa. Entramos nela. Recebemos um choque e é a primeira sensação. Ficamos impressionados com o tamanho de um cômodo que se segue a outro, com a forma de um cômodo que se segue a outro. Arquitetura é isto!

De acordo com a maneira como se entra num cômodo, isto é, de acordo com a situação da porta na parede do cômodo, a comoção será diferente. Arquitetura é isto!

Mas como recebemos a comoção arquitetônica? Pelo efeito das relações que percebemos. O que propicia tais relações? As coisas, as superfícies que vemos. Nós as vemos porque são *iluminadas* e, ainda mais, a luz do sol age sobre o animal humano com uma eficácia enraizada no próprio âmago da espécie. **[56]**

Meçam então a importância capital do lugar onde abrirão uma janela. Vigiem o modo pelo qual esta luz é recebida pelas paredes do cômodo. **[57]** Na verdade, desenrola-se aqui uma grande partida arquitetônica, aqui adquirem apoio as impressões arquitetônicas decisivas. Observem que já não se trata mais de estilos ou decoração. Evoquem aqueles dias do início da primavera, quando o céu está carregado de nuvens trazidas pelas tormentas. Você está em sua casa, uma nuvem esconde o sol. Como você fica triste! O vento expulsou a nuvem, o sol penetra pela janela. Como você fica contente! Novas nuvens mergulharam-no novamente na penumbra. Como você pensa apaixonadamente no verão que virá e que lhe dará luz o tempo todo!

Luz sobre formas, intensidade luminosa específica, volumes sucessivos, atuam sobre nosso ser sensível, provocam sensações físicas, fisiológicas, que

os sábios registraram, descreveram, classificaram, especificaram. Esta horizontal ou esta vertical, esta linha com dentes de serra, brutalmente quebrada, ou esta ondulação preguiçosa, esta forma fechada e cêntrica do círculo ou do quadrado, atuam profundamente sobre nós, qualificam nossas criações e determinam nossas sensações. Ritmo, **[58]** diversidade ou monotonia, coerência ou incoerência, surpresa encantadora ou decepcionante, o alegre gozo da luz ou o frio da escuridão, quietude do quarto iluminado ou angústia do quarto repleto de zonas sombrias, entusiasmo ou depressão, aí está o resultado destas coisas que acabo de desenhar, que afetam nossa sensibilidade por meio de uma seqüência de impressões das quais não podemos escapar.

Gostaria muito de fazer com que vocês apreciassem a todo-poderosa eloqüência das linhas para que, de agora em diante, sentissem o espírito livre dos pequenos acontecimentos decorativos e, sobretudo, para que estabelecessem, na composição de seus futuros projetos arquitetônicos, a verdadeira cronologia, a *hierarquia* que faz com que prevaleça o essencial. Gostaria que aferissem que este essencial arquitetônico está na qualidade de suas escolhas, na força de seus espíritos e não nos materiais suntuosos, nos mármores e nas madeiras raras, nem nos ornatos cujo papel só existe como último recurso, quando tudo está dito, isto é, quando estes ornatos não servem para muita coisa.

Queria levá-los a sentir uma coisa sublime, por meio da qual o homem, ao longo dos apogeus, manifestou sua maestria. Denomino-a "*o lugar de todas as medidas*". Ei-la:

Estou na Bretanha; esta linha pura é o limite do oceano sob o céu. Um vasto plano horizontal se estende na minha direção. **[59]** Aprecio este repouso magistral, como uma volúpia. Aqui estão, à minha direita, alguns rochedos. A sinuosidade das praias cobertas de areia me encanta, como uma modulação muito suave no plano horizontal. Eu caminho. Detenho-me subitamente. Entre o horizonte e meus olhos dá-se um acontecimento sensacional: uma rocha vertical, uma pedra de granito está de pé, como um menir. Sua vertical forma um ângulo reto com o horizonte do mar. Cristalização, fixação do lugar. Aqui é o lugar onde o homem se detém, pois nele existe sinfonia total, magnificência de relações, nobreza. O vertical fixa o sentido do horizontal. Um vive por causa do outro. Aqui estão as potências da síntese.

Reflito. Por que estou comovido a este ponto? Por que esta emoção não foi provocada em minha vida, em outras circunstâncias e sob outras formas?

Evoco o Partenon, seu entablamento sublime que é de um poder esmagador. **[60]** Penso por contraste, por comparação, naquelas obras repletas de sensibilidade, mas como que abortadas, não plenamente realizadas: a Torre da Manteiga, em Rouen, **[61]** as abóbadas flamejantes nas quais tanto gênio

[59]

[60]

[61-62]

[63]

foi gasto sem que se chegasse ao brilho, à magnificência das trompas de bronze do Partenon, na Acrópole. **[62]**

Então desenho com apenas dois traços este "*lugar de todas as medidas*" e, tendo comparado em meu espírito inúmeras obras humanas, digo: "Aí está, basta".

Quanta pobreza, quanta miséria, que limites sublimes! Tudo ali se encerra, a chave dos poemas da arquitetura. Comprimento, altura. E é suficiente. **[63]**

Será que me fiz entender?

Comprimento, altura! Parto em busca de verdades arquitetônicas mais amplas. Percebo que a obra que construímos não é nem só nem isolada; que a atmosfera em torno dela constitui outras paredes, outros solos, outros tetos, que a harmonia que me fez parar diante daquele rochedo na Bretanha existe, pode existir em todos os lugares, sempre. O que está fora me encerra em seu todo, que é como um aposento. A harmonia busca suas fontes longe, em todos os lugares, em tudo. Como estamos distantes dos "estilos" e do bonito desenho no papel!

Agora verão a mesma casa, este mesmo prisma retangular simples:

Estamos numa planície rasa. Notam como o lugar se compõe comigo? **[64]**

Estamos nas colinas arborizadas da Touraine. A mesma casa agora é outra? **[65]**

Aqui está ela, em alerta diante dos perfis selvagens dos Alpes! **[66]**

Como nossos corações sensíveis perceberam tesouros, diversos a cada momento!

Estas realidades imanentes geram a atmosfera arquitetônica e ei-las sempre presentes para aquele que sabe ver e que quererá extrair delas o benefício fecundo.

Esta mesma casa — prisma retangular — ei-la diante do cruzamento de duas ruas, suportando a pressão exercida por duas construções que a rodeiam. **[67]**

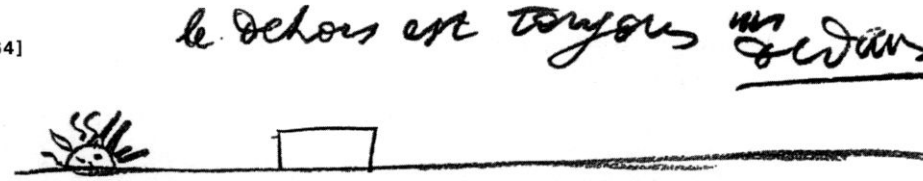
Aqui está ela no final de uma alameda de choupos, numa atitude revestida de um pouco de solenidade. **[68]**

Aqui está ela no final de uma estrada nua, margeada por um arvoredo, à direita e à esquerda. **[69]**

E, finalmente, aqui está a casa, inesperada, à queima-roupa, vertical, na saída de uma rua. Um homem passa na frente dela. Seus gestos se recortam numa leitura clara, como os de um ator no palco, intimamente ligados à "escala humana" que gera sua fachada. **[70]**

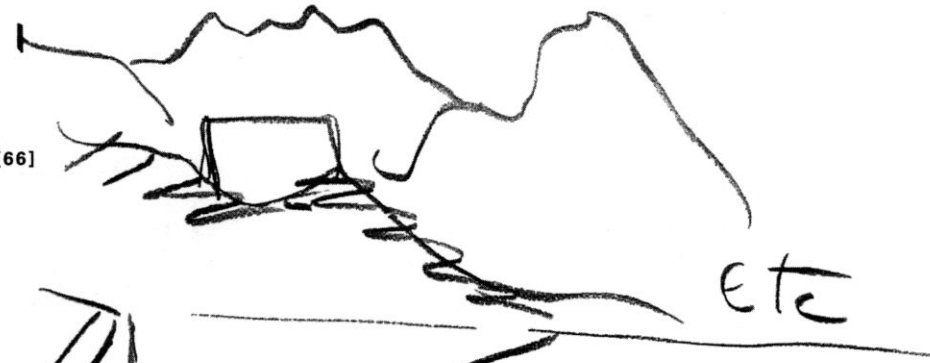
• • •

[64]

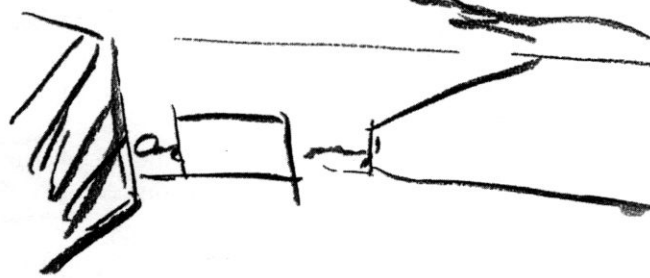


[65]

[66]

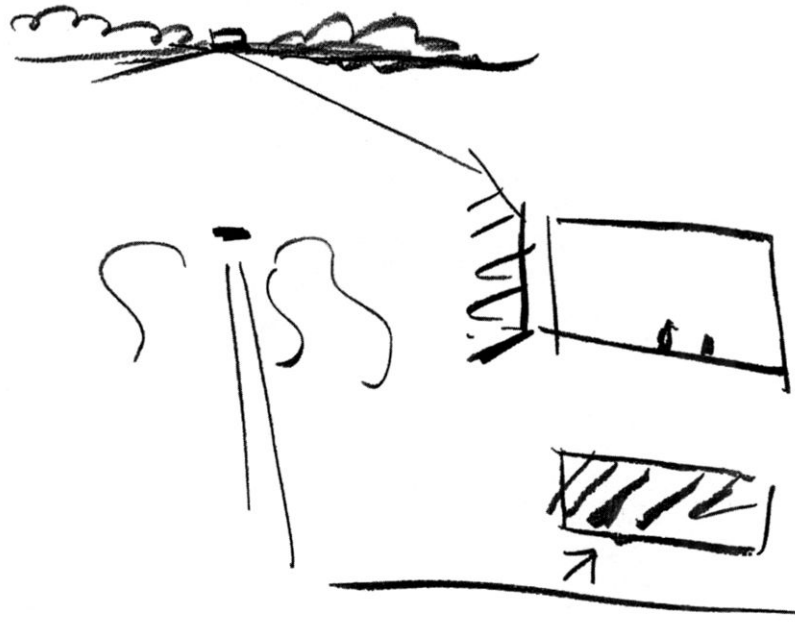


[67]



[68]

[69]



[70]

Tendo partido *em busca da arquitetura*, chegamos ao domínio do simples. É preciso repetir incansavelmente: a grande arte é feita com meios simples.

A história mostra-nos a tendência do espírito à simplicidade. O simples é o efeito do julgamento, da escolha, é o sinal da maestria. Livrando-nos das complexidades, inventaremos meios que manifestarão o estado de consciência. Um sistema espiritual só se manifestará através do jogo evidente das formas. Será como uma *afirmação*. Caminhada que leva da confusão à clareza da geometria. Na aurora dos tempos modernos, quando após a Idade Média os povos estabilizam suas formas sociais ou políticas, uma serenidade suficiente aguça um forte apetite de clareza espiritual. A grande cornija da Renascença empenha-se em deter estritamente, no recorte do céu, o jogo das proporções que se apóia no chão; **[71]** repudiou-se o equívoco oblíquo do teto. **[72]** Sob os Luíses e Napoleão revela-se a vontade, cada vez mais forte, de tornar evidente "o lugar das relações". **[73]**

É a época clássica, que confia em seu epicurismo intelectual; dedicada ao despojamento dos signos exteriores da arquitetura, ela distanciou-se da expedita lealdade gótica. A planta e o corte depravaram-se, o impasse se aproximava. Chegamos lá: o academismo.

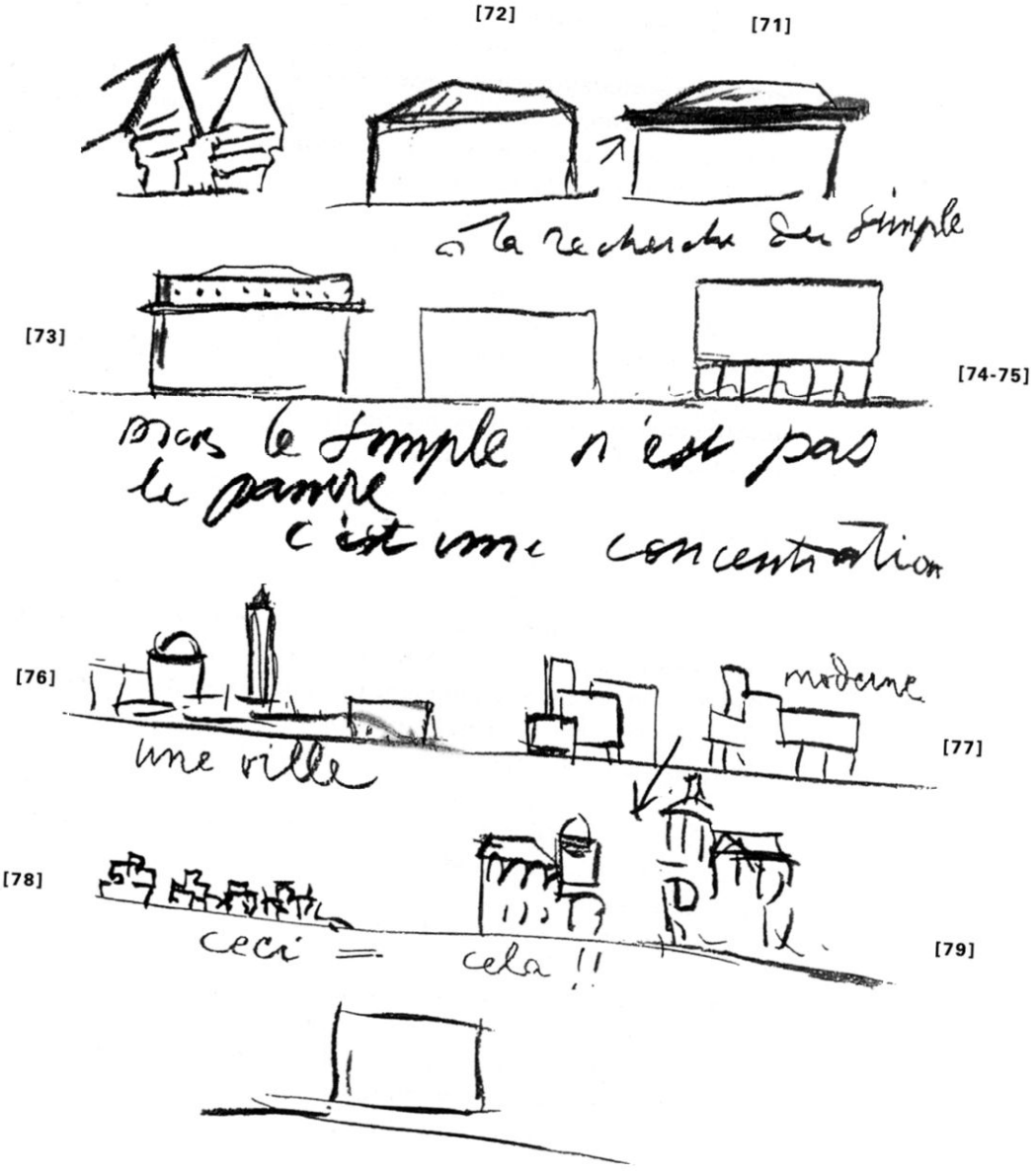
O concreto nos traz o teto-terraço **[74]** com o escoamento das águas pluviais para dentro (e muitas outras revoluções construtivas). Não se pode mais desenhar verdadeiramente uma cornija. É uma entidade arquitetônica que deixou de viver. A função da cornija não existe mais. Chegou-nos, porém, a linha aguda e pura do alto da fachada, recortada contra o azul do céu.

Eis, enfim, o órgão útil de que o plasticista se apodera: o piloti. Meio maravilhoso de sustentar no ar, na vista total de seus quatro contornos, o "*lugar das relações*", o "*lugar de todas as medidas*", este prisma no ar, legível e mensurável como jamais foi. É o benefício proporcionado pelo concreto armado ou pelo ferro. **[75]**

Assim, o simples não é o pobre, o simples é uma escolha, uma discriminação, uma cristalização, que tem por objeto a própria pureza. O simples é uma concentração.

Já não se trata mais de uma forma que é um aglomerado hirsuto de cubos, fenômeno não controlado, mas sintético, ato de plena consciência, fenômeno de espiritualidade.

Ainda uma palavra, com a intenção de disciplinar impulsos muitas vezes repletos de imaginação mas que, de fato, não passam de coices descontrolados de um potro: desenho o aspecto de uma bela cidade de nossas viagens de estudo; **[76]** aqui está a cúpula, a torre sineira ou o campanário, eis o palácio quadrado da podestade. Exprimi uma *silhueta da cidade*. Que falta de medidas e que ignorância das conseqüências nos levaria a traçar (como a moda que se alastra) a silhueta da casa do mesmo modo que se traça a


[72]
[71]
la recherche du simple
[73]
[74-75]
mais le simple n'est pas
le pauvre
c'est une concentration
[76]
moderne
une ville
[77]
[78]
ceci = cela !!
[79]

silhueta da cidade? Se multiplico, na rua ou na cidade, as casas assim maltratadas, o efeito será desastroso: o tumulto, o desarranjo, a cacofonia. **[78]** Qual é então a diferença entre os efeitos de tantas e tão boas intenções indisciplinadas e os aspectos das ruas, de que Buenos Aires está repleta, a exemplo das cidades da Europa, bazares atrozes de banalidade, preguiça e pretensões acadêmicas? **[79]**

• • •

Reservemos esta indispensável diversidade a nosso intelecto para o momento em que se aparelhará a sinfonia da cidade. Os imensos problemas contemporâneos do urbanismo e da arquitetura proporcionarão à cidade, em comprimento e altura, os elementos de uma nova escala. A unidade estará no detalhe e o clamor, no conjunto.

• • •

Fiz o espaço intervir em torno da casa; contei com a extensão e com aquilo que se eleva a partir dela: distância, tempo, duração, volumes, cadência, quantidades: urbanismo e arquitetura.

Urbanismo em tudo. Arquitetura em tudo. Razão, paixão, cuja síntese nos propicia uma obra inspirada.

A razão busca os meios.

A paixão nos conduz em direção a um caminho.

Do plano da máquina de morar — cidade e casa — a obra arquitetônica passa ao plano da sensibilidade.

Ficamos tocados.

Permitam-me concluir citando a primeira frase de meu último livro, *Uma casa, um palácio*:

"Pois a arquitetura é um fenômeno inegável que surge em determinado instante da criação no qual o espírito, preocupado em assegurar a solidez da obra, em apaziguar as exigências do conforto, acha-se animado por uma intenção mais elevada do que simplesmente a de servir, e tende a manifestar as forças líricas que nos animam e nos proporcionam a alegria".

QUARTA CONFERÊNCIA
Quinta-feira, 10 de outubro de 1929
Faculdade de Ciências Exatas

UMA CÉLULA NA ESCALA HUMANA

O problema que assume um caráter de urgência, em todos os países, é o da construção de casas necessárias ao alojamento das multidões que o fenômeno maquinista concentrou nas grandes cidades. A descrição é inútil. Os fatos aí estão. Colocou-se o problema da quantidade. Além do mais, impõe-se uma rigorosa economia e sabemos o motivo.

Ora, apenas a arquitetura está à margem dos métodos do maquinismo. Explicação: o ensino nas escolas é ditado pelas Academias. Estas cultivam o passado. O governo e os diplomas que ele expede impuseram oficialmente um conceito de arquitetura, desesperadamente ultrapassado, a uma opinião entregue, até nova ordem, a outras preocupações que não a de verificar quais são os credos que vigoram no momento. A opinião aceita ou, pelo menos, tolera. Os profissionais constroem; uma multiplicidade de praticantes de determinados ofícios vive disso; suas câmaras de comércio constituem uma massa de pressão sobre os parlamentos e os ministros. Os ministros, apoiados em Institutos (a autoridade sagrada), encaminham as grandes encomendam oficiais que — os senhores não vão se espantar, não é mesmo? — fixam a quota, a norma, o dogma da arquitetura nas subprefeituras e prefeituras, nas escolas, em toda parte. O círculo vicioso fecha-se hermeticamente. Buda contempla seu umbigo.

Ah, mas perdão, as populações não estão alojadas!, pois com tal dogma arquitetônico e tais hábitos, *não se pode construir casas a um custo compatível com a economia geral do país.* Quanto a este ponto, também é inútil insistir.

A economia geral replica aos Institutos: "Não, não disponho de fundos secretos e suntuários para os senhores!".

Estamos num beco sem saída e é preciso safar-se dele. Caso contrário, é a revolução.

Do mesmo modo, fazer a revolução arquitetônica!

• • •

Trata-se, na verdade, de alojar os homens. Em princípio, famílias. Alojar alguém é garantir-lhe certos elementos de importância vital, sem ligações com o sr. Vignola da Renascença, com os gregos ou os normandos da Normandia. É assegurar:

pisos iluminados,

um abrigo contra os intrusos: as pessoas, o frio, o calor etc.

circulação mais rápida entre os diversos cômodos do apartamento,

adaptado ao século atual, uma escolha dos objetos da casa.

Estes diversos elementos constituem um organismo material que batizei, em 1921 (*Esprit Nouveau*): "*Máquina de morar*". Palavra cuja fortuna foi rápida e devido a ela atacam-me hoje, dos dois lados da barricada: os *acadêmicos* (que horror, meu caro colega, que horror e que abominação), naturalmente. E (isto já não é tão natural, pois acho a acusação singularmente falseada em sua base) as vanguardas (este homem, soçobrando no lirismo, traiu a máquina de morar). Mas vamos adiante, pois isto não tem importância.

Se a expressão provocou furor é porque contém o termo "máquina", que representa evidentemente para todos os espíritos a noção de funcionamento, rendimento, trabalho, produto. E o termo "morar" representando precisamente as noções de ética, status, organização da existência, sobre os quais reina o mais total desacordo.

No mundo, nas diversas camadas sociais, não estamos de acordo sobre um fato de ordem mental da mais absoluta importância: *a razão de viver.*

Como abordar este tema durante os minutos contados de uma conferência? É impossível. Constitui, no entanto, o mais belo dos temas. Todavia, nas numerosas encruzilhadas de minhas conferências anteriores (e assim será em relação às próximas) abordo este tema. Quando minhas dez conferências chegarem ao fim, os senhores totalizarão e encontrarão meu pensamento.

Para hoje, em busca sistemática de uma célula na escala humana, analisarei alguns casos e desta análise resultará uma diretiva.

Inicialmente, farei algumas observações sobre a vida a bordo de um navio: durante quinze dias, de Bordéus a Buenos Aires, fiquei cortado do resto do mundo, de meu barbeiro, minha lavadeira, meu padeiro, meu merceeiro e meu açougueiro. Abri minhas malas, instalei-me em minha casa, estou na pele de um cavalheiro que alugou uma casinha.

Aqui está meu leito, semelhante a um divã de grande categoria. Dormirei nele, nele farei um pouco de sesta, ao passar pelos Trópicos. Há um segundo leito, mas estou sozinho. Aqui está o armário com espelho (móvel tão canônico na vida dos povos quanto o sr. Vignola na vida das Academias. Ele também é anacrônico. Neste caso, porém, o fabricante do bairro teve de se ater às dimensões limites, pois estamos sobre a água... e o terreno é caro!). Este armário poderia ser infinitamente melhor resolvido; ele é, no entanto, muito útil. Diante dele, entre os dois leitos, a secretária (ou penteadeira, como quiserem), com três gavetas bem preciosas; um tapete felpudo, agradável aos pés descalços (muito agradáveis, os pés descalços!). Abro uma pequena porta: um vasto lavabo, um armarinho para a roupa usada, gavetas para os artigos de toalete, espelhos, inúmeros ganchos, luz elétrica em profusão.

Abro uma segunda porta: uma banheira, um bidê, um vaso sanitário, um chuveiro, o chão com escoamento direto da água.

Disponho de um telefone, ao alcance da cama ou da secretária.

É tudo. Dimensões: 3 metros por 3 metros e 10 centímetros (para o quarto). Para o conjunto: 5,25 x 3 m = 15,75 m². Não nos esqueçamos destas medidas.

Trata-se aqui de camarotes denominados "de luxo", nos quais viajam com todo conforto importantes cavalheiros.

Um homem é feliz, realiza todas as funções da vida doméstica, dorme, lava-se, escreve, lê, recebe seus amigos em 15 metros quadrados.

Os senhores vão interromper-me e dirão: Ora! E as refeições? A cozinha? E a cozinheira, o camareiro, a arrumadeira?". Eu já esperava por isto e é precisamente até aí que queria conduzi-los.

As refeições? Não me preocupo com elas. O encarregado do restaurante as manda preparar, dispõe de geladeiras, cozinhas, máquinas de cozinhar, lavar etc. e de um exército de empregados. No navio somos de 1.500 a 2.000 pessoas. Se na cozinha trabalham 50 pessoas, os cuidados com minha pessoa ocupam 50/2000 = *um quadragésimo do cozinheiro.* Senhoras e senhores, ocupo um quadragésimo de cozinheiro. Sou o homem que descobriu o truque para ter a seu serviço apenas um quadragésimo de cozinheiro! Oh, crise dos empregados domésticos, como você se suaviza! Perdão, ainda não acabei: *não me preocupo com meu cozinheiro, ele não me causa o menor aborrecimento, não lhe dou ordens nem dinheiro para ir ao mercado.* Caso os senhores concordem, convidarei a todos para jantar, após a conferência, e poderão comer caviar de Moscou, *puchero* argentino ou frango à moda de Bresse, beber cerveja de Munique ou abrir uma garrafa de champanhe Veuve Cliquot! Isto não me atrapalhará de modo algum.

De manhã meu camareiro, extraordinariamente bem educado e obsequioso, desperta-me. Abre as persianas e a janela. Serve meu chocolate e,

em seguida, escrevo ou leio. Vou dar um pequeno passeio. Quando volto meu camareiro arrumou a cama, limpou o lavabo e o banheiro. À tarde traz-me chá e o jornal de bordo com as últimas novidades. Discretamente, às dezenove horas, ele preparou meu smoking e quando volto, mais tarde, o leito está preparado, o abajur está aceso. Meu Deus, como a vida transcorre docemente!

Meu camareiro cuida também de mais vinte passageiros.

Tenho, portanto, à minha disposição, *um vigésimo de camareiro.* Como o custo de vida diminui! Nessas condições temos realmente a possibilidade de pagar empregados domésticos. Até agora usei apenas um quadragésimo de cozinheiro e um vigésimo de camareiro. Total: três quadragésimos de domésticos! Como o custo de vida diminui, repito e torno a repetir! Repito tanto que acabo refletindo sobre a questão e entrevejo a cúpula branca e arredondada do ovo de Cristóvão Colombo.

Prossigamos com as descobertas. "Jean, cá está minha roupa suja, mande lavá-la para depois de amanhã, mas quero que passem minha calça enquanto vou ao barbeiro."

Etc., etc. Vou poupá-los e não entrarei em maiores detalhes, mas possuo cifras.

Passageiro mimado com os privilégios que a Companhia me dispensa e catalogado na categoria "luxo", ocupo 15 metros quadrados. Emprego três quadragésimos de domésticos. Não tenho a menor preocupação. Não quero saber se Jean fuma cigarros, lê romances ou sente vontade de ir ao cinema. Às duas da madrugada chamo Jean pelo telefone. "Jean está dormindo, enviarei alguém." Paul chega. "Paul, faça-me a gentileza de..."

Dispomos de frigoríficos, cozinhas, refrigeradores, aquecimento central. Temos água quente em profusão e também água fria. Tenho água gelada na garrafa térmica. Há um refeitório suntuoso, onde é preciso comparecer em trajes de gala. Como isto me entedia, a maior parte do tempo eu como no pequeno refeitório freqüentado por passageiros menos sofisticados. Contamos com muitos mordomos, garçons e copeiros que nos mimam como se fôssemos uma noivinha recém-casada. Há uma lavanderia, salas onde passam as roupas. Uma central telefônica que responde a todas as perguntas e envia os camareiros. Temos também o correio e o telégrafo...

No navio que transporta 2.000 habitantes no interior de seus sete a dez andares, ainda noto algo muito importante: do apartamento que descrevi tem-se acesso, por um pequeno corredor privado, a uma grande ponte *que é como um bulevar*, o "deck".

Ali encontramos a multidão, como nos "Bulevares" ou como aqui, em seu país, na rua Florida. **[89]** Um outro bulevar (é verdade que atulhado de escaleres) está na parte de cima do navio, como se fosse um grande teto-

jardim numa residência urbana. No interior do navio existem várias ruas — duas por andar — assim batizadas: rua do Rio, rua de Buenos Aires, rua de Montevidéu, com números nas portas dos camarotes, assim como existem números em todas as casas de todas as cidades. Estas ruas que não se situam "*na terra*" encantam-me: possuem um espírito semelhante àquele que levou-me a criar, por outro encaminhamento das idéias, as "*ruas no ar*".

O que eu lhes conto é extremamente banal, é moeda corrente em todos os hotéis da terra e em todos os mares. *O prodigioso*, porém, é evocar nossa vida doméstica. O que parece ser de uma inqualificável insolência é pensar em integrar estas coisas descritas àquele purgatório que é a vida dos homens modernos, trancados em casas da época pré-maquinista.

Assim, *surge a liberdade*, para nós que somos escravos. A solução aí está, ao nosso alcance. O econômico, o sociológico, o político, o urbanismo e a arquitetura nos impelem. Confesso, porém, que existem uns embrutecidos solenes (mantenho o termo) que se indignam com tais propostas. Proclamando os Direitos do Homem, eles invocam "*a liberdade*"!!!

Acabo de expor-lhes o problema dos serviços comuns. Uma célula na escala humana: 15 metros quadrados. Tomemos, por uma questão de comodidade, uma superfície dez vezes maior: 150 metros quadrados. E dispensemos tudo aquilo que nada tem a fazer em nossas casas.

Em razão de um conceito ultrapassado ou falsificado das condições da existência, atribuímos às casas falsas superfícies. Duplicamos ou quintuplicamos o preço dos aluguéis. A este encargo acrescentamos o dos empregados domésticos e as terríveis preocupações que ele nos impõe. Acaso dispomos, em domicílio, de um padeiro para fazer nosso pão e de uma doceira para fazer nossos doces? O exemplo é válido por tudo aquilo que demonstrei. Não fizemos uma reflexão, não nos adaptamos, permanecemos ligados em pensamentos acadêmicos e em usos e costumes da época pré-maquinista.

Chegamos ao cerne da questão dos serviços comuns. É em sua exata realização que devem alicerçar-se o urbanismo moderno e a residência moderna. Os problemas da arquitetura mudarão de escala. A casa de 10, 20, 30 metros de fachada, construída por um particular é uma anomalia, um anacronismo. É investir seu dinheiro em condições desfavoráveis (apesar das aparências). É teimar em acrescentar uma aparelhagem ineficaz que quase não poderá mais servir depois de nós.

Ao contrário, a casa, o escritório, a oficina, a fábrica (eventos arquitetônicos que se pode reduzir ao simples conceito de pisos iluminados) irão explorar as novas formas de padronização, industrialização e taylorização. Não apenas diminuiremos infinitamente os cubos de construções e economizaremos para cada família ou para cada homem de negócios enormes despesas gerais, como, por meio destes métodos, reduziremos pela metade o preço das

construções. E por este método em urbanismo, solucionaremos o problema da circulação — que é regime fluvial (ou arterial) com regatos, rios e estuários, por um lado, e que consiste em portos autônomos de desembarque, ao longo do rio (estacionamento de veículos). Na arquitetura, proporcionaremos às cidades imensas e majestosas perspectivas, onde se espalhará a mais bela e necessária vegetação. A indústria da construção será transformada. Indo a fundo na idéia, livraremos as edificações dos métodos anteriores à indústria. A construção deixará de ser uma atividade sazonal, paralisada pelo capricho das intempéries. Chegaremos à "casa a seco", aparelhada na fábrica, feita com a perfeição do maquinismo, como uma carroceria de automóvel, montada no terreno *por montadores* e não mais por um bando exasperante de pedreiros, carpinteiros, marceneiros, mão-de-obra especializada em coberturas de zinco, telhados, revestimentos de gesso, eletricistas etc.

Ah! Mas o que pensarão disto as Câmaras de Comércio?

A *célula na escala humana* está na base de tudo.

Permitam-me mostrar-lhes por quais caminhos, mediante vinte anos de curiosidade atenta, adquirimos determinadas certezas.

A origem destas pesquisas, realizadas por minha iniciativa, remonta à visita à *Cartuxa d'Ema*, nos arredores de Florença, em 1907. Vi, naquela paisagem musical da Toscana, uma *cidade moderna* que coroava a colina. É a mais nobre silhueta da paisagem, ali está a coroa ininterrupta das celas[1] dos monges; cada cela tem vista para a planície e dá para um jardinzinho situado em um nível inferior, inteiramente murado. Imaginava jamais poder encontrar uma interpretação tão alegre do que é uma morada. Na parte dos fundos de cada cela há uma porta e um postigo, que se abrem para uma rua circular. Esta rua é coberta por uma arcada: o claustro. Ali funcionam os serviços comuns: orações, visitas, refeições, enterros.

Esta "cidade moderna" é do século XV.

Conservei sua radiosa visão durante muito tempo.

Em 1910, regressando de Atenas, visitei mais uma vez a Cartuxa.

Um dia, em 1922, falei dela a meu associado Pierre Jeanneret. No verso de um cardápio de restaurante desenhamos espontaneamente os "immeubles-villas"; a idéia estava formulada. As plantas detalhadas dos edifícios-vilas[2] podiam ser vistas, daí a alguns meses, em nosso grande estande de urbanismo do Salão de Outono ("Uma cidade contemporânea de três milhões de

---

1 É bom lembrar que a palavra francesa *cellule* significa tanto "célula" como "cela". [N.E.]

2 O termo "vila" é usado aqui em sua acepção decorrente do francês e do italiano *villa*, "residência com certo requinte, cercada por jardim". Já a palavra *immeuble* tem mais o sentido de "edifício de vários andares" do que "imóvel", termo mais genérico. [N.E.]

habitantes"). Depois, em 1923-24, aprofundamos a idéia. Expus o mecanismo no livro *Urbanismo*, no qual as células já se aglomeravam em bairros de cidades. Faziam-nos, porém, objeções quanto à precariedade de nossos jardins suspensos, sua falta de insolação etc. Em 1925, na Exposição de Artes Decorativas, apesar da proibição do Comitê diretor, enfrentando as dificuldades criadas pela direção da exposição, de que fomos incansavelmente o objeto, construímos *de verdade*, com todos os detalhes, uma célula inteira de nosso "edifício-vila", o Pavilhão de l'Esprit Nouveau, o qual, com sua grande rotunda de urbanismo (diorama da cidade de três milhões de habitantes e diorama do centro de Paris, denominado Plano "Voisin"), constituía um protesto contra o programa crepuscular da Exposição (arte decorativa) e propunha soluções para a crise iminente das grandes cidades. Isto feito, levamos adiante nosso estudo, "forçamos o motor", extraímos a quintessência da solução, transferimos o problema para o campo sonhado: *a casa a seco*. Em 1927, dando seqüência à batalha em torno do Palácio das Nações, um industrial de Genebra, jovem e ativo, o sr. Wanner, solicitou que o ajudássemos a realizar industrialmente nossos princípios das "células" e iniciava as obras com paciência e minúcia para chegarmos — finalmente! — a uma execução digna da época maquinista.

Foi preciso tempo para esta idéia; seus promotores tiveram necessidade de perseverança e obstinação: 1907-1927!

De outro lado, por ocasião das primeiras devastações provocadas pela guerra em Flandres, em 1914, tive uma espécie de visão clarividente do problema da habitação contemporânea. A questão era a seguinte: a guerra duraria três meses (pois os recursos bélicos eram poderosos demais para que ela pudesse se prolongar. Os governantes enxergavam longe!). As reconstruções não deveriam se prolongar além de seis meses e depois a vida seria retomada e tudo seria cor-de-rosa!

Para responder a este programa, numa epóca em que, exceto as magníficas invenções plásticas de Lloyd Wright e as criações sadias de Auguste Perret, a estética arquitetônica procurava uma renovação precária nos métodos tradicionais de construir, aquilo que eu imaginava era inteiramente novo, constituía uma visão de conjunto, que funcionava no plano social, industrial e estético. Eu já propunha, em sua totalidade, os princípios desenvolvidos perante os senhores na conferência "*As técnicas são a própria base do lirismo*". Faço, no entanto, uma confissão: a plena consciência deste sistema só me ocorreu recentemente, no momento em que uma multiplicidade de problemas propostos — aldeias, imóveis para locação, vilas, Palácio das Nações, Centrosoyus de Moscou, Cidade Mundial — nos levaram a uma solução unitária, "*em busca de uma unidade arquitetônica*" (subtítulo de *Uma casa, um palácio*). Neste caso a etapa também foi longa: 1914-1929.

Eis a solução de 1914, denominada: *as casas "Dom-ino"*. Estudo as velhas e célebres casas da arquitetura de Flandres. Desenho seu esquema: descubro que são casas de vidro: séculos XV, XVI, XVII. **[80]** Então imagino o seguinte: uma construtora (sem recorrer ao emadeiramento, mas por meio de um material de construção engenhoso) levantará o esqueleto da casa: seis pilastras, três pisos, a escada. Dimensões: 6 x 9 metros. Pilastras padronizadas, a uma distância padrão de 4 metros; dos dois lados e, sobre as nervuras em balanço, um ponto de apoio que não está diretamente debaixo delas, de 4:4 = 1 m. Essa superfície seria favorável. **[81]**

Tentei inúmeras combinações de plantas no interior desse esqueleto de sustentação. Tudo era possível. **[82]**

Eu dispunha automaticamente de janelas corridas ou de panos de vidro, **[83]** mas não tinha consciência do fato.

Perspectivas de um futuro se anunciavam: uma vez levantado o esqueleto pela construtora, a vítima dos sinistros, recorrendo aos materiais calcinados de suas ruínas, terminaria sozinha a casa, seguindo os impulsos de sua fantasia. Compraria de uma firma amiga da construtora as janelas padronizadas, combináveis e apropriadas à justaposição, os corpos dos armários, **[84]** as gavetas combináveis e as portas. Módulos comuns ofereceriam inúmeras combinações. Havia algo de muito novo: não se colocariam portas e janelas em aberturas que fossem obras de pedreiros, mas seriam instaladas portas, janelas, armários, aos quais a altura padronizada dos pisos e as distâncias constantes das pilastras possibilitariam fixar com facilidade. Colocados esses elementos, *levantavam-se paredes em torno deles*, isto é, enchimentos.

Lá estava completa a tese da casa industrializada, em série, de esqueleto padronizado e com planta interna livre que conseguimos finalizar hoje, decorridos quinze anos! Não me tinha dado conta disso, pois estávamos absorvidos por outras tarefas difíceis.

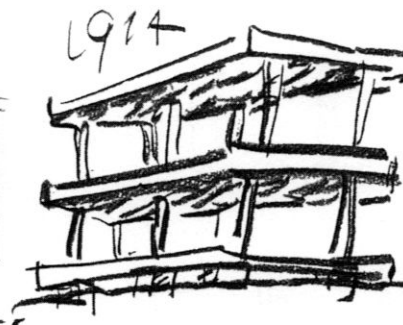
Hoje, aqui estamos na estrada. Em 1928, o sr. Loucheur, ministro do Trabalho, solicitou-nos um estudo sobre a pequena casa de 43 metros quadrados, seguindo os parâmetros da Lei Loucheur.

Ordem das operações:

1.º sustentação dos pisos: uma meia-parede "diplomática" (ver conferência 2); duas pilastras de ferro por casa, que atravessam a construção de uma extremidade a outra e sustentam o teto. O pedreiro da aldeia fixou em sua parede, por duas vezes, dois suportes de ferro. **[84]**

2.º paredes externas: um pano de vidro ou uma janela corrida. À sua volta, como se fosse uma epiderme, um casco de "lagarto", folhas de zinco que proporcionam ao escoamento das águas pluviais aquelas soluções impecáveis aplicadas às chapas de ferro batido nas carrocerias dos automóveis. **[85]**

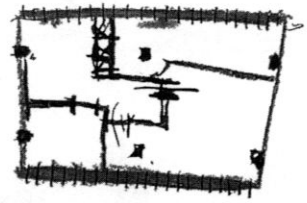
[80]

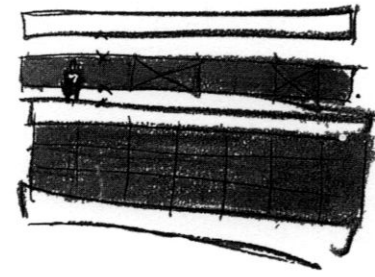


[81]

FLANDRES

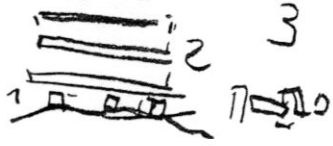
[82]

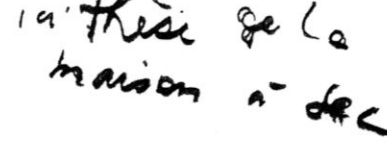




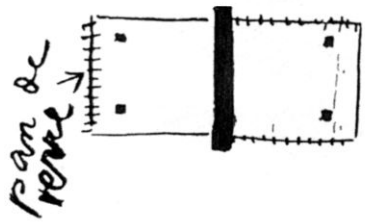
[83]

[84]

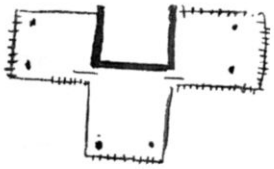




[84]

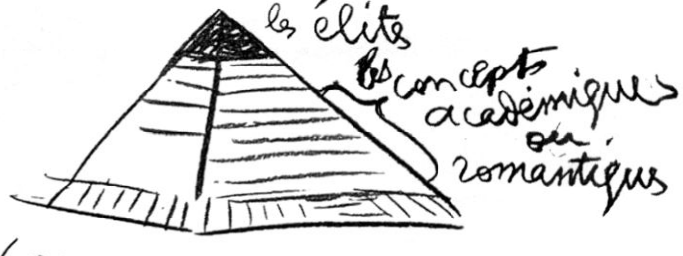

ram de
rence

[85]

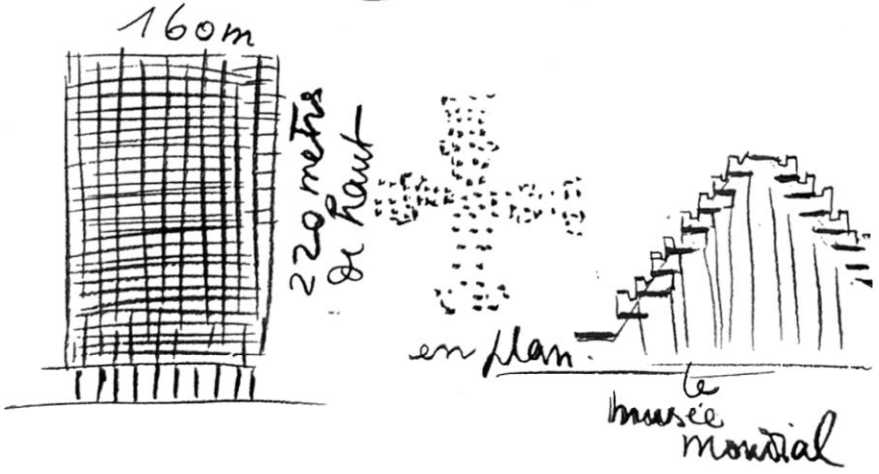


[86]

[87]


les élites
les concepts
académiques
ou
romantiques

[88]


160m
220 mètres
de haut
en plan
le
musée
mondial

3.º as paredes e as divisórias de palha compactada, de aparas de madeira ou de cortiça aglomeradas; as paredes internas e o teto, de madeira compensada. No centro, um bloco sanitário padrão (chuveiro, lavabo, vaso sanitário). O resto, à vontade, recorrendo a escaninhos de metal dos quais falarei em outra ocasião.

O ministro ficou encantado. Chegamos àquele preço fantástico que parecia ser impossível obter. *Usamos unicamente materiais muito caros:* aço, zinco, cortiça, madeira compensada. As janelas são de nossa patente, executadas pela empresa Saint-Gobain para nossas vilas de luxo.

Não vamos alimentar ilusões, porém! Os trabalhadores, cujo espírito clarividente aprecio muitas vezes, terão horror de nossas casas. Eles as chamarão de "caixotes". No momento, construímos estas "casas baratas" da lei Loucheur combinando vários esqueletos **[86]** para pessoas da aristocracia e para intelectuais. Não se pode queimar etapas: observem esta pirâmide por meio da qual exprimo o fenômeno hierárquico da sociedade; apesar de todas as revoluções, ela não se modifica. **[87]** A base da pirâmide, o bom povo, está protegido por um romantismo característico. Seu conceito de qualidade está baseado nas formas de luxo da geração anterior a 1900. É para ele que ainda se fabricam enormes bufês em estilo Henrique II e gigantescos guarda-roupas com espelhos. Esses mastodontes de outras eras sequer podem entrar pelas portas de nossas casas. Eis aí uma célula na escala humana que ainda aguarda seus destinatários.

Antes que eu arranque esta folha, notem ainda esta etapa vencida: a casa é feita na fábrica, padronizada, industrializada, taylorizada. Ela é posta num vagão de trem e vai *para qualquer lugar*; montadores a montam. Uma clientela de poucos recursos, numerosa e dispersa, poderá ser atendida. Os pilotis adaptam-se a todas as formas de terreno. No interior a planta *é livre*, pode ser disposta à vontade.

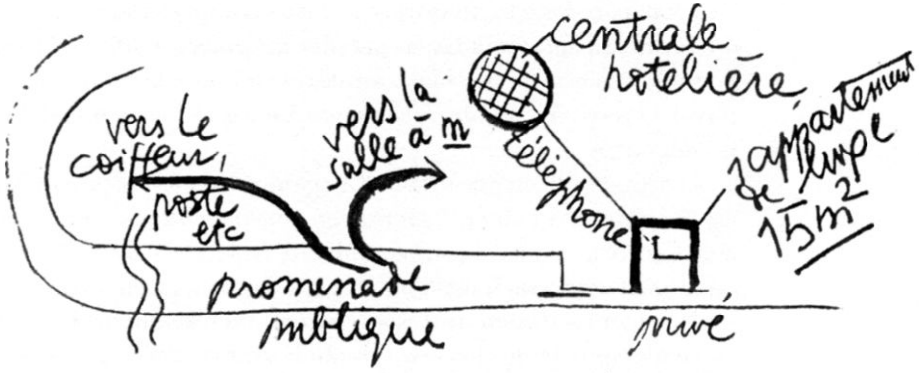
Estes métodos de industrialização através da padronização nos levam naturalmente ao arranha-céu: sua forma é determinada pela superposição de células na escala humana. O solo está livre. Mais tarde poderemos falar de urbanismo. **[88]**

• • •

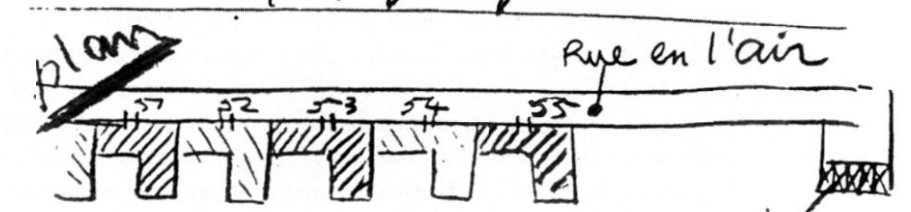
Voltemos à Cartuxa d'Ema e a nossos "edifícios-vilas", duas formas de células na escala humana. Se soubessem como sou feliz quando posso dizer: "Minhas idéias revolucionárias situam-se na história, em todas as épocas e em todos os países". (As casas de Flandres, os pilotis do Sião ou das palafitas lacustres, a cela de um monge cartuxo em plena beatificação.)

Imagino, portanto, uma célula cujo corte assim se caracteriza: a célula

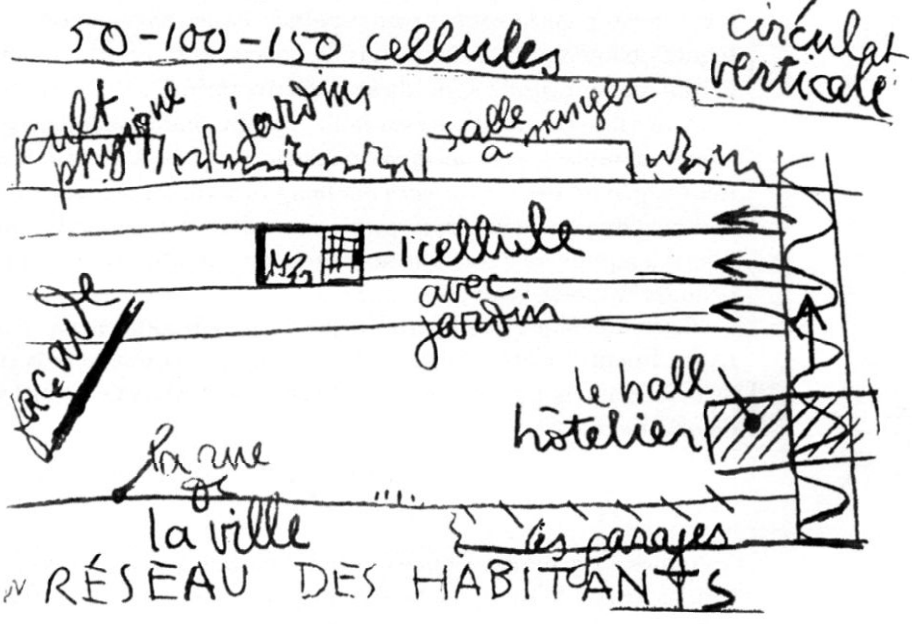
[89]


centrale hôtelière
vers le coiffeur, poste etc
vers la salle à m
téléphone
1 appartement de luxe 15m²
promenade publique
privé

[90]


Sur / paquebot
plan
Rue en l'air
S1
S2
S3
S4
S5

[91]


50-100-150 cellules
circulat verticale
salle à manger
1 cellule avec jardin
le hall hôtelier
la rue
la ville
les garages
RÉSEAU DES HABITANTS

com dois pisos, um andar com duas alturas. No bloco inferior, atrás, projeto uma *rua*. Esta rua tornar-se-á uma *rua no ar*, algo diferente do passeio sobre o solo. Esta "*rua no ar*" se repetirá sobrepondo-se a cada 6 metros; portanto, "ruas no ar" a 6, 12, 18, 24 metros acima do solo. **[92 bis]** Mantenho a denominação "rua" de preferência a corredor, a fim de enfatizar que se trata de um dispositivo de circulação horizontal inteiramente independente das vilas que a circundam e cujas portas se abrem para ela. **[90]** Estas ruas no ar alcançam, a uma distância útil, grupos de elevadores, rampas ou escadarias que estabelecem a ligação com o solo da cidade. **[92]** Nelas também se encontra a ligação com o teto-jardim, onde estão o solário, a piscina, as salas de cultura física, as pequenas alamedas em meio à vegetação dos jardins suspensos. **[91]** Em certas cidades que apresentam uma topografia acidentada (voltarei a falar delas) encontraremos uma auto-estrada.

Atravessando uma porta entramos numa vila. A distribuição interna é decidida pelo morador (planta livre, em cada esqueleto independente). No entanto, na fachada anterior, deparamo-nos com um *pano de vidro*. Combinações sutis possibilitam uma perspectiva de altura dupla, ao mesmo tempo em que se instalam, sobrepostos, a sala de estar e a sala de almoço.

Neste ponto vital da vila, uma porta dá para o jardim. Este jardim é "suspenso" e fechado de três lados. Realizamos o Pavilhão de l'Esprit Nouveau em 1925 para mostrar que este jardim é magnífico. Eu preciso: o tipo destes jardins no ar parece-me a fórmula moderna e prática de usufruirmos do ar e está ao alcance imediato do centro da vida. Caminhamos a pé no seco, evitando o reumatismo, ao abrigo do sol perpendicular e da chuva. Criamos um jardim semelhante a estes na vila de Garches e na vila de Poissy, que constituem uma demonstração. É um jardim eficaz, sem manutenção. Este jardim onde *se usufrui do ar*, multiplicado nos vastos blocos de edifícios, constitui, de fato, uma verdadeira esponja no ar.

Um jardim isola uma vila de sua vizinha. Multipliquemos os elementos padronizados da célula. Aqui, na elevação, podem observar que os panos de vidro juntam-se na vertical; bem ao lado, alvéolos de um vigoroso efeito arquitetônico recortam os panos de vidro.

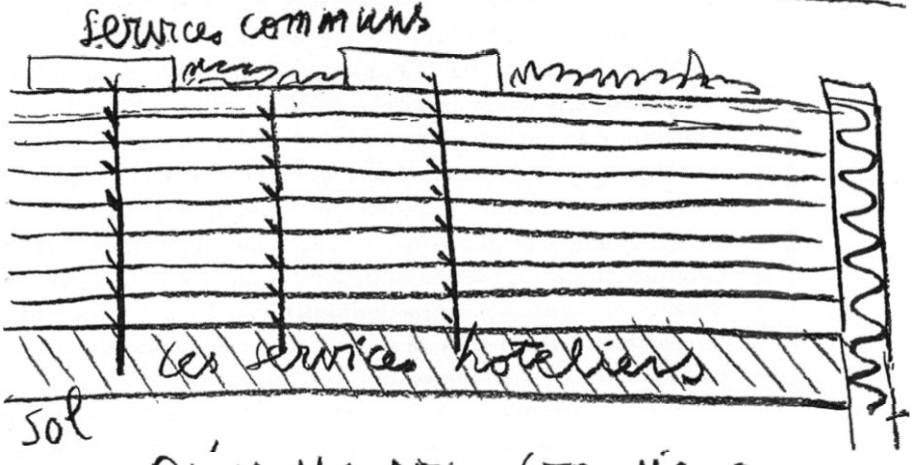
Desenhemos no corte. O giz verde assinala os jardins, o vermelho, o cubo habitável das vilas, o amarelo, as "*ruas no ar*", ligadas por passarelas, acima da calçada, numa ordenação vertical e que levam ao grande espaço dos serviços de uso comum. Mais embaixo estão as garagens, onde cada morador irá encontrar seu veículo. **[92-92 bis]**

Perceberemos, no mesmo corte transversal, outro setor amarelo, que é a fábrica dos serviços de uso comum. Aqui está ele, **[93]** ocupando toda a extensão deste novo corte. *Fábrica dos serviços de uso comum.* Já lhes des-

[92]

[92 bis]

[93]



RÉSEAU DES SERVICES COMMUNS

crevi as comodidades de um navio. Os senhores me entenderam! Indiquemos, com giz cor de violeta, as ligações verticais que distribuem os serviços comuns em cada uma das vilas.

Não posso insistir ainda mais, porém notemos o seguinte: com tais edificações, reina um novo módulo na fachada. Estes panos de vidro, animados pelas grandes aberturas dos jardins (6 metros), suscitam uma nova visão arquitetônica. O aspecto da cidade mudará. Os grandes traçados do urbanismo disporão de uma arquitetura com uma regulamentação de 6 metros, em substituição à regulamentação atual de 3 metros.

Não nos esqueçamos deste fato importante, tendo em vista o momento em que lhes mostrarei como se pode ganhar dinheiro, ao urbanizarmos as grandes cidades (em vez de o gastar), por meio da valorização do solo, e como é possível encontrarmos a chave da circulação nas grandes cidades de topografia complicada e finalmente como poderemos, com isso, criar sínteses de natureza-arquitetura tão majestosas quanto inesperadas.

Notamos que o empreendimento da construção deve harmonizar seus métodos com o espírito da época maquinista por meio da eliminação da *pequena* construção privada. A casa não deve mais ser feita por metro, mas *por quilômetro.*

• • •

A busca do ideal de economia, no plano da célula-tipo, nos conduz para além da simples casca do caracol humano. Esta célula deve ser aglomerável aos milhões e esta obrigação nos levará a soluções inesperadas. Viver, agir em "pisos iluminados", respirar em "jardins que aspiram o ar", morar na liberdade de vilas que possuem serviços comuns, circular rápida e utilmente em "ruas no ar" significa realizar um formidável progresso em relação ao estado atual das coisas.

A vida moderna — escritório e fábrica — devido a seu regime sedentário, à taylorização que limita estritamente os movimentos, leva o organismo a depauperar-se e debilita o sistema nervoso. O esporte surgiu espontaneamente. Se ocupa muitos espíritos, faz trabalhar poucos corpos. Na realidade, em que consiste ele? A resposta nos desarma: o esporte atual consiste em 50 mil anêmicos que, sob condições completamente negativas, juntam-se nos estádios para ver os bíceps e os tendões de vinte rapazes atléticos. Este é o papel dos estádios. Tendo construído um estádio, os edis concluem: "Agora pagamos nosso tributo ao esporte."

O esporte deve ser regular, cotidiano ou pelo menos bi-semanal. Se não quisermos usar de subterfúgios com as realidades que nos pressionam, *torna-se necessário levar o esporte para junto das residências.* Ao estudar-

mos o urbanismo moderno, constataremos que a cidade sadia exige redes de circulação mais amplas. As técnicas modernas, que recorrem à construção por altura ou "por quilômetro" nos proporcionam a totalidade do solo disponível e, ao aumentar a densidade da população, diminuem as distâncias.

Torna-se necessário novas concepções, flexíveis e engenhosas. Aqui está um exemplo que me é muito caro pelo fato de propiciar, sob o ponto de vista social, realidades admiráveis:

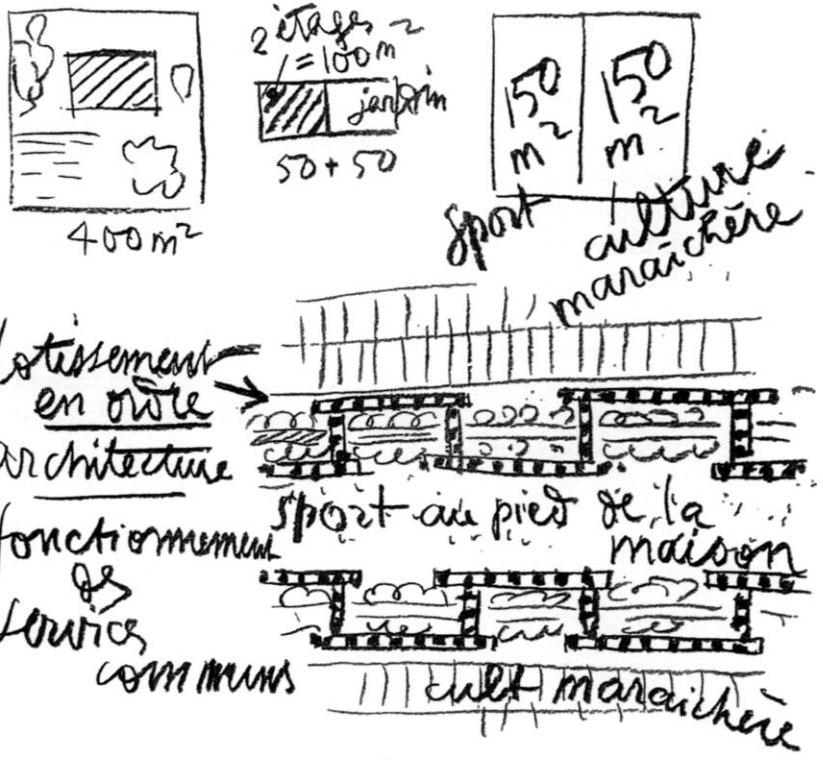
Desenho um quadrado de 400 metros quadrados, destinado geralmente pelos urbanistas a cada residência das novas cidades-jardins.[94] Distribuem-se os lotes ao longo de ruas curvas ou retas e as pequenas casas constituem aquela multiplicidade de pontos vermelhos. A isto dou o nome de loteamento de "explosão de obuses" [95] devido a sua aparência caótica. Certo dia a vegetação acaba redimindo tudo e nos sentimos tranqüilizados. Os conselhos de administração ficam satisfeitos: "Realizamos uma obra filantrópica", pensam.

Erro profundo, pura ilusão. Impusemos um martírio ao trabalhador e à sua mulher. Seu jardim? Corvéia doméstica suplementar e muito grave. Grave para o corpo, que ela deforma; os movimentos de jardinagem são *movimentos negativos*; corvéia de jardinagem, usura do corpo. "Tratar de seu jardim!" Faz-se, em torno disto, um bocado de literatura... e bons negócios! Cartazes de cores berrantes, prospectos, belos livros, discursos empolados alimentam a ilusão e os reumatismos!

A célula humana deve, portanto, ser prolongada pelos *serviços comuns* e o esporte torna-se uma das manifestações domésticas cotidianas. Aqui está uma solução que remata a célula, já dotada com a "*rua no ar*" e com o jardim que aspira o ar: adoto 50 metros quadrados para a célula (andares com duas alturas = 100 metros quadrados) e 50 metros quadrados para o "jardim suspenso". [95] Coloquei as células e os jardins uns sobre os outros, até 30 metros de altura. Dos 300 metros quadrados disponíveis, separemos 150 metros para o esporte. Os 150 metros pertencentes a cada célula são totalizados em benefício do esporte [96] e nos permitem implantar, *bem junto às casas*, uma seqüência ininterrupta de terrenos desportivos. O trabalhador volta do trabalho, veste o uniforme e, na frente da casa, encontra a equipe ou o professor de ginástica; sua mulher e seus filhos fazem o mesmo. Futebol, tênis, basquete, brincadeiras apropriadas às crianças são praticados ao longo daquele bulevar que se estende diante das células-jardins. [97]

A mesma avaliação foi feita com os 150 metros quadrados remanescentes, em benefício das hortas. Um fazendeiro cuida de cem ou mil lotes, trabalha-os com o trator, aplica os fertilizantes, procede à rega automática com o uso de dispositivos de irrigação. Esta cultura hortícola torna-se produtiva.

[94] [95] [96]



[97]

[97 bis]

[95]

O trabalhador irá colher suas cenouras e rabanetes após desenvolver a musculatura e fortalecer os pulmões, e graças a isto, *infalivelmente*, ele gera otimismo. **[97 bis]**

• • •

Aquilo que denomino pesquisar "*uma célula na escala humana*" significa esquecer todas as moradias existentes, todo código de habitação em vigor, todos os hábitos ou tradições. É estudar, com sangue frio, as novas condições sob as quais transcorre nossa existência. É ousar analisar e saber sintetizar. É sentir, atrás de si, o apoio das técnicas modernas e, diante de si, a fatal evolução das técnicas construtivas em direção a métodos sensatos. É aspirar a satisfazer o coração de um homem da época maquinista e não a acalentar alguns romancistas caducos, que assistiriam, sem mesmo se dar conta do fato e tangendo o alaúde, a dissolução da raça, o desencorajamento da cidade e a letargia do país.

DÉCIMA CONFERÊNCIA
Sábado, 19 de outubro de 1929
Amigos da Arte

A AVENTURA DO MOBILIÁRIO

Só poderemos abordar com eficácia a renovação da planta da casa moderna após explorarmos a questão do mobiliário. Temos aí um nó górdio. É preciso cortá-lo, caso contrário toda busca de uma idéia moderna será inútil. Precisamos dar uma "guinada": uma época maquinista sucedeu a época pré-maquinista; um espírito novo substituiu um espírito antigo.

• • •

Um dia, numa casa — em nossa própria casa, por exemplo — tentemos examinar aquilo que nos rodeia e façamos a nós mesmo as perguntas "como?" e "por quê?". Exijamos saber *o que isto significa.*

Na realidade, de modo geral, encontramos-nos *diante da mais perturbadora insensatez.*

Se consentirmos em nos entregar a uma meditação oportuna, dela sairemos transformados, renovados e — é evidente — decididos a nos livrar de um jugo, a fazer com que desapareçam tantos testemunhos da aventura ridícula que nos fizeram viver. Ficaremos transtornados, perguntaremos: "Mas como isto foi possível? Como foi que isto instalou-se aqui *sem que eu me desse conta?* Afinal, não sou louco etc. etc."

Muito comovidos, nós nos sentiremos prontos para tomar as providências necessárias...

Nada disto! Voltaremos a nos submeter tranqüilamente ao enfeitiçamento da vida normal, à pressão da opinião, estrangulados pelo freio todo poderoso dos costumes. Não é à toa que fazemos parte de uma sociedade

codificada: somos dirigidos pelo pensamento do outro. Reagir? Agir sozinho, seguindo os impulsos honestos de seu espírito e de seu coração, eis uma questão muito grave! Seria necessário certas circunstâncias para que isto pudesse acontecer.

Ouçam: *começou uma época nova, animada por um novo espírito.*

A hora é propícia. Limpeza. Neste vazio, façamos uma construção nova, animada por um novo espírito.

Hoje enxergamos com clareza!

• • •

Mas a que se refere este discurso? *A nosso mobiliário, a nossos bibelôs, a nossas obras de arte.*

Os costumes, a moda e cem anos de burguesia falsearam as bases. Encontramo-nos numa situação comprometida e comprometedora. Sempre o academismo!

Novas venturas nos aguardam, verdadeiras alegrias espirituais. Retomemos nosso livre arbítrio. Criemos um lar que interessa e apaixona tanto o homem como a mulher.

• • •

A mulher nos precedeu. Ela realizou a reforma de seu traje. Ela encontrava-se num impasse: seguir a moda e então renunciar à contribuição das técnicas modernas, à vida moderna. Renunciar ao esporte e, problema mais material, não poder aceitar empregos que lhe permitiriam ter uma participação fecunda na atividade contemporânea e *ganhar sua vida.* Seguir a moda: ela não podia pensar em guiar; não podia tomar nem o metrô, nem o ônibus, não podia sequer agir com desenvoltura em seu escritório ou na loja. Para poder realizar *a construção* cotidiana de sua toalete — pentear-se, calçar o sapato, abotoar o vestido — ela não tinha mais tempo para dormir.

FICAR LEVE LIVRE

Então a mulher cortou seus cabelos, suas saias e suas mangas. Agora está com a cabeça descoberta, os braços de fora e as pernas livres. Veste-se em cinco minutos. E é bela, seduz com o encanto de suas graças, das quais os modistas resolveram tirar partido.

A coragem, o ímpeto, o espírito de invenção com os quais a mulher realizou a revolução no seu modo de trajar são um milagre dos tempos modernos. Obrigado!

E nós, homens? Que pergunta enfadonha! Com traje de passeio, parecemos generais do exército e usamos colarinhos engomados! Com roupa de trabalho nos sentimos incomodados. Temos necessidade de carregar um

arsenal de papéis e de miudezas. O bolso, os bolsos deveriam ser o elemento essencial do traje moderno. Experimentem carregar aquilo de que temos necessidade: pronto, acabamos com a correção da roupa que usamos, ficamos desalinhados. É preciso escolher entre trabalhar e ser elegante.

O terno inglês que usamos realizou algo importante: *neutralizou-nos*. É útil exibir um aspecto neutro na cidade. O signo dominante já não está mais nas plumas de avestruz do chapéu, está no olhar. Isto basta. O sr. Waleffe, de Paris, desgostoso com os ingleses, apregoou uma cruzada gigantesca: calções e meias de seda, sapatos com fivela e ligas, elegância "francesa", gênio latino! E uma exibição de tornozelos! Foi um fracasso e todos riram.

Em Saint Moritz, na neve, o homem moderno sente-se à vontade. Em Levallois-Perret, no quartel-geral do automóvel, o "mecânico" é um precursor. Nós, homens de escritório, fomos derrotados pelas mulheres, que há muito tempo tomaram a dianteira.

Surgiu, portanto, o espírito de reforma e só lhe resta agir em todos os atos da vida.

• • •

O que é o mobiliário?

"*É o meio pelo qual fazemos conhecer nossa posição social.*"

Trata-se, muito exatamente, da mentalidade dos reis. Luís XIV, em relação a isto, foi muito bem sucedido. Seríamos nós Luíses XIV? Que exagero! Se existissem milhões de Luíses XIV na Terra, não haveria mais o Rei-Sol.

Falando sério: será que fazemos questão absoluta de sermos *Reis-Sóis?*

O mobiliário consiste em:

> mesas para trabalhar e comer,
> cadeiras para comer e trabalhar,
> poltronas de diversas formas para descansar de diversas maneiras
> *e prateleiras* para guardar os objetos de nosso uso.

O mobiliário são os utensílios,

E também os empregados domésticos.

O mobiliário atende nossas necessidades.

Nossas necessidades são cotidianas, regulares, sempre as mesmas, sim, sempre as mesmas.

Nossos móveis atendem *funções constantes, cotidianas, ~~regulares~~*.

Todos os homens têm as mesmas necessidades, nas mesmas horas, todo dia, durante toda a vida.

Os instrumentos que atendem essas funções são fáceis de definir. O progresso, ao nos proporcionar novas técnicas — o tubo de aço, a chapa de ferro

fundido, a solda autógena — nos fornece meios de realização infinitamente mais perfeitos e eficazes do que no passado.

O interior das casas não mais se assemelhará ao de Luís XIV.

Aqui está a aventura.

• • •

Nossas necessidades são necessidades humanas. Todos nós possuímos os mesmos membros, em número, formas e dimensões; se, em relação a este último ponto existem diferenças, é fácil encontrar uma medida média.

Funções padronizadas,
necessidades padronizadas,
objetos padronizados,
dimensões padronizadas.

STANDARD

A questão do *padrão* já avançou bastante. Ela é antiga como o mundo e fixou a forma de cada uma das civilizações. Mas o perturbador século XIX passou: Senhor Homais. A questão do padrão moderno já se adiantou muito e nós nos omitimos, deixando de cuidar dela.

O mundo inteiro se pôs de acordo sobre o formato e as dimensões do papel de carta. A indústria dos móveis de escritório do mundo inteiro organizou-se *segundo o formato do papel de carta.*

O espírito da época maquinista esforçou-se. Aquilo que se fazia pelo automóvel, se fez pela mobília de escritório. Realizou-se uma revolução: fecharam-se as marcenarias e, em outros bairros da cidade, criou-se a indústria do móvel de aço.

Surgiu uma precisão, uma eficácia, uma pureza de formas e linhas.

Perguntem a um banqueiro se ele não sente orgulho das instalações de seus escritórios.

• • •

Ele é muito orgulhoso delas.

Quando volta para sua casa, esse banqueiro é acolhido por um ferro-velho que faria explodir o manômetro da razão, caso pudéssemos instalar em nossos crânios um manômetro de nossos pensamentos. Em sua casa ele não trabalha, não produz mais. Ele pode perder, desperdiçar seu tempo, confundir seu espírito, extenuá-lo, falsificá-lo. Isso não tem importância; ele descansa; não tem concorrentes... com exceção de alguns Luís XIV de seus colegas, os quais não hesitariam em denominá-lo Luís XV se isso lhes pudesse proporcionar um grau a mais na escala do luxo...

|REPRODUÇÃO| TRABALHO COMO PRODUÇÃO

• • •

Desenho a planta da disposição dos móveis e o corte de um quarto tradicional.**[98]** O grande armário normando e a cômoda de estilo permitem apenas um mau arranjo, bastante ineficaz. O usuário perde tempo e o quarto é atravancado. Os grandes móveis, compreensíveis no tempo dos castelos ou nas salas das casas de campo são desastrosos na habitação moderna.

Desenho na planta e em corte um dispositivo moderno: janelas, divisórias e armários. Ganhei um espaço considerável; agora, pode-se circular à vontade; os gestos serão rápidos e exatos; o arranjo é automático. *São minutos ganhos a cada dia*, minutos preciosos. **[99]**

Afirmarei que, com exceção das cadeiras e mesas, os móveis, para falar a verdade, não passam de armários. Ora, a maior parte do tempo esses armários são mal dimensionados e de utilização precária; denuncio aqui o desperdício. Vou acossar o inimigo em suas trincheiras e procurar saber para que servem verdadeiramente esses móveis. Adquirirei a certeza de que, com as novas indústrias da madeira e do metal, é possível construir armários precisos, de funcionamento admirável, com uma dimensão não aproximada, mas certa, e serei levado a concluir que os móveis dos marceneiros e dos comerciantes nos servem muito mal, que eles são um resíduo que estorva e se opõe a uma solução econômica e eficaz, pois obrigam a construir casas grandes demais e complicam a existência, impedindo a administração racional dos afazeres domésticos. Eles, em definitivo, têm apenas *uma finalidade estética*. Ora, quando um objeto de uso já não exerce mais uma função e sua finalidade é unicamente estética, torna-se um parasita e é posto de lado. Veremos onde encontrar uma forma de estética que nos convenha; procuraremos ver o que pode preencher o coração, a sensibilidade de um homem moderno.

Joguemos francamente:

Desenho uma prateleira com copos em cima; uma prateleira com pratos, sopeiras etc.; uma prateleira com jarras, garrafas etc. Gavetas com divisórias para guardar a prataria. Com isto encerro o capítulo dos utensílios destinados à alimentação. **[100]**

Desenho uma prateleira com a roupa de cama e mesa, uma prateleira com a roupa de uso, gavetas para a roupa de baixo, meias etc.

Desenho uma prateleira com sapatos e outra com chapéus.

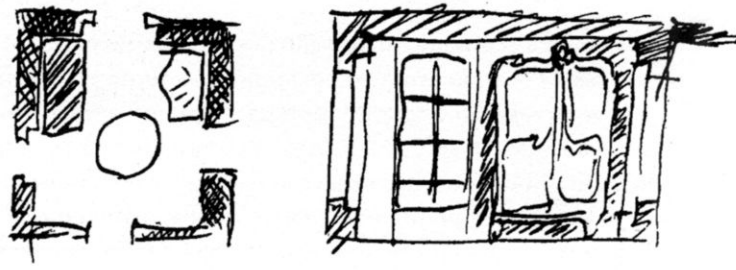
Desenho um terno e um vestido pendurados em cabides. **[101]**

É tudo.

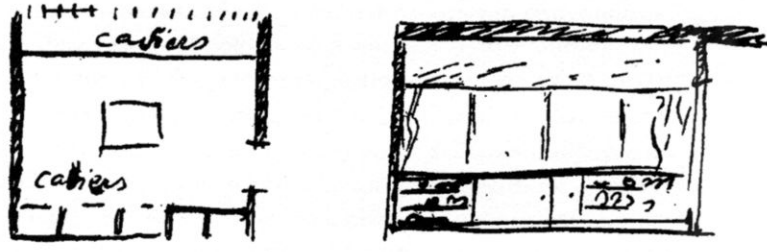
Está feito o inventário dos objetos que usamos.

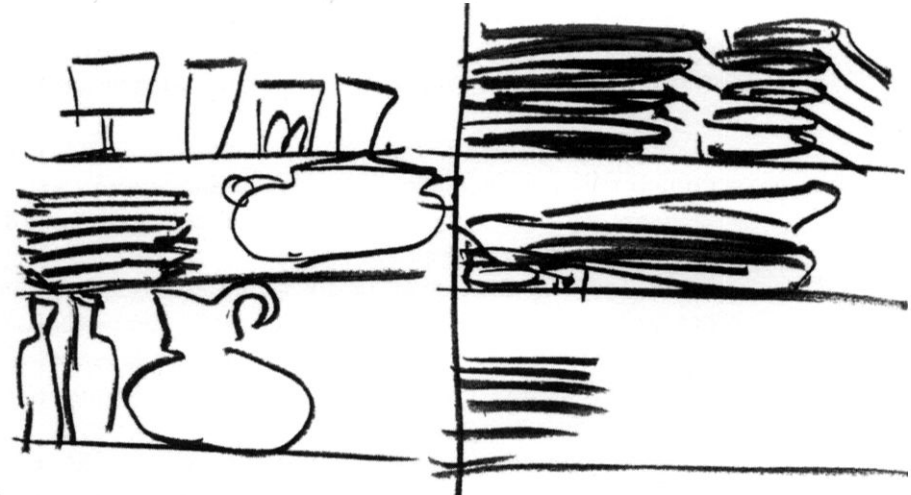
Estes objetos mantêm uma proporção com nossos membros, são adaptados a nossos gestos. Possuem uma *escala comum*, obedecem a um módulo.

[98]



[99]





[100]

[101]

Se eu estudar a questão — e há vinte anos sou obcecado pela anomalia do mobiliário (outrora ganhei a vida equipando vários apartamentos) —, encontrarei uma medida comum. Chegarei ao armário que conterá eficazmente todos estes objetos.

Desenho este armário. **[102]** Tem 75 centímetros de lado e de 37,5 a 50 centímetros de profundidade ou 150 x 75 de frente e de 37,5 a 75 centímetros de profundidade. A variação da profundidade se deve aos diversos métodos de dividir o interior do armário.

Em 1913 tive que desenhar o material desmontável de uma exposição itinerante de arte decorativa (e a arte decorativa compreendia desde a bateria de cozinha à decoração do escritório, do salão e do toucador), e foi quando encontrei esse módulo de 75 centímetros e de 150 centímetros, mas havia esquecido totalmente dele.

Quando, em 1924, preparávamos nosso Pavilhão de l'Esprit Nouveau — onde queríamos liquidar de uma só vez a questão do princípio funcional do mobiliário e os fins estéticos da moradia — chegamos a essas dimensões, após uma análise detida.

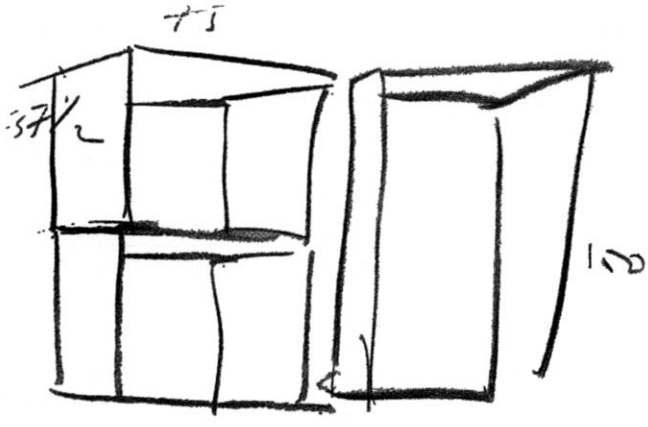
Em 1925, o Pavilhão de l'Esprit Nouveau parecia trazer uma luz — que se considerou então estupenda — sobre essa questão.

Finalmente, em 1928, nossa sócia para a decoração interior das residências, a sra. Charlotte Perriaud, também chegou às mesmas dimensões. Enquanto lhes falo aqui em Buenos Aires, devemos ter um vasto estande no Salão de Outono de Paris, demonstrando de maneira decisiva o princípio do "equipamento de uma casa moderna" por meio dos armários padrão.

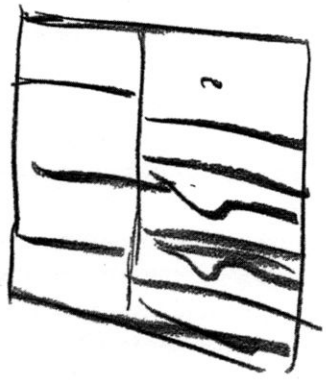
Isto posto, chegamos a uma conclusão de ordem construtiva, arquitetônica, econômica e industrial: seria oportuno criar industrialmente armários, *continentes*, em grande série, vendáveis ao particular que decora sua casa e ao arquiteto que projeta plantas. Um encostará os armários nas paredes de seus quartos ou constituirá com eles divisórias plenas ou a meia altura (ver Pavilhão de l'Esprit Nouveau, 1925); o outro construirá suas paredes incorporando os armários na alvenaria.

Resta equipar o interior dos armários. Este equipamento pode ir do mais simples aparato de móveis de escritório comuns ao mais completo requinte. Os equipamentos sendo colocados, mais tarde, em caixas de tamanho padronizado, poderão ser vendidos no Bazar da Prefeitura ou na avenida dos Champs Elysées. **[103]**

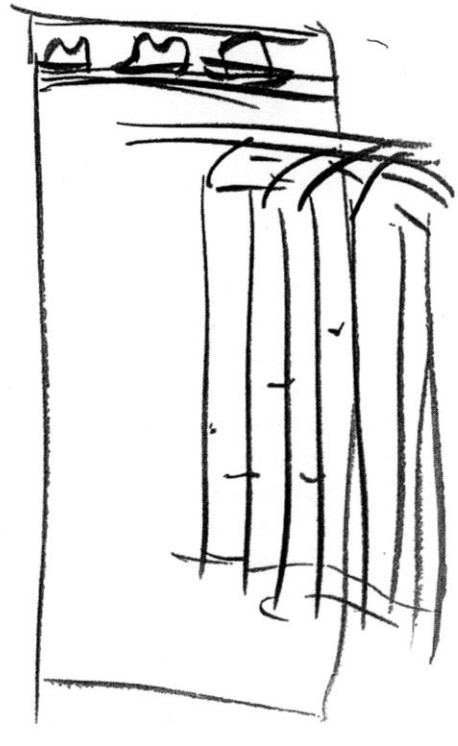
Quando a casa ficar pronta, no momento em que os pintores estiverem aplicando a última camada de pintura, na véspera do dia em que o morador trará seus livros e malas, serão introduzidos nas prateleiras os equipamentos apropriados às funções a serem satisfeitas; serão instaladas as vedações das prateleiras — painéis corrediços feitos de lâminas de ferro forjado ou de



[102]



[103]



[104]

aglomerado de madeira, mármore, vidro, alumínio etc; então os gostos, a simplicidade ou a opulência se manifestarão à vontade.

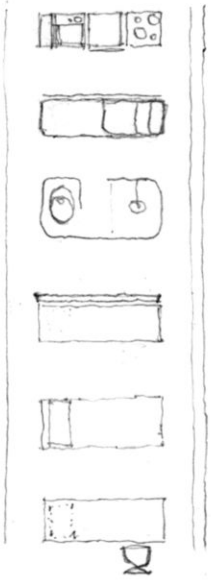
Se a casa for construída "*a seco*", os senhores bem podem imaginar o quanto esta operação será de fácil execução.

Tentem imaginar a nova moradia. Cada dependência está reduzida ao mínimo *suficiente* e sua captação de luz (janela corrida ou pano de vidro) é perfeita. Sua forma convém à sua finalidade; as portas se abrem de modo a garantir uma circulação desimpedida. Ao alcance da mão, no quarto de dormir, na biblioteca, na sala de estar, no escritório, na cozinha, as portas abaixam-se ou levantam-se e as divisórias deslizam. Aparecem atrás deles os compartimentos apropriados àquilo que eles devem conter. Cada objeto está disposto como num estojo; certos equipamentos se projetam para a frente por meio de gavetas deslizantes; as roupas de vestir estão diante de nossos olhos etc.

Assim, não haverá mais móveis de marceneiro na casa! Sinto-me desolado, pensando em tantos artesãos competentes, mas penso que teremos vantagem em nos adaptar às novas condições da vida moderna.

A redução do mobiliário ao estado de armários que podem, se for o caso, constituir a própria parede, também será obtida por métodos rudimentares de construção em concreto armado.

Desenho o teto e o piso de um andar. Divido a altura em quatro setores, por exemplo, por meio de três pranchas de concreto armado com alguns centímetros de espessura, que se estendem de uma parede a outra ou que se interrompem na metade. De acordo com as necessidades, dou um acabamento em uma ou outra borda das pranchas. Um pequeno gancho de ferro, em forma de U, colocado na parte superior e inferior de cada prancha recebe trilhos corrediços de aço, alumínio, vidro, madeira ou mármore. Dispomos então de magníficas paredes-armários, nas quais se inserirão os "equipamentos interiores" a que me referi. **[106]**

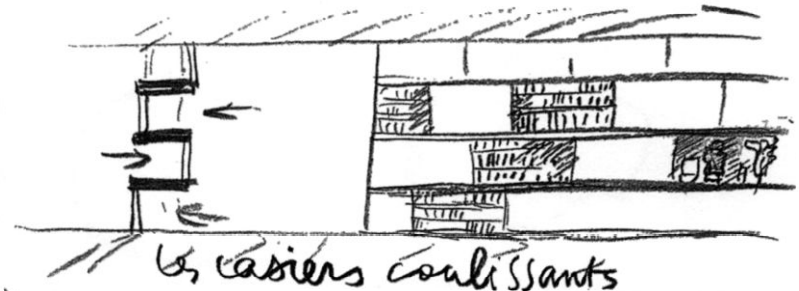


Vejam, neste segundo desenho, a grande biblioteca fechada de uma residência luxuosa, construída com suprema economia e cujo aspecto arquitetônico, garanto, é imponente... e benéfico. **[107]** Estamos aqui com o espírito livre do atravancamento dos móveis. Eis-nos prontos para introduzir em nossas residências, por meio de condições excepcionais de "silêncio" (arquitetônico), a obra de arte que nos fará pensar ou meditar.

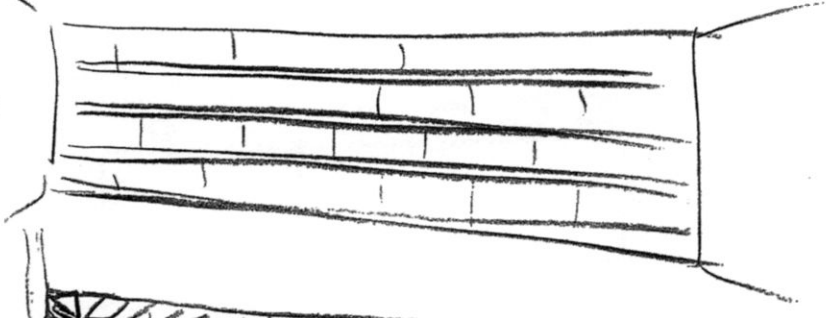
Tais métodos nos permitem instalar escritórios-modelo no Palácio das Cooperativas de Moscou. A parede que separa os escritórios dos corredores assim se constitui: de um extremo a outro da edificação, o fundo de cada escritório torna-se uma instalação modelar de classificação. Foi esta a solução prevista para o Secretariado do Palácio das Nações, em Genebra. **[108]**

[105]

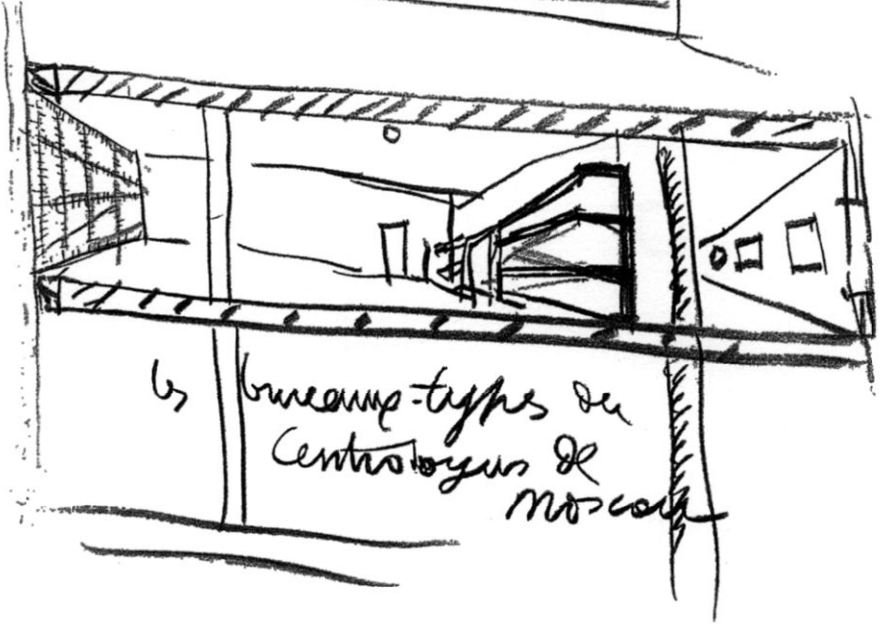
[106]

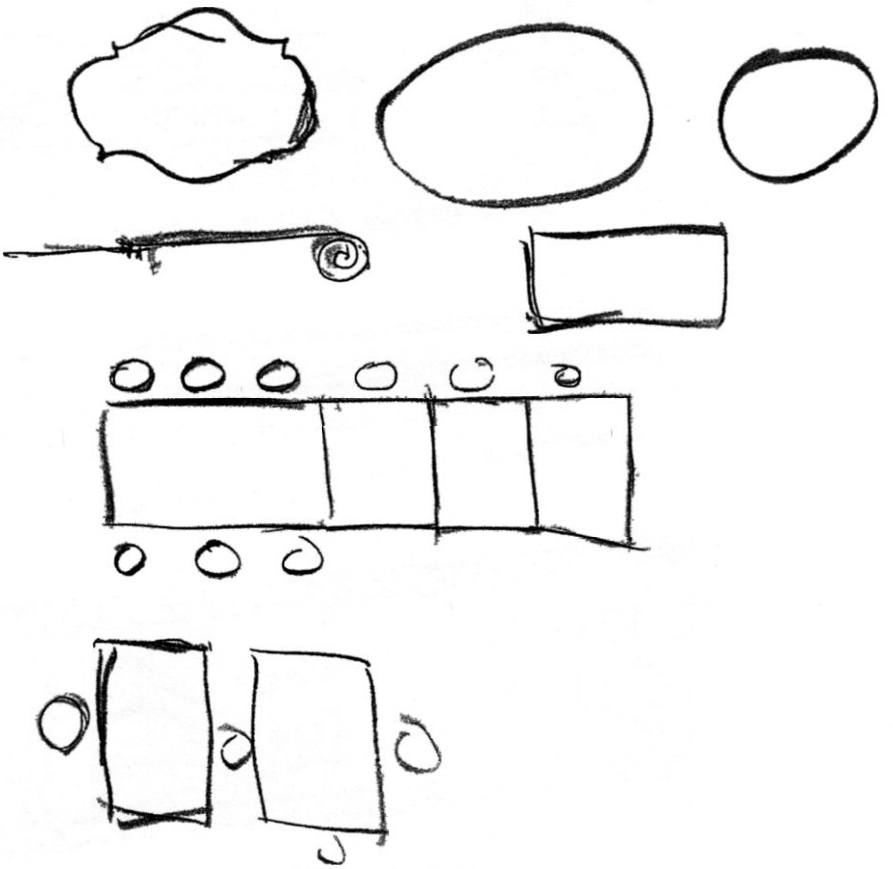


[107]



[108]





[109]

Quer se trate de escritório ou salão, sala de trabalho ou toucador, realizam-se funções padronizadas e precisas, as quais serão satisfeitas. Serão colocados em ordem objetos com dimensões humanas, com medidas comuns. Adeus, baús dos tempos passados!

O que pensarão disto as Câmaras de Comércio do mobiliário e os antiquários que fabricam em série o Luís XVI, "com pátina de época"! (ver capítulo V, "Uma borrasca", *l'Art décoratif d'Aujourd'hui*, Crès et Cie., Collection de l'Esprit Nouveau).

• • •

E as mesas?

Explicarei por meio de uma simples proposição: por que não distribuiríamos em nossos apartamentos um certo número de mesas padrão (dois ou três formatos que se podem justapor) e feitas de diferentes materiais, se assim quisermos? Sua construção com tubos de aço soldado permitiria fixar o tampo por meio de um encaixe automático. No caso de oferecer um jantar para muitas pessoas, basta montar algumas mesas. Para isso os tampos passam pelas portas, verticalmente e as armações de tubos de aço também. Tudo fica facilitado. Então quem nos obriga a comer na sala de almoço? **[109]**

• • •

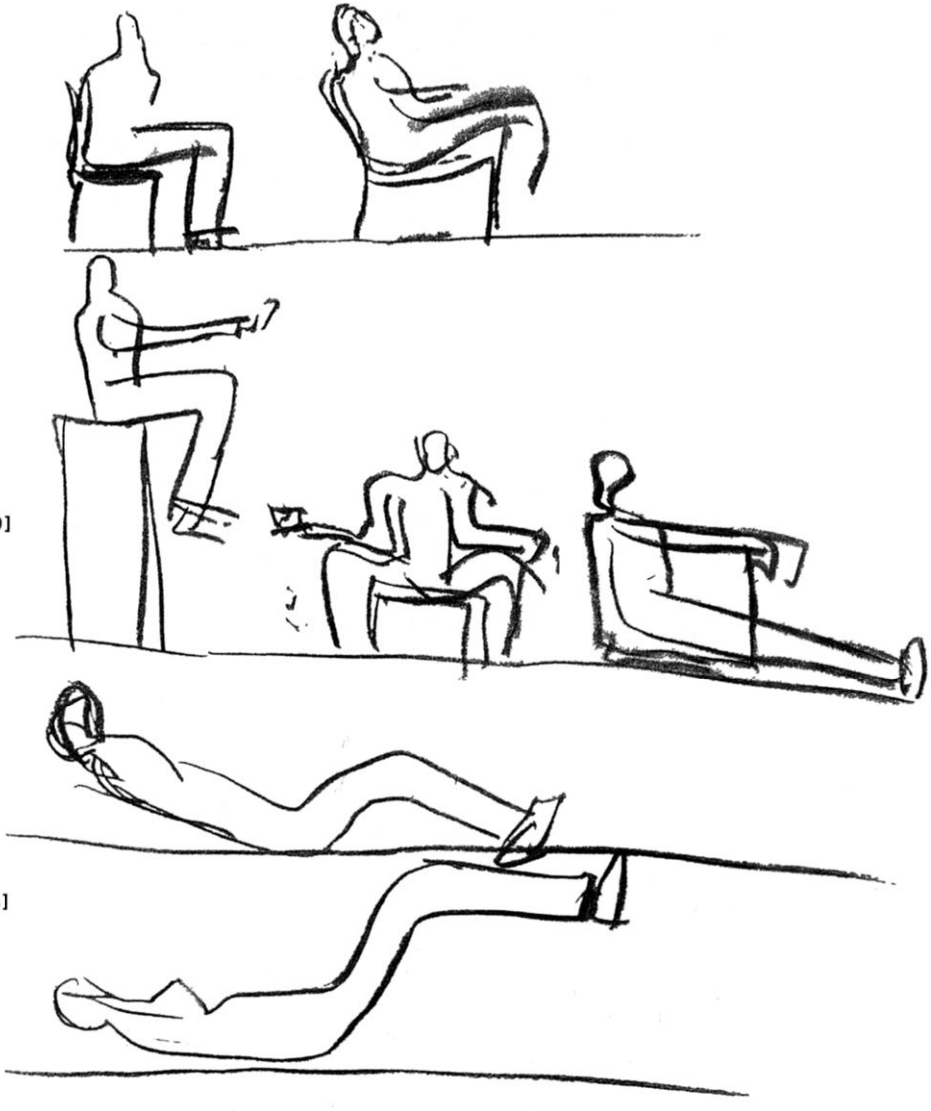
E os assentos?

Aqui vai mais uma afirmação, aparentemente estapafúrdia: *os assentos servem para descansar.*

Deixo de falar do "estilo" *no* qual — a menos que seja *segundo* o qual — iremos descansar!

Observo que existem muitas maneiras de nos sentar, que variam de acordo com as horas do dia, a ordem de nossas preocupações, a atitude que tomamos num salão (a qual mudamos três ou quatro vezes durante uma reunião). Para trabalhar sentamos de maneira "ativa". A cadeira é um instrumento de suplício que nos mantém admiravelmente despertos. Quando trabalho preciso de uma cadeira.

Sento-me para conversar: determinada poltrona proporciona-me uma postura decente e elegante. Sento-me "ativo" para argumentar, demonstrar uma tese, propor minha maneira de ver: como este tamborete alto convém à minha atitude! Sento-me tranqüilo, descontraído: este tamborete turco dos "cavedjis" de Istambul, com 35 centímetros de altura e 30 centímetros de diâmetro, é uma maravilha; nele ficaria horas sem me cansar, *sentado sobre meu traseiro.* E se formos quinze pessoas na pequena sala de uma



[110]

[110 bis]

pequena casa, decididos a não fazer nada, a dona da casa tira do armário quinze tamboretes encaixados uns nos outros. Inclino-me para um "kief" mais completo; lembro-me de que no Natal o chefe das carrocerias Voisin equipou seus 14 CV esportivos com uma almofada de molas sobre o chão. Sentado numa delas, percorri, sem o menor cansaço, 500 quilômetros de uma só vez. Lembro-me delas para equipar minha sala. **[110]** Mas eis aí a máquina de descansar? Nós a construímos com tubos de bicicleta e a cobrimos com uma magnífica pele de potro. É tão leve que pode ser empurrada com os pés e manobrada por uma criança. Pensei num caubói do faroeste, fumando o cachimbo, com os pés erguidos mais altos do que a cabeça, apoiados na borda da lareira: descanso completo. **[110 bis]** Nossa espreguiçadeira assume todas as posições; meu peso basta para mantê-la na posição escolhida, sem nenhuma mecânica. É a verdadeira máquina de descansar etc. etc.

DESLOCATO

CHAISE LONGUE

A mulher moderna cortou os cabelos. Nossos olhares conheceram a forma de suas pernas. O espartilho deixou de existir. "*A etiqueta*" sumiu. A etiqueta nasceu na corte. Nela, apenas algumas pessoas tinham o direito de sentar e precisavam fazê-lo de uma certa maneira. Mais tarde, no século XIX, o burguês tornou-se rei e encomendou poltronas infinitamente mais esculpidas e douradas do que aquelas de uso dos príncipes de sangue. As "boas maneiras" foram ensinadas no convento. Pois bem, hoje tudo isto nos entedia! Uma pessoa distinta jamais perde sua distinção, mesmo no carnaval. Quanto a isto estamos tranqüilos!

E sobretudo agora nos sentamos melhor!

E a casa foi esvaziada de seus móveis.

O espaço e a luz são abundantes.

Circula-se, age-se rapidamente.

E quem sabe sentiremos prazer em nos entregar a nossos pensamentos nesta hora de repouso e relaxamento em nossa casa?

Eis o fundo da questão: *pensar em algo.*

Na harmonia das proporções,

ou em algum poema da mecânica, da vida dos povos modernos ou antigos, até mesmo em um poema em versos,

ou em alguma música,

ou em alguma escultura, algum quadro,

em um gráfico,

ou em uma determinada fotografia de um fenômeno simples ou sublime, fundamental ou excepcional.

A vida nos oferece muitas ocasiões de juntarmos bibelôs que sejam *objetos que nos levem a pensar:*

este seixo do mar,

esta admirável pinha,
estas borboletas, estes escaravelhos,
este elemento de aço polido retirado de uma máquina
ou este fragmento de minério.
Os deuses? É o espírito que os forma com as coisas da Terra.

• • •

E a aventura? Ah, sim, a aventura do mobiliário? O acontecimento prossegue: *a noção de mobiliário desapareceu. Foi substituída por um vocábulo novo:* "*o equipamento doméstico*".[1]

1 Ver *Cahiers d'Art*, 1926, n. 3.

QUINTA CONFERÊNCIA
Sexta-feira, 11 de outubro de 1919
Amigos da Arte

O PLANO DA CASA MODERNA

Eis-nos aparelhados para encontrar soluções para o plano da casa moderna, se nos dispusermos a procurá-las.

Relembro o "*plano paralisado*" da casa de pedra e o plano a que chegamos, com a casa de ferro ou de concreto armado:

planta livre
fachada livre
esqueleto independente
janelas corridas ou pano de vidro
pilotis
teto-jardim
e o interior provido de "escaninhos" e livre da acumulação de móveis

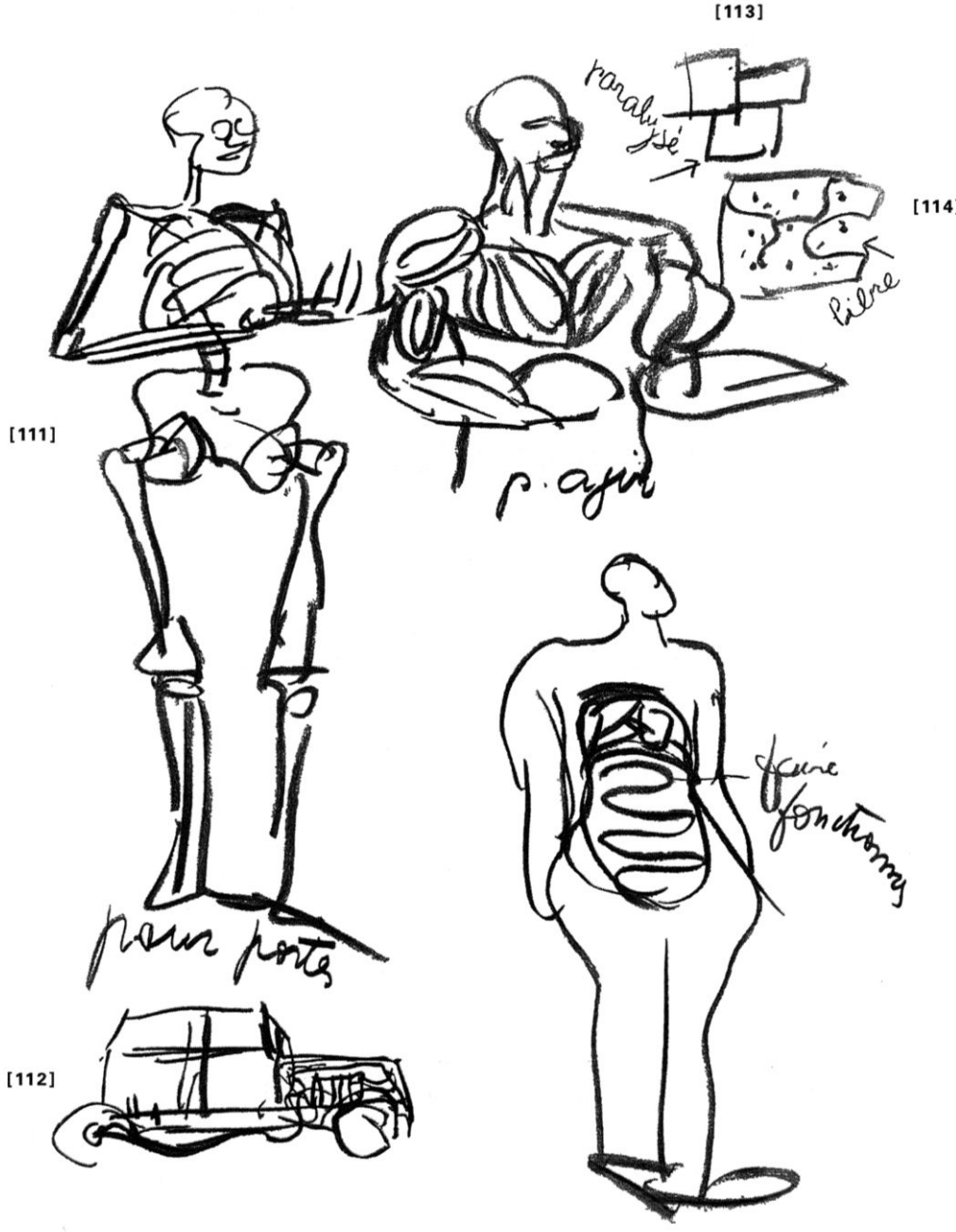
• • •

Um pouco de biologia prévia:
este esqueleto *para sustentar*,
enchimentos musculares *para agir*,
estas vísceras *para alimentar e fazer funcionar*. **[111]**

Um pouco de construção automobilística:
um chassis
uma carroceria,
um motor com seus órgãos de alimentação e evacuação. **[112]**

ESQUELETO
MÚSCULOS)ORGÃOS COM METABOLISMO(
|PELE|
VÍSCERAS

CHASSI
MOTOR
CARROCERIA
ALIMENTAÇÃO - EVACUAÇÃO


[113]
paralysé
[114]
libre
[111]
[112]

Queiram observar, neste último caso, com que flexibilidade os condutos elétricos, os tubos por onde passa a gasolina, o cano de escapamento do gás contornam com maleabilidade os órgãos rígidos — o bloco do motor, o chassis, a carroceria etc.

Neste croqui, no canto superior, a ossificação dos elementos da casa de pedra, todos servilmente superpostos de um andar a outro **[113]** e, ao lado, a flexibilidade da casa com esqueleto independente, com disposição interna livre e independente, de um andar a outro. **[114]**

• • •

Como tirar partido destas novas liberdades?

Em benefício da *economia*,
da *eficiência*,
da resolução das *inúmeras funções modernas*,
da *beleza*.

A *revolução arquitetônica* — já que se trata de uma verdadeira revolução — implica diferentes fatores:

1º Classificação,
2º Dimensionamento,
3º Circulação,
4º Composição,
5º Proporcionamento

I CLASSIFICAÇÃO

Dois fatores independentes encontram-se presentes, simultâneos, sincrônicos, inseparáveis, indissolúveis:

a) um fenômeno biológico,
b) um fenômeno plástico.

O biológico é o objetivo proposto, o problema apresentado, a utilidade fundamental do empreendimento.

O plástico é uma sensação fisiológica, uma "impressão", uma pressão exercida pelos sentidos, a carta marcada.

O biológico afeta nosso bom senso.

O plástico afeta nossa sensibilidade e nossa razão.

Reunidos em percepções sincrônicas, eles realizam a *emoção* arquitetônica — boa ou má.

É preciso, portanto, reconhecer os *órgãos* da casa, enumerá-los, classificá-los.

É preciso fixar as contigüidades úteis, desenrolar em sua ordem normal as operações sucessivas.

E, a propósito de cada objeto, perguntar-se:

o *aquecimento*... O que é?
a *ventilação* ou a *aeração*... O que é?
a iluminação diurna... O que é?
a iluminação noturna... O que é?
as ligações verticais, elevadores, planos inclinados, escadarias, escadas de mão...? as ligações horizontais (a circulação)? O que são?

O exame distanciado destas indagações poderá fornecer soluções que provocarão uma revolução na edificação.

A revolução? Sim, pois no que se refere aos hábitos correntes, sucessivas invenções contribuíram com inúmeros objetos novos e não foi feita leitura alguma deste acontecimento. Tudo acumulou-se com dificuldade, na confusão, e esta confusão *simplesmente nos levou ao desperdício.* (Um exemplo em cem: se descobri a possibilidade de viver com três quadragésimos de empregados domésticos, não tenho o direito de pretender aquecer-me com um décimo ou um centésimo de uma caldeira?)

II DIMENSIONAMENTO

Refiro-me ao dimensionamento dos cômodos de uma residência.

A questão, até agora, colocava-se sumariamente, pois a construção de pedra, sujeita às sobreposições dos mesmos locais, de um andar a outro, impedia inovações, opunha-se a essa busca de economia que, para nós, tornou-se uma base fundamental.

Hoje podemos introduzir na casa, como bem quisermos, a maior diversidade de cômodos, sem nos preocupar com a sobreposição dos andares; eu o demonstrei.

A partir disto, analisemos estas dimensões, vamos submetê-las a cálculos minuciosos. Operação de racionalização semelhante àquela que distribui os espaços nas fábricas modernas. Um lavabo não terá mais de 8 metros quadrados e o quarto de dormir não terá mais a mesma forma e a mesma superfície da sala de almoço pela simples razão — insensata — de estar situado em cima dela.

Descrevo com meu carvão e meu giz a seqüência de operações razoáveis que presidiram à construção de uma casinha à beira do lago Léman.

Eu sabia que a região onde a casa seria construída comportava um setor de 10 a 15 quilômetros de pequenas encostas que desciam para o lago. Um ponto fixo: o lago. Um outro, a vista magnífica, frontal; um outro, o Sul, igualmente frontal. **[115]**

Seria necessário, antes de mais nada, estudar o terreno e traçar o plano de acordo com ele? Este é o método corrente.

PARTIR DO MÁXIMO DO EFEITO

Penso que seria melhor fazer uma planta exata, de modo ideal conforme o uso que dela se espera, determinado pelos três fatores já enunciados. Isto feito, partir, com o plano no bolso, em busca de um terreno vantajoso.

Detectemos neste procedimento, de aparência contraditória, a chave do problema da habitação moderna. Antes de mais nada, morar segundo o encadeamento das funções razoáveis. Em seguida posicionar-se: mostrei-lhes anteriormente que os novos elementos da arquitetura moderna prometem estabelecer contato com um terreno em todas as circunstâncias.

Chegamos assim às seguintes cifras: **[116]**

vestíbulo	3 m²
toalete	1 m²
sala de almoço	9 m²
salão	12 m²
quarto de hóspedes, saleta	9 m²
quarto de dormir	9 m²
banheiro	3 m²
roupeiro	3 m²
cozinha	4 m²
lavanderia	4 m²
TOTAL	57 m²

III CIRCULAÇÃO

É o grande termo moderno. Tudo é circulação na arquitetura e no urbanismo.

Para que serve uma casa?

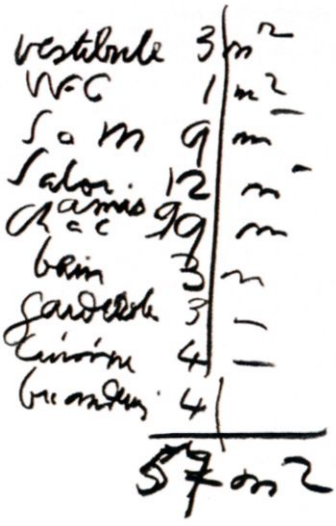
Entramos nela,

Exercemos nela funções metódicas.

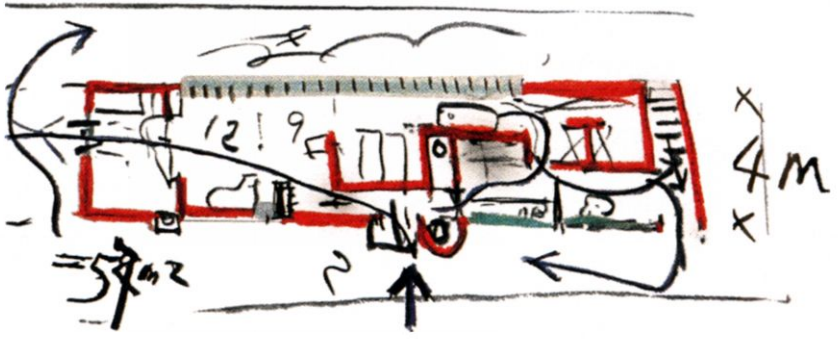
Casas operárias, vilas, palacetes particulares, Palácio das Nações, Casa do Centrosoyus de Moscou, Cidade Mundial, Plano de Paris, *tudo é circulação.*

Pode-se alinhar num circuito os elementos funcionais da casa, estando eles dimensionados e tendo sido fixadas as contigüidades indispensáveis.

[115]

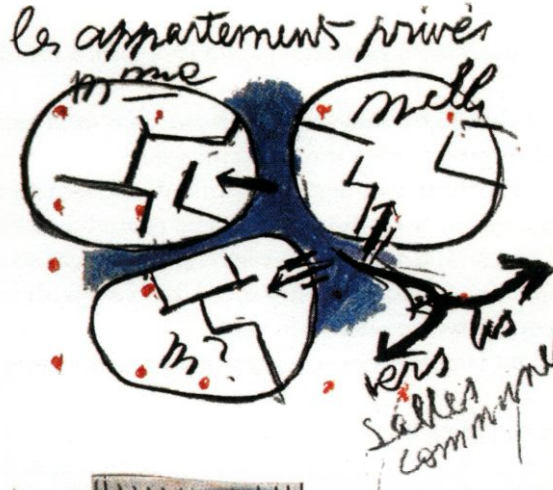

vestibule 3 m²
WC 1 m²
séjour 9 m²
salon 12 m²
chambre 9 m²
bain 3 m²
garderobe 3 m²
cuisine 4 m²
57 m²

[116]

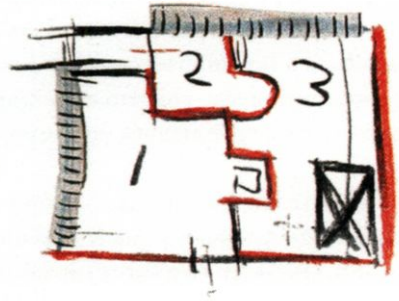

12
9
4m
57m²

[117]

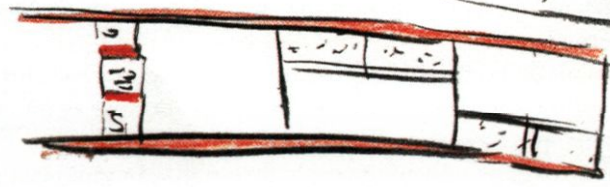
[118]



[119]



[120]



les encombrements consentis piano poêle bureau etc

Eu desenho:

um vestíbulo: abre à esquerda para a recepção, à direita para o setor de serviços. **[117]**

A sala de almoço e o salão se combinam, mas uma bancada de concreto em forma de espinha opera uma classificação.

A saleta, transformável instantaneamente em quarto de hóspedes, com camas embutidas no assoalho, um armário escondido atrás de uma divisória corrediça e um lavabo, construído sem cerimônia fora da casa.

Foi criada uma circulação entre o vestíbulo e o jardim à esquerda, espaço murado que serve de quarto no verão.

À direita da sala de almoço, o lugar para dormir junto ao banheiro e ao toalete.

Uma única janela de 11 metros de comprimento liga e ilumina todos estes elementos, fazendo entrar na casa a grandiosidade de uma paisagem magnífica: o lago, com seu movimento, os Alpes com o milagre da luz.

À direta do vestíbulo, a cozinha e a lavanderia, o acesso à adega e a porta de serviço que se abre para o pequenino pátio coberto com lajotas; do outro lado, a comunicação com o quarto de dormir através do roupeiro, segunda circulação "*de serviço*".

As portas têm 75 ou 55 centímetros de largura. A casa tem 4 metros de largura. Na parte interna, esta casa de 57 metros quadrados oferece uma perspectiva inteira de *14 metros*! A janela de 11 metros introduz a imensidade do exterior e a infalsificável unidade de uma paisagem lacustre, com tempestades ou calma radiosa.

Aqui não se perde sequer um centímetro quadrado, e isto não é pouca coisa!

E a beleza? Mas foi esta a própria qualidade da intenção que guiou todas estas operações.

Com o plano no bolso, fui procurar um terreno. Descobri uma ribanceira tão pequenina que jamais teria pensado em adquirir se não tivesse no bolso a certeza de que suas dimensões eram suficientes.

Passemos agora a outro exemplo de circulação moderna no interior de uma casa. Este esquema responde a uma forma de existência muito característica. Desenho aqui apenas o andar dos quartos. **[118]**

O dono da casa terá sua *célula*, sua senhora também, idem quanto à senhorita. Cada uma dessas células possui pisos e tetos suportados por pilastras independentes. Cada célula tem uma porta que se abre para um corredor, o qual estabelece uma fronteira entre os três apartamentos. Ao atravessar a porta estamos num organismo completo, formado por um vestíbulo, um pequeno quarto de vestir, onde estão todos os armários em que se guarda a roupa de uso pessoal, um espaço para a prática de exercícios esportivos,

um toucador ou escritório, um banheiro e, finalmente, o quarto de dormir. Divisórias a meia altura ou que vão até o teto, construídas ou não sob a forma de prateleiras, subdividem o espaço, deixando passar o teto. Cada pessoa mora ali como se estivesse numa pequena vila.

Mostro também como, por meio de divisórias curvas, **[119]** fáceis de construir, obtém-se dois quartos com banheiro, num espaço que teria possibilitado apenas um quarto tradicional.

Mostro ainda o tipo de divisórias curvas batizadas com o nome de "piano de cauda", que proporcionam três quartos, num espaço onde normalmente caberiam apenas dois. **[120]**

Seria fácil multiplicar estes exemplos que os problemas cotidianos nos propõem se tivéssemos o hábito de recorrer à ponta do lápis, passo a passo, refletindo bastante sobre as funções mediante as quais o morador sentirá prazer em habitar sua casa.

IV COMPOSIÇÃO

Façamos intervir a qualidade individual do arquiteto.

É aconselhável nos persuadirmos da existência de certas coisas, entre elas algo que é fundamental e de que falei anteriormente:

Desenho um homem de bem. **[121]** Faço-o entrar na casa; ele descobre determinado tamanho, determinada forma dos cômodos e, sobretudo, determinado afluxo de luz que entra pela janela ou pelo pano de vidro. Ele vai em frente: outro volume, mais uma presença de luz. Mais adiante, outra fonte luminosa; ainda mais adiante, inundação de luz e penumbra ao lado etc.

Respiramos estes volumes sucessivos, iluminados diversamente. Nossa respiração é acionada por eles.

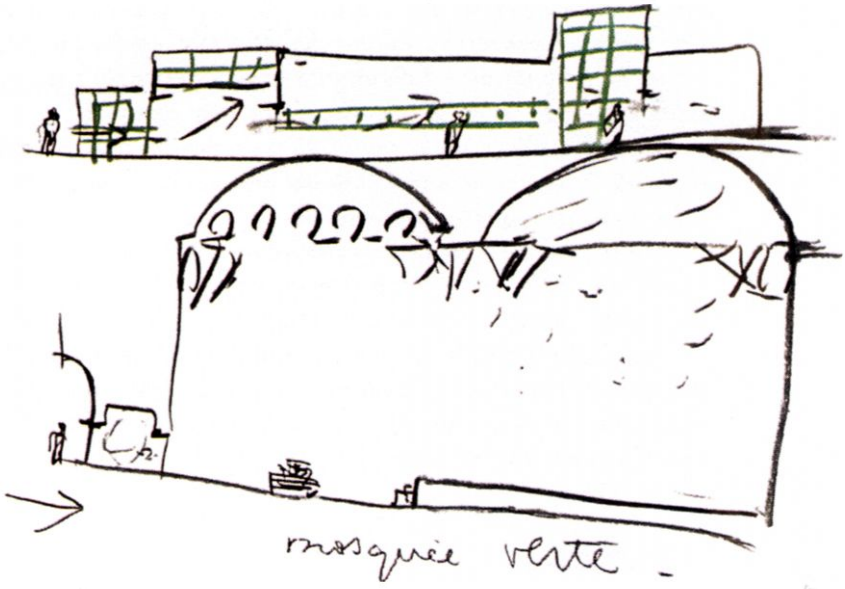
Sempre gostei de citar o corte da Mesquita Verde de Brousse, que é uma obra-prima de ritmo, devido ao volume e à luz. **[122]**

Já perceberam que faço uso abundante da luz. Ela constitui, para mim, a base fundamental da arquitetura. *Componho com a luz.*

Isto, no entanto, provoca inquietação. Esta vasta irrupção da luz, sobretudo estes panos de vidro, provoca murmúrios em Buenos Aires, no Rio, em todos os lugares onde se diz que o sol é violento. (Já me expliquei, no que se refere ao aquecimento ou à refrigeração.) Quando adquirimos um aparelho fotográfico estamos decididos a registrar as vistas no inverno crepuscular de Paris ou nas areias resplandecentes de um oásis. Então o que devemos fazer? Recorremos ao *diafragma*. Seus panos de vidro, suas janelas corridas estão inteiramente preparadas para que se use o diafragma à vontade. Vocês

[121]

[122]



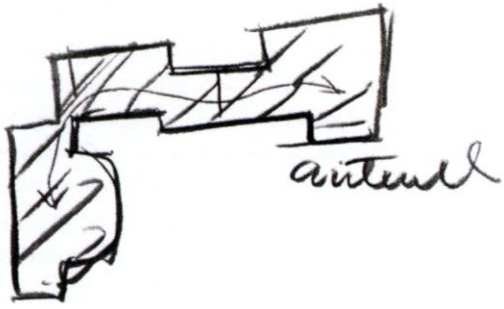
deixarão a luz penetrar onde lhes parecer melhor. Seu pano de vidro será feito de cristais ou de vidros especiais (que fazemos estudar pelos laboratórios de Saint-Gobain) que terão o valor isotérmico de uma parede espessa e que quebrarão os raios solares. Pode-se também usar vidros armados, vidros foscos ou tijolos de vidro. Panos de vidro, diafragmas, eis os novos termos que passam a fazer parte da linguagem arquitetônica.

V PROPORCIONAMENTO

Para os olhos tudo é geométrico (a biologia só existe na organização e é algo que o espírito aprecia apenas depois de um exame). *A composição arquitetônica é geométrica.* É, antes de mais nada, um acontecimento de ordem *visual*; é um acontecimento que implica julgamentos de quantidades, relações, apreciação de *proporções*. Estas provocam sensações; a seqüência das sensações é como uma melodia na música. Eric Satie dizia: a melodia é a idéia. A harmonização (na música) é o meio, o instrumento, a apresentação da idéia.

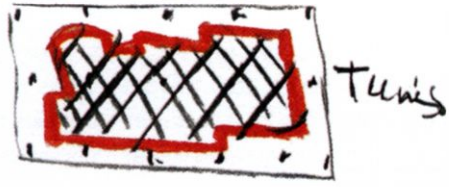
A *idéia* arquitetônica é um fenômeno peremptoriamente individual, inalienável. É positivo levar a idéia até o estado de pureza; expliquei o motivo dos traços reguladores. Disse também que o simples derivava da fartura, da abundância, através da escolha, seleção e concentração.

[123]

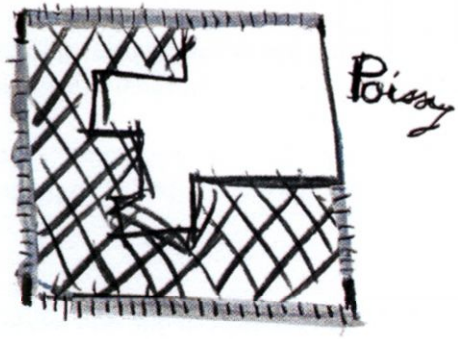


[124]

[125]



[126]



Cada um de nós consigna à idéia uma expressão pessoal: é o lirismo individual. Cada um de nós tem o direito de observar-se, julgar-se, conhecer-se e agir com clarividência. Pierre Jeanneret e eu construímos muitas casas. Examinando nossa própria produção, chego a discernir a intenção geral que determinou a atitude da obra. Recorrendo a métodos semelhantes de *classificação*, *dimensionamento*, *circulação*, *composição* e *proporcionamento*, trabalhamos até agora com quatro tipos distintos de plantas e cada uma delas exprime preocupações intelectuais características.

O *primeiro* tipo mostra cada órgão surgindo ao lado de seu vizinho, de acordo com um motivo orgânico: o "interior alarga seu espaço e empurra o exterior, que forma diversas saliências". Este princípio leva a uma composição "piramidal", que pode tornar-se complicada se não tomarmos cuidado (Auteil). **[123]**

O *segundo* tipo revela a compressão dos órgãos no interior de um envoltório rígido, absolutamente puro. É um problema difícil, talvez deleite do espírito; gasto de energia espiritual, em meio a entraves que nos impomos (Garches). **[124]**

O *terceiro* tipo proporciona, com um esqueleto aparente, um envoltório simples, claro, transparente como uma pequena rede; permite que se instalem diversamente, em cada andar, os volumes úteis dos quartos, em forma e quantidade. É um tipo engenhoso, apropriado a certos climas; composição muito fácil, plena de recursos (Túnis). **[125]**

O *quarto* tipo atinge, no que se refere ao exterior, aquela forma pura do segundo tipo; no interior, comporta as vantagens e qualidades do primeiro e do terceiro. Tipo puro, muito generoso, também repleto de qualidades (Poissy). **[126]**

Repito que não é inútil reportar-se constantemente à sua própria obra. A consciência dos acontecimentos é o trampolim do progresso.

• • •

Analisemos, para finalizar, essa construção que está sendo feita em Poissy, nos arredores de Paris.

Os visitantes, até aqui, voltam-se e tornam a voltar-se para o interior, perguntando-se como tudo isto acontece e dificilmente compreendem os motivos daquilo que vêem e sentem. Já não encontram mais nada daquilo que se convencionou denominar uma "casa". Sentem-se em outra coisa inteiramente nova. E... creio que não se entediam!

O local: um gramado vasto e encurvado. A vista principal dá para o Norte e, portanto, opõe-se ao sol. A frente normal da casa estaria, portanto, do lado contrário. **[127]**

A casa é uma caixa no ar, perfurada em toda a volta, sem interrupção, por uma janela corrida. Não se hesita mais em realizar jogos arquitetônicos com cheios e vazios. A caixa se eleva no meio dos prados, dominando o pomar. **[128]**

Sob a caixa, passando por entre os pilotis, há um caminho para os automóveis, fazendo ida e volta em forma de forquilha, cujo gancho fecha exatamente sob os pilotis, a entrada da casa, o vestíbulo, a garagem, os serviços (lavanderia, rouparia, quartos dos empregados). Os automóveis rodam debaixo da casa, estacionam ou vão embora. **[129]**

Do interior do vestíbulo uma rampa suave conduz, sem que quase se perceba, ao primeiro andar, onde transcorre a vida do morador: recepção, quartos etc. Recebendo vista e luz do contorno regular da caixa, os diferentes cômodos reúnem-se radialmente sobre um jardim suspenso, que ali está como um distribuidor de luz e sol.

É o jardim suspenso sobre o qual se abrem, com total liberdade, as paredes corrediças de vidro do salão e de vários outros cômodos: assim o sol penetra em todos os lugares, no próprio coração da casa. **[130]**

Do jardim suspenso, a rampa, que agora é externa, conduz ao teto, ao solário. **[131]**

Este, aliás, liga-se, por meio de três lanços de uma escada de caracol, à adega escavada na terra sob os pilotis. Esta escada de caracol, órgão vertical puro, insere-se livremente na composição horizontal.

Para terminar, observem o corte: o ar circula por todos os lugares, a luz está em cada ponto, penetra em tudo. **[132]** A circulação proporciona impressões arquitetônicas de uma diversidade que desconcerta todo visitante estrangeiro, diante das liberdades arquitetônicas propiciadas pelas técnicas modernas. As simples pilastras do andar térreo, mediante uma disposição correta, recortam a paisagem com uma regularidade que tem por efeito suprimir toda noção de "frente" ou "fundo" da casa, de "lateral" da casa.

A planta é pura e atende as necessidades mais precisas. Sua situação é a mais correta possível, na paisagem agreste de Poissy. **[133]**

Em Biarritz ela seria magnífica. Se a vista estiver de outro lado ou se a orientação for diferente, o jardim suspenso simplesmente será modificado.

Implantarei esta mesma casa em algum canto do belo campo argentino. Teremos vinte casas que despontarão entre o alto arvoredo de um pomar, onde as vacas continuarão a pastar.

Em vez do costume supérfluo e detestável de abrir ruas próprias de cidades-jardins, cujo efeito é destruir um local, implantaremos um belo sistema arterial, de concreto armado, no verde mesmo, em plena natureza. A vegetação continuará na beira dos caminhos, nada será molestado, nem as árvores, nem as flores, nem os rebanhos. Os moradores foram morar lá porque

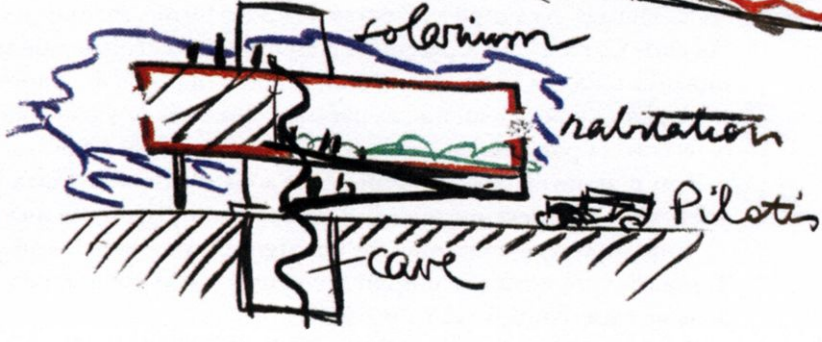
[127]

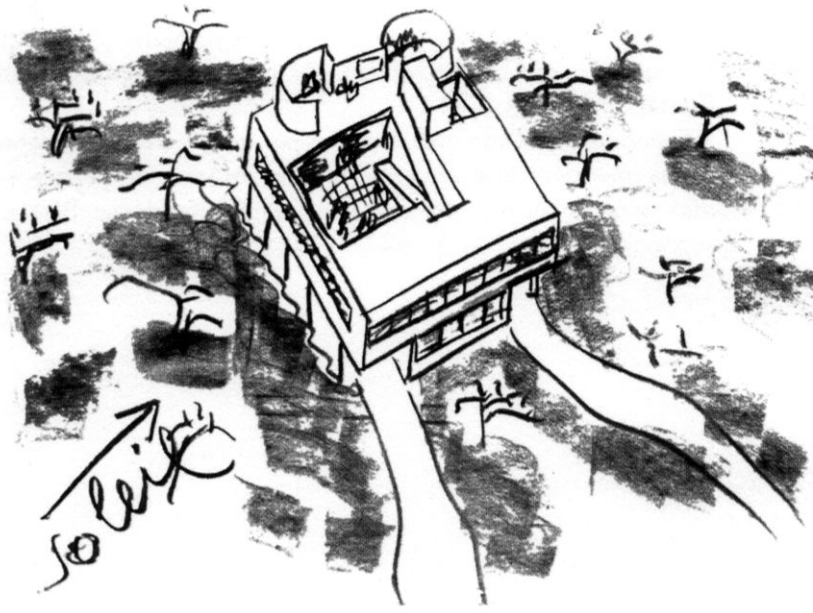
[128]

[129-130]

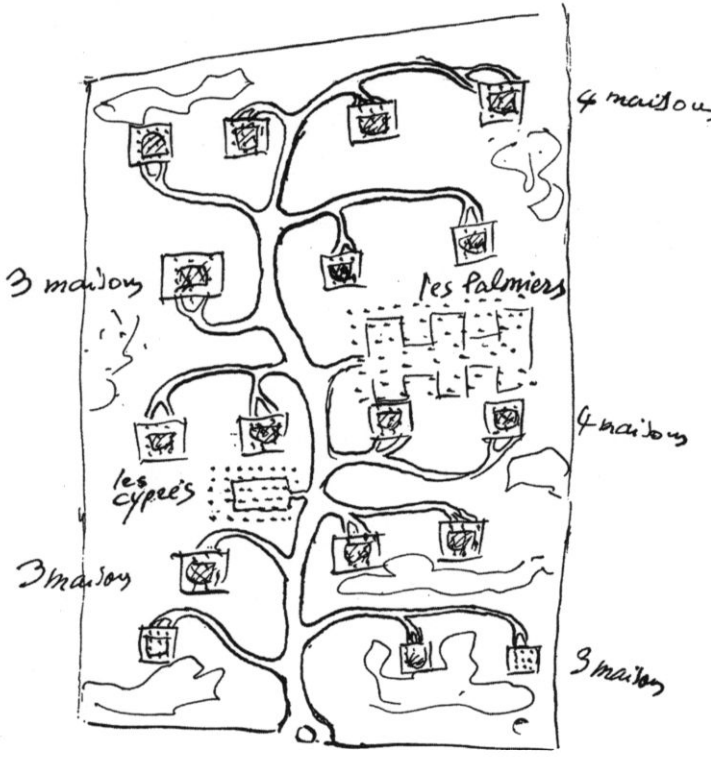
[131]

[132]




soleil

[133]


4 maisons
3 maisons
les Palmiers
4 maisons
les cypres
3 maisons
3 maisons

[134]

esse campo agreste era belo *com a vida que ele oferecia.* Mantido intacto, eles o contemplarão do alto de seus jardins suspensos ou das quatro faces de suas janelas corridas. Sua vida doméstica se inserirá em um sonho virgiliano. **[134]**

Espero que não me queiram mal por ter me estendido sobre este exemplo das *liberdades que tomamos.* Elas foram tomadas porque *foram conquistadas*, arrancadas das fontes vivas da matéria moderna. Poesia, lirismo, proporcionados pelas técnicas.

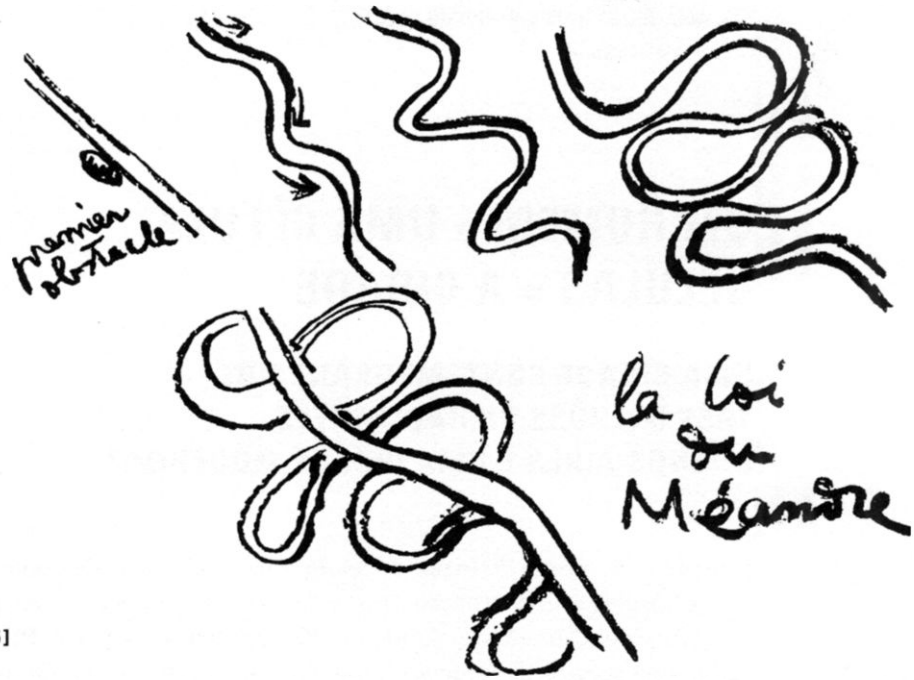
SEXTA CONFERÊNCIA
Segunda-feira, 14 de outubro de 1929
Amigos da Cidade

UM HOMEM = UMA CÉLULA
CÉLULAS = A CIDADE

UMA CIDADE CONTEMPORÂNEA DE TRÊS MILHÕES DE HABITANTES
BUENOS AIRES É UMA CIDADE MODERNA?

Chegou o momento de expor a "lei do meandro". As grandes cidades encontram-se numa situação inextricável. O maquinismo as empurrou para esta situação. O momento agudo da crise está em toda parte. Propõem-se mil e uma soluções "*pequenas*", que fariam com que tudo piorasse. Por outro lado, não seria possível realizá-las, devido ao dinheiro que isso exigiria. No entanto, pode acontecer um milagre. O próprio perturbador fornece a *continuação* do fenômeno e a solução: então todo obstáculo se dissolve, se dilui e, na flexibilidade, surge a solução, simples e eficaz. Milagre? Nem chega a sê-lo! O perturbador, o maquinismo, provê os elementos construtores ou reconstrutores. O abcesso fura, o caminho segue em frente. É a lição do meandro, a vitória sobre si mesmo, o ensino reconfortante. Aqui está a "*lei do meandro*":

Desenho um rio. **[135]** O objetivo é preciso: ir de um ponto a outro, rio ou idéia. Surge um incidente ínfimo — as incidências do espírito: na seqüência, um pequeno cotovelo que mal se nota. A água desvia para a esquerda e faz com que a margem desmorone; de lá, por causa do incidente, a água desvia para a direita. Então a linha reta deixa de existir. À esquerda, à direita, sempre mais fundo, a água corrói, escava, causa desmoronamentos; cada vez mais alargada, a idéia reconhece o campo. A linha reta tornou-se sinuosa; a idéia está provida de incidentes. A sinuosidade caracteriza-se, o meandro se desenha. A idéia ramificou-se. Em breve a solução fica terrivelmente complicada e é um paradoxo. A máquina funciona, mas ela é lenta e seu mecanismo tornou-se delicado e incômodo. O ímpeto inicial foi respeitado: chegou-se ao objetivo final, mas através de que caminhos!



[135]

Os volteios do meandro traçaram algo que se assemelha a um oito, o que é uma imbecilidade. Subitamente, no momento mais desesperador, eis que eles se tocam no ponto em que as curvas estão mais cheias! Milagre! O rio corre em linha reta! Foi assim que brotou a idéia pura e a solução apareceu. Inicia-se uma nova etapa. A vida volta a ser bela e normal... mas apenas durante um período. Ainda permanecem restos de velhos meandros, inertes, inúteis, pantanosos, estagnados; o mato invade as margens. Permanecem mecanismos sociais, mentais, mecânicos, que são parasitários, anacrônicos, paralisantes.

Assim, a idéia segue a lei do meandro. Os momentos do "*simples*" são o desfecho das crises agudas e críticas da complicação.

• • •

As cidades, as grandes cidades do mundo urbanizam-se sem doutrina. Já defini a legitimidade temporária de uma doutrina (e, com isso, entendo um período suficiente, que pode ter a duração de uma geração, por exemplo, isto é, vinte anos). Saber para onde se vai, porque se sabe de onde se veio.

O urbanismo praticado hoje é antes de mais nada estético — embelezamento, jardinagem. É como construir bonitos castelos de areia, enquanto a casa está pegando fogo.

Substituo a palavra *urbanismo* pelo termo *equipamento*. Já substituí o termo mobiliário por equipamento. Uma tal obstinação mostra que reivindicamos pura e simplesmente instrumentos de trabalho, pois não queremos morrer de fome diante dos canteiros de bordados do urbanismo estético.

• • •

Não sabemos para onde ir porque não sabemos de onde viemos. Temos necessidade de um diagnóstico e de uma linha de conduta.

PROTÓTIPO
VIDE "2 DE LABORATÓRIO" DO CONSTRUTIVO RUSSO 1919-21

Em 1922 tentei aprofundar a análise e realizei um trabalho de laboratório. Isolando meu micróbio, observava como ele se comportava. A biologia de meu micróbio surgiu com indiscutível clareza. Certezas conquistadas: diagnóstico. Em seguida, mediante um esforço de síntese, deduzi princípios fundamentais do urbanismo moderno. Foi o nosso grande estande de urbanismo no Salão de Outono, com o *diorama de uma Cidade contemporânea de três milhões de habitantes*.

Em 1924-1925 publiquei o livro *Urbanismo* na coleção l'Esprit Nouveau, no momento em que nossa rotunda de urbanismo, do *Pavilhão de l'Esprit Nouveau*, na Exposição Internacional de Artes Decorativas, contribuía com os estudos analíticos da célula de um homem moderno e a aglomeração desta célula num bairro citadino. Ali se repetia o primeiro diorama de 1922, apresentava-se o *Plano "Voisin" de Paris*, acompanhado de um vasto diorama, que mostrava a cidade inteira, com seu novo *centro* de negócios. Após a análise, após o diagnóstico, após o trabalho "feito nas nuvens", ali estava uma aplicação formal a um caso concreto: Paris. Em 1928, o "*Redressement Français*"[1] publicava uma proposta de programa de trabalho para uma comissão de urbanismo, intitulada "*Vers le Paris de l'époque machiniste*".[2]

O MÁXIMO INFORMANDO O TRANSITÓRIO

Tamanha atenção dedicada ao urbanismo parece autorizar-me a dirigir-lhes a palavra sobre este tema palpitante: as cidades contemporâneas.

• • •

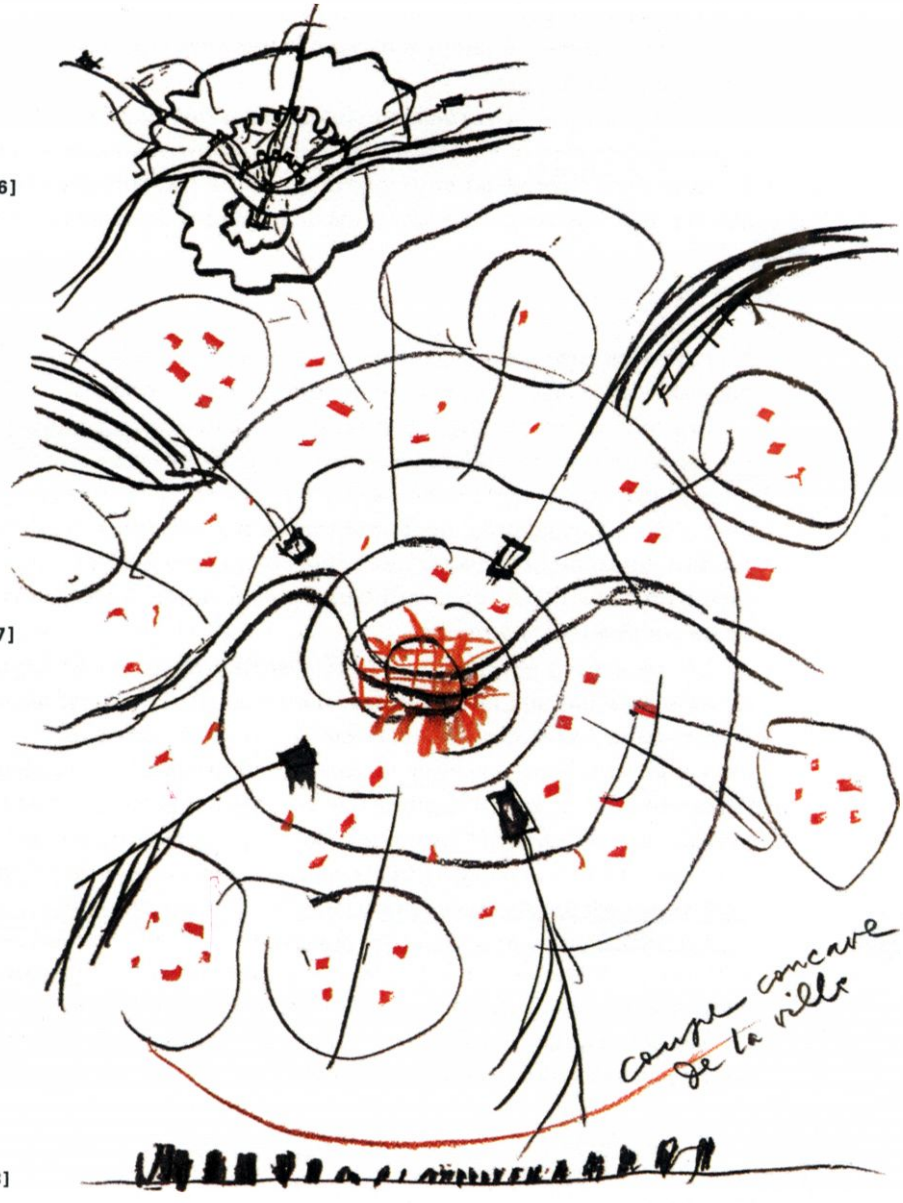
---

1 Organização de industriais e chefes de empresas criada em 1925 pelo magnata da indústria Ernest Mercier, visando a renovação da política e a modernização da economia na França. [N.E.]

2 *Vers le Paris de l'époque maquiniste*, por L.C. "Au Redressement Français", 28, rue de Madrid, Paris.

[136]

[137]



[138]

MUDANÇA DE PAUTA
Q Q Ñ SIGNIFICA NECESSARIAMTE ELIMINAR O Q Ñ É + A PAUTA – MAS SIGNIFICA NECESSARIAMTE REPOSICIONÁ-LO

Em torno de um rio, **[136]** com alguns traços de carvão concêntricos, faço-os assistir à fundação do primeiro povoado, do burgo, da cidade e de sua muralha fortificada, do *faubourg*[3] com sua segunda muralha, a terceira muralha, a quarta etc. Passamos do tempo dos romanos para os tempos modernos e não nos movemos de nosso centro.

Indico à esquerda, à direita, ao norte, ao sul, uma abadia fundada em campo aberto. O caminho que a liga à cidade permaneceu ao longo dos séculos; continuou sendo uma das artérias essenciais da cidade. Este caminho campestre foi elevado hoje à posição de uma grande artéria urbana!

No segundo desenho introduzo a estrada de ferro, as estações, os subúrbios e os grandes subúrbios que a estrada de ferro criou. O "disco" da cidade tornou-se gigantesco. **[137]**

Eu me pergunto por que este disco gigantesco foi instituído. Semeio, em amarelo, a poeira de homens dispersos por todos os lugares. Observo estes pontos amarelos transitar por canais que se irradiam e descem até o coração da cidade; ali, toda essa poeira amarela se acumula durante o dia. No fim do dia ela volta para os subúrbios e a periferia. Noto, portanto, que existem dois tempos nas funções da cidade: uma concentração no centro e, em seguida, uma dispersão para a periferia. Noto também que a *cidade* é uma roda gigantesca, cujos órgãos, que se irradiam, convergem para o núcleo, desde os quatro horizontes, de toda a volta da superfície imensa gerida por um *sistema radial.*

Se eu fizer um corte na parte inferior do desenho, observarei que a tendência dos séculos foi alargar as ruas e aumentar o cubo das casas. Se sintetizar essa tendência por meio de um esquema, desenharei um perfil de cidade *que é côncavo*: nas bordas, alto e arejado, no centro, deprimido e apertado. **[138]**

Procuro perceber com clareza ainda maior. Recorro a um novo esquema: o círculo formado por anéis concêntricos, cada vez mais apertados, é irrigado por rios de circulação que desenho com giz azul, largos na periferia e estreitos no centro. Exprimo este estado de compressão através de um novo esquema, formado por circunferências concêntricas: elas quase se tocam no centro. Afirmo: *eis um estado característico de congestionamento.* **[139]**

Opero uma classificação histórica e escrevo: *a era do cavalo, até 1850.*

E sobre meu esquema, que repito, anoto: *a era das estradas de ferro.* Desenhei as estações. **[140]**

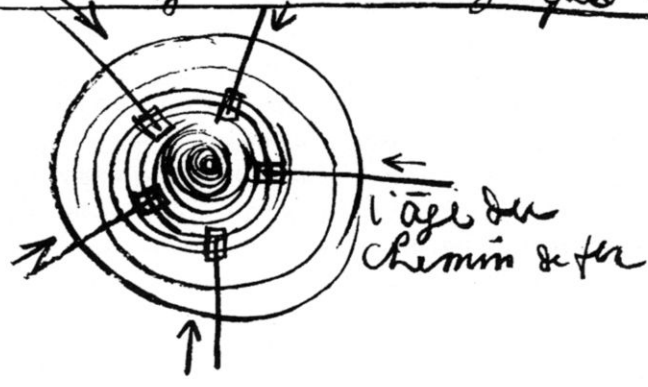
---

3 Historicamente, "fora do burgo"; as áreas localizadas além dos limites das cidades. [N.E.]

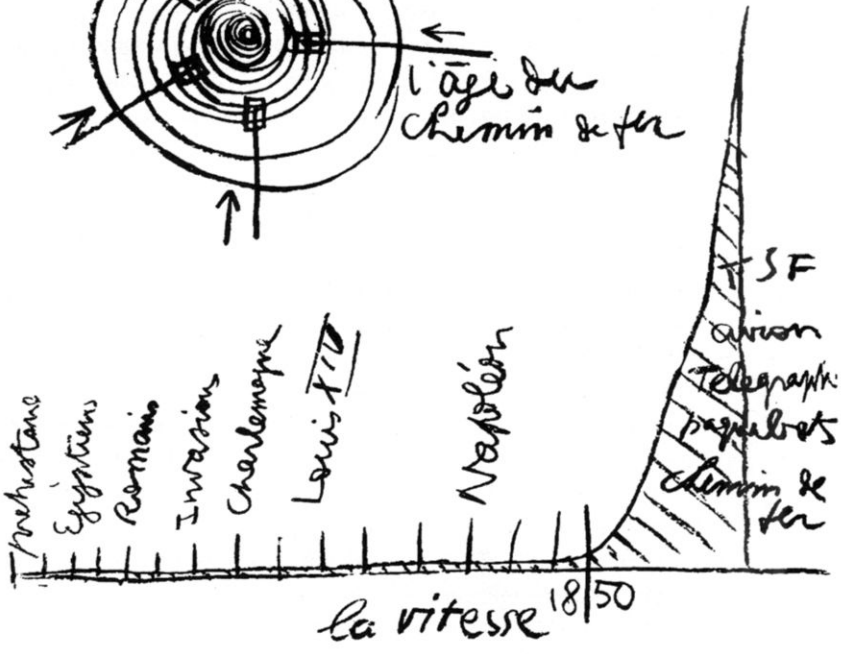
[139]

régime de vie
ou
l'âge du cheval : jusqu'à 1850

[140]


l'âge du
Chemin de fer

[141]


Préhistoire
Egyptiens
Romains
Invasions
Charlemagne
Louis XIV
Napoléon
+ SF
avion
télégraphe
paquebots
Chemin de fer
la vitesse
18|50

O que fazem as estações? Despejam multidões no coração da cidade. *Despejam* multidões. Sim, pois o regime das velocidades históricas do homem mudou; observem! Minha linha de velocidade parte dos tempos mais recuados. Ela desliza entre a velocidade do passo do homem e a do cavalo. A pré-história, os romanos, os hunos, os cruzados da Palestina, os exércitos da Guerra dos Trinta Anos e os de Napoleão marcharam no passo do homem ou do cavalo.[4]

Faço um traço de leitura vertical e escrevo: 1850. Em seguida, em oitenta anos, a curva sobe vertiginosamente, de modo gigantesco. Escrevo: estradas de ferro, navios, aviões, dirigíveis, automóveis, telégrafo, radiodifusão, telefone. **[141]**

Desenho novamente o mesmo círculo *estado da cidade*. Nele incluo as estações, mas ponho fábricas de automóveis nas periferias. Envio os automóveis para a cidade e escrevo: *era do automóvel*. **[142]**

Procuro ler, sempre.

Um círculo: o giz vermelho desenha a matéria que se precipita velozmente na cidade. **[143]** Ela chega de todos os lados. Aonde? Ao centro. O esquema é significativo. Repito, embaixo, o esquema anterior dos *rios de circulação*, em azul. **[144]** Por meio de uma chave ligo o estado de circulação ao esquema anterior de congestionamento, que repito. **[145]**

Tentando sobrepor o vermelho ao azul, escrevo, *convencido*, diante da chave que liga o estado de fato (a circulação) ao estado das coisas existentes (a cidade atual) e escrevo: "IMPOSSIBILIDADE = CRISE".

Por meio de um traço horizontal classifico estas situações existentes e desenho a única verdade possível: um rio azul de circulação cuja estrela assemelha-se à estrela vermelha do fluxo invasor. **[146]** Exprimo esta necessidade de descongestionamento por meio de círculos concêntricos, extremamente espaçados no centro e que quase podem tocar-se na periferia. **[147]**

Pronto! Li, compreendi e propus.

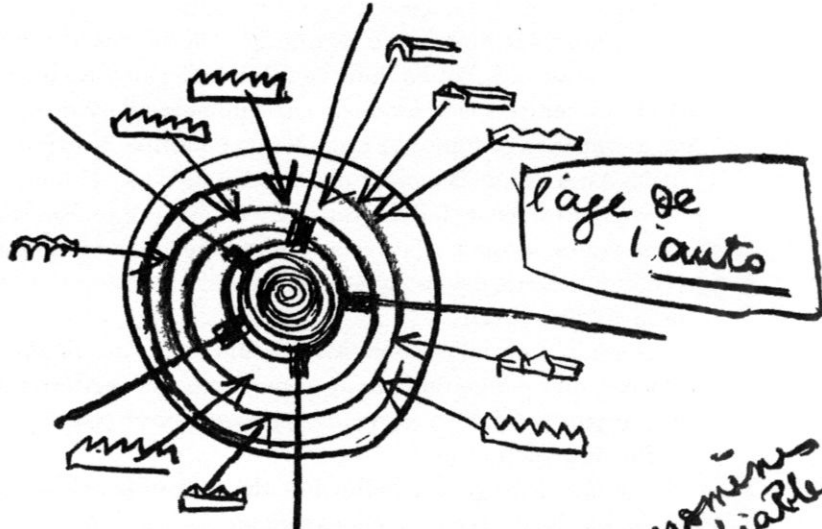
Então, em azul, desenho a fisionomia da cidade contemporânea da era do automóvel, **[148]** do avião e da estrada de ferro: imensas ruas largas no centro. Poderosas penetrações nos bairros mais afastados; ruas menos largas na periferia; em seguida, áreas verdes. Áreas verdes? Sim, uma zona de proteção, uma válvula de segurança para a ampliação da cidade. Em seguida, ao longe, redes de pequena circulação.

Penso na poeira amarela de homens, que vimos anteriormente. Declarei aquilo a que esses homens obedeciam: dois tempos. Eles vêm da periferia trabalhar nos negócios do centro da cidade; voltam à periferia para descansar.

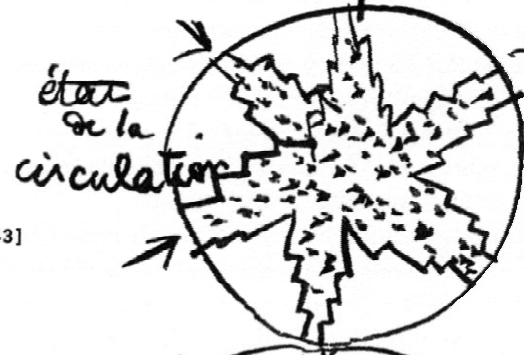
---

4 Se um romancista hercúleo pudesse nos contar isto!

[142]

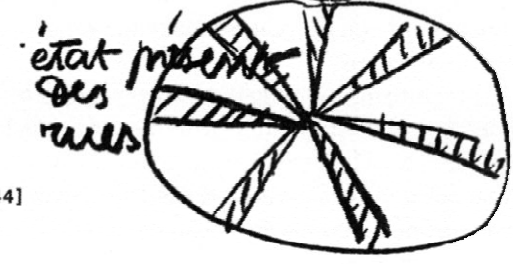


[143]



2 phénomènes inconciliables
CRISE !

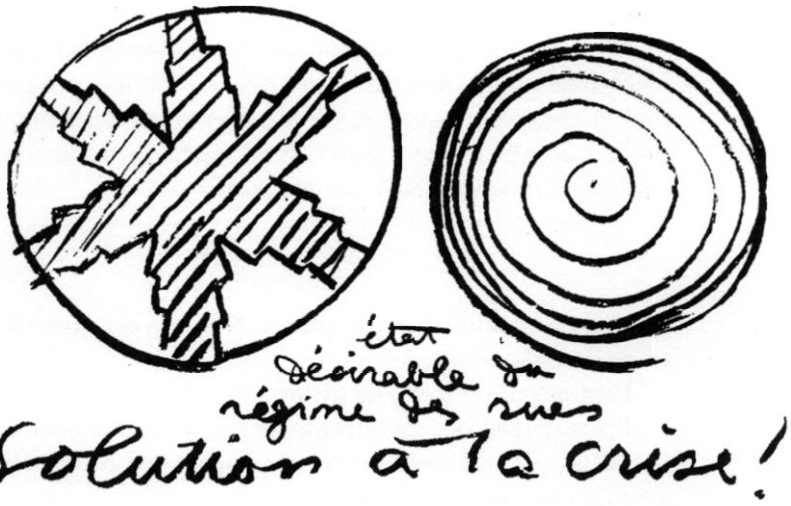
[144]



ou

[145]

[146]



[147]

Estaria eu *acuado* em meus esquemas? Já não tenho mais lugar no centro, entre meus imensos rios azuis de circulação, para esta massa súbita de homens amarelos. Tranqüilizemo-nos: as técnicas modernas nos ensinaram a construir a 200 metros de altura. *O centro da cidade terá 200 metros de altura.* Agindo assim, aumentarei formidavelmente ao quádruplo, até mesmo ao décuplo, a densidade do centro da cidade e as distâncias serão quatro vezes mais curtas.

Os senhores dirão: que corrida desenfreada pela rapidez, pela velocidade!

Sim, pois os negócios ficarão nas mãos daquele que age mais depressa. Reflitam sobre isto: todas as manhãs, na hora em que a Bolsa começa a operar, os mercados do mundo se confrontam; o preço do trabalho é fixado. Ele é fixado a cada manhã. Ele deve ser ajustado todos os dias. Para ganhar a partida — pois são mil pessoas que querem obter a encomenda — para ganhar a partida, é necessário agir com rapidez, precisão, exatidão, ser o mais direto possível. É preciso estar aparelhado para "fazer negócios".

Aquele que estiver bem aparelhado ganhará. A cidade que estiver bem aparelhada ganhará. O país que tiver uma capital bem aparelhada ganhará.

Se a cidade for mal aparelhada, **[151-152-153]** veremos, no coração das províncias, o lenhador vadiar, as polias deixarão de girar, a tristeza estará presente em todos os lares, acompanhada da pobreza e do desânimo.

Os senhores levantarão mais uma objeção: como explicar que seu diagnóstico se aplique a um regime circular e radial e que sua proposta

se faça em torno de um regime retangular e se estabeleça sobre dois eixos perpendiculares?

Foi porque deixei o domínio do economista, que recorre a figuras emblemáticas, e voltei a ser arquiteto. A arquitetura é gerida pelo ângulo reto. O perigo da arquitetura é deixar este terreno sólido e magnífico para sofrer a derrota imposta pelo ângulo agudo ou obtuso: tudo se transforma em feiúra, constrangimento e desperdício.

• • •

Edifícios com 200 metros de altura, avenidas gigantescas. Modificamos portanto *a escala da cidade*.

Façamos um retorno na história:

Eis aqui **[149]** as ruas estreitas da cidade gótica, apertada entre suas muralhas e seus quarteirões de pequenas casas. As ruas se cruzam a cada 20, 40 ou 50 metros.

Surge no reinado de Luís XIV uma nova disciplina. O coche acaba de surgir. A primeira coisa que se faz é retificar as ruas curvas. Alargam-se as ruas e projetam-se pequenos quarteirões de imóveis muito mais amplos.

Chega Haussmann que amplifica ainda mais a tendência. Os pátios se alargam ainda mais. Higiene, polícia e dignidade urbana se fazem presentes.

Lembrem-se de minha curva prodigiosa das velocidades, a que me referi há pouco. Desenho arranha-céus de 200 metros de altura, de 150 ou 200 metros de lado e os levanto a cada 400 metros. Eis as ruas que se cruzam a uma boa distância, destinadas às estações de metrô, automóveis e ônibus: um cruzamento de ruas a cada 400 metros.

Escrevo (porque calculei): superfície construída: 5%; superfície disponível, livre: 95%.

Refiro-me à minha segunda conferência: "as técnicas etc."; circulamos sob os pilotis das casas. As ruas nada têm a ver com as casas. As casas estão no ar, em volumes que ocupam o espaço e captam nossa vista; estes volumes se dispõem em ordem conforme a fatalidade do ângulo reto, que é feito de ordem, calma e beleza. As ruas serão o que elas quiserem ser, curvas ou retas. São rios, grandes rios que se ramificam, seguindo uma aritmética precisa. Suas ligações são ligações de rios que fluem à vontade, são ligações vastas. O curso do rio não deve jamais ser obstruído, pois sua largura seria modificada em certos pontos e disso resultariam perturbações deploráveis. Os barcos de nossos rios repletos de circulação — os automóveis, no caso — devem ancorar *em portos*, em suas docas situadas *do lado de fora*, à esquerda e à direita. Há lugar para se estabelecer portos e docas.

A cidade inteira será coberta por vegetação. **[154]** Existirá luz e ar em profusão. *Não haverá jamais pátios, pois o pátio é uma coisa nefasta.* Os homens que trabalham em plena luz trabalham bem. Aqueles que enxergam as coisas do alto, a 100, 150 ou 200 metros, são mais alegres do que aqueles que vivem em buracos e enxergam apenas uma muralha de prisão.

PRECISÕES

Se eu desenhar o corte da cidade moderna, este corte não é côncavo, mas convexo. Eis aqui uma certeza.**[150]**

Por meio destes diversos esquemas existem, aliás, muitas certezas. Estas certezas constituem uma doutrina. *Uma doutrina de urbanismo.* Não existe doutrina de urbanismo nos dias de hoje? É preciso uma doutrina.

• • •

Senhoras e senhores, abordei mal meu tema? Ele é imenso, mas as outras conferências contribuirão com sua luz. Basta alinhavar as verdades adquiridas.

Escrevi um livro sobre este tema. Realizei muitos estudos técnicos precisos. Não posso recomeçar aqui as demonstrações já feitas. Mas posso reunir tudo isso em algumas idéias essenciais. Eis o fundamental:

MEIO

O urbanismo é uma questão de equipamento, de instrumento. Quem diz instrumento diz bom funcionamento, rendimento, eficiência.

QUESTÃO ESTÉTICA - POLÍTICA SEMIÓTICA

O urbanismo não é uma questão estética senão sincronicamente com a questão da organização biológica, da organização social, e da organização financeira.

ESTÉTICA x VIDA

O urbanismo estético custa caro, acarreta imensas despesas, é uma carga terrível para o contribuinte. Ele é tanto mais deslocado, ou inconsciente, na medida em que não socorre a vida da cidade. O verdadeiro urbanismo encontra nas técnicas modernas o meio de contribuir com uma solução para a crise. Nos problemas econômicos que constituem sua essência, ele encontra seu próprio financiamento. Demonstrarei este fato em outra ocasião. Deste financiamento automático resulta um benefício financeiro enorme que permite comprometer as despesas das quais depende a tranqüilidade social. Para que este investimento exista, surja, torna-se necessário uma intervenção da autoridade suprema.

Mostrarei num outro momento como surge o financiamento da obra através da intervenção da autoridade. Determinaremos o lugar onde a autoridade deve intervir e veremos qual autoridade deve intervir e como ela deverá agir.

Tudo aquilo que precedeu minhas demonstrações vem trazer seu apoio para a solução da crise das cidades. O problema bem situado — na célula e na aglomeração da célula — e o apelo aos novos meios da época maquinista desatam os terríveis anéis do meandro ou, mais exatamente, perfuram o

[151]

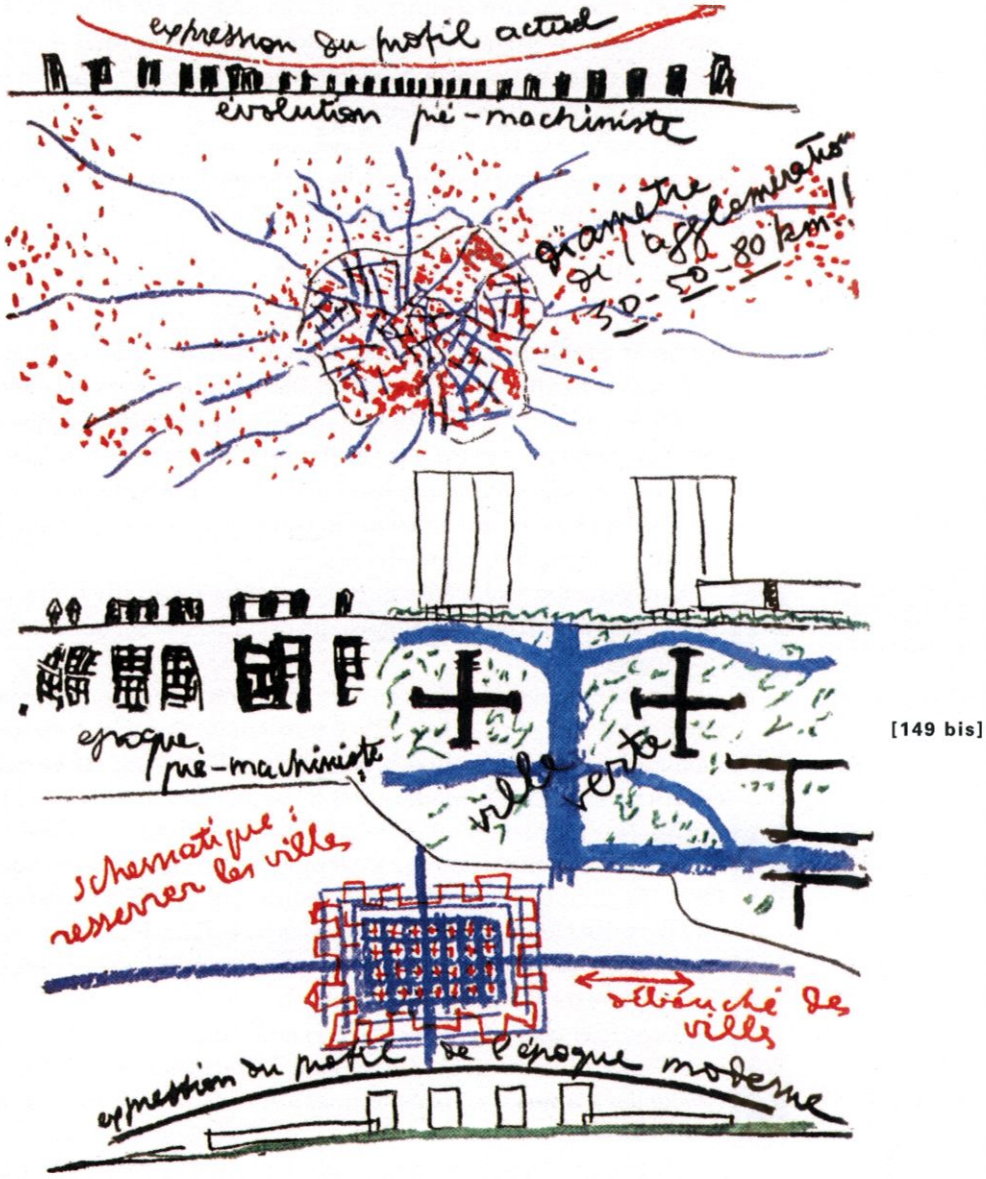
[152]

[149]

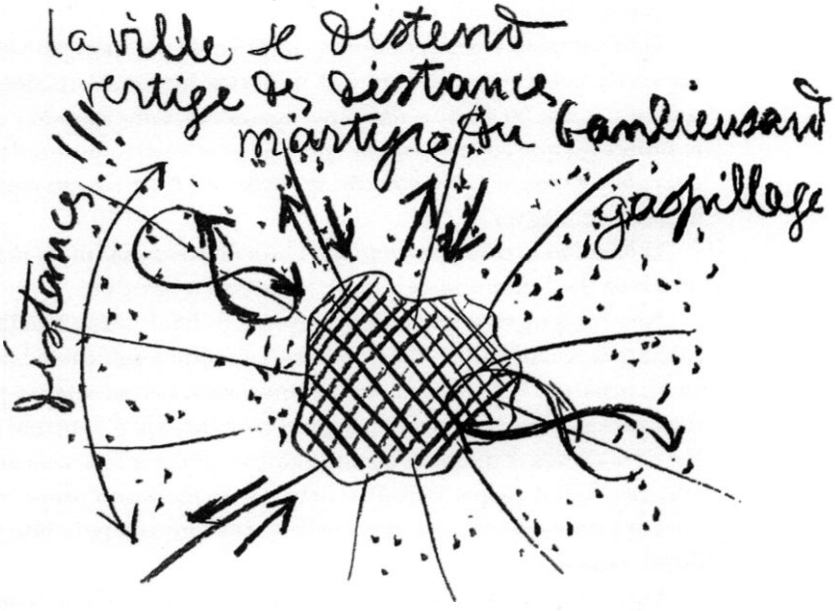
[149 bis]

[148]

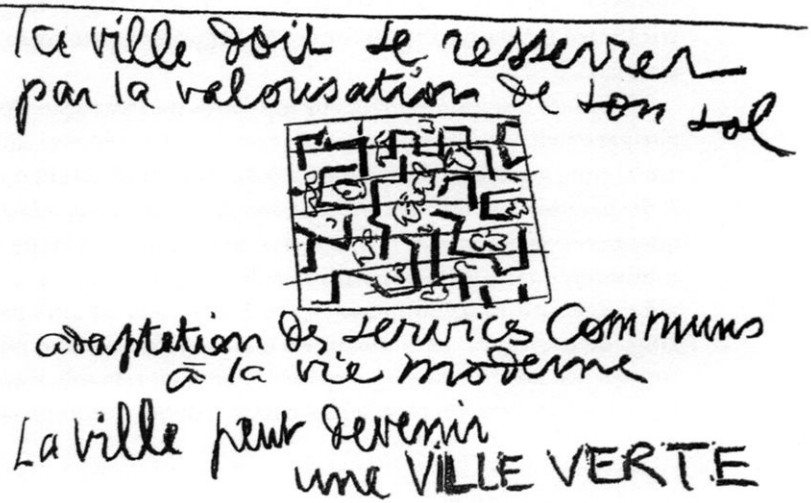
[150]



[153]


la ville se distend
vertige des distances
martyre des banlieusards
gaspillage
distances !!!

[154]


la ville doit se resserrer
par la valorisation de son sol
adaptation des services communs
à la vie moderne
La ville peut devenir
une VILLE VERTE

meandro de um lado a outro e a vida pode retomar seu curso largo. Não existe milagre. Existe desfecho, maturidade, frutificação.

Que viriam fazer aqui pensamentos acadêmicos ou uma sentimentalidade que se apóia no artifício?

FOGO DE ARTIFÍCIO

O urbanismo é um fenômeno sintético de composição *sobre o solo e acima do solo*. O que fez com que muitas soluções abortassem foi o fato de que se pensou *no plano* e não sinteticamente, *em extensão e em elevação*, isto é, num solo que se deve sulcar com todos os instrumentos da velocidade e *em cubos de construções que vão se encher de homens*, em condições ótimas de saúde e alegria.

O *barulho* precisa ser vencido. Uma doutrina sadia do urbanismo e uma doutrina da "máquina de morar" repelem o barulho.

Não imaginemos que nossos ouvidos se habituarão à balbúrdia da vida moderna. A balbúrdia, aliás, só existe quando a solução é bastarda (mecânica ou urbana). A tendência da boa mecânica não se orienta para o barulho, mas para o silêncio. Sofremos com o barulho, ele é anormal e seus efeitos são desastrosos. Em breve os milionários oferecerão a seus amigos *horas de silêncio*. A menos que triunfe o urbanismo moderno proporcionando a paz. Existirá uma capital com pretensões a ser louvada pelo fato de ter-se tornado silenciosa.

De tudo o que já dissemos depreende-se que a cidade moderna será repleta de árvores. É uma necessidade para os pulmões, é uma ternura com respeito a nossos corações, é o próprio tempero da grande plástica geométrica introduzida na arquitetura contemporânea pelo ferro e pelo concreto armado.

Submeto a seguinte idéia aos ministros da Instrução Pública: um decreto obrigará todos os alunos das escolas primárias a plantar cada um uma árvore em algum lugar da cidade ou fora dela. Esta árvore terá o nome da criança. A despesa será insignificante, mas *são necessários traçados!* Dentro de cinqüenta ou sessenta anos um belo ato de piedade conduzirá esses homens e mulheres, que envelheceram, ao pé de sua grande árvore, que terá desenvolvido uma ramificação imensa. — Isto não passa de uma pequena idéia que lanço de passagem, para mostrar o quanto julgo indispensável ao nosso corpo e aos nossos corações a natureza da qual não saberíamos mais nos privar —, a natureza no coração de nossas cidades desumanas.

• • •

Termino pelo enunciado *dos elementos plásticos* do urbanismo e de seus *elementos poéticos*.

Em primeiro lugar, na planta: os espaços diversificados. **[149 bis]**

em seguida, em elevação, **[155]** segundo meu desenho:

inicialmente o solo, coberto de vegetação; os rios de circulação passam através dele e os portos de estacionamento estão rodeados de árvores.

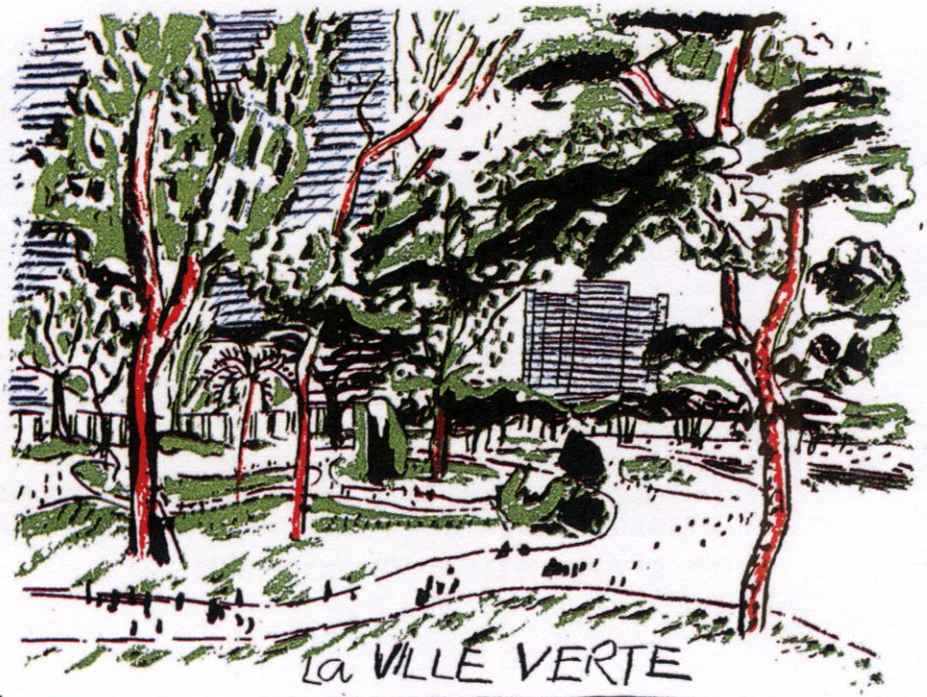
Eis que uma auto-estrada sobre pilotis estende-se a perder de vista.

Dominando as árvores ou correndo no meio de suas copas, entre folhagens e gramados, as ruas "elevadas", façamos construções de dois ou três andares, onde se encontram os cafés, as lojas e os passeios.

Aqui, os vastos edifícios destinados à moradia, dotados de serviços comuns, sem pátios e abertos para parques.

Eis os arranha-céus todos de cristal, que reluzem na atmosfera.

Mas nós permanecemos homens, homens de sempre, com nossos olhos a 1,70 metros acima do solo. Eis o espetáculo autêntico da cidade moderna, intensa e ardente: uma sinfonia de vegetação, folhagens, ramagens, relvas e estilhaços de diamantes por entre os bosques. Sinfonia! Vejam com que lirismo o progresso nos animou, com que utensílios as técnicas modernas nos dotaram. Jamais se viu semelhante coisa! Ah não, pois começou uma nova época, movida por um novo espírito. **[156]**



[156]

les gratte ciel de verre

les redents

les voies superposées l'autostrade

les bases nouvelles de La Composition urbaine

un nouveau lyrisme de l'époque machiniste

[155]

SÉTIMA CONFERÊNCIA
Terça-feira, 15 de outubro de 1929
Faculdade de Ciências Exatas

UMA CASA — UM PALÁCIO

O PALÁCIO DA SOCIEDADE DAS NAÇÕES EM GENEBRA

A presença desta conferência em um ciclo que chega ao fim tem por objetivo fixar um sentido honesto a um termo que, para nós, significa apenas mentira, pretensão, vaidade, desperdício e profunda imbecilidade. Este termo assim se enuncia: *Palácio.*

Estivemos demasiado engajados no caminho leal da arquitetura para nos sentir com capacidade de julgar. Evoquemos os palácios dos senhores: o do Congresso, o da Justiça. Os nossos: o Grande Palácio das Exposições em Paris, o Palácio da Justiça em Bruxelas, o de Roma. Finalmente, uma grande parte daqueles que acorreram de todos os países e se alinharam sob o signo acadêmico, por ocasião do grande concurso internacional que teve por objetivo a construção de um palácio da Sociedade das Nações em Genebra.

Evoquem esses palácios; é como se eles se levantassem diante de seus olhos; não acrescento sequer uma palavra; vocês julgam para que servem eles? Para manifestar a suntuosidade. Quais eram as funções implicadas em sua destinação? Elas são quase irrealizáveis.

No ano passado, escrevi um livro dedicado a este tema: *Uma casa — Um palácio*, ao qual dei um subtítulo: "em busca de uma unidade arquitetônica".

Nele expliquei-me com muitos detalhes. Mesmo assim recapitularei para os senhores a desmontagem técnica do que foi o nosso projeto. Encontrarão em meu relato os elementos do que é útil ressaltar aqui. O que é preciso enfatizar, nestas palavras que precisam ser dirigidas às pessoas honestas e nesta seqüência de funções rigorosas que constituem a própria razão do problema apresentado, é o seguinte:

2 CRITERIOS P/ UMA ECONOMIA REVOLUC: EGONOMIA

MEIO.MSG REESTRUTURAR AS **MATRIZES** |SOCIAIS | METABOLISMO & METALINGUAGEM| PELA MSG DOS MEIOS |X REFORMAR|

METAMEIO.MSG CRIAR VALORES NOVOS |X ECONOMIZAR VALORES DADOS |: ECONOMIA VOLTADA AO FUTURO · RECURSO 1º: LIBERDADE

A arquitetura é um encadeamento de acontecimentos sucessivos, que vão da análise à síntese. Acontecimentos que o espírito tenta tornar sublimes através da criação de relações tão precisas e perturbadoras que delas decorrem sensações fisiológicas profundas. Intervém um verdadeiro deleite espiritual ao lermos o problema resolvido e alcançarmos uma percepção da harmonia graças à qualidade aguda de uma matemática que une cada elemento da obra aos demais e o conjunto dela a esta outra entidade que é o meio ambiente, o local.

FUNÇÃO DA BELEZA: ESTÍMULO À CRIAÇÃO

É então que tudo aquilo que serve, tudo aquilo que é útil, é deixado para trás. Transborda um acontecimento: a criação. Fenômeno de lirismo e de sabedoria que se chama beleza.

E, a partir do instante em que situamos o conceito de *Palácio* nos elementos indispensáveis a todo funcionamento — o útil — e que tivemos a pretensão de alcançar o sublime devido ao efeito de uma intenção elevada, nós, arquitetos e urbanistas, nos sentimos capacitados a criar a cidade. A cidade que constitui um todo. A cidade que deve ser bela porque uma intenção elevada... etc., eleva acima da satisfação bruta a das funções, dos elementos que... etc.

BELEZA FELICIDADE MMM...

O homem sadio — pertença ele ao povo ou à alta cultura — extrai desses espetáculos uma galvanização, uma incitação portadora de alegria (a felicidade não é material; é o sentimento de algo).

Não o entenderá somente aquele que estiver saturado de espírito acadêmico, que perdeu, devido ao artifício dos ensinamentos e da preguiça, sua *sensibilidade original* (de origem). Ele nada apreende do novo espetáculo que se desenvolve diante de seus olhos.

Todas as grandes obras da tradição, aquelas que, sem exceção, constituem, elo após elo, a corrente clássica, foram revolucionárias quando surgiram.

METAMEIO E MEIO

O próprio da criação é equacionar relações forçosamente novas, pois um dos termos é fixo — a sensibilidade humana — e o outro está sempre em movimento — as contingências, isto é, *o meio* formado pela qualidade técnica, em todos os setores, de uma sociedade em perpétua evolução.

Neste ápice da arquitetura, em que o termo "palácio" volta a ser honesto, domina um espírito que qualifico como *espírito da verdade*. O espírito da verdade é uma haste rígida, que mergulha no próprio alicerce da obra, atravessando-a, alimentando-a, sustentando-a sem falhar, até chegar a seu semblante, revestido de um sorriso tranqüilo que dá a certeza do que é verdadeiro e a satisfação de ter vencido as dificuldades.

INFORMANDO

• • •

Desenhei a cabana do selvagem, **[157]** o templo primitivo, **[158]** a casa do camponês **[159]** e disse: estes organismos, criados com a autenticidade que a natureza mesma infunde em suas obras — sua economia, sua pureza, sua intensidade —, são aqueles que, num dia de sol e de clarividência, tornaram-se palácios. Mostrei a casa do pescador, **[160]** construída com uma verdade aguda, indiscutível; meus olhos, um dia mergulhados na arquitetura, no fato arquitetônico eterno, descobriram-na subitamente. "Esta casa", disse a mim mesmo, " é um palácio!"

Em seguida desenhei e expliquei tudo aquilo que constitui nosso projeto de Palácio das Nações:

O socorro propiciado pelos pilotis ao problema da circulação; **[161]**

a concepção de um edifício de escritórios modernos; **[26-27-30-31]**

o problema mais imperioso do palácio, a circulação vertical e horizontal no edifício das Grandes Comissões públicas e da Grande Sala da Assembléia;

o problema da estrutura numa sala tão grande; **[162-163-164]**

aquele do olho e do ouvido: visibilidade e acústica num lugar onde as pessoas se reúnem como numa verdadeira Torre de Babel, **[165]** pessoas de todos os países e de todas as línguas, em debates cuja aposta é a paz mundial. Saber ouvir é o único caminho que o coração ou a razão podem trilhar; **[166 a 169]**

a iluminação da Grande Sala, durante o dia e à noite. *Enxergar bem* para decidir as questões mundiais e aproveitar o otimismo dos raios solares; **[170-171]**

respirar; primeira criação de nossas "paredes neutralizantes"; **[172-173]**

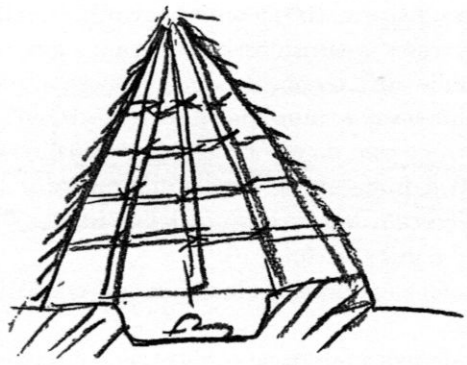
finalmente, *adição*, isto é, síntese arquitetônica dos elementos criados no mais leal espírito de verdade e sob a animação de um desejo violento: realizar uma obra harmoniosa.

• • •

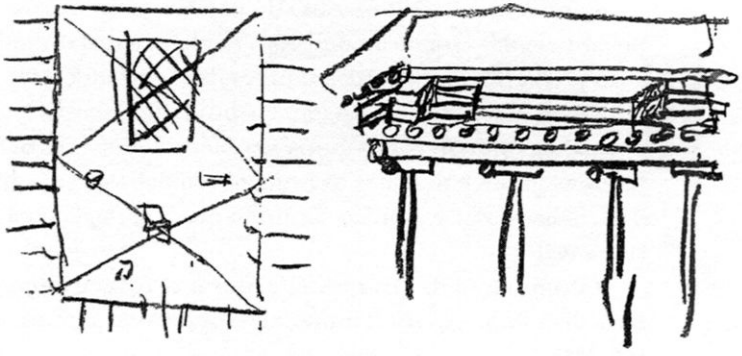
O que aconteceu, então? Fomos expulsos da Sociedade das Nações. Fomos eliminados, totalmente suprimidos, apesar do júri e dos expertos que nos haviam designado para a construção do Palácio.

Esse formidável concurso, que mobilizou 376 escritórios de arquitetura do mundo inteiro e forneceu a Genebra 14 quilômetros de planos foi fraudado. E por que foi fraudado? O espírito acadêmico reina na cúpula do edifício social, lá, bem perto do governo, nos Institutos. As pessoas da Sociedade das Nações são sinceras. Elas ainda pensam "Rei". Governar por meio da pompa. Impor-se por meio dos enfeites que *serviram outrora a essa imposição.* Que fenomenal erro de veredicto, que desconhecimento da massa do mundo em movimento!

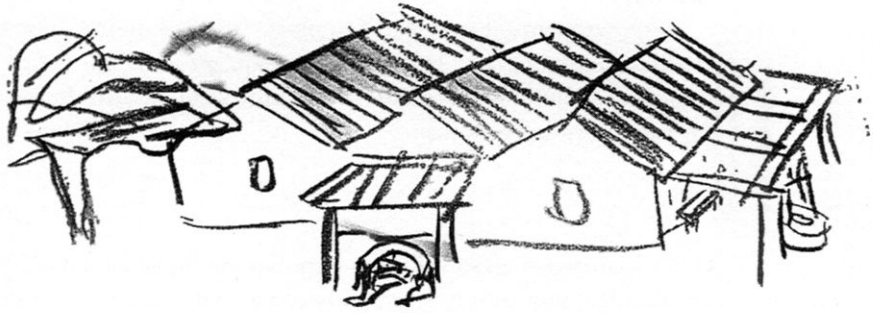
[157]

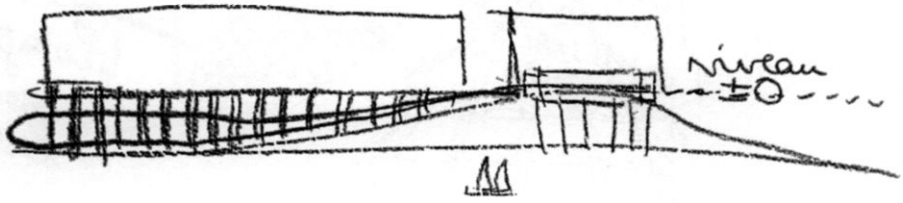


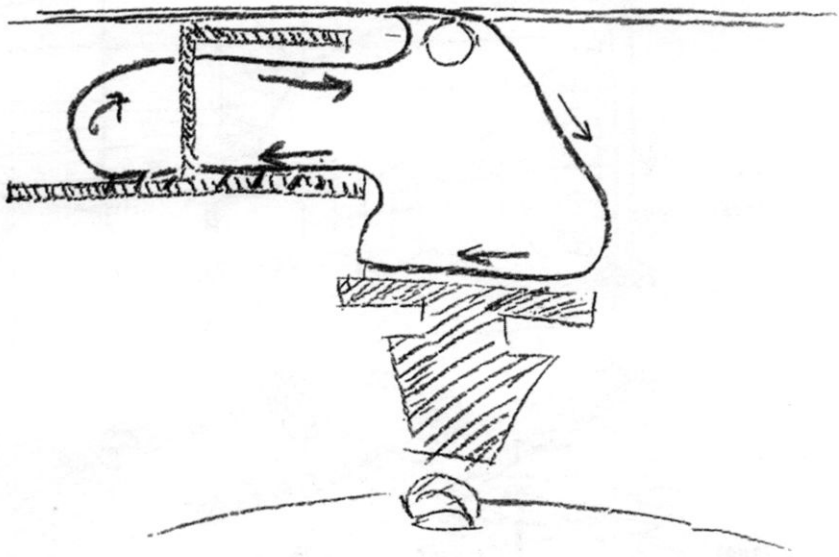
[158]



[160]

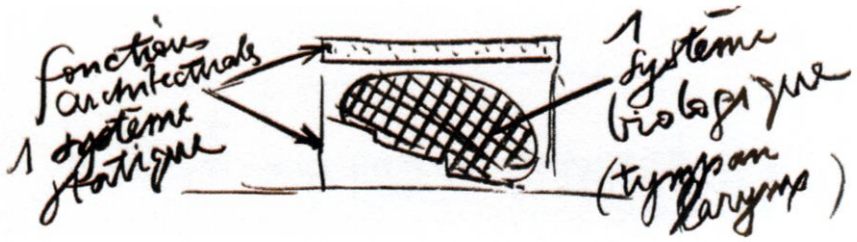




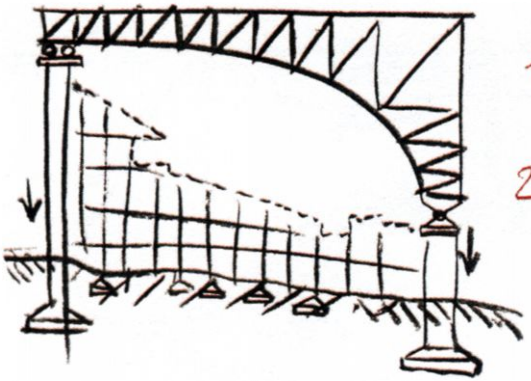


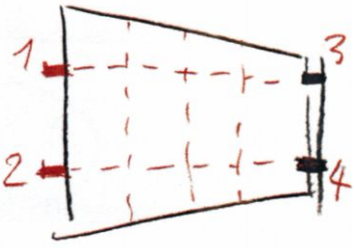
[161]

[162]



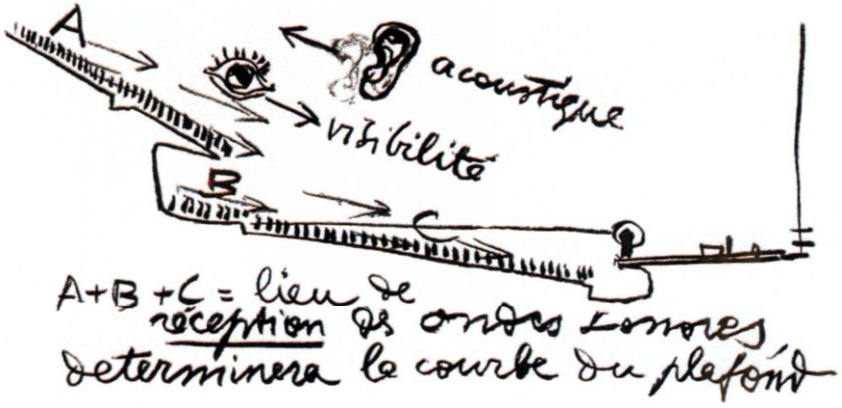
[163]





[164]

[165]

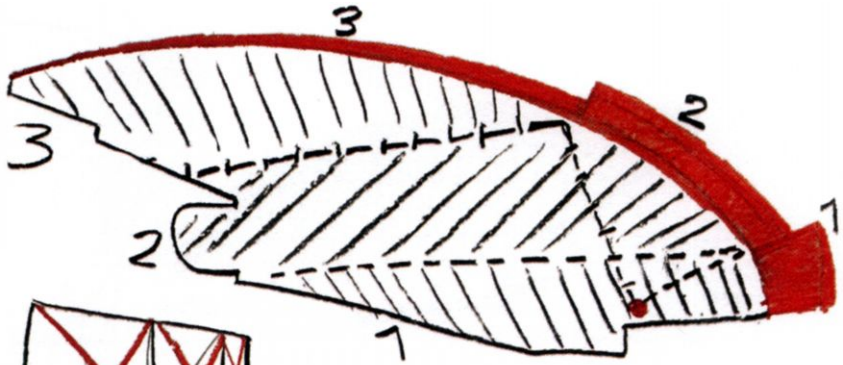


[162] Determinação clara de duas funções independentes: estática e acústica.

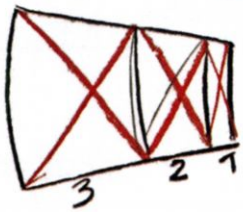
[163-164] Resolução do problema estático. Nova classificação: um meio arco de ponte sustenta o teto-terraço da sala (quatro pontos de apoio); uma floresta de pequenas pilastras sustenta o piso da sala (ouvintes).

[165] Por uma questão de visibilidade, as formas atribuídas a esse piso de ouvintes irão reagir sobre a curva acústica da sala.

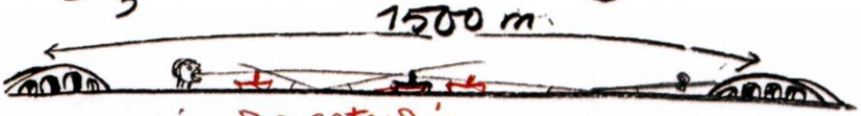
[166]



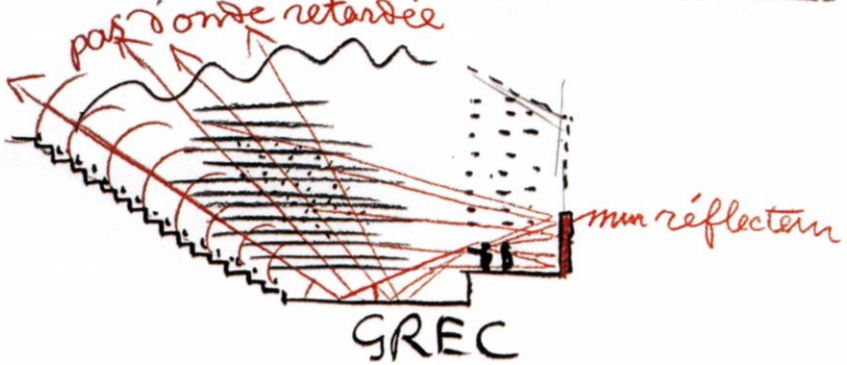
[167]



[168]



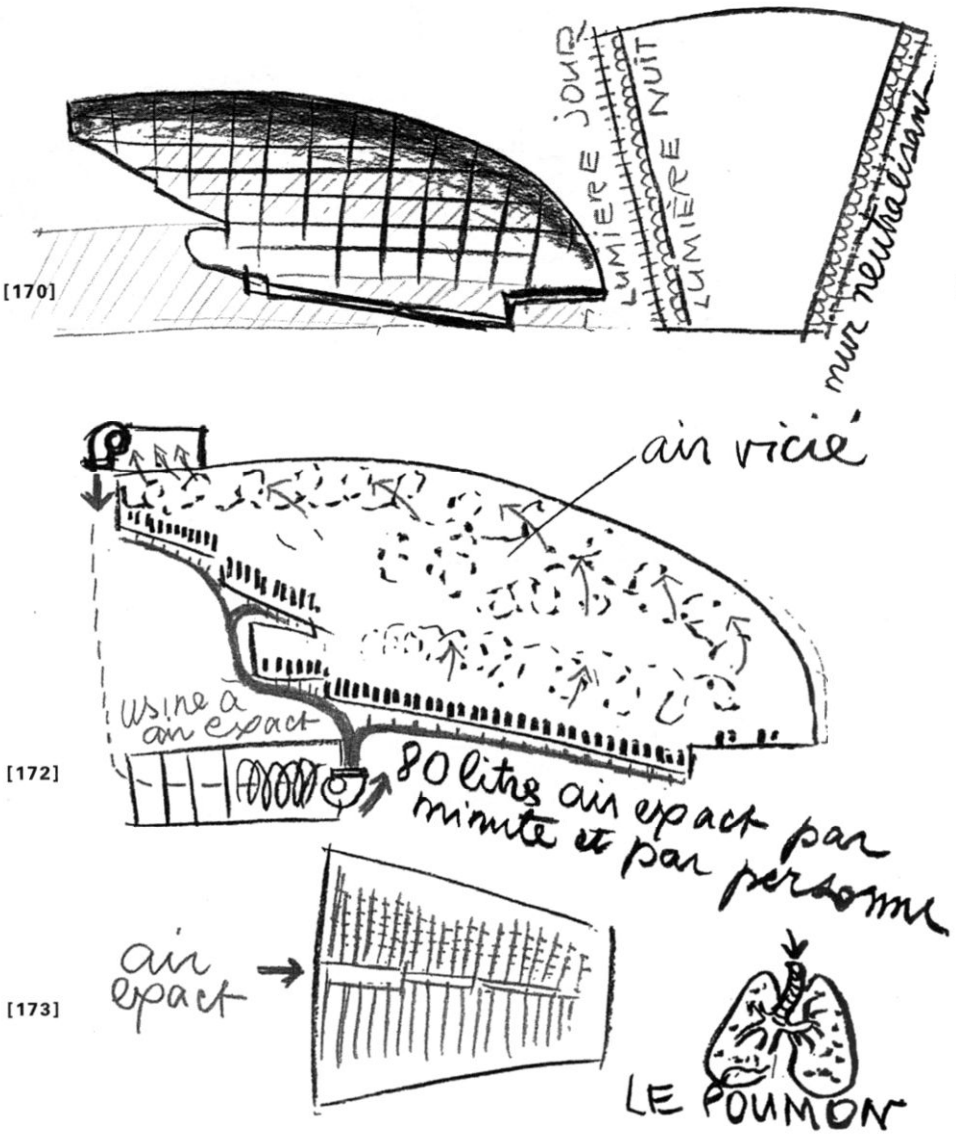
[169]



[166-167] Cada setor 1, 2, 3 desempenha exatamente, em relação ao orador e aos ouvintes, o papel de parede refletora do teatro grego, mas (no setor 2 e, sobretudo, no 3) esta parede se inclina de modo a "banhar" com ondas sonoras os setores correspondentes dos ouvintes: 1, 2, 3. A intensidade da onda projetada diminuindo segundo o quadrado da distância, as "paredes refletoras" 2 e, particularmente, 3, aumentam nesta mesma proporção (quadrado da superfície, 167).

[168] Experiência de Gustave Lyon, ao realizar a audição a uma distância de 1500 metros (ver Uma casa, um palácio).

[169] O teatro grego dispõe de uma parede refletora, de um piso de orquestra, que envia as ondas tangencialmente às arquibancadas onde se encontram os espectadores. Não existe teto no teatro grego e, assim, não existem ondas refluídas e retardadas.



[170-171] As paredes da sala são de lajotas de vidro e constituem uma divisória dupla, na qual circula a corrente neutralizadora de ar quente ou frio.

[172-173] Central de ar condicionado, distribuição, circuito fechado, retorno à central, nova distribuição.

As elites reagiram. Quantos memoriais, quantas cartas abertas enviadas a Genebra pelas associações profissionais! Lá, em silêncio, aconteceram coisas perturbadoras. Quanta desilusão entre os jovens da Sociedade das Nações que ainda não ocupam os postos decisivos!

Tempestades na grande imprensa européia; indagações inquietas, dirigidas à suprema instituição, na qual tanta gente depositou suas esperanças.

Passaram-se dois anos desde essa decisão arbitrária. Ainda não se pôde ver os planos do Palácio "acadêmico" que satisfaçam ao problema, naquele momento sério em que se trata de construir e onde as aquarelas e os carvões enfumaçados já não bastam mais.

Em 5 de junho, no Conselho das Nações, em Madri, quase ganhamos. Perdemos.

Mas quem sabe?

Estou convicto do seguinte: "Iniciou-se uma nova época, animada por um espírito novo". (Já disse, não é mesmo, mas será que não posso repetir?)

DURA LIBERDADE

Semelhante convicção seria contrária à idéia da Sociedade das Nações?

• • •

Senhoras e senhores, ainda assim tivemos uma alegria, uma grande alegria:

Ela ocorreu após três meses de labuta, quando terminamos nosso projeto, ao constatar que havíamos percorrido exatamente o mesmo caminho que se toma quando se concebe uma fábrica, um plano de cidade, uma casa, um mobiliário.

~~POMPA~~ RAZÃO DE SER

E a pompa, ou melhor ainda: a razão de ser de nosso palácio, foi justamente a linha de conduta que animou nosso trabalho; essa qualidade de espírito se exprimia no topo de nosso edifício, cuja linha era pura e afirmativa, calma e sorridente. Satisfeitas as funções, não acrescentamos um centímetro cúbico.

▽△▽!

NONA CONFERÊNCIA
Sexta-feira, 18 de outubro de 1929
Amigos da Arte

O PLANO "VOISIN" DE PARIS

BUENOS AIRES PODERÁ SE TORNAR UMA DAS CIDADES MAIS DIGNAS DO MUNDO

Antes de mais nada vamos limpar o terreno:

É preciso matar a "rua-corredor".

Só ingressaremos de verdade no urbanismo moderno após esta decisão prévia. A rua-corredor, nascida na época do cavalo ou do carro de boi, era margeada por casas térreas, às vezes providas de um andar. As janelas principais se abriam para o interior do quadrilátero formado por quatro ruas e davam para jardins.

Um dia ocorreu a concentração no coração das cidades e, sobre o térreo, foram levantados sete andares. Em seguida, foram suprimidos os jardins de construções tão altas quanto aquelas; reservaram-se apenas os estreitos pátios, exigidos pelas regulamentações da higiene pública. Mais tarde, até mesmo em seu país, quase tudo ficou preenchido, e contornando-se os regulamentos; chegou a eletricidade. "Bah!", diziam, "para ganhar dinheiro pode-se iluminar desse modo!" Tudo isto foi povoado por homens e mulheres. Surgiu o automóvel. Ele inundou as ruas. Formou-se um barulho infernal, que seria penoso em campo aberto, mas que é assustador na rua-corredor, cujas paredes servem de amplificadores acústicos prodigiosos. Nada mais funciona. **[174]**

As ruas-corredores fazem a *cidade-corredores. A cidade inteira é feita de corredores.* Que aspecto! Que estética! Não dizemos nada, apenas suportamos. Com que rapidez nos contentamos! O que diriam os senhores de um arquiteto que lhes apresentasse o projeto de uma casa *toda feita de corredores?* De tempos em tempos os reis estetas construíram aposentos nobres, suntuosos, magníficos. Eles se tornaram os marcos sentimentais da cidade: a praça dos Vosges, Vendôme etc. **[175]**

Poderíamos e podemos eliminar todos os corredores!

Basta, para isto, voltar ao problema e procurar uma solução: apanhando tudo aquilo que margeia as ruas, reduzindo os pátios a zero, empilhando em altura o cubo das construções, dispondo-as em cruz, em estrela ou em cruz de Lorraine, ou recorrendo a tudo aquilo que se quiser a fim de eliminar os pátios, poderemos ir em direção à luz, deixar a rua, calcular as superfícies dos pátios e distribuí-las em espaços livres à esquerda e à direita das ruas, em torno dos edifícios, entre os redentes das casas. **[178]** É nestes espaços reencontrados que os veículos irão estacionar: seu rio barulhento correrá regularmente no ponto mais distante das casas. Estreitaremos tanto mais a superfície do solo construído, nos afastaremos tanto mais da rua, quanto mais as técnicas modernas possibilitarem levantar construções altas. Aí está o nó da questão. Os imóveis não ficarão mais debruçados sobre a rua. Serão prismas isolados a grande distância uns dos outros. O solo da cidade será encontrado novamente. A vida moderna precisa dele!

• • •

É preciso ainda limpar o terreno e tomar uma decisão quanto àquilo que, em matéria de urbanismo, se pode denominar a "medicina" e a "cirurgia".

Já está provado que a rua que eu desenho, no meio daquelas que a cortam, tornou-se insuficiente. Os edis, seguindo um costume constante, optam por *alargá-la*. Esta operação se realiza por meio de usurpações, à direita e à esquerda, e, às vezes, de um único lado. Desapropria-se, por exemplo, um único lado da rua (suponhamos que esta solução seja a mais econômica); **[179]** a pessoa desapropriada protesta em altos brados, pois explorava seu negócio numa rua muito movimentada, e obtém altas quantias. Resultado:

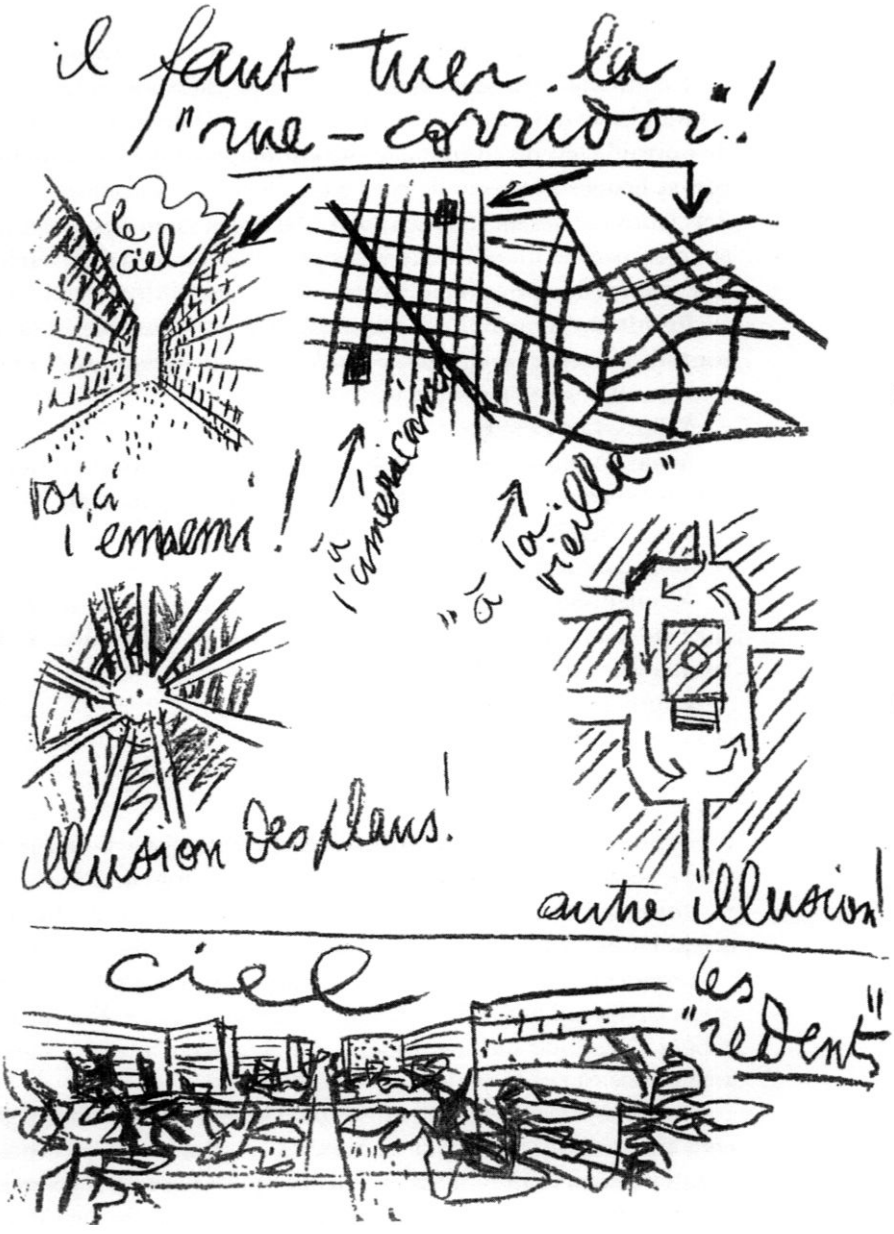
uma rua antiga tornou-se mais larga,
grandes despesas.

Isto é "medicina".

Eis aqui a "cirurgia":

Deixamos que a rua sobrecarregada permaneça no estado em que se encontra.**[180]** Inventamos uma nova rede de ruas muito largas, que têm a ver com a urbanização da era moderna. A nova rua atravessa quarteirões de segunda ou terceira categoria. A desapropriação não é onerosa. Resultado:

uma rua antiga que permanece
uma grande e moderna rua nova que valoriza prodigiosamente bairros sem valor.
total: duas ruas,
despesa diminuta.
valorização de um bairro pobre.



[174] [175] [176] [177] [178]

Vejamos ainda este exemplo clássico:

Um subúrbio (antigo caminho de burros) que se tornou uma rua muito movimentada, com suas atividades indispensáveis ao setor a que ela serve.

Surgiu o automóvel; os acidentes multiplicam-se nesse antigo "caminho de burros" elevado ao posto de estrada nacional ou departamental. Suas curvas brutais também são perigosas. Decide-se alargá-lo e retificá-lo. Os dois lados são desapropriados. **[181]** Mas neles estão o padeiro, o açougueiro, o negociante de quinquilharias, os pequenos bazares e as "Galerias Modernas" etc.! A desapropriação é cara, muito cara! "Medicina".

Resultado: *os automóveis continuarão a perturbar perigosamente um regime perfeitamente equilibrado e estabelecido em tempos passados: um regime de habitação, e não de circulação.*

Vejamos a "cirurgia":

A estrada nova e grande passará atrás das casas desse subúrbio, nas plantações de couve e beterraba ou através das pastagens. **[182]**

Resultado: *desapropriação módica;*
duas estradas, em vez de uma só.

A conclusão é simples: *Em se tratando de urbanismo, as soluções "médicas" são um engodo. Nada solucionam e custam muito caro. As soluções "cirúrgicas" solucionam!*

É útil conhecer bem!

• • •

Agora falarei do *Plano "Voisin" de Paris*, projeto de criação de um centro de negócios (*cité d'affaires*)[1] no próprio coração de Paris.

"Então os senhores pretendem mexer em Paris, demolir, reconstruir, aniquilar os tesouros do passado, impor à cidade sublime um novo perfil?"

Contornemos o obstáculo levantado por este protesto irrefletido e acadêmico. Ocupemo-nos com a orgulhosa beleza de Paris. Falemos da beleza da cidade. Dirigindo-me aos acadêmicos, pergunto: "O que é Paris? Onde está a beleza de Paris? O que é o espírito de Paris?".

Desenho a cidade medieval, Notre-Dame na *Cité* rodeada de água e essas pontes sobrecarregadas com casas, as grandes estradas que saem das portas e levam às províncias, as abadias que sinalizam a primeira etapa: Saint-Germain-des-Près, Saint-Antoine etc. Primeiro desenho. **[183]**

Registro agora um acontecimento altaneiro: a construção da colunata do

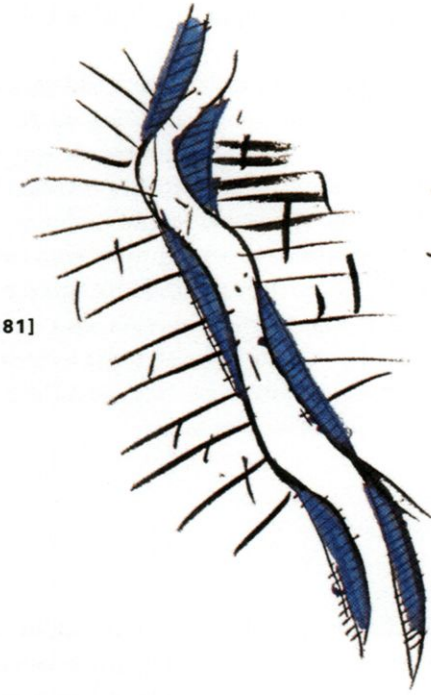
---

1 O termo francês *cité* possui várias acepções: "cidadela", "centro de atividades", "núcleo histórico" e "cidade" (*cité-universitaire*), entre outras. [N.E.]

[179]

[180]

[181]



[182]

Louvre pelo Rei-Sol. Quanta soberba, quanto desprezo por aquilo que existe, que ruptura da harmonia, que sacrilégio insolente! Diante dos dentes de uma serra das casas com empenas, diante da confusão das ruelas, do tormento da cidade medieval esmagada por ela mesma, o magnífico artifício intelectual do Grande Século! Segundo desenho.

O Rei prossegue! Aqui estão os Inválidos e uma cúpula, no país das flechas góticas: indiferença às tradições nacionais, violação do local, golpe de Estado! Terceiro desenho.

A fisionomia de Paris encheu-se de traços precisos, verdadeira canção de pedras. Soufflot instalou o Panteão no topo de Sainte-Geneviève, outra cúpula! Os poetas aclamam a harmonia radiosa e decente das pedras da França. Bum!... Aqui está Eiffel. Catrapus! Eis a Torre! É Paris! Ainda é Paris!
A Torre é cara aos Parisienses; ela está além das mais longínquas fronteiras, está cravada no coração daqueles que sonham com Paris. Quarto desenho.

A outra colina é coroada: o Sacré-Coeur. Enxerga-se o Arc de l'Étoile, Notre Dame. A Torre Eiffel tornou-se, no mundo, o ícone de Paris. Escrevo: "Ainda é Paris!". Quinto desenho. **[187]**

Então desenho este acontecimento contemporâneo: a Cidade de Negócios de Paris. Imenso e magnífico; radioso e ordenado! Seguro da história da cidade, de seu poderio vital, de seu senso de conveniência, de seu espírito vivo e eternamente criador — até mesmo de seu espírito revolucionário ágil e tradicional — de sua cronologia, seguro da fé que tenho na época atual, das ardentes realidades de um amanhã iminente, afirmo com frieza, convicção e decisão: "Isto é Paris!". Sinto que o mundo inteiro tem os olhos voltados para Paris, espera de Paris o gesto que comanda, cria e eleva na ordem, o acontecimento arquitetônico que iluminará todas as outras cidades. Acredito em Paris. Tenho esperança em Paris. Suplico a Paris que faça hoje, novamente, este gesto de sua história: *continuar!*

. . . . . .

O academismo grita: Não!

• • •

Um sábio califa das *Mil e Uma Noites* reuniria os acadêmicos, os fanáticos que se incluem entre os protetores da velha Paris, as almas sensíveis que tremem diante da picareta do demolidor e, finalmente, os conservadores de velhos ferros forjados:

"Os senhores já foram àquela cidade", perguntaria o califa, "onde se fala de destruir e reconstruir, lá no centro de Paris? Não? Pois então vão à cidade onde se fala de destruir e reconstruir. Façam um levantamento dos velhos ferros forjados que ali existem. Se ele não for feito, cortarei suas

[183]

[184]

[185]

[186]

[187]

[188]

cabeças. Se este levantamento não for feito, eu os considerarei inimigos da vida, da cidade e do país. Se não existir levantamento, eu os condenarei como *falsas testemunhas*, como necróforos que apagam, nos artigos publicados por uma imprensa crédula ou perigosamente despreocupada, toda centelha — centelha que deve fazer refulgir na cidade a luz de hoje!"

Hoje todas as grandes cidades do mundo estão na hora da grande crise. A hora passa. Deixem passar a hora, talvez trágica para Paris!

• • •

ECONOMIA REVOLVC.: POUPAR VALORES ≠ GERAR VALORES: ARRISCAR

Vamos tentar ver como um Estado *que quer* poderá ganhar bilhões e, para dizer a verdade, como pode *fazer bilhões?* E como, tendo feito bilhões mediante um empreendimento de urbanização, empregará pessoas para realizar obras que proporcionarão ao país seus indispensáveis meios de trabalho?

A exposição que farei agora tem um quê de prestigiosa, milagrosa; dir-se-ia que se trata de prestidigitação, mas não é bem assim.

Por acaso considera-se milagroso que uma atividade voraz se exerça em torno de uma mina de diamantes ou de uma jazida de petróleo *que se acaba de descobrir?* Sejamos mais precisos: considera-se milagroso, louco, insensato, inadmissível e irreal *que se descubra, um dia, uma mina de diamantes ou uma jazida de petróleo?*

Mostrarei que a época maquinista que provocou o nascimento das "grandes cidades" e o congestionamento no centro dessas grandes cidades, criou, ao mesmo tempo, uma mina de diamantes no centro das cidades. E que existe um método — uma concepção financeira — eficaz e infalível, que fabrica este diamante mediante um simples decreto de Estado: um papel de que consta uma assinatura! Não estou louco, falo com toda calma e provarei o que digo.

A idéia lançada em 1925, em *Urbanismo*, sensibilizou, ou deixou de sensibilizar, aquela elite indeterminada que lê a coleção de l'Esprit Nouveau. Mas, em 1927, ela tocou os capitães de indústria e os economistas como os srs. Ernest Mercier e Lucien Romier, respectivamente presidente e diretor do Redressement Français. O marechal Lyautey, que penetrou a fundo nos problemas do urbanismo durante sua gestão no Marrocos, louvou aquelas propostas. Mais tarde, em 1929, o sr. Daniel Serruys, diretor honorário das relações comerciais na Sociedade das Nações, economista positivo em plena atividade na atual confusão, apoiou essas propostas. O sr. Loucheur (que conhece o "edifício"), há muito interessado nas pesquisas em que estamos envolvidos, me perguntou: "Mas onde o senhor vai conseguir dinheiro?". Ele não havia lido a descrição da "máquina de finanças" e nossos planos lhe pareciam pouco realizáveis.

Cito estes nomes para mostrar-lhes que não estamos, em absoluto, em terras da Utopia, mas no âmago do grande problema contemporâneo.

Enuncio as bases; insisto nestas bases. Elas são fundamentais e se opõem a todas as propostas com que nos defrontamos atualmente. *Aqui se dá a articulação que projeta* uma concepção moderna *contra* usos, tradições e hábitos. Antes de mais nada o seguinte: *Urbanismo não é embelezamento, é equipamento; urbanismo não é jardinagem, é aparelhamento.*

Ao levar em consideração as técnicas modernas, os novos meios de construção, que são o grande acontecimento moderno, a arma da salvação, a porta subitamente aberta para o amanhã, afirmo com ênfase:

Urbanizar não é gastar dinheiro,
Urbanizar é ganhar dinheiro
Urbanizar é fazer dinheiro

Ou, dito de outra maneira:

Urbanizar não é depreciar, desvalorizar
Urbanizar é valorizar.

Explico:

Enquanto o estado das técnicas não introduziu modificação alguma nas possibilidades construtivas e no rendimento das construções, o urbanismo foi apenas suntuoso (Luís XIV).

Quando o estado das técnicas passou a oferecer um rendimento igual em quantidade, mas melhor em qualidade, o urbanismo tornou-se prático, suntuoso, proporcionando benefícios (Haussmann, construções de pedra, mesmo número de andares que anteriormente).

Todavia, a partir do momento em que as técnicas permitem construir, em vez de imóveis de 20 metros de altura (limite prudente das casas construídas com madeira ou pedra), *imóveis de 200 a 250 metros de altura* (facilmente realizáveis por meio do aço ou do concreto armado), *o problema muda de figura. A situação se altera; o problema é inteiramente novo, positivo e não mais negativo. É construtivo. Leva a operações de valorização do solo das cidades.*

Então *o urbanismo valoriza.*

Tudo se resume a isso.

Existe um momento em que os elementos estão presentes, em que a operação se propõe.

Esta hora está presente. É o desatamento do meandro, é a solução de hoje para o nosso caos inextricável.

Detenhamo-nos por um momento em um exemplo muito próximo de valorização: São Paulo, no Brasil, é uma cidade de intenso desenvolvimento; seu subúrbio se estende a grande distância sobre os planaltos que a

rodeiam. Faltam artérias para essa extensão amorfa do subúrbio. Uma companhia inglesa disse o seguinte: "Vou construir uma auto-estrada magnífica que, partindo da cidade, penetra no campo". Ah, sim, encantador, mas com que dinheiro? A companhia procurou os donos das propriedades que margeavam seu traçado (chamo-os de A.B.C.): "Seu terreno é inacessível, *não vale nada*. Se nossa auto-estrada passar na frente dele ou atravessá-lo, seu terreno, ligado à cidade por uma via magnífica, *adquirirá certo valor*, será valorizado. Vamos pedir-lhe algo em troca: o senhor nos cederá um pedaço de terreno adjacente à estrada, com *n* de fundo. Construiremos a estrada. Seu terreno ficará valorizado, seremos pagos por este pedaço de terreno *n* que o senhor nos cede. Mas, se não quiser, não passaremos sobre seu terreno. Sua propriedade continuará inerte e sem valor, como tem sido até hoje". Todos os proprietários concordaram, é claro, pois o raciocínio era incontestável. A companhia, com seu dossiê debaixo do braço, seu projeto de auto-estrada, sua propriedade que se limitava à esquerda e à direita com um pedaço *n* de terreno, foi procurar os banqueiros. De repente, *por meio de um ato artificial*, valorizou-se, *arrancou-se dinheiro de um lugar inerte* graças a uma simples troca de assinaturas da companhia, por um lado, e dos proprietários, por outro. Eis o que é urbanismo! *Não se gastou um centavo. A hora soou e os elementos úteis estavam presentes.*

Voltemos a Paris. *Onde* soa a hora? Onde estão presentes os elementos úteis?

Por melhor, por mais generosamente, egoisticamente, minuciosamente que o mundo se organize (ou tente organizar-se — a Sociedade das Nações, a Organização Internacional do Trabalho, as conferências internacionais etc.), existe um fenômeno vital que persiste e jamais será suprimido: o da *concorrência*, que é o nervo fatal da ação, o impulso à produção. A concorrência se inclui entre as diversas forças presentes. Não haverá, não poderá jamais haver uma única força, pois, no dia seguinte à sua emergência, surgirá uma força rival.

Portanto, um país, ou uma noção de país, ou uma região, ou uma célula administrativa, sempre delegará seu poder a um centro de comando. E esses centros, dispersos pela "máquina redonda", se enfrentarão, se oporão, defenderão seus interesses.

Será um confronto duro, intenso, violento, que não se poderá dissimular; ele envolve o pão nosso de cada dia.

A cada manhã, toda vez que o sol volta a se levantar, a Bolsa começa a operar, fixa a cotação do mundo, e o trabalho do mundo inteiro *é condicionado a cada dia pela cotação da Bolsa.*

Portanto é preciso, entre a hora em que se toma conhecimento da cotação e a da transmissão das ordens que reajustarão as operações e permitirão

o funcionamento dos mercados, *é preciso rapidez*. É a corrida ao pote; quem chegar primeiro, quem estiver mais informado e, portanto, melhor situado, melhor equipado é quem ganhará. Azar dos sonolentos!

O maquinismo, que transformou a noção de tempo e impôs a rapidez, reclama a criação de *centros de negócios*. Intensidade, espacialização, rapidez, silêncio (pois o barulho perturba incuravelmente o organismo). O centro de negócios ficará mais próximo de todos os pontos de aglomeração urbana: *este lugar é o centro*.[2]

Expliquei-me com muito cuidado em meu livro *Urbanismo*, de 1924-1925. Não posso recomeçar agora, pois, na verdade, gostaria de levá-los à ardente encruzilhada da decisão, onde se coloca a questão do dinheiro.

No entanto, são inúmeros aqueles que querem fugir às realidades, recorrer a subterfúgios, desertar, e que propõem, como crianças, que construamos um centro de negócios fora da cidade.

É ainda e sempre o medo das grandes soluções e a carícia falaciosa dos adiamentos e das repetições tediosas que os incitam a dar as costas à solução. No entanto, sob nossos olhos e sob os olhos deles, em todas as cidades do mundo, o fenômeno se realiza impecavelmente. Os centros de negócios estratificam-se sorrateiramente, constituindo a mais trágica ameaça para as cidades. Qual ameaça? A sufocação, o engarrafamento, a paralisia. Acompanhem meu desenho:

Aqui está o centro de uma cidade e suas artérias. Nos locais mais intensos, mais vitais, encontramos "buildings"[3] novos ou em construção. São os escritórios das grandes empresas que *se equipam* para a batalha dos negócios: ordem, organização, clareza, coerência, taylorização etc. Essas empresas se equipam em seu próprio espaço, no *interior*, impedidas de ocupar-se com o exterior, pois os edis não se movem e não preparam a cidade necessária. Desenho todos estes edifícios nos pontos estratégicos. É assim, é recente e hoje tudo se executa sob nossos olhos. É a grande abominação, o crime de lesa-vida da nação. Mas e daí? Por que, então? É possível? Não nos espantemos ingenuamente: os edis estão convencidos de que urbanizar é embelezar! Escrevo sob o desenho: *câncer*. **[189]** Faço o cálculo de cada operação: aquisição de uma propriedade por uma grande empresa e por altos preços; concentração do pessoal num lugar que já é intenso; congestionamento, engarrafamento. Constato com temor *que a rua não poderá ser alargada.*

---

2 Nas grandes cidades sob regime radial, se, sem nenhuma esperança de sucesso, fosse exigida a reconstrução da cidade, o regime geral certamente não seria radial e nele não haveria um centro geométrico propriamente dito.

3 Edifícios. Em inglês, no original. [N.T.]

Estou aterrado! Não acredito naqueles 2 ou 4 metros de alargamento de uma rua previstos no plano de alinhamento. *Tenho necessidade de rios de circulação e de portos de estacionamento. É, portanto, um impasse, para o qual nos encaminham os conselhos municipais e os parlamentos sem visão!* Escrevo sob a palavra "câncer": *impasse e enormes despesas.* O fato é este: prometi *fazer bilhões.*

O centro de negócios ficará *no centro da cidade, onde os terrenos são muito caros.*

Um perímetro preciso, verdadeiro e não aproximativo delimitará uma superfície suficiente — é o perímetro ABCD. Será o lugar da primeira operação de urbanização. **[190]**

Construir-se-ão, nessa superfície delimitada, edifícios de escritórios com até 200 ou 250 metros de altura. A densidade desta parte da cidade, já congestionada, será quadruplicada, até mesmo decuplicada. Mas as novas edificações ocuparão apenas *cinco por cento* da superfície do solo (conforme já expliquei). Será portanto fácil construí-los sem quase perturbar a atividade do setor. Uma vez construídos os imóveis, realizada a transferência dos arrendamentos e adquirida uma nova densidade, concluir-se-á o empreendimento demolindo tudo o que se encontra nesse setor ABCD (com exceção de alguns velhos edifícios de valor histórico): 95% do solo será disponibilizado para a circulação.

Resultado: solução do problema das grandes cidades por meio da concentração dos negócios, diminuição das distâncias, rapidez, realização de uma jornada de trabalho harmoniosa no ar puro, na luz, longe do barulho.

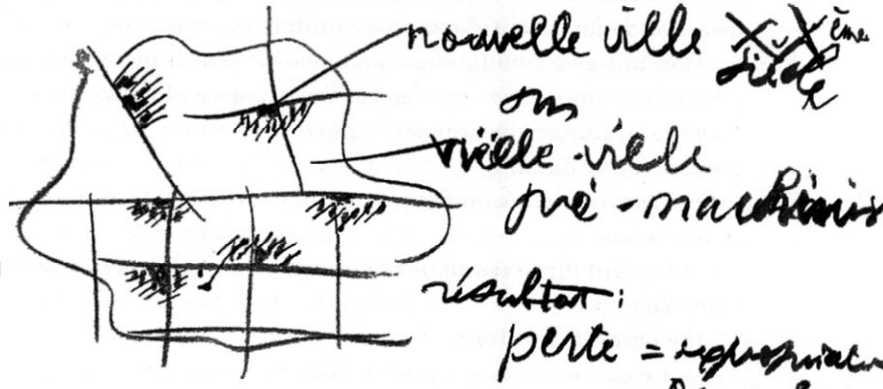
O solo ABCD contém quatro ou dez vezes mais moradores do que até agora. *Portanto, vale quatro ou dez vezes mais.* Ganhamos bilhões.

Mais do que isto: esses bairros até agora velhos, não adaptados à vida moderna, tornaram-se os lugares mais belos do mundo. *Duplicamos os bilhões já ganhos!*

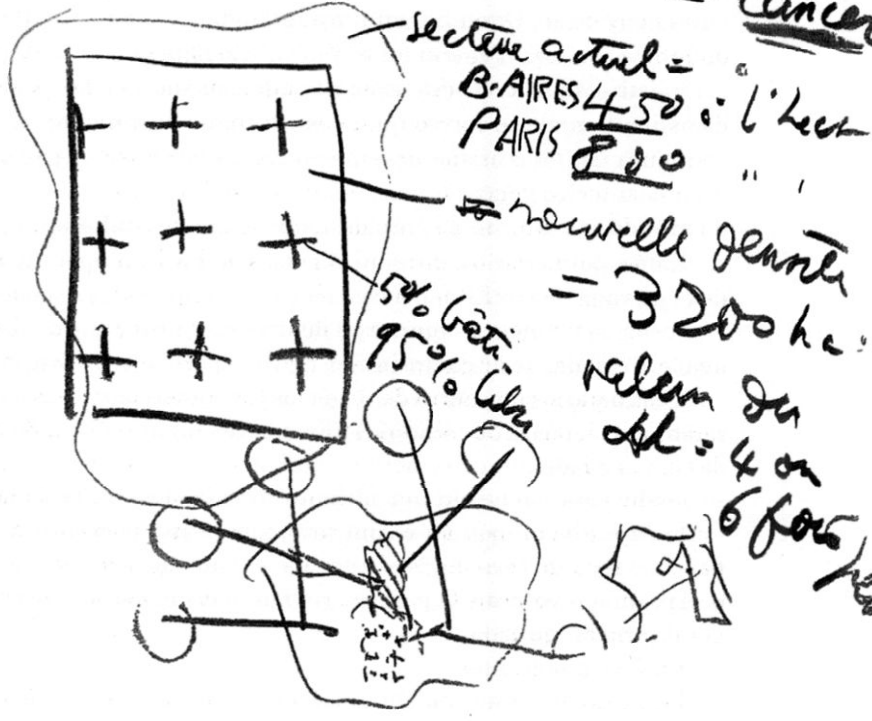
Onde, então, realizou-se o milagre? Realizou-se no momento preciso em que a operação de criação de um centro de negócios *deixou de ser o efeito do dia a dia e do livre arbítrio e tornou-se uma operação coordenada.* Trata-se da articulação entre *perder* ou *ganhar.* Operação coordenada, isto é, ato lúcido de organização, de coordenação, *no plano horizontal e no plano vertical*, sincronicamente.

É preciso, portanto, adquirir, expropriar todos os imóveis que se encontram em ABCD? Sim. E com que os pagaremos? Com os bilhões ganhos. Mas como, materialmente, objetivamente, esses bilhões serão ganhos, *isto é, criados? Quando o Estado, a autoridade suprema, tiver decretado a valorização.* Ocorre, portanto, uma intervenção da autoridade, da suprema autoridade. Haverá uma assinatura que operará o milagre do surgimento espontâneo dos bilhões.

[189]


nouvelle ville XXème siècle
ou
vieille-ville
pré-machiniste
résultat :
perte = expropriation ou achat
+ congestion
= cancer

[190]


secteur actuel =
B. AIRES 450 à l'hect
PARIS 800 " "
nouvelle densité
= 3200 ha
valeur du
sol : 4 ou
6 fois
5% bâti
95% libre

É necessário que eu me explique em relação a esta capacidade milagrosa da autoridade no sentido de obter bilhões por meio de uma assinatura.

Desenho este retângulo: é uma nota de cem francos. Está escrito **[191]** num dos cantos: *Banco da França.* Embaixo esta afirmação gratuita: *cem francos.* Gratuita? Não; lê-se: "Pagáveis em espécie, à vista, ao portador", e traz uma assinatura: "o caixa principal", "o secretário geral". São assinaturas mais ou menos ilegíveis. Pronto! Criou-se um valor virtual, valorizou-se um pedaço de papel *em virtude de um pacto moral.* E o país inteiro trabalha com plena confiança nesse valor virtual; recebe e paga com este valor virtual.

Podemos, portanto, confiar na autoridade suprema (pois o Banco da França é garantido pelo Estado), podemos, portanto, fazer com que a totalidade das empresas do país se baseie numa *convenção.*

Uma convenção! Sejamos precisos e não esmoreçamos quanto a isto. Ao tratarmos do urbanismo, será aventada a questão do *prazo.* Aqui está outra convenção. Desenho um novo retângulo. É uma letra de câmbio, **[192]** onde está escrito: "Pagarei ao sr. X. . . . . na data de . . . . . a quantia de . . . . . ". Está assinada. O beneficiário assina, por sua vez. De posse desta segunda assinatura, ele se apresenta no banco com o documento. Se o banco tiver confiança nas duas assinaturas, descontará a letra, isto é, pagará imediatamente, antes do vencimento, a quantia inscrita. E todos os grandes negócios do mundo se realizam na base deste princípio de confiança.

Então, para criar o centro de negócios de Paris, proponho uma questão de confiança: tem o Estado a confiança das empresas que poderão implantar este centro (financistas, empresas de lixo, de construção, de distribuição de eletricidade, de ar comprimido, de transporte etc.)? Goza da confiança dos destinatários do centro de negócios (os comerciantes, as companhias que serão proprietárias ou locatárias, quando terminar o prazo de conclusão das obras)? Falemos claramente: se o Estado, autoridade suprema, apuser sua assinatura solene em um contrato, os cidadãos confiarão nesse Estado?

É impossível imaginar o contrário, mas se isto porventura acontecesse, o país não reconheceria mais a autoridade. Isto não acontece, mesmo quando ocorre uma revolução. O país estaria falido e, em conseqüência, a atividade geral seria aniquilada.

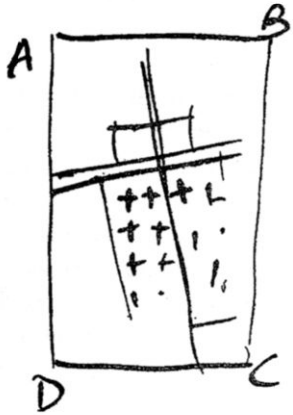
Então é o seguinte:

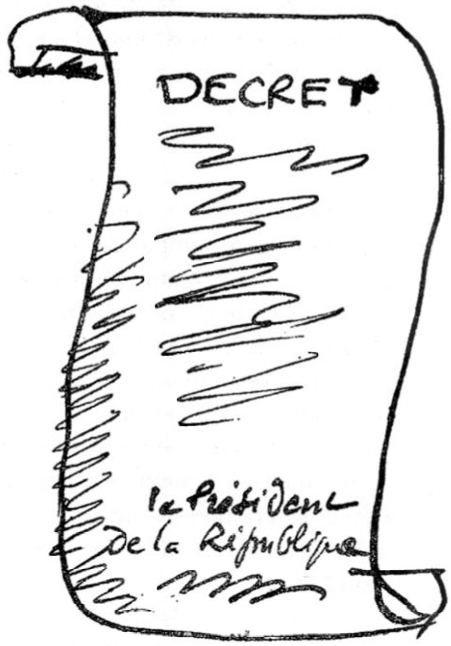
Desenho um contorno ABCD. Ele exprime a ação exata do centro de negócios no coração de Paris. **[193]** Desenho outro retângulo: é um pergaminho, *é o decreto de Estado.* **[194]** Nele está escrito:

[191]

[192]

[193]





[194]

Decreto de urbanização da região ABCD
da região parisiense,
Com a concordância do Estado,
Sob o controle e inspeção do Estado, que assume o compromisso solene de exigir sua realização, as obras adiante descritas deverão ser executadas pela iniciativa privada . . . . . a partir de. . . . . e até ao limite extremo de. . . . . tendo em vista a implantação do centro de negócios de Paris.

Designação das obras:

. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .

Etc.

Devido às obras enumeradas no presente decreto, a densidade da zona ABCD será de 3.200 habitantes por hectare e todos os meios de acesso e evacuação rápidos, de moradia salubre e de circulação dessa população serão assegurados, conforme o projeto aprovado pelo Parlamento.

Em nome do povo francês,

O Presidente da República.
Assinatura:

. . . . . .

Desta vez serão criados bilhões e realiza-se a valorização.

Notem bem o seguinte: foi preciso fixar o contorno ABCD. A operação deve ser precisa, assim como é precisa a cifra escrita na letra de câmbio ou no documento do banco. Um decreto anexo fixa, no dia da promulgação do decreto, o valor do bem imóvel. Este valor, portanto, ficará imobilizado (ou em estado de mobilização) no dia do decreto. Será determinado, caso a caso, por laudos elaborados por peritos, após a promulgação do decreto.

De um só golpe liquida-se a especulação na zona ABCD. As comissões de peritos e de arbitragem funcionarão. É expropriação global? Pois que assim seja, mas será possível pagar um bom preço, já que o valor do solo quadruplicou ou decuplicou *devido aos compromissos assumidos no decreto.* Os proprietários, *tendo em vista a salvação pública* (*salut public*), serão desapropriados, mas bem indenizados. O solo *será reagrupado.* Os técnicos, fora do alcance da chantagem, poderão procurar a solução pura e os lugares exatos onde ela deverá ser realizada. As sociedades imobiliárias se constituirão para construir determinados arranha-céus. Agências organizarão a transferência dos moradores e as mutações. Estabelecerão os novos contratos de arrendamento. Haverá uma reviravolta administrativa, financeira, técnica, *documentada,* feita com calma, protegida contra *a corrida do ouro.* Haverá organização.

O ouro vai para o Estado e é o benefício da valorização do solo ABCD. O Estado, porém, assumiu compromissos: o de garantir os meios de acesso e evacuação etc. Isto custará caro: metrôs, auto-estradas, calçadas, ruas "elevadas", parques, canalizações etc. Ora, concessionárias explorarão os meios de transporte e inúmeros serviços públicos. O Estado dirá às companhias: Terão de transportar aqui 400.000 pessoas a mais, diariamente. O lucro bruto será *m*. Parte deste lucro bruto representará os juros e a amortização de uma parte eqüitativa das despesas com a implantação das redes, realizadas pelos senhores. Eu, o Estado, pagarei o excedente devido à avaliação dos peritos; subvencionarei. Disponho de meu enorme lucro obtido com a valorização. Com outra parte deste lucro pagarei o equipamento técnico, higiênico e estético que cabe a mim. Com o saldo de meu lucro implantarei os acessos externos ao centro de negócios e, por meio deles, estimularei a urbanização racional da grande Paris, etc. etc.

Queiram continuar ainda a ouvir: *isto que diz respeito ao centro de Paris refere-se à cidade inteira* e a todas as cidades. *É por meio da reclassificação e da valorização que se resolverá o problema contemporâneo*, não pela conservação dos ferros forjados, pela jardinagem ou por um pretenso embelezamento. Nem, muito menos, por apelos histéricos à filantropia ou recolhimento de impostos que seriam esmagadores. A questão deverá desenvolver-se por si mesma. Causa, o maquinismo; efeito desastroso, o maquinismo; novas bases do urbanismo, o maquinismo; milagre da solução: o maquinismo.

Urbanismo é equipamento. Uma catedral ou Versalhes eram, tendo em vista as necessidades da época, equipamento. Convenham que sentimos, em relação a ele, um orgulho retrospectivo.

• • •

Ouçam mais isto, que é fundamental, pois se trata de toda a questão em sua mais irrefutável gravidade: o que o Estado fizer pelo centro de negócios *deverá fazer pela cidade, pelo subúrbio, pela região industrial, pelos canais e eclusas, estradas e auto-estradas, linhas aéreas, portos, as forças motrizes* — hulha branca, verde ou azul. *Numa palavra, o país inteiro tem de ser equipado, se quisermos enfrentar o acontecimento moderno.*

O decreto de mobilização do valor do solo deveria portanto aplicar-se ao país inteiro em benefício, repito, da salvação pública. Os estudos técnicos, prolongados e minuciosos seriam realizados com calma e não febrilmente. Foi o que propus no relatório encaminhado ao Redressement Français em 1928: *Vers le Paris de l'époque machiniste*. Os "reis-preguiçosos", proprietários que o destino encontrará sentados nos limites das obras de valorização,

não serão os únicos a se beneficiar com os lucros; o Estado será seu amável parceiro; seus enormes lucros servirão para preencher os "buracos" que uma valorização sadia fatalmente criará; estes buracos são certos espaços livres, certas zonas protegidas, fixadas por um zoneamento inteligente.

Assim poderá realizar-se o reagrupamento do solo. Quanta urgência para o país!

• • •

De passagem, ainda uma questão: não lhes parece que, em cada país, a prudência ordena instituir urgentemente um *ministério do equipamento nacional*, com um ministro protegido contra os sobressaltos dos parlamentos? *Seria o mais belo ministério de todos os ministérios.* Há anos venho sendo perseguido pela sombra de Colbert! Que o país nos dê um Colbert!

• • •

Senhoras e senhores, disse-lhes *como* realizar o Centro de negócios de Paris. Não lhes disse o que seria esse centro, nem onde se localizaria, nem de que seria feita sua anatomia, nem qual seria sua beleza. Não tenho tempo e o problema é por demais vasto. Daqui há pouco veremos, a este respeito, algumas projeções na tela. Pensem que precisei escrever um livro de trezentas páginas, em 1925, para motivar, explicar e ressaltar a importância do Plano "Voisin" de Paris. Falei de finanças aos senhores, que se comovem muito mais com debates sobre proporções e harmonia, mas analisei anteriormente aquilo que, segundo minha opinião, deveria ser a cidade moderna. Em 1922 chamaram-me de louco, mas hoje isto não acontece mais. Apresentam-me uma única objeção: *E o dinheiro?* Era necessário dar uma resposta a esta indagação.

O Plano "Voisin" de Paris, de 1925, foi conseqüência dos estudos de laboratório apresentados em 1922 no Salão de Outono: "Uma cidade contemporânea de três milhões de habitantes". Perguntaram-me em 1922: "Mas então o senhor tem clientes na lua?". No entanto, durante três anos, não puderam fazer-me objeção técnica alguma, mas insultaram-me, qualificaram-me de bárbaro, homem sem coração, iconoclasta e anti-Cristo. Inaugurou-se, em 1925, a Exposição Internacional de Artes Decorativas. Não nos interessava de modo algum ocupar-nos com frivolidades. Fizemos o Pavilhão de l'Esprit Nouveau com este programa: *reforma da habitação.* Ele abrangia desde o objeto de uso comum até a urbanização das grandes cidades. Nosso empreendimento era enorme, mas não dispúnhamos de um centavo sequer. A direção da exposição nos proibiu de realizar nosso programa

e retirou nosso espaço. Depois ergueu — às custas dela, informou amavelmente — uma cerca de 6 metros de altura, de cor verde folhagem, que colocava nosso pavilhão fora da exposição e o escondia inteiramente do público. Foi preciso a intervenção de um ministro, o sr. Anatole de Monzie, para que mandassem derrubar a tal cerca.

Ocorreu-nos uma palavra de ordem:

O automóvel matou a grande cidade,
O automóvel deve salvar a grande cidade

Fui procurar os grandes empresários da indústria automobilística para que eles nos socorressem, tendo em vista nossa penúria. Nada a fazer! No entanto Mongermon, Gabriel Voisin e sr. Henry Fougès, de Bordéus, compreenderam e nos proporcionaram meios de realizarmos nosso projeto. Daí vem o nome *Plano "Voisin" de Paris*. Nosso pavilhão apresentava uma vasta rotunda de urbanismo: plantas detalhadas da *célula na escala humana*, problema urgente da reformulação arquitetônica e os estudos de 1922, com o diorama de 100 metros quadrados; depois, a planta do Centro de negócios de Paris e, para melhor explicá-lo, um outro diorama de 100 metros quadrados que mostrava a cidade, de Vincennes à Maillot, com o rio Sena na frente e toda a Paris histórica preservada e livre das limitações impostas pelo congestionamento moderno.

Paris, lar espiritual do mundo,
Paris, centro dos negócios da França,
sede do governo de um país,
Paris viverá?

Ou se extinguirá suavemente, lentamente, na miragem de sua força adquirida, na contemplação beata daquilo que foi, mas já não é mais: aquela energia organizadora que venceu todos os obstáculos e colocou a cidade no diapasão de todas as novas circunstâncias; o espírito construtivo, que sempre foi revolucionário, sempre nas barricadas; o românico, o gótico, o Renascimento, os grandes Reis, Haussmann e Eiffel.

Paris viverá por meio da retomada de suas tradições seculares? Essa era nossa pergunta em 1925.

Passaram-se os anos. Naquela Paris relativamente calma de 1922, eu contava com aquilo que deveria *sobrevir*, com a fatalidade da hora que um dia deveria soar. Pois a hora soou: Paris agoniza. Eu pensava que o prazo seria de dez a vinte anos. Em sete anos a doença abraçou a cidade.

Nossas idéias "sublunares" se difundiram:

de 1920 a 1925, por meio de *L'Esprit Nouveau*, nossa revista de atividade contemporânea;

em 1925, por meio do *Pavilhão de l'Esprit Nouveau*;

em 1925, por meio do livro *Urbanisme* (atualmente na vigésima edição);

em 1928, por meio do mesmo livro, traduzido na Alemanha;

em 1929, idem, sendo o livro traduzido na Inglaterra e na América, e agora no Japão e na União Soviética.

Uma elite profunda, dispersa, isolada, que vive na base do cada um para si, que se acredita solitária, mas que constitui um exército, convenceu-se.

A imprensa, a grande imprensa, os jornais cotidianos, os hebdomadários, as revistas, as publicações profissionais, os congressos, todos comentaram o problema.

A *Ação Francesa* declarou: este projeto é nosso programa.

O fascismo francês de 1926 disse exatamente a mesma coisa.

O *Ami du Peuple*, num editorial recente, denunciou-me como cúmplice de Lênin, um destruidor.

L'Humanité, jornal comunista francês, designou-me em 1923 como agente do capitalismo francês para a repressão da "Grande Noite" ("Grand Soir"). "Ele propõe", dizia esse jornal, "a solução para a habitação e, com ela, a massa trabalhadora será colocada numa situação de suficiente bem-estar para não desejar mais correr os riscos da revolução."

O presidente do Soviete do Trabalho em Moscou, neste mês de junho, encerrou uma discussão de muitas horas decidindo construir sobre pilotis nosso palácio do Centrosoyus, *a fim de incitar, por intermédio dele, a urbanização da Grande Moscou.*

O "Redressement Français", organização de estudos econômicos da grande indústria francesa, publicou meu estudo *Vers le Paris de l'époque machiniste* e, mediante seu patrocínio, a idéia agitou com intensidade novos ambientes.

Finalmente o sr. Daniel Serruys, em sua conferência sobre Paris na Sala de Geografia, nesta primavera, declarou diante de um auditório de senadores, deputados, conselheiros municipais e industriais que o Plano "Voisin" de Paris era a única solução que ousava reivindicar medidas enérgicas e que unicamente medidas de uma enorme envergadura poderiam evitar o desastre iminente.

No momento em que aquele meu livro começou a ser impresso, o sr. tenente-coronel Vauthier entregou-me o manuscrito de uma obra que ele publicará pela editora Berger-Levrault: "O PERIGO AÉREO E O FUTURO DO PAÍS".

Este estudo, escrito por um especialista da aviação, destacado no Estado Maior da defesa aérea, demonstra que o PLANO "VOISIN", devido a seus dispositivos de construção em altura, seus imensos espaços livres, SEUS PILOTIS, seus parques com lagos, RESPONDE, PONTO POR

PONTO, **às angustiantes indagações suscitadas pela futura guerra, que será** UMA GUERRA AÉREA, UMA GUERRA QUÍMICA.

Eis um aviso fúnebre singularmente inesperado e conclusões singularmente graves. Em resumo, o tenente-coronel Vauthier conclui: "Se o Estado não tomar urgentemente, com inabalável firmeza, as providências necessárias, Paris será pura e simplesmente aniquilada na próxima guerra..."

Não citei estes fatos por vaidade, mas para mostrar que a idéia técnica, gerada pela revolução maquinista, harmonizada com os fenômenos sociológicos e econômicos que dela surgiram, situa-se no plano político, pondo em cheque o princípio de *autoridade.*

Em todos os lugares formula-se uma pergunta: *Quem poderia tomar essa decisão?*

Um rei?
Um tribuno?
O Parlamento?
O Comissariado do Povo?

Crise de autoridade. A política devora as energias. A política não é uma função construtiva; é um crivo, que age somente por eliminação; é também uma fornalha, um incinerador. O que se queima? Paixões, *correntes* de idéias. O que passa pelo crivo? Idéias. Que idéias? As que surgem cotidianamente e cujo destino, em determinado momento de seu crescimento, é contribuir para o equilíbrio da sociedade. Quando é que essas idéias passam pela prova do crivo queimado? Quando elas estiverem no ponto. Um dia chega em que a idéia está no ponto. Mas há uma questão que é mais solene: na vida dos homens, assim como na vida das coletividades, *uma hora soa e passa!* Não vamos imaginar que essa hora retornará! Os acontecimentos prosseguem, o destino passa. A felicidade ou a desgraça são escorregadias; agarramos a Fortuna pelos cabelos quando ela passa. A felicidade ou a desgraça provêm daquela hora que agarramos, quando ela passou por nós, ou quando a deixamos escapar.

No urbanismo, existe uma hora, quando ainda há tempo; chega também uma hora quando não há mais tempo. E, na trajetória da vida dos povos existe uma hora favorável, quando tudo é possível e, mais do que isto, quando tudo é fácil, porque tudo se encontra em estado de alerta, comoção e tensão, aberto às soluções. Mas passada essa hora, tudo torna a fechar, pouco a pouco; não se pode voltar atrás. Os destinos medíocres instalam-se e isto somente será avaliado daí a cem anos.

A virtude do homem de governo consiste precisamente em saber a hora.

• • •

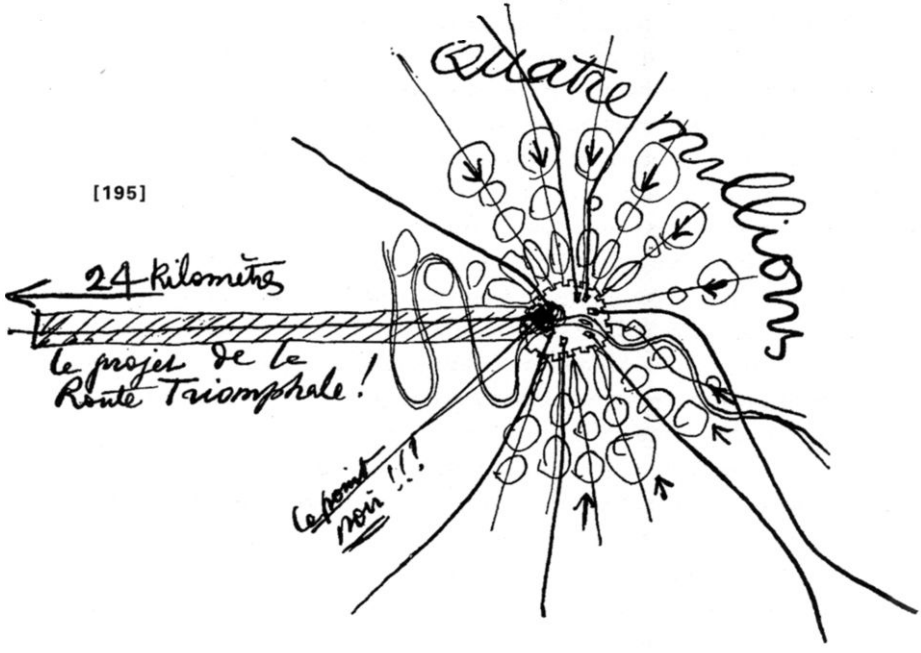
Poderíamos crer numa certa unanimidade das "pessoas do ramo" em relação às reflexões que acabo de fazer. Não acreditem nisto! Formulam-se as opiniões as mais diversas e elas se espalham. Esforcei-me por enxergar o fundo do problema e distanciei-me da arquitetura. Em geral os profissionais inclinam-se a procurar soluções mais diretamente traduzíveis pelo lápis, a aguada e a aquarela, pois é com a aguada e a aquarela que se obtém o consentimento dos Conselhos de Administração e dos Conselhos, e nada mais. Objetivamos algo e nos consideramos mais próximos das possibilidades de realização. Faço parte da *Comissão da Nova Paris*, instituída por um grande jornal dessa cidade. Fui por ela convocado pela primeira vez no dia 1º de maio deste ano. Ali encontrei vinte profissionais de grande valor que davam os últimos retoques no projeto em que se engajaram: a Estrada Triunfal. O problema era Paris, vetusta em seu meio, impenetrável para as viaturas, totalmente engarrafada, rodeada por um subúrbio imenso, indisciplinada, dramaticamente desmembrada, ou melhor dizendo, inorgânica, desorganizada, — nascida no dia-a-dia.

Desenho **[195]** o fenômeno urbano de Paris; as sucessivas muralhas, o subúrbio tentacular, as estradas de ferro e as estradas nacionais que se irradiam, o subúrbio congestionado: organismo eminentemente concêntrico; estratificação irradiante, biologia indiscutível. Ai de mim, tudo escapou à medida dos tempos modernos: não se circula, perde-se tempo em circular. A vida dos trabalhadores caminha em direção a um calvário. Seria necessário sanear, classificar, *reavivar, harmonizar.*

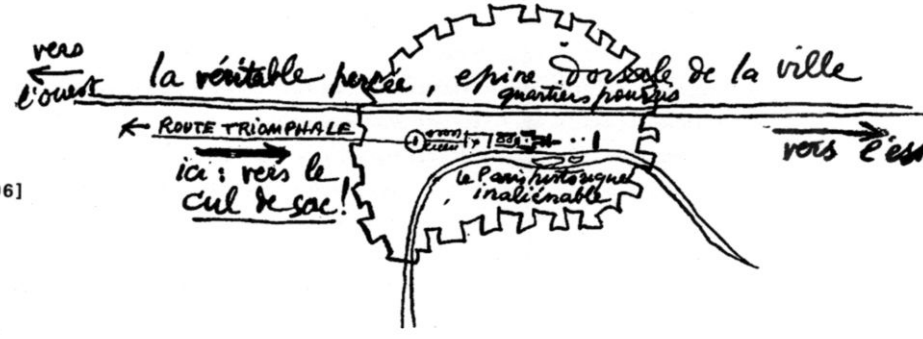
E a Estrada Triunfal? Partimos do Obelisco da Concórdia, seguimos em direção ao Arco do Triunfo, atravessamos Neuilly até o monumento da "Défense" (tudo isto existe, criado por Luís XIV) ... e de lá, *prosseguimos e percorremos uma distância de 24 quilômetros, até Saint-Germain-en-Laye* e então a batizamos: *Estrada Triunfal.* Esta *designação* vai além do termo *urbanismo?* Paris escapará de Paris? Um de meus colegas mais notórios, a quem sempre admirei devido ao seu maleável talento de construtor, exclama diante de mim, encostando a palma da mão no meio do mapa de Paris: "Deixem-nos em paz, uma vez por todas, com o *Centro de Paris.* Realizaremos a *Estrada Triunfal.* A cidade irá se agrupar em torno da Avenida. Esvaziaremos o centro de Paris. Faremos dele um jardim para as babás e iremos nos divertir nele!".

Valorização, não é mesmo? Operação de total segurança, não é mesmo? A cidade e a região parisiense abandonarão seu imenso regime radial para alinhar-se...?

[195]


quatre millions
24 kilomètres
le projet de la Route Triomphale !
Le point zéro !!!

[196]


vers l'ouest
la véritable percée, épine dorsale de la ville
quartiers pourris
ROUTE TRIOMPHALE
vers l'est
ici : vers le cul de sac !
le Paris historique inaliénable

Sei muito bem que ao longo desses novos 24 quilômetros poderemos construir imóveis admiráveis, mas para que categoria de pessoas? Que outra categoria virá "agrupar-se em torno" deles? Formulo a seguinte pergunta: "De onde virá o dinheiro?".

E mais uma pergunta: o Centro, fortuna virtual colossal — devido a sua situação privilegiada — iremos convertê-lo, com um gesto desenvolto, a zero?

Tento esboçar os trajetos dos ônibus, do metrô, dos automóveis que ligarão a *região* parisiense ao *novo centro* e estabeleço uma comparação com as distâncias dos trajetos já existentes, radiais. Calculem, por favor, por dia e por ano, a quantidade de combustível e o tempo que se perde.

Quando a Estrada Triunfal estiver construída, os automóveis invadirão Paris. O engarrafamento começará na Porte Maillot: a avenida da Grande-Armée hoje é estreita demais; a Étoile constitui o mais perfeito *obstáculo* à circulação (ilusão dos planos); os Champs-Elysées congestionados, hoje estão impraticáveis, com seus pedestres sempre apressados; um recipiente gigantesco absorverá os fluxos da Estrada Triunfal: a Praça da Concórdia? Mas hoje ali a circulação é perigosa. Mudar de trajeto? Em direção à Madeleine? À Câmara dos Deputados? Trânsito bloqueado! E que tal as Tulherias, o Arco do Carrossel? Trânsito bloqueado. Palácio do Louvre, trânsito bloqueado. Praça das Pirâmides, trânsito bloqueado; Pont-Royal, trânsito bloqueado; Saint-Germain-l'Auxerrois, trânsito bloqueado; Hôtel-de-Ville, trânsito bloqueado! Toda a Paris histórica condenada ou mergulhada numa atmosfera febril!

A 500 metros ao norte, à direita da Ópera, *paralelamente à Estrada Triunfal, atravessando bairros degradados*, prontos para serem postos abaixo, o *Plano "Voisin"* de 1922-1925 propunha a *Grande Abertura no sentido leste-oeste,* desprovida de obstáculos, *vindo da largueza e indo em direção à largueza*, ventilando de uma vez Paris, *seria a espinha dorsal* da cidade. Valorização gigantesca. **[196]**

E, já que parecia interessante, chegaríamos facilmente a Saint-Germain-en-Laye.

A região parisiense, ameaçada juntamente com seus moradores e os moradores mais humildes, doentes, esperam de nós a salvação. Nós nos limitaremos a responder: "Estrada Triunfal"?

Foi no dia 1º de maio de 1929. Quando saí de nossa comissão, às seis e meia da tarde, os bulevares estavam desertos, os táxis, conforme costumam fazer, sumiram naquele dia em que os que se consideram lesados pelo estatuto social atual se manifestavam solenemente. A polícia era incontável e o silêncio, angustiante. Eu pensava em nossa *Estrada Triunfal.* Os jornais vespertinos anunciavam que, na véspera, o Ministro do Interior, prevendo possíveis tumultos, mandara prender 3.500 comunistas notórios!

Livrar-se de todo espírito acadêmico... mesmo batizando ruas!

• • •

Para compensar no corpo deste livro a argumentação persuasiva das projeções luminosas, que fazem falta aqui, oferecerei uma descrição do Centro de negócios, publicada em *Intransigeant*, no dia 20 de maio de 1929.

A RUA

O que vem a seguir é a livre descrição de planos precisos de urbanismo e arquitetura que se apóiam nas realidades da estatística, na resistência dos materiais, na organização social e econômica, na valorização racional da propriedade fundiária.

"Definição até o momento:

Uma calçada; na maior parte do tempo, passeios estreitos ou largos. Margeiam-na as muralhas das casas; suas silhuetas, recortadas no céu, são uma sucessão extravagante de lucarnas, chaminés e calhas. A rua situa-se na parte mais baixa dessa aventura e está mergulhada numa penumbra eterna. O azul do céu é uma esperança longínqua, inatingível. A rua é uma vala, uma fissura profunda, um corredor apertado. Com os cotovelos do coração tocamos em seus dois lados. O coração está sempre oprimido... embora isto subsista há mil anos.

A rua está atulhada de gente; é preciso prestar atenção por onde se caminha. Há alguns anos ficou repleta de viaturas rápidas: a ameaça de morte reina entre os dois meios-fios das calçadas. Mas fomos treinados para enfrentar o esmagamento.

A rua é formada por mil casas diferentes: nós nos acostumamos com a beleza da feiúra — enxergamos o lado bom do lado mau. As mil casas são negras e sua vizinhança recíproca é cacofônica; é horrível, mas passamos por elas. No domingo estas ruas ficam vazias e exibem todo o seu horror. À parte essas horas que a todos desencorajam, os homens e as mulheres acotovelam-se nelas, as lojas prosperam; todo o drama da vida exibe ali seu desassossego. Se soubermos ver, nos divertiremos muito na rua; é melhor do que o teatro, melhor do que um romance: rostos e cobiça.

• • •

Nada disto exalta em nós aquela alegria que é o efeito da arquitetura; nem o orgulho, que é o efeito da ordem; nem o espírito de iniciativa, que se anima com os grandes espaços.

...mas a pena e a comiseração despertam, diante do choque provocado pelo semblante de outro ser. E o trabalho duro (*hard-labour*) oprime.

• • •

A rua pode conter seu drama humano.

Ela pode refulgir, sob o novo brilho das luzes.

Ela pode sorrir, graças à sua variegada aparência.

É a rua do pedestre milenar; é um resíduo dos séculos; é um órgão inoperante, decaído.

A rua nos usa.

Ela nos causa aversão!

Mas então por que perdura?

• • •

Estes vinte anos de automóvel (e de muitas outras coisas, pois nestes cem anos uma época maquinista nos lançou numa nova aventura) nos levaram à iminência da tomada de decisões. Prepara-se neste momento um congresso sobre a "Nova Paris". O que será de Paris, que ruas nos darão? Que o céu nos proteja de congressistas balzaquianos, ávidos do drama estampado nos semblantes, na fissura negra das ruas de Paris! A razão, por si só, impõe com urgência soluções fascinantes. Mas e se um lirismo oportuno animar a concepção racional, elevando-a aos benefícios proporcionados pela arquitetura? A Paris de amanhã poderia ser prodigiosa, sintonizada com os acontecimentos que nos conduzem, um dia após outro, a um novo ciclo da civilização.

Especialistas em urbanismo pesquisaram e propuseram soluções algumas vezes felizes. A discussão se dá em torno da circulação: o regato hipomóvel inchou e transformou-se num Amazonas automóvel. Portanto, é necessário dimensão, largura; e classificação: o pedestre, o automóvel.

Além de muitas outras coisas ainda que os urbanistas devem providenciar.

• • •

Gostaria de fazer o retrato da *rua* contemporânea. Leitores, tentem andar nesta cidade nova e abandonem-se aos benefícios propiciados por iniciativas não acadêmicas. Eis aqui:

Caminharemos sob as árvores, rodeados de tabuleiros de relva. Imensos espaços verdejantes estarão em torno de nós. **[154-155-156]** Ar puro, quase nenhum barulho. Não vemos mais as casas! Mas como é possível? Através dos galhos das árvores, através dos encantadores arabescos das folhagens perceberemos, no céu, a distâncias

muito grandes umas das outras, massas de cristal gigantescas, mais altas do que qualquer edifício do mundo. Massas de cristal que reverberam no azul do céu, que cintilam no céu cinza do inverno, que mais parecem flutuar no espaço do que pesar no chão, que, à noite, são fulgor, magia elétrica. Sob cada um desses prismas límpidos há uma estação de metrô, o que revela a distância que os separa. São os imóveis destinados a escritórios. A cidade é três ou quatro vezes mais densa do que hoje, as distâncias a ser percorridas são, portanto, três ou quatro vezes menores e o cansaço diminui três ou quatro vezes. Os edifícios cobrem apenas 5 ou 10 % da superfície deste bairro da cidade; eis porque estamos nos parques e as estradas estão longe de nós.

Um escritório ideal é formado por uma parede de vidro e três paredes de alvenaria. Mil escritórios: *idem*. Dez mil escritórios: *idem*. Portanto tudo é de vidro na fachada dos edifícios, de alto a baixo. Não existe mais pedra visível nestas imensas construções, mas somente cristal... e proporção. O arquiteto não recorre mais à pedra para construir; um palácio, uma casa já não são mais feitos de pedra.

Na época de Luís XIV legislou-se utilmente sobre a altura dos imóveis, restringida pelos próprios limites impostos pela resistência das construções de pedra.

Hoje os engenheiros fazem qualquer coisa e tão alto quanto se desejar. Permanecem, porém, os regulamentos de Luís XIV: *20 metros até a cornija!!!* Não se pode ir mais alto do que isto! Eis que constroem em todo o solo da cidade, ocupando não 5 ou 10 % de sua superfície, mas 50 a 60 %. E assim perpetuam-se automaticamente as ruas, fissuras negras, vergonha e desastre de nossas cidades. A densidade é quatro vezes menor.

Vocês acabaram de ver, a rua não será a de Nova York, horrível desventura.

Quando se escavarem as gigantescas fundações dos edifícios de escritórios, surgirão montanhas de uma terra rica em húmus. Então, pondo um ponto final nesse jogo enganoso das carroças que transportam a terra até as barcaças e das barcaças que a despejam na periferia (e, assim, todo o solo de Paris foi depositado *ao lado* da cidade), deixaremos esta terra fértil acumular-se entre as escavações, no meio dos parques; plantaremos árvores nessas montanhas, nelas semearemos grama. Contemplem no Jardim das Plantas, ao lado do Museu, aquela pequena colina artificial que cria ali um surpreendente sítio campestre e constitui um centro de perspectivas inesperadas.

Através das ramagens, surgindo por detrás das colinas que fazem como os "grandes planos" do cinema, enxergamos os prismas de cristal dos imensos escritórios. Eles se elevam regularmente a cada 400 metros e não se preocupam com a direção que tomam as artérias destinadas aos automóveis e as destinadas aos pedestres. Aqui, de repente, nos encontramos diante de uma encantadora igreja gótica, acolhida pela folhagem. É Saint-Martin ou Saint-Merry do século XIV ou do século XV. Ali está um clube instalado num palacete do Marais, construído no reinado de Henrique IV. Alamedas cobertas de areia nos levam até ele.

Em seguida, a esplanada do pedestre eleva-se numa rampa suave. Chegamos a um terraço que desaparece 1000 metros à frente: terraços com cafés aninhados nas

folhagens das árvores, situados um andar acima do solo da cidade. Mas uma segunda rampa nos conduz a uma nova rua, dois andares acima. De um lado estão as vitrines das lojas de luxo: é uma nova "rue de La Paix"; do outro lado, um espaço de onde se avistam os pontos mais distantes da cidade. E a terceira rampa nos leva a um passeio, onde se situam salas de clubes e restaurantes. Estamos quase acima da vegetação: é um mar de árvores; e aqui e ali, lá embaixo, mais longe, sempre está presente o cristal majestoso dos prismas puros, gigantescos e límpidos. Estabilidade, imobilidade, espaço, o azul do céu, luz! Alegria.

Obras arquitetônicas encantadoras emergem do amontoado das árvores. Observem como é engraçada aquela cúpula dourada, sob a qual existe um frontão grego. É o Teatro X..., derradeira obra do sr. Nénot, membro do Instituto! Isto não tem a menor importância: quer se trate de legítima Renascença ou de algo postiço, não perturba de modo algum a sinfonia arquitetônica: é apenas uma simples questão de ética pessoal.

Estes três terraços sucessivos, que são jardins de Semíramis e ruas de lazer, estendem linhas horizontais encantadoras, miúdas, baixas e fugazes entre os grandes cristais verticais. Observem lá embaixo aquele traço fino, a perder de vista, sobre um alinhamento de pilastras (meu Deus, que colunata, tem 20 quilômetros de comprimento!). É a auto-estrada elevada, de mão única, que permite aos automóveis atravessarem Paris como se fossem bólidos.

Assim, o trabalho nos escritórios não se exerce mais no eterno crepúsculo das ruas desprovidas de alegria, mas como se estivéssemos ao ar livre, em plena atmosfera. Não riam: os 400 mil empregados do centro de negócios deixam seu olhar percorrer uma paisagem que é pura natureza. Assim, do alto de uma das altas falésias do Sena, em direção a Rouen, veremos aos nossos pés o marulhar das árvores, como um rebanho ondulante. A calma é absoluta. De onde virá o barulho?

A noite chegou. Como um enxame de meteoros no equinócio do verão, vemos os faróis dos automóveis ao longo da auto-estrada.

A 200 metros acima, nos tetos-jardins dos arranha-céus (jardins consideráveis, compostos de zaragatoas, tuias, loureiros, hera, entremeados com tulipas ou gerânios, em canteiros primorosos, ou recortados por caminhos floridos) a eletricidade espalha uma alegria tranqüila; a noite é o teto; poltronas, gente que conversa, orquestras, gente que dança. Calma. Nesse mesmo nível, a 200 metros do solo, outros tetos-jardins, muito longe, por toda a volta, têm a aparência de discos de ouro suspensos. Os escritórios estão no escuro, fachadas apagadas. A cidade parece dormir. Percebe-se o rumor longínquo dos bairros de Paris que continuaram revestidos de sua antiga crosta.

É aqui o intenso centro dos negócios, *A City*.

• • •

As cifras legitimam esta hipótese. Realizar o centro de negócios de Paris não é uma quimera. Para o Estado significa *ganhar bilhões, valorizando o centro de Paris.* Apoderar-se do centro de Paris, através de uma operação combinada, é *fazer bilhões!*

• • •

A rua não existirá mais.

• • •

E também em relação aos bairros residenciais e às moradias, a rua-fissura deixará de ser a solução.

. . . . . .

Senhoras e senhores, tudo isto se refere a Paris. Falemos agora de Buenos Aires.

Dei a esta conferência um segundo título:

"Com um civismo ardente e perspicaz, pelo efeito de uma razão rigorosa, Buenos Aires poderá se tornar uma das grandes capitais do mundo, uma das cidades mais dignas do mundo?"

Exporei tudo o que penso com vigor e convicção. Buenos Aires? É um dos mais belos temas de minha vida.

Buenos Aires é a cidade mais desumana que conheci; nela o coração é martirizado. Durante semanas percorri, como um alucinado, suas ruas "sem esperança". Senti-me oprimido, deprimido, furioso, desesperado. No entanto, onde mais é possível sentir, como acontece aqui, um tal potencial energético, tamanha potencialidade, a pressão incansável e forte de um destino inevitável? Um grande destino. Disseram-me muitas vezes que nasci sob uma boa estrela; minha vida foi extremamente agitada, perigosa, porém jamais soçobrei. No exato momento em que o abismo se abria eu encontrava a solução. É meu famoso "meandro". Pois bem, ao vir até aqui tive uma oportunidade providencial. Nosso navio, após catorze dias de travessia, perdeu uma ou duas horas em Montevidéu e assim, em vez de chegar a Buenos Aires de dia, cheguei à noite. E quando um homem, movido por algum lirismo, viveu durante catorze dias a solidão e o silêncio do oceano, e quando, na noite nascente, encontra-se na ponte que domina a passarela de comando do navio, a fim de escrutar a impassibilidade da escuridão, para ver chegar esta cidade que se fez esperar por tanto tempo, este homem fica em estado de graça, o espírito tenso e a sensibilidade à flor da pele.

De repente, para além das primeiras balizas iluminadoras, vi Buenos Aires. O mar unido, plano, sem limites, à esquerda e à direita; acima, o céu

argentino repleto de estrelas; e Buenos Aires, esta fenomenal linha de luz, começando à direita, no infinito e se derramando à esquerda, no infinito, ao nível das águas. Nada além disso, a não ser, no centro da linha das luzes, a crepitação de um fulgor elétrico que exprime o coração da cidade. É tudo! Buenos Aires não possui pitoresco ou variedade. É o simples encontro dos Pampas e do Oceano numa linha, iluminada à noite de um extremo a outro. Miragem, milagre da noite: a simples pontuação regular e infinita da iluminação da cidade desenha o que é Buenos Aires aos olhos do viajante que ficou sozinho durante catorze dias no oceano.

Conservei esta visão intensa e magistral. Pensei: nada existe em Buenos Aires, mas que linha forte e majestosa.

No dia seguinte despertei no coração da cidade. Durante oito dias atendi a uma série de compromissos. Sofri nesta cidade como nunca. Um dia explodi: "Mas quando eu cheguei havia o mar! Onde está o mar? Desde que estou aqui não vi mais o céu, quero ver o céu!". Atravessando as ferrovias e os armazéns do porto — um porto imenso, mas que não se enxerga, pois sua implantação é muito esquisita — fomos à *Costanera*, seu grande passeio, novo em folha, à beira do rio. Lá o céu é imenso e o mar é rosado, devido à lama trazida pelo Paraná (cor magnífica, como uma riqueza que escorre de uma cornucópia). Ah, como se vive, como se respira ali, como nos sentimos felizes, como nos livramos da opressão assustadora desta cidade desumana!

Uma espécie de entusiasmo santo apoderou-se de mim. Pensei: "Farei algo, pois sinto algo". A recordação de minha chegada — a insigne linha horizontal — este céu, este mar, suscitavam em mim percepções que tinham a ver com a extensão e a elevação. Um ritmo construtor começava a sacudir a amorfa realidade desta cidade amorfa.

Estudei os mapas geográficos da Argentina, observando os cursos dos rios, as grandes extensões das planícies e planaltos, a barreira dos Andes, decifrando a rede de estradas de ferro que já irrigam este país. Certifiquei-me, pela primeira vez, que a Argentina é imensa, que começa no Trópico do Chaco, onde os índios andam nus, e que ela se estende até a região dos icebergues, a Terra do Fogo. Tomei conhecimento do que se fazia na Argentina: a pecuária. O que se faria: a grande lavoura e, em seguida, a exploração das jazidas inesgotáveis de minerais e petróleo. Que um dia os senhores contarão com a hulha branca dos Andes, no lugar do carvão da Inglaterra. Sobrevoei o país de avião e percorri grandes distâncias. Notei que era deserto, que existe um espaço imenso para um prolongamento fantástico. Senti, na cidade, o esforço consistente de dois milhões de homens que vieram "fazer a América". Vi, nos escritórios, que os alemães e ingleses enviaram técnicos para equipar o país; senti, sobretudo, o imenso poderio dos Estados Unidos no plano financeiro e industrial. Vem-se do mundo inteiro para este país,

pois todos os esforços são úteis. Seu porto é o quinto do mundo. Tive a felicidade de descobrir esta mina de ouro que, para o garimpeiro de idéias, é uma sociedade distinta, educada, castiça, dedicada ao culto do espírito. Cheguei até mesmo a apreciar esta paixão pelas coisas belas que fazem a glória da jovem França e que me são tão caras. Senti violentamente que esta cidade é uma cidade da América, com todas as canduras, os medos, os terrores de se enganar que incitam ao pastiche de Luís XIV ou da Renascença, mas que é também uma cidade explosiva, com um motor novo em folha e um solo atulhado de equipamentos que já não se podem mais utilizar, provindos de uma colonização precipitada. Quanto à elegante rigidez dos senhores, a reserva que se deve, em parte, ao espírito dominador adquirido no manejo dos grandes rebanhos do "campo" ou na administração dos vastos empreendimentos e, em parte, à incerteza provocada pelo silêncio de um imenso oceano que os mantém longe do mundo, avaliei que tudo isto constituía um traço de raça e que Buenos Aires, feita de todos os povos, era na realidade uma nova raça, monolito animado por um civismo ardente.

Passaram-se algumas semanas e em meu espírito, preocupado com assuntos de arquitetura, vivendo em tensão violenta com ou contra os senhores, nas conferências que eu realizava, nasceu o desejo e, em seguida, a decisão de *fazer algo importante*, magnífico. Eu havia refletido tanto sobre os problemas puros do urbanismo! Estava carregado de energia como um dínamo. Buenos Aires surgiu diante de mim *como o lugar do urbanismo da época contemporânea*. Um dia, animado por minha primeira visão da cidade que se estende à beira do rio, construí a cidade que Buenos Aires poderia vir a ser, caso um civismo ardente que enxerga longe e uma razão inarredável convocassem as energias necessárias. Senti mesmo profundamente que em breve essas energias despertariam, a tal ponto são grandes o perigo e a altivez em seu país, a tal ponto soou aqui a hora da arquitetura, a tal ponto a época maquinista, que explode em todos os lugares e em tudo, soa como uma verdadeira convocação, nesta sua cidade desumana e em suas ruas sem esperança.

• • •

Observem o mapa do continente americano, de norte a sul. Aqui a Cordilheira das Montanhas Rochosas e ali a Cordilheira dos Andes barram o horizonte do Pacífico; planaltos e planícies estendem-se até o Atlântico e do outro lado dele, na Europa, está um mundo repleto de cultura, de experiência e ainda de energia. Convergindo para um ponto que se fixou definitivamente, traço as linhas pelas quais são expedidos e recebidos os produtos, num intercâmbio perpétuo. **[197]** Tudo passa por esse lugar, centro de

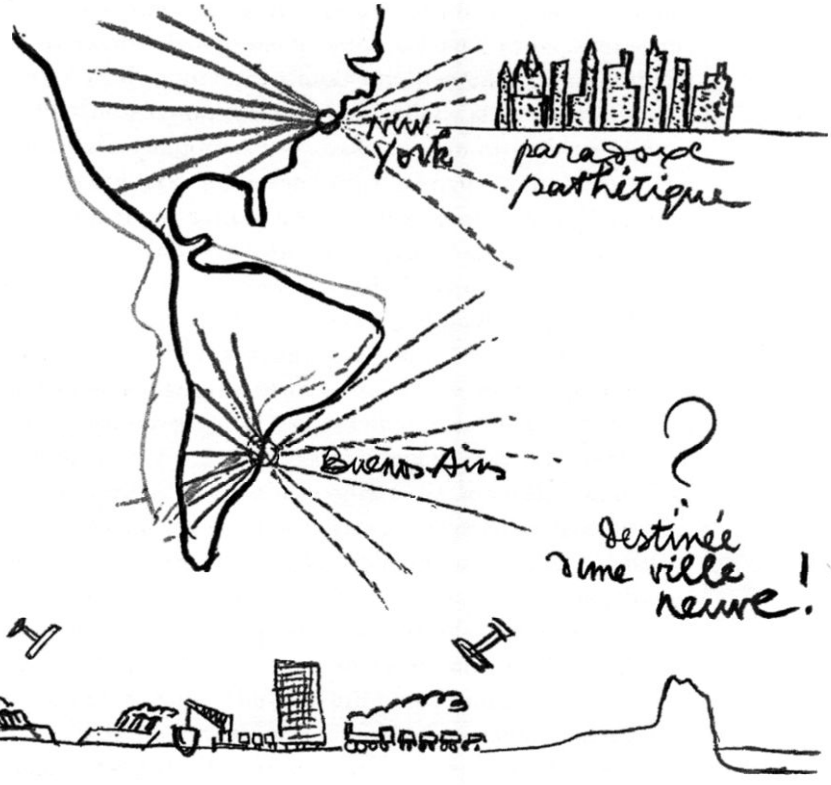
comando, sede de administrações, lugar que é uma grande cidade moderna, Nova York. Nova York é o signo da energia, da coragem, Nova York é construída com arranha-céus que dominam o mar. Nova York, porém, é apenas o primeiro gesto da civilização contemporânea. Construída no improviso, na confusão, constitui um paradoxo, um exemplo patético. É uma etapa vivida e que não se deve reviver. Nova York é um exemplo de ação. Qual será o destino desta cidade nascida em momentos de precipitação? **[198]** Não me deterei nesta questão, pois não quero de modo algum profetizar. Desenho os arranha-céus e escrevo: *Paradoxo patético.*

Aqui, mais embaixo, no continente sul, tudo me convida a traçar uma rede semelhante de linhas convergentes. Tudo não passa de um embrião, mas em breve tudo será assim. Existe um lugar predestinado, às margens do rio da Prata, no fundo de um estuário gigantesco. Uma cidade imensa ali se espalha e calca a terra, cabeça enorme de um corpo que mal acaba de se formar. É Buenos Aires, cujo destino será fatalmente o de Nova York: sede de comando executado na ordem, na organização, na reflexão, na grandeza, no esplendor, na dignidade e na beleza. Imaginem: nós, do velho mundo, atravessamos o Oceano e chegamos em nossos navios esperando encontrar a cidade dos tempos modernos, para a qual a natureza em nada contribuiu. É o vazio. Mas não, a natureza contribuiu com este encontro dos pampas e do oceano, numa linha infinita e plana. O homem aqui está para agir e manifestar-se. Então aqui está Buenos Aires, pura criação humana, pura criação do espírito, imenso bloco erguido pelo homem, nas águas do rio e de pé, nos céus da Argentina. Existe nessa esperança algo de embriagador, algo que enobrece. Que incitação, que convite à viagem!

Outros acontecimentos tão *verdadeiros* quanto estes nos revelam a forma que a cidade tomará:

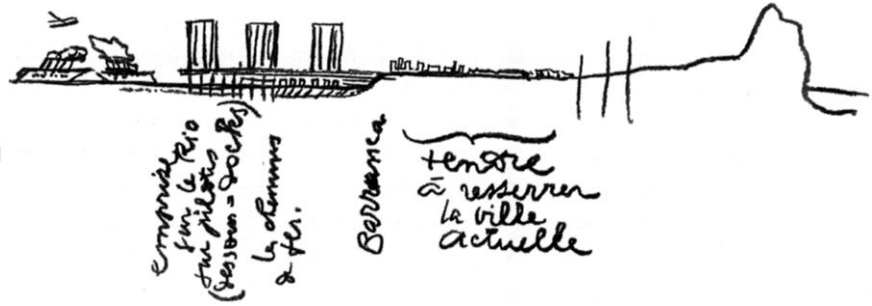
Façamos um corte através da América. **[199]** Aqui o Oceano Pacífico. Depois os Andes. O destino da Argentina começa, voltado para o leste: planaltos e planícies, pecuária, vinhos, trigo e as jazidas de seu solo. Desenho um trem repleto de mercadorias que corre em direção ao delta do rio e aviões. Chego à cidade, atravesso-a e *vou ao mar*, pois é neste lugar que se cristalizam todos os diversos acontecimentos que conferem à cidade sua razão de existir. Passo por cima dos armazéns da alfândega e das docas, por cima das ferrovias e, conforme vêem, continuo em busca do solo da Argentina e da cidade até o mar, acima do mar, a pique sobre o mar (o rio, na realidade). Desenho cargueiros no cais, navios que chegam e que partem, aviões que vêm da Europa ou que para lá retornam, outros que vão a Santiago do Chile, Rio de Janeiro e Nova York. **[200]**

Chamo a atenção dos senhores para dois fatos singularmente propícios. O solo dos pampas e da cidade não está no nível do rio. Ele cai quase a



[197] [198]

[199]



[200]

pique naquilo que os senhores denominam "a Barranca", declive escarpado, tão escarpado que a cidade primitiva ficou atrás. Ora, com nosso concreto armado elevaremos de nível o solo da cidade *acima do rio*, sobre pilotis alicerçados na argila compacta do fundo do estuário, solo excelente para implantar arranha-céus. Este fundo encontra-se apenas a 8 ou 12 metros aproximadamente abaixo do nível da água. **[201]**

Agora vejamos na planta o encadeamento das operações. **[202]**

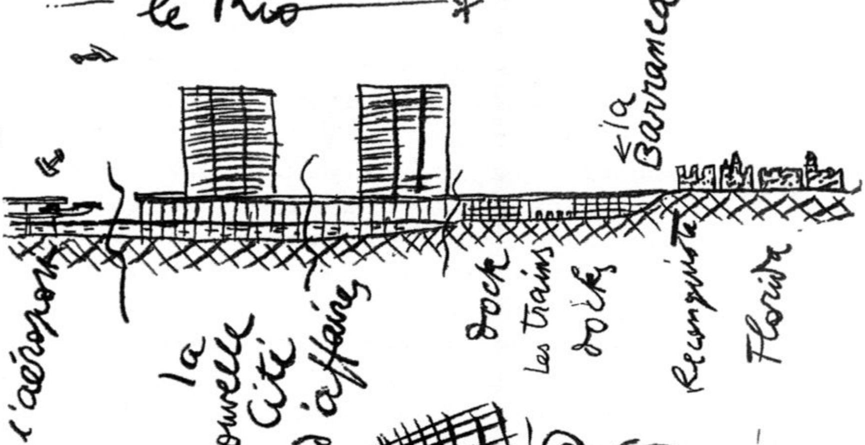
Tracemos a linha que delimita as águas e a terra. A oeste, na terra, sobre o solo ao nível da água, já ganho sobre o rio graças aos aterros realizados nestes últimos anos, desenho a estação do *Retiro* (rede das estradas de ferro do Norte), situada num local sem saída, e os trilhos dos trens que transportam mercadorias e servem docas bastante ultrapassadas; ao sul, ligeiramente na direção sudoeste, a outra estação, de *Constitución*, igualmente situada num local sem saída (rede das estradas de ferro do Sul). Elimino os locais sem saída, traço, junto à Barranca, uma rede de vias que transportam mercadorias e passageiros, *uma rede que flui*, ligando o Norte ao Sul e o Sudoeste ao Noroeste. Tudo isto se dá *sob o novo solo da cidade* de concreto armado que se encontra a 10 ou 18 metros acima. Não existe mais estação, mas vias de passagem. Não se deve ter estações situadas em locais sem saída, no centro das cidades: os trens *passam* por ele *mas não param nele.*

Por que fiz esta imensa plataforma de concreto armado empoleirada em pilotis, nas águas do rio? Porque sinto uma grande comiseração pelos moradores de Buenos Aires, bloqueados numa cidade sem esperança, sem céu e sem artérias (eu me explicarei) e porque considero de uma sabedoria elementar que a cidade se abra para o mar. A vista do mar e do céu é um espetáculo benfazejo e alegre, e a cidade deve ficar livre da neurastenia.

Implanto os arranha-céus da cidade de negócios em alinhamentos majestosos sobre a plataforma de concreto armado. Eles cobrem 5% da superfície. Os 95% restantes são reservados para a circulação e o estacionamento das viaturas. A cidade inteira, até agora enclausurada em ruas opressivas, *abre-se para o mar*, em plena luz, em plena liberdade, em plena alegria. Da beira da plataforma veremos a chegada dos navios e aviões. Neste lugar, conquistado ao rio com pouca despesa, coloco 3.200 moradores por hectare e não apenas os 400 que suas estatísticas revelam, em relação aos bairros do centro. *Quanta valorização!* Que negócio! Quantos bilhões criados pelo milagre das técnicas modernas!

Da primeira vez que cheguei da Europa vim em um navio e fiquei intensamente comovido diante da linha infinita das luzes e da pequena agitação em seu centro, que assinalava o centro da cidade. Hoje, diante desta nova hipótese, deparo-me com uma criação humana da época contemporânea. Vale a pena desenhar uma coisa tão pura.

[201]


le Rio
l'aéroport
la nouvelle cité d'affaires
Les trains
Reconquista
Florida
la Barranca

[202]

le Rio
valorisation totale
resserrer la ville

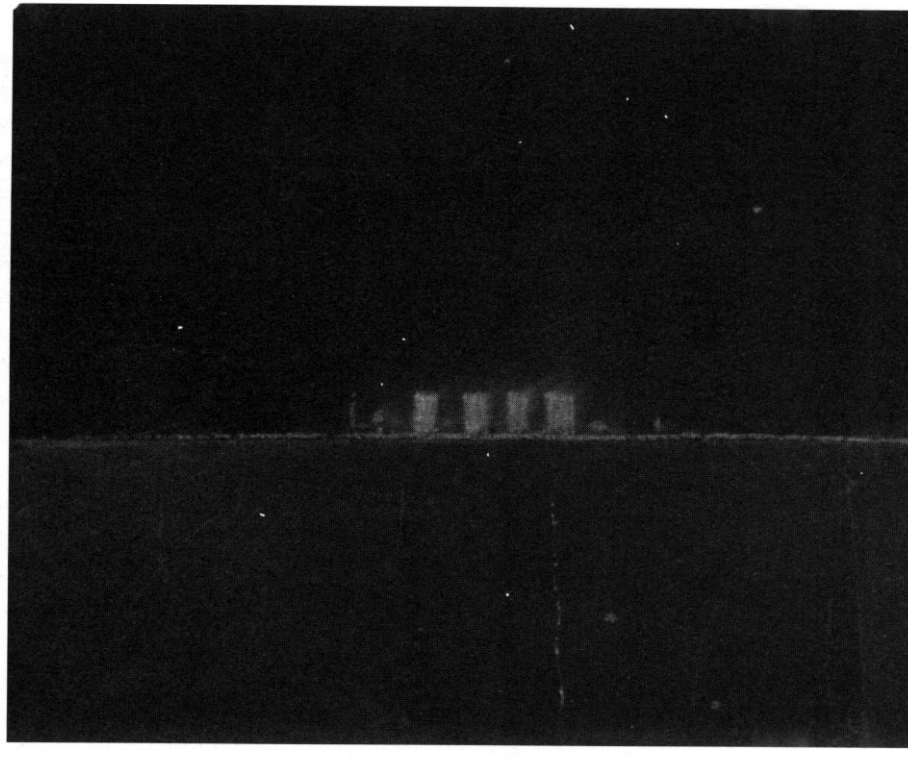
Preparei esta grande folha de papel azul, mais escura em sua parte superior, ligeiramente mais clara na parte debaixo. Imagino-me na proa de um navio com todos os viajantes e também com os imigrantes que chegam à terra prometida. Com pastel amarelo traço a linha infinita das luzes que já divisei. Com este mesmo pastel amarelo desenho os cinco arranha-céus de 200 metros de altura, alinhados de modo surpreendente e dos quais jorram luzes. Há, em torno deles, uma vibração amarela. Cada um desses arranha-céus contém 30 mil empregados. Um segundo alinhamento de arranha-céus, talvez um terceiro, ergue-se atrás. Desenho, nas águas do rio, as balizas luminosas e, no céu argentino, o Cruzeiro do Sul que precede milhões de estrelas. **[203]** Imagino a grande esplanada a pique sobre o Rio, com seus restaurantes e cafés, com todos os locais de repouso onde, finalmente, o homem de Buenos Aires reconquistou o direito de contemplar o céu e o mar...

Voltei uma segunda vez a Buenos Aires, de dia, de hidroavião, vindo de Montevidéu. Às 16h30 meus amigos de Montevidéu, agrupados na extremidade do porto, agitavam seus chapéus; às dezoito horas e um quarto eu estava no meu quarto de hotel, em Buenos Aires, e telefonava a Garaño para jantar com ele; uma hora e três quartos para vir de uma capital a outra, amerissar, ser transportado em um barco, passar pela alfândega e visar o passaporte, tomar um táxi, subir pelo elevador do hotel e telefonar, fazer aquilo que, até agora, um navio fazia levando mais de dez horas! Ao avistar a Argentina, a 500 metros de altitude, a cidade se tornou visível: margens do rio poluídas com barracões, coração da cidade longe da ribanceira, eriçado, hirsuto, tumultuado, com aquela desordem característica da América, indício de uma vitalidade prodigiosa, mas também de improvisação e incoerência. A este penoso espetáculo de pesadelo intenso, oponho este novo estado de consciência, estes prismas de vidro, fulgurantes, geométricos, em meio à luz intensa; raciocínio frio (bilhões ganhos) e lirismo (amor à ordem e à beleza, organização e harmonia). Pura criação humana.

A orla plana e impassível da Argentina exibiria o signo do espírito criador. Aqui seria um posto de comando. Aqui, verdadeiramente, tudo é preexistente para se erigir um monumento ao espírito contemporâneo: uma grande cidade do mundo.

• • •

Como seria bom poder precisar tudo isto, fixar os detalhes, explicar as inúmeras razões concomitantes. Nisso levaríamos horas, mas não é possível. Tenho, porém, o dever de esclarecer qual é o ponto trágico de Buenos Aires, aquele que fixou em 14 quilômetros de largura e 20 quilômetros de



[203]

profundidade *a rua sem esperança*. É uma lição de coisas, uma leitura de acontecimentos encadeados.

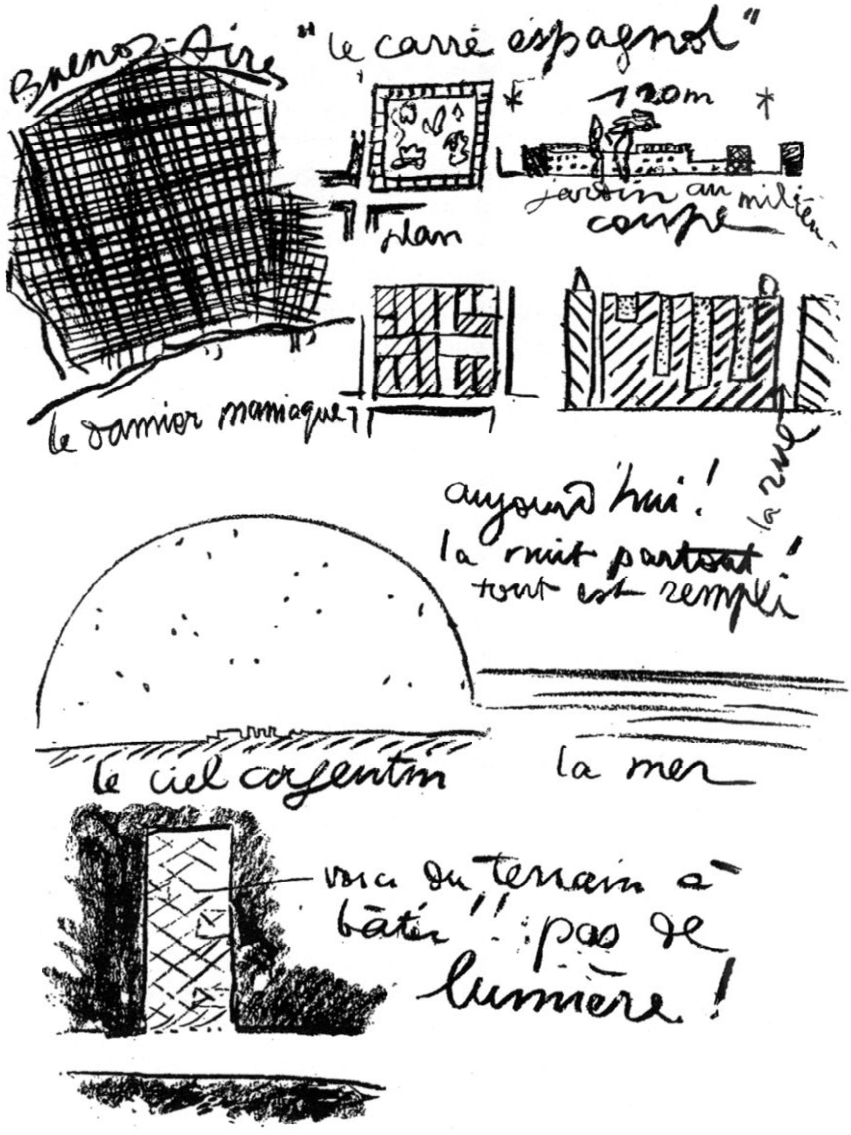
Buenos Aires inteira é traçada seguindo o *quadrado espanhol*, sobre os loteamentos do tempo colonial. Época do carro de bois e do "gaúcho" (cavaleiro). O "quadrado espanhol" é esta medida de 120 metros que determina as quatro faces de um grupo de casas. É uma medida antiga, do tempo dos deslocamentos lentos (boi ou cavalo). A rua tem 10 metros de largura e não possui calçada; é uma pista de terra. As casas que a margeiam são térreas, algumas têm um andar. Os lotes têm de 8 a 10 metros de frente e sua profundidade é igual à metade do "quadrado", isto é, 50 metros. As casas formam uma muralha que dá para a rua; no interior do lote, elas se abrem para jardins agradáveis. É prazeroso viver ali, na *calma*, na *solidão* e com luz. **[205]**

A América inteira, após Colombo, foi colonizada assim. Isto se percebe muito bem quando estamos num avião e contemplamos os meandros dos rios ou a pradaria. Isto é lícito, pois o homem pensa geometricamente.
Vi numa cidadezinha dos pampas, em Santo Antonio d'Areco, o quadrado espanhol, elegante, amável, nobre — a calma nas ruas e o sol nos jardins e os balaústres recortados no céu; dir-se-ia obra de Palladio.

Mas e Buenos Aires?

Por volta de 1880 a cidade se animou. Em torno de 1900 ela cresceu formidavelmente.

Inicialmente em extensão. O quadrado de 120 metros de lado era originariamente *governável*. Havia ordem e organização (espírito romano); no fim da rua estendia-se o campo, a perder de vista. Subitamente ímpeto irresistível, febre de crescimento; o geômetra municipal apressa-se em continuar a quadricular seu terreno: 120 x 120 metros, quase ao infinito! Ainda hoje ele continua! A visão da planta urbana de Buenos Aires provoca um choque; ela nos sufoca. Vi este plano quando estava no navio, ao largo das Canárias. **[204]** Exclamei: "Oh, como é possível? Que aventura!". Os senhores numeram suas casas por meio de um número que exprime sua distância contada a partir do leste, para as ruas perpendiculares ao mar, e desde a avenida de Mayo, para as ruas paralelas ao mar. Existem aqui casas com o número 25.000, o que revela uma rua de 25 quilômetros em linha reta. Suas ruas, porém, são recortadas a cada 120 metros. É de enlouquecer! Meçam então a trajetória às avessas percorrida pela cidade em seu estado de agregação: de *orgânica* que era, quando formada por 10 quadrados num sentido e por 10 ou 15 no outro, quando continha 100 ou 150 "quadrados", *ela tornou-se anorgânica* com seus 10 mil ou 20 mil "quadrados". De algo que era regido por um espírito de ordem e de organização, ela tornou-se uma coisa profundamente amorfa, um sistema de agregação primária.
Já não é mais um organismo, *não passa de um protoplasma.*



[204]

[205]

[206]

[207]

[208]

Como esperar inserir neste protoplasma o sistema cardíaco (aorta, artérias e arteríolas) indispensável à circulação e à organização de uma cidade moderna? Como responder à velocidade do automóvel se lhe impomos o ritmo do boi ou do cavalo — se, *em todos os sentidos*, impomos-lhes uma parada a cada 120 metros!!!

Falemos agora da altura. O campo já não se encontra mais no fim da rua, ao alcance do olhar. Constituiu-se o centro de negócios. Tudo aconteceu ao mesmo tempo; os bondes e os automóveis em quantidade, num fluxo intermitente, em ruas[3] de menos de 8 metros. Na cidade inteira reservou-se para o pedestre uma calçada de 1,20 m de largura; as calçadas estão apinhadas de gente; é preciso que todos se cruzem no espaço de 1,20 m e o bonde *passa rente na calçada* como a lâmina de uma guilhotina. Os senhores sabem muito bem que não estou exagerando: o perigo é permanente para o pedestre; ele não pode levantar o nariz, vigiando sua caminhada. E por que os pedestres são tão numerosos? Porque encheram de construções os "quadrados espanhóis"; edificações de sete andares dando para a rua; **[206]** os jardins foram inteiramente encobertos e as edificações, devido a um novo gabarito, podem erguer-se em pirâmides de 30, 40 e 50 metros, brincando de arranha-céu infantil. Sua cidade está eriçada como uma jovem Nova York. Cada local construído aqui é um escritório ou uma loja. É por isto que a rua se encontra repleta de pedestres, automóveis e bondes. Disseram: "Vamos desobstruir". E agora abrem duas *diagonais*, as famosas diagonais das quais se espera a salvação! A cada intersecção, todos os 120 metros, a diagonal provocará uma confusão definitiva. E o céu? Não mais o vemos, pois é preciso vigiar incessantemente onde pisamos. O barulho é assustador e as paredes a pique sobre a rua são os mais belos amplificadores do som. Dormir no hotel? Sim, com algodão no fundo dos ouvidos.

E o homem que está lá dentro? Já não falo da enorme porcentagem de locais sempre iluminados pela eletricidade. **[208]** Penso no pedestre caminhando na calçada, em sua marcha de forçado[4] fazendo a ronda. O termo não é metafórico. Nossa caminhada em cortejo nas calçadas de Buenos Aires é deprimente, nossas energias nelas se desgastam. Sempre em frente, sempre em frente! Penso muito seriamente que, num laboratório biológico, animais sujeitos a um estado de constrangimento análogo ao do pedestre de Buenos Aires se deformariam mentalmente; seriam tomados por tiques ou uma neurastenia. Isto também pode acabar acontecendo aqui com os pedestres, nesta cidade tão doente quanto Paris, até mesmo mais doente, apesar

---

3 No original, "chaussées" ("calçadas'), provavelmente por engano. [N.R.T]

4 Homem condenado a trabalhos forçados. [N.E.]

de seu modo de andar, paradoxalmente em ordem. Em Paris vê-se, com freqüência, vastas extensões do céu, lagos de azul, diversificados. Aqui reina uma monotonia impiedosa. Reflito: a cidade chegou a um impasse; seria útil tomar decisões, mas é necessário uma doutrina para saber como decidir. Sente-se aqui uma energia bela demais para capitular diante do cataclisma criado pelo maquinismo: o crescimento irracional das grandes cidades.

Repito que também os senhores poderão valorizar seu solo. Louváveis preocupações por parte da prefeitura e um êxito proporcionaram à cidade a magnífica avenida Alvear. Os estrangeiros são levados para conhecê-la e fizeram-me percorrê-la no dia seguinte a minha chegada. Fiquei extasiado, encantado com Buenos Aires.

Uma noite, extenuado, desencorajado, solicitei: "Quero ver árvores". Fomos passear na avenida Alvear, no Parque Palermo que a margeia. Foi uma maravilha. Tudo aquilo que sonho há tanto tempo em relação ao urbanismo ali estava realizado: a grande avenida percorrida pelos automóveis e as alamedas do parque que se ramificavam. Palmeiras, eucaliptos, seringueiras, chorões etc., gramados e multidões entregues ao lazer. Disse a meu amigo: "Veja só, aqui é o centro de negócios do Plano "Voisin" de Paris, *estamos sob as árvores*. Nenhum barulho, o ar é puro, o homem não é mais pressionado. E os arranha-céus? Seriam percebidos de uma distância a outra, através das folhagens! *Nós, homens, estamos sob as folhagens*. Os arranha-céus gigantescos não nos perturbam em nada: diante deles estende-se um véu requintado..."

O arquiteto Vilar levou-me a um pequeno arranha-céu (bem pequeno) que ele ergueu na avenida Alvear. Os dois últimos andares são sua própria residência, com terraços e jardins suspensos. Senhoras e Senhores, *é possível, do coração da cidade, ver o rio*, barra rosada de ondas sob o azul do céu! É um espetáculo grandioso. Mais isto: a um altitude de 25 metros em Buenos Aires, o ar é seco. Os senhores consideram uma calamidade o ar da cidade, úmido e quente. Muitos daqueles que trabalham no centro dela poderiam escapar à estufa, respirar sadiamente e contemplar o rio.

Respirar, ver o rio, estar sob as árvores, ver de cima o mar ondulante das árvores, este é o presente oferecido pelas técnicas modernas.

Fazer de Buenos Aires, cidade a motor comprimido, uma das mais belas cidades do mundo. Fazer dela a grande cidade da época contemporânea. A natureza nada preparou. Erigir uma esplêndida criação do espírito!

OITAVA CONFERÊNCIA
Quinta-feira, 17 de outubro de 1929
Faculdade de Ciências Exatas

A "CIDADE MUNDIAL" E CONSIDERAÇÕES TALVEZ INOPORTUNAS

Senhoras e Senhores, esta conferência será manca. O tema que abordarei — "A Cidade Mundial" — no meu modo de ver destina-se mais ao grande público do que aos profissionais que enchem este anfiteatro: arquitetos, engenheiros, estudantes de arquitetura. Ele deveria proporcionar-me a ocasião de estender a noção de arquitetura à própria organização dos tempos modernos ou de, pelo menos, demonstrar que uma certa qualidade do espírito, resultante de uma época da civilização suficientemente manifestada por inúmeras obras, anima todos os empreendimentos humanos, especulativos ou materiais; ele deveria colocar em primeiro plano a função que é a própria fonte de funcionamento da vida, da harmonia e da beleza; quero falar da *organização*.

Ora, encontro-me na Faculdade de Ciências Exatas.

De improviso, modificarei meu plano e procurarei despedir-me dos senhores tecendo outras considerações mais oportunas.

Verão, aliás, na tela, os planos da "Cidade Mundial". Explicarei seu princípio em duas palavras; em seguida, deixando de lado este tema, tenho a intenção de tentar responder, na presença dos senhores, uma pergunta feita outro dia por um dos professores da Faculdade: "O que o senhor faria se fosse encarregado de ensinar arquitetura?".

• • •

Ao evocar a "Cidade Mundial", ressaltei o termo que está na ordem do dia: *a organização*.

Se hoje somos animados pelo desejo de organização é porque supusemos anteriormente o conceito de desordem, desorganização, o estado de confusão, de perturbação. A busca universal de uma organização eficiente é um ato positivo, um gesto otimista, ela afirma que se realizou um grande acontecimento, que aconteceu uma evolução geral e que, se na inconsciência do dia a dia nos omitimos de avaliá-la, nós nos encontramos — sobretudo na época atual — em pleno impasse; estamos diante de muros que é preciso derrubar. Perigo e salvação!

Organizar!

• • •

O que é a Cidade Mundial?

A Cidade Mundial é o escritório de negócios do mundo, a sede social da grande sociedade anônima dos interesses do mundo.

Ela deve ser o lugar de concentração da estatística e do documento, o lugar de debate distanciado das paixões, fora das crises.

Será, por outro lado, o centro das investigações e o receptáculo das propostas.

Um dia deverão ser tomadas decisões, serão assumidos compromissos e adotadas sanções por organismos encarregados dessas tarefas. Isto só deveria ocorrer com profundo conhecimento de causa. Tais eventualidades reclamam rapidez, exatidão, precisão e ainda a abundância e a veracidade dos documentos.

A vida transcorre entre duas potências magnéticas e cada uma delas é capaz de atingir o sublime. Um destes pólos representa *aquilo que um homem sozinho faz*: o excepcional, o patético, o divino da criação individual.

O outro pólo representa aquilo que os homens em sociedade empreendem, homens organizados em grupos, cidades ou nações: certas forças, certas correntes específicas da coletividade.

Aqui, a grandeza individual, a amplitude do gênio.

Ali, a administração, a ordem, a intenção, a galvanização, o civismo.

No todo, duas energias contraditórias mas atreladas ao mesmo destino. É como a história do cego e do paralítico. Um não anda sem o outro, mas um pode revolucionar o outro; este outro pode oprimir aquele.

Através do manejo racional do coletivo, a organização moderna deve desimpedir, *liberar o indivíduo*.

Criar a visualização dos acontecimentos, torná-los quase instantaneamente perceptíveis ao olhar, para isto é preciso um lugar, métodos de exposição — neste caso, precisa-se de construções.

Aí está a guerra, o após-guerra, a evidência do desmoronamento do mundo. Em todos os lugares formam-se Associações que se dedicam à solução de determinados problemas. Nasce depois a *Sociedade das Nações*. É, de fato, uma Sociedade das Nações política, um faroleiro em estado de alerta, um agente de polícia que manda todo mundo circular, um juiz que julga.

O faroleiro enxerga aquilo que é aparente. O policial manda circular conforme o estado em que a rua se encontra; o juiz decide segundo um código.

Quem julgará em que estado o mundo se encontra — o estado profundo em gestação — e quem interpretará o código? O faroleiro? Não! O policial? Não! O juiz? Não!

O mundo vive, o mundo se agita, tudo se desloca, age, reage. Existem conseqüências para todas as causas, existe uma causa para todo efeito. Em certos momentos o mundo se exprime: em determinadas ocasiões surgem soluções para espíritos visionários ou para espíritos práticos. Da massa colossal das forças que se defrontam, em conflito, aparecem propostas.

Reunir tais propostas, classificá-las, coordená-las, divulgá-las, fazer com que sejam discutidas — para isto precisa-se de um lugar, uma sede social — bem como instrumentos de trabalho; neste caso, construções.

. . . . . .

A "Cidade Mundial" é ainda o posto de triagem das idéias do mundo; ela acolhe os documentos da história, as estatísticas da presente época e as propostas. Precisa-se de um lugar para isto; neste caso, construções.

. . . . . .

Assim, após as tentativas de ajustamento prático do Bureau Internacional do Trabalho e da Sociedade das Nações, sentiu-se que era preciso remontar à fonte: partiu-se ao encontro daquilo que domina o imenso equilíbrio do mundo, a idéia pura, o pensamento puro.

Tal é a concepção de Paul Otlet, de Bruxelas, o magnífico promotor da Cidade Mundial.

Assim, um novo estado espiritual lança um apelo à arquitetura.

A idéia é ubíqua; uma vez emitida não haverá mais obstáculos, nem montanhas, nem mares; nem jaulas de ferro ou de vidro, nem Institutos ou Academias. Onde existir uma antena, lá estará ela.

A arquitetura é o resultado do estado de espírito de uma época. Estamos diante de um acontecimento do pensamento contemporâneo; acontecimento internacional (há dez anos não teríamos como avaliá-lo). As técnicas, os problemas formulados, bem como os meios científicos de realização são universais. No entanto as regiões não se confundirão, pois as condições climáticas, geográficas, topográficas, a multiplicidade das raças e mil coisas ainda hoje profundas, sempre orientarão a solução, em direção a formas condicionadas.

Mas a própria obra, a criação espiritual que a arquitetura pode encarnar tão vigorosamente, jamais será outra coisa que não o produto de um homem, assim como a escrita é o produto de uma mão, de um coração ou de um espírito. A responsabilidade total continua a caber a cada um de nós. Nas horas de decisão, nas reviravoltas perigosas, surge o indivíduo, mais fortemente do que nunca.

O indivíduo de hoje nutre-se com o trabalho do mundo.

Temos a tarefa de organizar a nova harmonia, correndo os riscos do desconhecido, mas também gozando das grandes alegrias da criação.

A arquitetura amplia a idéia, pois *a arquitetura é um acontecimento inegável que surge em determinado instante da criação, no qual o espírito, preocupado em assegurar a solidez da obra, em apaziguar os desejos do conforto, encontra-se animado por uma intenção mais elevada que a de simplesmente servir e tende a manifestar as potências líricas que nos animam e nos dão alegria.*

Os planos da Cidade Mundial provocaram ataques violentos por parte da extrema esquerda da arquitetura nos países germânicos. Fui acusado de academismo. Os prédios projetados são estritamente utilitários, *funcionais*, possuem o rigor de uma máquina — muito particularmente o "Museu Mundial", de forma helicoidal, tão violentamente incriminado, **[210]** a biblioteca e as salas de exposição, a universidade e o prédio das associações internacionais. Eles são construídos de acordo com as últimas fórmulas da técnica; sua formação constitui para cada um deles um organismo. Este organismo lhes confere uma atitude. Fizemos uma composição com essas atitudes diversas, juntando-as numa vasta paisagem e unindo-as por meio de um traçado acordado, meditado, matemático, um traçado regulador que proporciona harmonia e unidade. **[209]**

Os planos da Cidade Mundial, com edificações que são verdadeiras máquinas, contribuem com certa magnificência para um projeto no qual se quer descobrir, a todo custo, inspirações arqueológicas. Mas, de meu ponto de vista, esta qualidade harmoniosa provém de outra coisa que não uma simples resposta a um problema utilitário bem formulado; eu a atribuo pura e simplesmente a um certo estado de lirismo.

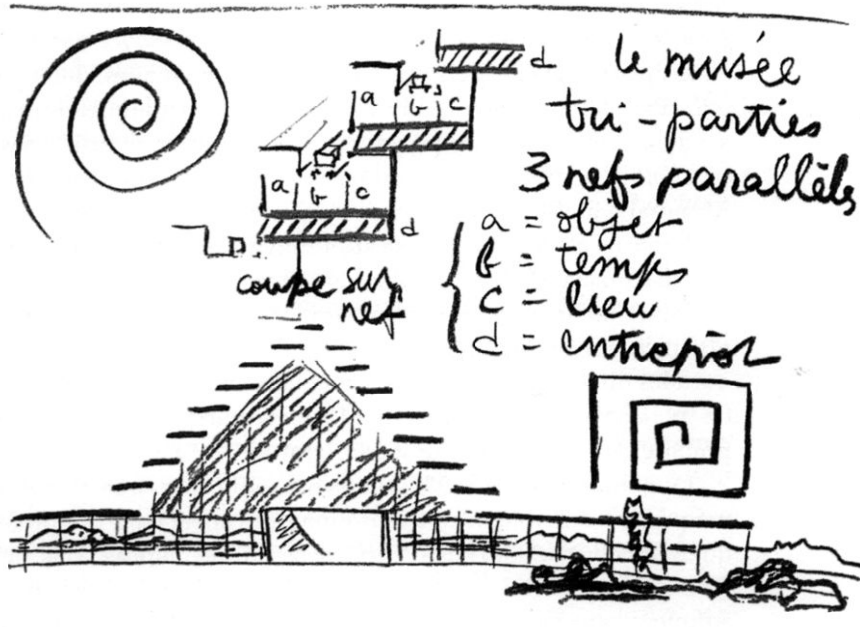
• • •

Abordemos agora o tema improvisado desta conferência de despedida: *E se eu tivesse de ensinar arquitetura?*

Sua cidade, mais do que Paris ou qualquer outra cidade, sugere-me mil idéias. Explico a mim mesmo o motivo: antes de mais nada Buenos Aires está na América. E a América é separada, pelo silêncio de um oceano, da Roma do sr. Vignola e do Instituto de França. A América — os pampas ou a mata virgem!

[209]

[210]


le musée
tri-parties
3 nefs parallèles
a = objet
b = temps
c = lieu
d = entrepôt
coupe sur nef
a
b
c
d

Os senhores enfrentam problemas gigantescos. Devem agir com rapidez; são desprovidos de preconceitos e farão coisas animadas pelo espírito da época!

Ocorre, porém, algo muito engraçado: nos Estados Unidos, bem como aqui, o sr. Vignola é um deus. As cidades dos senhores nada manifestam de original, a não ser uma extravagante vegetação de balaústres (existe um caso americano do balaústre!) e uma devoção cega *às ordens da arquitetura.* Quando pronuncio "às ordens da arquitetura", evoco meu espanto de jovem angustiado fugindo dos caminhos batidos da arquitetura, nos quais os professores, livros, manuais e dicionários classificavam com solenidade "as ordens da arquitetura". É absolutamente risível deter-se nisto sequer por um segundo: as "ordens da arquitetura"! Ordem de quem e de quê, arquitetura de quê? E pensar que a máquina do mundo da arquitetura está encalhada há quatro séculos, submetida a esta desordem! Até mesmo próximo à floresta virgem, em Assunção! A América sob as ordens de... Afirmo, com a mais absoluta lealdade, que me sinto desfalecer quando ouso fazer esta pergunta: "As ordens de quem...?". Sinto-me insolente, mas também me sinto honesto.

Sua cidade, Buenos Aires, surgiu sob o sopro ardente do maquinismo... "As ordens da arquitetura!" Elas estão presentes em todas as ruas, camuflam todas as formas e impedem a luz de penetrar nelas.

"E se eu tivesse de ensinar arquitetura?"... É uma pergunta formulada inoportunamente. Eu começaria por proibir as "ordens", por fazer cessar esta doença das "ordens", o escândalo das "ordens", esta inimaginável debilidade do espírito. Exigiria *respeito à arquitetura.*

Por outro lado, contaria a meus alunos que, na Acrópole de Atenas, existem coisas comoventes, cuja grandeza eles compreenderão mais tarde, em meio a outras grandezas. Eu lhes prometeria explicar mais tarde o porquê da magnificência do palácio Farnese e explicaria também o abismo espiritual que se abriu entre as absides de São Pedro e a fachada da mesma basílica, ambas construídas rigorosamente em obediência à mesma "ordem", aqui por Michelangelo e lá por Alberti. Explicaria ainda muitas outras coisas que constituem o que existe de mais puro e verdadeiro na arquitetura mas que, para ser compreendidas, exigem certo conhecimento. Afirmaria que a nobreza, a pureza, a especulação intelectual, a beleza plástica e a imortalidade da proporção são as grandes e profundas alegrias da arquitetura, perceptíveis por todos.

Eu dirigiria meus ensinamentos para um plano mais objetivo e os perseguiria incansavelmente. Eu me esforçaria por inculcar em meus alunos o sentido aguçado do controle, do livre arbítrio, do "como" e do "por quê" a que me referi. Eu lhes rogaria que cultivassem este sentido incansavelmente, até a velhice. Gostaria que esse controle se exercesse no plano muito objetivo dos fatos. Ora, os fatos são móveis, mutáveis, sobretudo em nossa época. Eu lhes ensinaria o desprezo das fórmulas e lhes diria: *tudo são relações.*

Voltemos a nossos pequenos desenhos.

Pergunto ao jovem aluno: como é que você faz uma porta? Quais são suas dimensões?

Onde você a faz? **[211]**

Como você faz uma janela? E por falar nisto, para que serve uma janela? Você sabe de verdade por que se fazem janelas? Se souber, diga. Se souber, poderá explicar-me por que foram feitas janelas curvas, quadradas, retangulares etc. **[212]** Quero saber os motivos. E acrescentaria: tome cuidado, acaso precisamos de janelas nos dias de hoje?

Em que lugar do quarto você abrirá uma porta? Por que ali e não acolá? Ah, você parece ter muitas soluções? Tem razão, há muitas soluções e cada uma delas proporciona uma sensação arquitetônica diferente. Ah, você percebe que estas diversas soluções são a própria base da arquitetura? De acordo com o modo como você entra num cômodo, de acordo com a colocação da porta na parede, você experimentará determinada sensação e a parede na qual você fez uma abertura assume características muito diferentes. Você sente que a arquitetura está nisto. Por exemplo, eu lhe proíbo de traçar com o lápis um eixo em sua planta; estas linhas axiais não passam de uma fórmula para surpreender os tolos.

Outra questão igualmente grave: onde você abre a janela? Percebe que, de acordo com o lugar que a luz atinge, **[213]** você experimentará esta ou aquela sensação? Pois então desenhe todos os modos possíveis de abrir janelas e então me diga quais são os melhores.

De fato, por que você desenhou este quarto com este formato? Então procure outros formatos *viáveis* e em cada um deles abra portas e janelas. Oh! pode comprar um caderno bem grosso para executar esta tarefa, pois terá necessidade de muitas páginas. **[215]**

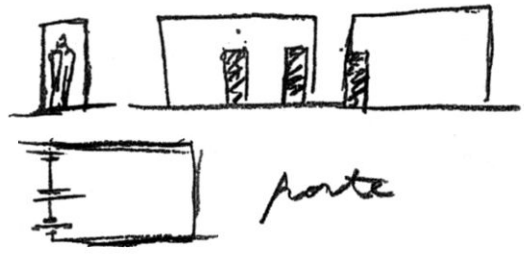
Prossigamos.

Desenhe toda a variedade possível de formas de salas de almoço, cozinhas, quartos e cada uma delas com suas dependências úteis. Isto feito, tente reduzir as dimensões ao mínimo, mas garantindo um funcionamento perfeito. Uma cozinha? Você perceberá que se trata de um problema de urbanismo: circulação e locais de trabalho. Não se esqueça de que a cozinha é um santuário na casa.

Agora você desenhará o escritório de um homem de negócios, bem como as salas de seu secretário, dos datilógrafos e dos engenheiros. Lembre-se de que uma casa é uma *máquina de morar* e que um "building" é uma máquina de trabalhar.

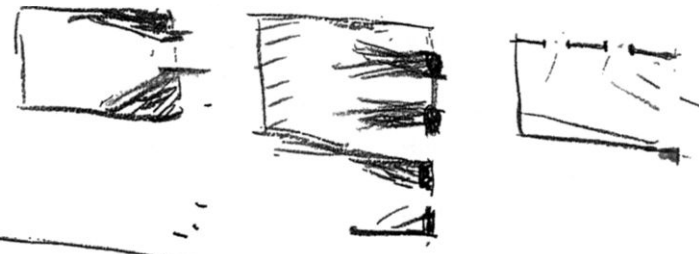
Você ignora o que são as *ordens* ou o "estilo 1925". Se eu pegar você desenhando o *estilo* 1925 lhe darei um puxão de orelhas. Você não deve desenhar nada que seja "desenho". Você agencia, você equipa, apenas isto.

[211]

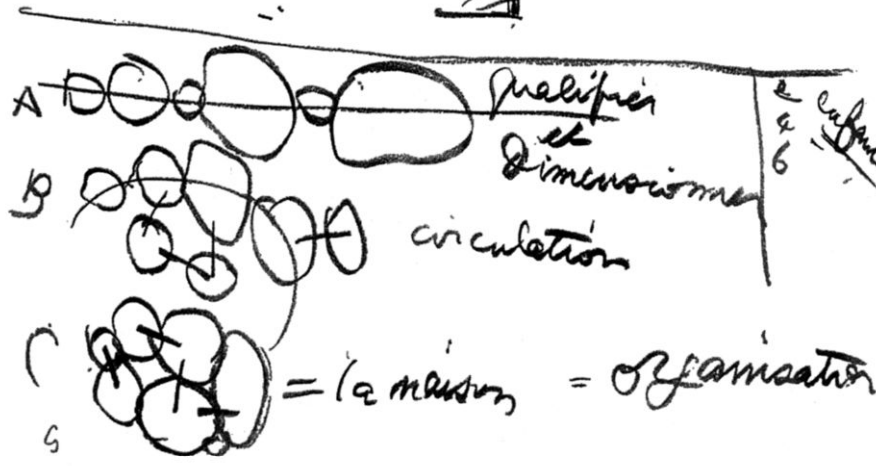


[212]

[213]



[214]



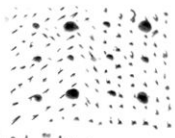
Agora você tentará resolver um dos problemas mais delicados de hoje: a menor casa possível.

Inicialmente para um homem ou uma mulher sozinhos. Em seguida para um casal jovem. Não se preocupe com as crianças! Depois seu casal muda de casa e tem dois filhos.

Procure uma casa para um casal com quatro filhos.

ALFABERTO

Como tudo isto é muito difícil, você começará por traçar uma linha reta sobre a qual disporá a seqüência dos diversos cômodos necessários, numa ordem em que uma função suceda a outra. Dimensionará cada cômodo com um mínimo de superfície. **[214]**



GALÁXIA

Em seguida, sobre uma curva ou melhor, sobre uma espécie de árvore genealógica, você disporá as circulações, as contigüidades indispensáveis dos cômodos desta pequena casa.

Para acabar, tentará juntar estes cômodos para fazer uma casa. Não se preocupe com a "construção", que é outro assunto. Se por acaso você gosta de jogar xadrez, aqui estará bem servido. Não vale a pena ir até o café em busca de parceiros!

Você irá até um canteiro de obras para ver como se faz concreto armado, como se faz um terraço, pisos, como se coloca uma janela. Eu lhe darei uma carta de recomendação que servirá de passe livre. Você fará esboços. Se observar alguma idiotice no canteiro de obras não esqueça de anotar. Ao voltar, você me fará perguntas. Não vá imaginar que se aprende a construir fazendo cálculos matemáticos. É um truque muito gasto, a que recorrem as academias (que riem às escondidas!).

Você, no entanto, precisará estudar uma certa quantidade de problemas estáticos. É fácil. É inútil acreditar que é obrigado a compreender exatamente *como* as fórmulas de resistência foram calculadas pelos matemáticos. Com um pouco de empenho você compreenderá o mecanismo desses cálculos, mas reterá sobretudo o modo como operam as diversas partes de uma construção. Esforce-se por entender bem o que significam os "momentos de inércia". Assim que conseguir você disporá de asas. Essas coisas não são matemáticas, deixe-as ao cuidado dos matemáticos. Sua tarefa não terminou.

Você se ocupará em estudar questões de sonoridade, isotermia e dilatação. E também as de aquecimento e refrigeração. Se puder enriquecer-se com muitos conhecimentos, mais tarde haverá de congratular-se por isso.

Agora trace uma linha do cais e, em seguida, as bóias que balizam o canal. **[216]** Desenhe o modo como um navio de 200 metros de comprimento vem atracar e o modo como ele parte: bastará recortar um papel colorido com a forma esquemática do navio e mostrar em seu desenho as diversas posições desse navio. Talvez lhe ocorram algumas idéias sobre o modo de estabelecer um cais num porto.

Desenhemos um "building" de escritórios; na frente, um lugar para o estacionamento dos automóveis; no "building", duzentos escritórios. **[217]** Tente saber qual é a quantidade de automóveis que o estacionamento abrigará. Assim como fez em relação ao navio, exprima com clareza todas as manobras a serem realizadas. Talvez lhe ocorram idéias sobre a forma a ser dada aos refúgios, sobre as dimensões e a forma dos lugares de estacionamento, bem como sua ligação com as ruas.

Aceite este conselho como se fosse ouro: use lápis de cor. Com a cor você qualifica, lê, classifica, enxerga com clareza, elucida. Usando apenas lápis preto você irá se complicar e ficará perdido. A cada minuto que passa diga a si mesmo: *é preciso ler com clareza.* A cor o salvará.

Aqui está um cruzamento na cidade, com todas as ruas que desembocam nele. **[218]** Exercite-se em compreender como os automóveis se cruzam ali. Tente imaginar todo tipo de cruzamentos. Decida quais são os mais favoráveis à circulação.

Desenhe a planta de um salão — as portas, as janelas. Disponha os móveis indispensáveis, de maneira útil; isto é circulação, bom senso e também muitas outras coisas! Deverá questionar-se: será que, estando assim, servirá para alguma coisa? **[219]**

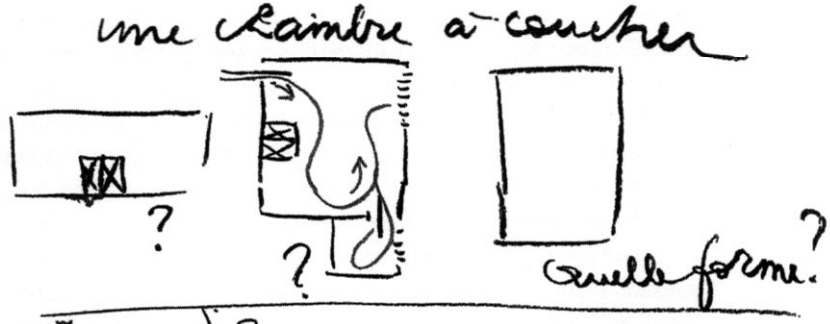
Agora solicito de você um trabalho escrito. Você redigirá um relatório comparativo, analítico, sobre os motivos da existência de cidades como Buenos Aires, La Plata, Mar del Plata e Avellaneda. São tarefas um tanto difíceis para um estudante. Mas assim você compreenderá que, antes de desenhar, é preciso saber sempre "de que se trata", "para que isto serve", "por que fazer". É um excelente treino para formar a capacidade de julgar.

PROGRAMA DO MEIO METAMEIO

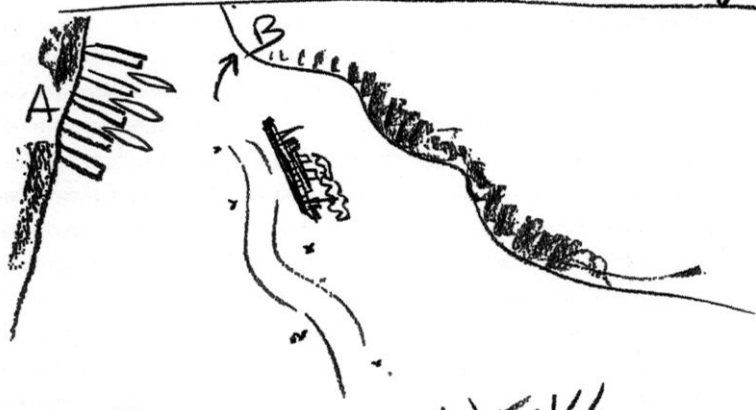
Um dia você irá até a estação, onde fará o levantamento exato, com a fita métrica, de um vagão restaurante, do refeitório e da cozinha, de seus acessos. *Idem* para um carro leito.

Depois irá até o porto e visitará um navio. Desenhará as plantas e os cortes, coloridos, mostrando "como isto funciona". Por falar nisto, você tem uma idéia exata do que acontece em um navio? Saiba que é um palácio que abriga 2 mil pessoas, um terço das quais tem exigências quanto *a uma vida* de luxo. Saiba que existem nele, totalmente independentes uns dos outros, um sistema de hotelaria que atende três classes apartadas; um formidável sistema de propulsão mecânica, com seu estado-maior e sua equipe de mecânicos; e finalmente, um sistema de navegação, com seus oficiais e marinheiros. Quando você conseguir exprimir com clareza, por meio de plantas e cortes coloridos, a organização de um navio, então poderá concorrer ao próximo projeto do Palácio das Nações. Poderá conceber as plantas de um palácio. E então, meu bom amigo estudante, eu o exorto a *abrir os olhos.*

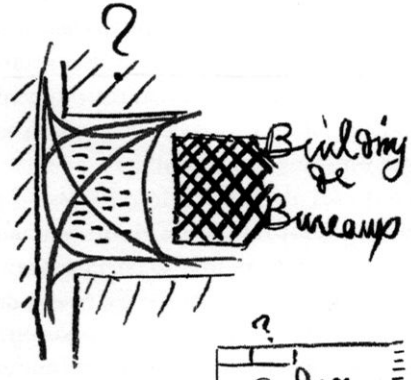
[215]



[216]



[217]



[218]

[219]

Você abre os olhos? Está treinado para abrir os olhos? Sabe abrir os olhos, abre-os freqüentemente, sempre, bem? O que você observa quando anda pela cidade? Aqui os senhores todos dizem: "Nada temos, nossa cidade é muito nova". Os arquitetos importam da Europa revistas e álbuns de arquitetura. Então nos mostram com orgulho pequenas aldeias de *cottages* ingleses engastados no mar imenso de pequenas casas de Buenos Aires. Mas então por que somos levados a protestar? Por que esses *cottages* produzem em nós o efeito de uma bofetada?

Observem: estou desenhando um muro de fecho; uma porta se abre para dentro; o muro se prolonga através da empena de um alpendre e tem uma janelinha no meio; desenho, à esquerda, uma galeria bem quadrada e definida. Sobre o terraço da casa levanto este delicioso cilindro: uma caixa d'água. **[220]** Os senhores devem estar pensando: "Vejam só, ele está criando uma aldeia moderna!". Absolutamente, estou desenhando as casas de Buenos Aires. Há bem umas 50 mil assim. Foram construídas — e são construídas todos os dias — por empreiteiros italianos. Constituem uma expressão muito lógica da vida de Buenos Aires. Suas dimensões são exatas; sua forma harmoniosa; sua implantação foi feita com habilidade. É o folclore dos senhores; tem cinqüenta anos e continua sendo atual. Os senhores me dirão: "Nada temos!". Eu respondo: "Têm uma planta padrão, um jogo de belas formas sob a luz argentina, um jogo de formas muito belas, muito puras. Observem! Meçam o escândalo que são estes *cottages* ingleses com seus tetos de telhas, inutilizáveis, com quartos nas mansardas, impondo despesas anuais de manutenção. Os senhores fizeram nascer naturalmente o teto-terraço na Argentina. Mas os álbuns de arquitetura européia os levam estupidamente três séculos para trás, em suas cidades-jardins 'modelos' e em suas residências de lazer, em Mar del Plata!".

Outro dia, durante o pôr do sol, demos um longo passeio pelas ruas de La Plata com Gonzalez Garaño. Muro de fecho como este, por exemplo. **[221]** Avaliem *o fato arquitetônico* desta pequena porta embutida no muro. *O outro fato arquitetônico* desta porta que corta o muro em dois. *O terceiro fato arquitetônico* desta grande porta de garagem. *O quarto fato arquitetônico* desta passagem estreita entre duas propriedades: de um lado, o muro de fecho da direita; do outro, a massa de uma edificação alpendrada. *O quinto fato arquitetônico* da linha oblíqua do alpendre e de seu beiral!

Ah! Os senhores estão morrendo de rir porque desenho o "moinho de vento"[1] feito de ferragens, este moinho que gira em todos os lugares da Argentina, ao lado das casas. Pensarão que irei denunciar este moinho pelo

---

1 Elevador de água do lençol freático.

fato de não ser nem em estilo dórico, nem jônico, nem coríntio, nem toscano, mas simplesmente obra de serralheiro? Pois então lhes digo o seguinte: ao fazer o projeto de uma casa, desenhem antes de mais nada um "moinho de vento" feito por um serralheiro. E sua casa ficará muito boa, quando estiver harmonizada com o "moinho de vento", que é um ser honesto!

Peço-lhes que se impregnem *do espírito da verdade.*

Prestem atenção! Agora vou denegrir o elogio que fiz aos empreiteiros italianos. O que acabo de desenhar era a parte "dos fundos das casas". Não é preciso mais do que isto para que ela funcione. Ora, na parte dianteira, dando para a rua, lá onde se põe o número da casa e seu nome, lá onde se diz: "aqui está minha casa", o empreiteiro italiano apelou ao sr. Vignola e a suas "ordens". Mas que horror! Bonito pastel sul-americano! **[222]** E como a casa, afinal de contas, era modesta, não era suficientemente alta, o empreiteiro italiano a aumentou com um ático guarnecido de balaústres, acompanhado muitas vezes de um grande escudo. Escrevo nele: *mentira.*

Abram os olhos, mas passem *atrás* das casas para se regalar. E fechem os olhos na rua!

Isto posto, darei a meu aluno o seguinte problema para ser resolvido: tome as medidas dessas casas que, por detrás da fachada, são decentes. Você estudará este tipo de folclore, tendo em vista uma execução em grande série, em aço, por exemplo (casa montada a seco) ou em concreto armado (elementos padronizados e combináveis).

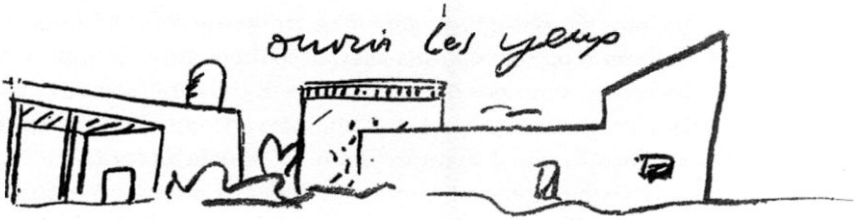
Agora que faço um apelo a seu *espírito da verdade*, queria dar a você, estudante de arquitetura, *o ódio ao desenho.* Pois o desenho significa apenas cobrir com coisas sedutoras uma folha de papel; são os "estilos" ou as "ordens", são as *modas.* A arquitetura está no espaço, em extensão, profundidade e altura: ele é volume e circulação. A arquitetura é criada *na cabeça.* É preciso chegar ao ponto de conceber tudo na sua cabeça, de olhos fechados. Então se ficará sabendo como será tudo. A folha de papel serve apenas para fixar a concepção, transmiti-la a seu cliente e a seu empreiteiro. Tudo está na planta e no corte. Quando, por meio da planta e do corte, você criar um organismo puro e que funciona, disso *resultará sua fachada*; e se você tiver em sua pessoa alguma virtude de harmonia, sua fachada poderá tornar-se algo comovente. Você dirá que as casas são feitas para que as pessoas morem dentro delas e eu concordo: mas você será um bom arquiteto se suas fachadas forem belas. Basta a proporção. É preciso muita imaginação para ser bem-sucedido e mais ainda quando o problema é mais modesto.

METABOLISMO
METALINGUAGEM

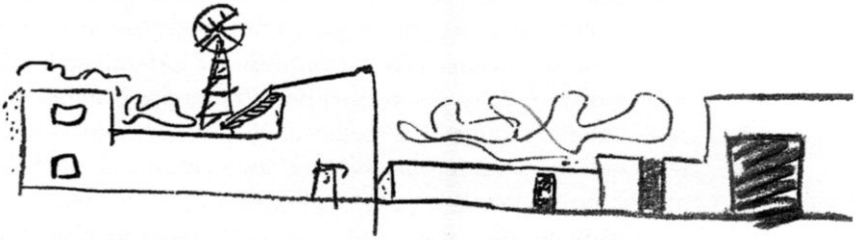
A arquitetura é uma organização. *Você é um organizador*, não um desenhista!

• • •

[220]


ouvrir les yeux

[221]



[222]

esprit de vérité
mensonge
fenêtre type a/ fer
b/ en ciment armé
pour série

Senhoras e senhores, permitam-me concluir, já é tempo.

A arquitetura é a função por meio da qual se constroem os *recipientes* úteis para conter os diversos empreendimentos humanos. Ela nos mostra subitamente, neste momento de crise, que os recipientes tradicionais são inaptos para conter as novas funções do mundo moderno. Esta constatação, para a qual esforcei-me por contribuir com provas palpáveis, é um sinal de que novos tempos se apoderaram de nós, que foi virada uma página da história humana e que nos encontramos diante dos vastos espaços de nossas tarefas modernas. Então nossas iniciativas tornam-se indispensáveis e não devem mais ser paralisadas pelas manobras criminosas da preguiça ou de um falso sentimentalismo. A arquitetura materializa eloqüentemente a trajetória da evolução da época maquinista.

• • •

Neste ciclo de conferências mostrei-lhes a causa: *o maquinismo*. O efeito: a perturbação. Nossa tarefa: ajustar. O meio: livrar-se de todo espírito acadêmico e criar. Afirmei: criar — não importa o quê, não importa como, sentir-se livre, julgar — é a própria felicidade.

Evoquei o homem em suas dimensões, em sua razão, em sua paixão — elementos de fixidez no meio da mobilidade das contingências.

Mostrei o homem sozinho, portador de necessidades cuja satisfação é indispensável.

Em seguida, falei do homem em coletividade, na cidade, com outra série de necessidades: arquitetura em tudo, urbanismo em tudo.

Busquei a *unidade arquitetônica*: ela se estende da casa ao palácio.

Esclarecido pelas realidades da atual evolução ou revolução arquitetônica, não usei de rodeios com a trágica verdade do movimento eterno: sentimos sobre as pessoas, as cidades e os povos, "a hora que passa".

Partindo da cidade "sem esperança", quisemos a cidade feliz e viva. Em relação a isto dispomos de certezas, mas temos necessidade de força e coragem.

Eu, a cada instante, lancei um apelo à luz, tanto materialmente quanto espiritualmente. Materialmente: é preciso enxergar com nitidez para apreciar. Apreciar é julgar, intervir individualmente. Eis-nos no espiritual: intervir é alegria.

NO MÍNIMO O MÁXIMO

Fiz um apelo à sabedoria: atingir o máximo pelo mínimo, chave da economia geral e causa profunda da obra de arte. Economia, acepção elevada. Por meio dela conquistamos a dignidade.

Estuário da Gironda,
21 de dezembro de 1929.

COROLÁRIO BRASILEIRO

...QUE TAMBÉM É URUGUAIO

Quando tudo é uma festa,

quando, após dois meses e meio de constrangimento e introspeção, tudo explode em festa;

quando o verão tropical faz brotar a vegetação à margem das águas azuis, ao redor de rochedos rosados;

quando se está no Rio de Janeiro,

— baías de azul, céu e água, sucedem-se ao longe, em forma de arco, cingidas por alvos cais ou por praias rosadas; onde o oceano bate diretamente e as vagas arrebentam em ondas brancas; onde o golfo penetra nas terras, e a água marulha. Aléias de palmeiras retas, de troncos lisos, matematicamente dispostas, correm em ruas direitas; há quem afirme que elas alcançam 80 metros de altura, mas eu me contento com 35. Os automóveis americanos, luxuosos, resplandecentes, correm de uma baía a outra, de um grande hotel a outro, e contornam os promontórios sucessivos que se precipitam no mar. Um grande paquete entra na enseada com solenidade e alegria; um navio é solene em seu porte imponente e em sua trajetória, é jubiloso em sua arquitetura pura. A frota de guerra brasileira faz-se ao largo, passa diante dos hotéis, desloca-se entre as ilhas rosadas e verdes. Os hotéis luxuosos são em bom Luís XVI moderno; são amplos, novos, confortáveis, seus empregados vestem-se de branco e os quartos dão para o mar; este mar, visto do quarto do hotel, é uma carta geográfica do tempo da conquista, com os golfos, as montanhas, as embarcações; à noite aparecem as inscrições, são pontos luminosos sobre os penhascos. Um navio, com todas as luzes acesas, se afasta. As luzes de um navio são de uma alegria intensa, de um

júbilo sempre solene: existem tantas idéias diversas a bordo de um navio que parte, nas cabeças dos mil ou dois mil passageiros de um navio que parte ou que retorna. As ruas da cidade orientam-se para o interior, nos estuários de planície, entre as montanhas que se precipitam de altos planaltos; estes planaltos seriam como o dorso de uma mão espalmada, à beira-mar; as montanhas que descem são os dedos da mão; eles tocam o mar; entre os dedos das montanhas existem estuários de terra e a cidade está dentro deles; uma cidade alegre, portuguesa, charmosa, retilínea; à beira-mar as residências ricas são italianas, com muitos balaústres e de cartão-pedra; são medonhas e sorridentes, com palmeiras, magníficos embarcadouros, o mar, a abertura para um oceano repleto de ilhas e promontórios; os promontórios projetam-se para o céu com um nervosismo agudo e desvendam inúmeros aspectos comoventes — uma espécie de chama verde desordenada, que paira sobre a cidade, sempre, em todos os lugares, e que muda de aspecto a cada momento. O turista não se cansa de tecer elogios, seu entusiasmo renasce a cada encruzilhada; tem a impressão de que a cidade foi construída para seu divertimento. As pessoas vestem roupas claras, são acolhedoras; sou recebido de braços abertos, sinto-me feliz, ando de automóvel, de lancha, de avião; nado na frente de meu hotel; volto para meu quarto, situado 30 metros acima do mar e, embrulhado num roupão, subo pelo elevador; à noite perambulo a pé; faço amigos a cada minuto do dia e da noite, até quase o sol nascer; às sete da manhã já estou na água; a noite foi ocupada com o espetáculo da agitação dessas ruas destinadas aos marinheiros; elas são assombrosas, contêm paixões inumeráveis e diversas, bem como complacências afáveis, contraídas ou dramáticas; não existe para o turista, conforme acontece nas cidades continentais, uma hora da noite quando tudo pára, quando se vai dormir porque não existe realmente mais nada para se ver; o mar e o céu continuam lá, não está escuro, as praias se estendem, orladas por calçadas e avenidas lisas; a enseada está repleta de luminosidades diversas. Quando o navio se afastou, noutra noite, há mais de dois meses, em direção a Santos e Buenos Aires, o Rio não era mais do que silhuetas escuras recortadas no firmamento noturno, cintilante, e à beira da fosforescência das águas estendia-se uma infinita linha dourada, a linha de inúmeros candelabros iluminados, que seguia ao longo de sucessivas enseadas.

Quando escalamos as "favelas" dos negros, morros muito altos e escarpados, onde eles dependuram suas casas de madeira e taipa, pintadas com cores vistosas, e que se agarram a esses morros como os mariscos nos enrocamentos dos portos — os negros são asseados e de estatura magnífica, as negras vestem-se de morim branco, irrepreensivelmente lavado; não existem ruas ou caminhos, é tudo muito empinado, mas atalhos por onde escoa

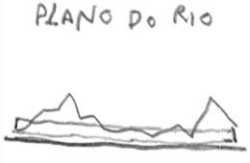
o esgoto e a água da chuva; ali ocorrem cenas da vida popular animadas por uma dignidade tão magistral que uma requintada escola de pintura de gênero encontraria, no Rio, motivos muito elevados de inspiração; o negro tem sua casa quase sempre a pique, sustentada por pilotis na parte da frente, com a porta atrás, do lado do morro; do alto das "favelas" sempre se contempla o mar, as enseadas, os portos, as ilhas, o oceano, as montanhas, os estuários; o negro vê tudo isto; o vento reina, útil sob os trópicos; existe orgulho, no olhar do negro que contempla tudo isto; o olho do homem que avista horizontes vastos é mais altaneiro, tais horizontes conferem dignidade; eis aqui uma reflexão de urbanista;

quando subimos num avião de observação e planamos, como um pássaro, sobre todas as baías, quando contornamos todos os picos, quando entramos na intimidade da cidade, quando, com uma simples mirada de pássaro planador, arrancamos todos os segredos que ela escondia tão facilmente do pobre terráqueo, apoiado em suas duas pernas, então vimos tudo, compreendemos tudo; demos voltas e retornamos muitas vezes; de tempos em tempos, o piloto — um inglês — dava uma leve pancada na minha cabeça: é que, à direita, havia rochedos vertiginosos a uma distância de 50 metros, abaixo do avião e eu olhava precisamente para a esquerda, para a imensidão...;

quando, a bordo do avião, tudo se tornou claro e esta topografia — este corpo tão movimentado e complexo — foi entendida; quando, vencida a dificuldade, fomos tomados pelo entusiasmo, sentimos as idéias brotarem, entramos no corpo e no coração da cidade, então compreendemos uma parte de nosso destino;

quando, então, tudo é festa e espetáculo, quando tudo é alegria em nós, tudo se contrai para reter aquela idéia nascente, tudo conduz ao júbilo da criação;

quando se é urbanista e arquiteto, com um coração sensível às magnificências naturais e um espírito ávido por conhecer o destino de uma cidade, quando se é homem de ação por temperamento e pelos hábitos de toda uma vida;



então, no Rio de Janeiro, cidade que parece desafiar radiosamente toda colaboração humana com sua beleza universalmente proclamada, somos acometidos por um desejo violento, quem sabe louco, de tentar também aqui uma aventura humana — o desejo de jogar uma partida a dois, uma partida "afirmação-homem" contra ou com "presença-natureza."

Oh, entusiasmo, no final das contas, tu sempre privarás da quietude e do repouso aqueles que foram atingidos por tuas chamas!

Eu jurei que não abriria a boca no Rio e eis que sinto uma necessidade invencível de falar.

Havia excluído o Rio de minha missão arquitetônica na América do Sul porque meu confrade Agache, de Paris, dedica-se, neste momento, aos planos de ordenação da cidade e não se deve perturbar o que quer que seja em seu trabalho.

No entanto, arquitetos do Rio foram me desalojar, em Buenos Aires e, quando cheguei a São Paulo, empresários desinteressados obrigaram-me a vir falar no Rio. Admiti então expor minhas idéias sobre a arquitetura e sobre o plano de ordenação de Paris.

Mas quanto tudo é festa no Rio, quando tudo é tão sublime e magnífico, quando, no avião, fizemos durante tanto tempo o papel de pássaro planador, então as idéias nos assaltam.

As idéias nos acossam quando, há três meses, se está sob pressão, quando se desceu ao fundo da arquitetura e do urbanismo, quando estamos nos avizinhando das deduções, quando, em todos os lugares, encaramos, sentimos, vemos a conseqüência.

A bordo do avião peguei meu bloco de desenhos e desenhei à medida que tudo se tornava claro para mim. Exprimi idéias de urbanismo moderno. E como estava por demais repleto de entusiasmo, falei disso a meus amigos, expliquei os desenhos que havia feito no avião e aqui está: vou falar-lhes do Rio.

Vou falar-lhes do Rio por diletantismo, por gosto pela invenção, pelo epicurismo da idéia.

• • •

Ao desembarcar nesta cidade fui, na companhia do prefeito, saudar meu confrade Agache em seu escritório.

Agache diz ao prefeito: "Corbusier é um homem que arrebenta vidraças, um homem que cria correntes de ar e nós seguimos atrás...".

PROPRIEDADE INTELECTUAL

Em 1923, no Salão de Outono, data em que alguns começavam a exprimir com certa lucidez as formas da arquitetura de concreto armado e em que os epígonos já começavam a mostrar ao público suas maquetes e desenhos, Mallet-Stevens dizia-me: "Deveríamos patentear nossas idéias ou pelo menos protegê-las com uma marca convencional".

Os acontecimentos, entretanto, instauravam um dilema: a idéia é fluida, é uma onda que procura antenas. As antenas estão em toda parte. O próprio de uma idéia é que ela pertence a todos. É preciso escolher entre duas fatalidades: dar idéias ou acolher idéias. Na realidade fazemos as duas coisas; damos nossas idéias de muito bom grado e, a título de recuperação, empregamos, exploramos, tendo em vista finalidades particulares, idéias divulgadas em todos os campos e que um dia, total ou parcialmente, vêm em nossa

ajuda. A idéia é de domínio público. *Dar sua idéia* é simples! Não há outra saída além desta!

Dar sua idéia não é, aliás, somente dor e perda. Pode-se experimentar uma profunda satisfação, que não é forçosamente vaidade, em ver sua idéia adotada por outra pessoa. Na verdade, não existe nenhuma outra razão para a idéia.

É o próprio fundamento da solidariedade.

Se, neste momento particular, faço questão de dar uma idéia sobre o Rio é porque meu confrade Agache encontra-se nesta sala e que, em torno dele, agrupa-se uma numerosa audiência. Pensando no Rio que comecei a amar e grato a esta cidade pelas horas magníficas que ela me proporcionou, tentarei fazer com que compreendam como, por meio de análises ilustradas de arquitetura e urbanismo, feitas diante dos senhores, chego à uma conclusão de unidade de sistema. É esta unidade que sinto prazer em exprimir.

A mesma conseqüência é válida para Buenos Aires, Montevidéu, São Paulo e Rio. Trata-se do mesmo princípio, mas existe profunda diversidade na aplicação do princípio.

Os senhores observaram o esquema de criação de um centro de negócios em Buenos Aires. Tudo está concentrado no local preciso onde se efetua a função: sobre o rio da Prata, no fundo do imenso estuário, poderia erguer-se uma cidade sobre uma gigantesca plataforma de concreto armado, que se estenderia acima das águas, suspensa sobre pilotis; "arranha-céus" magníficos, em cadência e ordem, constituiriam um grandioso espetáculo arquitetônico, pura criação humana.

Na primeira vez que fui a *Montevidéu* cheguei por mar. Na segunda foi por terra, mas de avião; parti de avião pelo mar e da última vez voltei pelo *Giulio Cesare*, um grande transatlântico italiano. A cidade é pequena e encantadora; o país também é pequeno. O núcleo da cidade situa-se num promontório bastante escarpado, que se une aos pouco acidentados planaltos do interior. O porto fica na parte de baixo e contorna o promontório; as moradias se estendem bem longe, até o campo, no meio da vegetação e de ruas sinuosas.

No ponto culminante do promontório fincou-se uma espécie de arranha-céu novo, revestido de penduricalhos. Contudo, os escritórios, as casas de crédito, as repartições públicas estão mais perto do porto, nos flancos do promontório. Ruas "à espanhola" e atravancamento dos automóveis prometem, para breve, a fatal aventura da atual Buenos Aires. Um questão urgente se apresenta para Montevidéu — como para todos os lugares, aliás: criar um centro de negócios! *Onde criá-lo?*

Lembrar-se de que se pode, por meio da valorização e decreto do Estado... etc. (coisas que já foram ditas).

Proponho o seguinte: o arranha-céu lá no alto não me diz nada de muito tranqüilizante; está longe demais.

Mas e se começássemos por levantar um problema iminente, o da circulação? Do alto da planície (cota de 80 metros, segundo creio), prossigo em direção ao mar, no sul, em *nível constante* (80 metros), pela rua principal da cidade, que vem do norte, do campo. Mantenhamos o nível, fazendo com que a rua se ramifique em dois, três, quatro ou cinco braços (ou dedos), que irão adiante até...

Até onde? Até *acima do porto*. As ruas estarão no ar, a 80 metros acima do porto e se deterão bruscamente no ar, a pique. **[223]**

Os automóveis circularão até acima do porto, a pique sobre a água, e *deles desceremos nos escritórios*, pois estes são as imensas colunas dorsais das edificações que sustentam a rua lá no alto. Sob essa rua serão construídos vários andares até chegar ao solo da colina e até mergulhar no mar, no porto.

Ganhamos assim um conjunto gigantesco de edificações, um número enorme de escritórios banhados pela luz. Colocamos a cidade de negócios no porto e levamos os automóveis não ao pé dos arranha-céus, conforme ocorre com os projetos de Paris ou Buenos Aires, *mas ao teto dos "arranha-mares"*, pois não mais construímos arranha-céus, mas *arranha-mares*. Perdoem-me a expressão!

Se, num gesto simples, tendo criado no local apropriado os órgãos específicos de um centro de negócios, refletirmos por um instante na beleza da cidade, no orgulho que os cidadãos sentiriam dela, veremos elevar-se, ao nível das águas, como um prolongamento do promontório, um desses espetáculos arquitetônicos magníficos que, em escala reduzida, presenciamos em Marselha (o Velho Forte), Antibes (o forte), a "vila Adriana" de Tivoli (a grande plataforma da qual se avista a planície de Roma) etc., só que, desta vez o espetáculo é muito mais majestoso!

• • •

No gabinete do prefeito de São Paulo examino com curiosidade, no plano mural da cidade, meandros significativos. Noto algo pertinente: ruas sinuosas passam debaixo de outras ruas construídas em forma de viadutos. Pergunto ao prefeito: "Os senhores acaso estão na iminência de uma crise de circulação?"

São Paulo situa-se no altiplano brasileiro, a 800 metros de altitude. As colinas sucedem-se umas às outras e entre elas estendem-se baixadas e vales. Existem casas no topo das colinas e nos vales.

Subitamente, no decorrer de alguns anos, São Paulo desenvolveu-se vertiginosamente e quase de um só golpe o diâmetro da cidade alarga-se e alcança 45 quilômetros.

Eis que no centro geográfico, como sempre, não se circula mais. Por quê? Porque — como sempre — os escritórios invadiram as casas, porque demoliram as casas e construíram grandes prédios, até mesmo um arranha-céu.

Ora, São Paulo, a perder de vista, soma suas colinas. O funcionário encarregado, já que deve considerar as colinas, traça ruas curvas e viadutos, uma rede que se contorce como lombrigas.

Ao desembarcar recentemente em São Paulo e vendo na parede do gabinete do prefeito essa imagem de ruas emaranhadas, que algumas vezes passam umas sobre as outras, e medindo o imenso diâmetro da cidade, pude declarar: "Os senhores enfrentam uma crise de circulação, não é possível fazer escoar rapidamente o trânsito numa cidade que tem 45 quilômetros de diâmetro, cujas ruas mais parecem dédalos e estão sempre entupidas".

Recomendei ao piloto do avião: "Voe em direção ao centro de São Paulo, inicialmente bem baixo; gostaria de ver os contornos da cidade, onde ela é mais alta, onde ela sobrepõe seus andares por efeito do crescimento irresistível dos negócios". No centro da região vimos a cidade erguer-se suavemente e, no meio, violentamente.

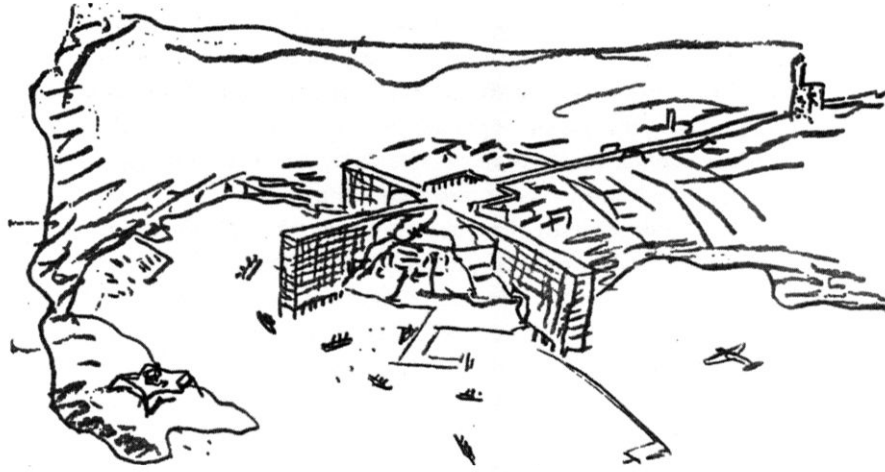
Início de crescimento. Índice categórico; diagnóstico indiscutível da doença que acomete o centro das cidades.

Em seguida, de automóvel, realizamos algumas experiências: por exemplo, o tempo considerável que se leva para ir de um ponto a outro da cidade: baixadas, contornos, ladeiras etc. Depois, do campo, pudemos apreciar essa topografia generalizada, constituída por protuberâncias e concavidades, bem como o tumulto presente numa rede viária que tenta inutilmente seguir em linha reta.

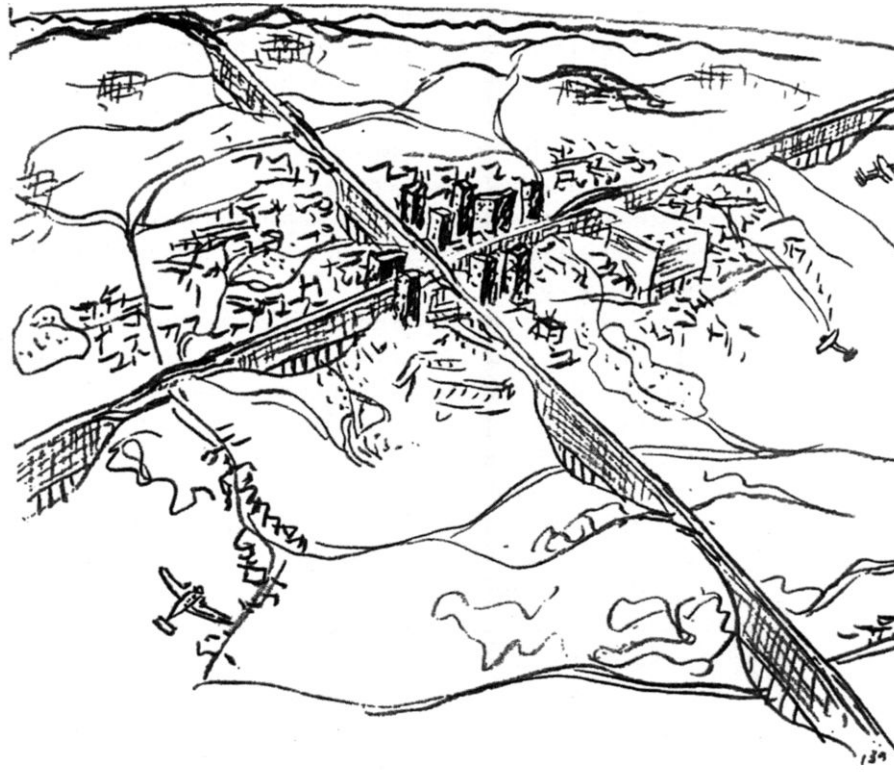
Fiz a seguinte proposta a meus amigos de São Paulo:

Estas estradas que vêm interligar-se na cidade têm origens longínqüas: Santos, Rio de Janeiro etc. O diâmetro urbano de São Paulo é extraordinariamente largo: 45 quilômetros. Os senhores abrem auto-estradas. No momento, coladas no chão, elas estão sujeitas a essa limitação.

Façamos o seguinte: de colina a colina, de um pico a outro, vamos implantar uma via horizontal de 45 quilômetros e em seguida uma segunda via, formando mais ou menos um ângulo reto, para servir os demais pontos cardeais. **[224]** Estas vias retas são auto-estradas de grande penetração na cidade e, na realidade, realizam uma grande travessia. Os senhores não sobrevoarão a cidade com seus automóveis, mas a "sobre-correrão". Essas auto-estradas que proponho são viadutos imensos. Não construam arcos onerosos para sustentar os viadutos, mas sustentem-nos por meio de estruturas de concreto armado que constituirão escritórios no centro da cidade e moradias na periferia. A área desses escritórios e moradias será imensa e a valorização, magnífica. Um projeto preciso, um decreto. Operação já descrita.



[223]



[224]

Como se fossem dardos, os automóveis atravessarão a aglomeração por demais extensa. Do nível superior das auto-estradas eles descerão para a rua. Os fundos dos vales não terão construções, mas estarão liberados para a prática do esporte e para o estacionamento dos automóveis que circulam num perímetro pequeno. Ali serão plantadas palmeiras, ao abrigo dos ventos. Os senhores, aliás, já criaram um início de parque arborizado e para automóveis no centro da cidade.

Para vencer as sinuosidades do planalto de São Paulo, repleto de colinas, podem-se construir auto-estradas *em nível*, sustentadas por arranha-terras.

Que magnífico aspecto teria este lugar! Um aqueduto maior do que o de Segóvia, uma Ponte du Gard gigantesca! O lirismo ali teria seu espaço. Existe algo mais elegante do que a linha pura de um viaduto em um lugar movimentado e algo mais variado do que suas fundações que se enterram nos vales ao encontro do solo?

• • •

A bordo do avião desenhei para o Rio de Janeiro uma imensa auto-estrada **[225]** que ligaria, a meia-altura, os dedos dos promontórios abertos sobre o mar, de modo a unir rapidamente a cidade, pela auto-estrada, aos interiores elevados dos planaltos salubres.

Uma variante desta auto-estrada pode partir do Pão de Açúcar. Em seguida ela se estira numa curva ampla, majestosa, elegante, acima da Praia Vermelha e da baía de Botafogo; passa pela colina onde se detém a praia da Glória, domina, no fundo, esse lugar encantador, passa pelo promontório de Santa Teresa e lá, no coração da cidade ativa, bifurca-se. Uma das bifurcações prossegue em direção à enseada e ao cais do porto e chega ao teto dos arranha-céus do centro de negócios. A outra bifurcação avança por cima daquela vasta extensão da cidade que penetra no estuário das terras e poderia prosseguir até muito longe, em direção à estrada que sobe para São Paulo. Se acaso isso fosse julgado útil, nada impediria que, do teto dos arranha-céus do centro de negócios, a estrada continuasse acima da baía, numa passarela larga, mas leve, e chegasse aos morros de Niterói, em frente ao Rio.

Originando-se perto da Praia Vermelha, a estrada, dominando um lugar encantador, iria servir as praias oceânicas de Copacabana.

Os senhores ouvem-me declarar: "continuar acima da baía", "dominar um lugar encantador", "chegar ao teto dos arranha-céus", "passar acima da cidade". Pensam: mas o que ele quer dizer com isto?

Pois vamos lá: a majestosa auto-estrada pode estar 100 metros acima do solo da cidade, ou ainda mais, e assim passará muito perto dos promontórios. Ela é sustentada bem lá no alto não por arcos, mas pelos cubos das

construções feitas para os homens, para multidões de homens. Caso se deseje, esta auto-estrada, com seus imensos cubos de construções, poderá *não incomodar ninguém* na cidade.

Não existe nada mais fácil do que construir, sem muitos inconvenientes, pilastras de concreto armado que se elevam bem acima dos tetos dos bairros existentes, só que, quando escapar desses tetos, as pilastras começarão a ser ligadas por edificações em forma de imensos arcos planos. Assim, por exemplo, a partir de 30 metros, começam os cubos das moradias, de 30 a 100 metros, isto é, dez *andares duplos* de "edifícios-vilas".

Quando digo "edifícios-vilas" é porque precisamos refletir sobre a qualidade, o valor deste solo conquistado no espaço da cidade: na frente, o mar, a enseada, as mais belas baías do mundo, o oceano, este espetáculo mágico que tanto nos comove, com seu movimento de navios, sua luminosidade fabulosa, por detrás, vertentes que se erguem cobertas por deliciosas matas, os picos com silhuetas encantadoras. "Edifícios-vilas"? São apartamentos com serviços coletivos, jardins suspensos e panos de vidro. Tudo isto está no ar, bem lá no alto. É quase um ninho de um pássaro planador. Em cada andar, uma "rua aérea"; elevadores; subimos; estamos na garagem, sob a auto-estrada; pela rampa de saída, lateral, o automóvel sobe até a beira da auto-estrada. Nela, a 100 quilômetros por hora, dirigimo-nos para os escritórios, à cidade, para o interior dos campos, às florestas e aos planaltos.

Os senhores bem podem imaginar como são úteis as operações dos monta-cargas e dos elevadores, semelhantes àqueles das grandes garagens, que levam os automóveis "à cidade", embaixo, até o solo habitual e a rua ou que, de lá, sobem até a auto-estrada.

À distância vi, em espírito, o amplo e magnífico circuito das edificações, com o coroamento horizontal da auto-estrada que vai de um morro a outro e que estende a mão, de uma baía a outra. O avião está na iminência de sentir ciúmes, pois semelhantes liberdades pareciam estar reservadas a ele. O circuito das edificações está sobre a "colunata" (quem suporta o peso? ela!), mergulhando entre os tetos da cidade.

Quando cheguei ao Rio, há dois meses e meio, pensei: "Aqui, urbanizar é o mesmo que pretender encher o tonel das Danaides! Tudo seria absorvido por esta paisagem violenta e sublime. Ao homem só resta inclinar-se e explorar hotéis de turismo. Rio? É uma cidade de vilegiatura. Em Buenos Aires, diante da aridez total, da ausência de tudo, deste nada que resulta num espaço imenso, o qual, segundo parece, só pode terminar na Cordilheira dos Andes, ocorreu-me uma reflexão: tudo isto é feito para suscitar o trabalho do homem, para tornar seus conceitos mais sublimes, despertar seu orgulho, fazer nascer o civismo. Em cima deste nada, tentar erguer a cidade do século XX! E tanto pior para o Rio!".

[225]

[226]

Ora, ao largo do Rio, retomei meu bloco de desenhos; desenhei os morros e, entre eles, a futura auto-estrada e o grande circuito arquitetônico que a sustenta e os picos, o Pão de Açúcar, o Corcovado, a Gávea, o Gigante Deitado eram exaltados por essa impecável linha horizontal. Os navios que passavam, edifícios magníficos e ágeis dos tempos modernos, encontravam lá, suspensos no espaço, acima da cidade, uma resposta, um eco, uma réplica. Tudo começava a falar, sobre as águas, a terra, o ar. Tudo falava de arquitetura. Esse discurso era um poema de geometria humana e de imensa fantasia natural. O olho enxergava alguma coisa, duas coisas: a natureza e o produto do trabalho do homem. A cidade se anunciava por uma linha que somente ela é capaz de cantar com o capricho veemente dos morros: a horizontal. **[226]**

Senhoras e senhores, neste ano, minha vagabundagem atenta, que me levou a Moscou e às estepes, aos Pampas e a Buenos Aires, à floresta virgem e ao Rio, enraizou-me vigorosamente na terra da arquitetura. A arquitetura age movida pela construção espiritual. É a mobilidade, própria do espírito, que conduz aos longínquos horizontes das grandes soluções. Quando as soluções são grandes e a natureza vem desposá-las alegremente e, mais do que isto, quando a natureza vem integrar-se a elas, é então que nos aproximamos da *unidade*. Penso que a unidade é essa etapa para onde nos conduz o trabalho incessante e penetrante do espírito.

Daqui a alguns meses uma nova viagem me levará a Manhattan e aos Estados Unidos. Sinto-me apreensivo ao enfrentar o campo do trabalho árduo, as terras da seleção na violência dos negócios, os lugares alucinantes da produção desenfreada. Nos trinta graus do frio de Moscou estruturam-se coisas de um interesse dramático; os Estados Unidos é um Hércules cujo coração, segundo me parece, é tímido e ainda hesitante. Nós, de Paris, somos dados essencialmente à abstração, criadores de motores de corrida, possuídos pelo equilíbrio puro. Os senhores, na América do Sul, estão numa região velha e jovem; são povos jovens e suas raças são velhas. É seu destino agir agora. Agirão sob o signo despoticamente sombrio do *hard labour*? Faço votos de que isto não aconteça, os senhores agirão como latinos que sabem ordenar, organizar, apreciar, medir, julgar e sorrir.

Paris, 27 de janeiro de 1930.

APÊNDICE

TEMPERATURA PARISIENSE

UM INSTITUTO DA FRANÇA DA ÉPOCA MAQUINISTA

(Carta enviada ao sr. Lucien Romier, economista e sociólogo, por ocasião da publicação de *Vers le Paris de l'époque machiniste* ao Redressement Français, 28, rue de Madrid, Paris.)

[...] Organizar estudos desta natureza, presidir semelhantes trabalhos de análise é desempenhar o papel de um verdadeiro Instituto de França. Homens em plena ação industrial ou econômica, avalizados por suas perigosas funções de "capitães da indústria", representantes da elite *produtora* da nação, dispondo de recursos econômicos e da organização necessária para divulgar suas conclusões, dão a tais idéias uma consagração eficaz. Conhecedores do terra-a-terra da existência, da luta violenta pela vida, *administram idéias desinteressadas, instituem o debate sobre a trajetória do país.* O PENSAMENTO PRECEDERÁ O ATO; O ATO DECORRERÁ DE UM ACORDO. Atualmente, porém, o pensamento é esmagado pelos acontecimentos, os acontecimentos dispõem e o pensamento está sujeito a eles.

Revertamos as condições, dominemos os acontecimentos! Eis algo que motiva suficientemente a reunião de homens que dotarão o país de um estatuto: ao iluminar o futuro, eles garantirão a marcha da nação.

Caso contrário, a idéia da época maquinista, soterrada sob as cúpulas, não será diferente da situação de um automóvel rodando em meio à neblina com os faróis apagados: não se enxerga nada diante de si.

É precisamente porque seu debate não é "prático" que aqui estes homens de ação trabalham utilmente...

UM OUTRO ESPAÇO DE DEBATES: UMA COMISSÃO DE URBANISTAS DEBRUÇA-SE EM 1929-30 SOBRE O CASO DE PARIS

"Do choque das idéias nasce a luz."
Lucidez e inconsciência.

Trajetória fatal do acontecimento.
Pânico.
Atos.

Mudança de escala.
Estatística
Retorno a Paris.
Leitura de situação.

"DO CHOQUE DAS IDÉIAS..." LUCIDEZ E INCONSCIÊNCIA

— ...então, quando as estações forem removidas do interior da cidade que elas congestionam, o *Cinturão* (a estrada de ferro do cinturão) torna-se a Estação Central...

— ...tudo bem que se formem comboios ao longo do *Cinturão!* No entanto, a única estação admissível é aquela que faz afluir os viajantes ao coração da cidade; um cinturão sim, mas reduzido a um diâmetro de 500 metros, onde todas as linhas férreas, que se irradiam, venham se tangenciar, onde os trens, parando apenas alguns minutos, se esvaziam e recebem seus passageiros, giram em torno desse círculo estreito e partem novamente, em direção a seus objetivos. A estação do "Zoo", em Berlim, é estritamente uma estação *de passagem*, porém seu desempenho é prodigioso.

. . . . . .

— Como os negócios fazem a riqueza das cidades e como esses negócios congestionaram demais o centro das cidades, tornando-o inabitável, poderíamos estender o centro de negócios de Paris até a periferia, até o cinturão...

— Eis um postulado contraditório: os negócios estão no centro porque obedecem à necessidade de agrupar-se; deslocar o centro para a periferia é perturbar o próprio sentido das palavras e das coisas. Se subirmos num avião veremos, numa imagem empolgante, que as cidades, cujas regulamentações não limitam a altura de suas edificações, erguem-se em sua região central para constituir seu centro de negócios, lugar onde os contatos devem ser rápidos. Berlim, até agora sujeita a uma regulamentação da altura dos imóveis, publica um gráfico baseado em estatísticas recentes. Este gráfico exprime, por meio de camadas sobrepostas, a densidade dos

escritórios de negócios que se espalham pela cidade, e oferece o aspecto exato da realidade americana: uma altura formidável no centro da cidade.

Por outro lado, vemos as cidades se estenderem sem limites até os subúrbios, em busca do ar puro. O exame revela que na cidade e fora dela os bairros residenciais apresentam uma densidade muito baixa. Observa-se igualmente que na cidade a vegetação desapareceu, as casas situam-se na beira das calçadas e as janelas se abrem para a fissura das ruas. Se, graças ao efeito das técnicas modernas, reuníssemos as casas no centro dos quarteirões formados pelas ruas e instituíssemos uma nova economia do cubo de construção pela introdução de serviços coletivos, a densidade dos bairros residenciais poderia ser aumentada, árvores em parques contínuos cobririam a cidade e a rua barulhenta seria afastada das casas; a rua seria exclusivamente um rio de circulação, *independendo* da implantação dos imóveis.

Então o perímetro das cidades poderia ser compactado, os subúrbios poderiam "voltar à cidade" e *as distâncias diminuiriam*. A jornada do cidadão seria melhorada. Buenos Aires, Rio, São Paulo, assim como Paris, estendem-se por distâncias grandes demais. Torna-se necessário restringir a superfície das cidades. Luís XIV já havia levantado uma barreira à extensão da superfície de Paris.

— ...Se o centro da cidade fosse deslocado para a periferia (*sic*),[1] os imóveis locais seriam mais altos que os do centro e assim seria paralisado o arejamento da cidade...

— O sr. Bonnier apresentou um gráfico no qual mostra ser impossível construir em Paris edificações superiores a 20 metros de altura; caso contrário não se poderia mais circular nas ruas.

No entanto, as ruas de que falamos datam de Henrique IV e Luís XIV, do tempo do cavalo ou da carroça. Chegou o automóvel e é através da transformação da rua — sua largura, seu traçado — que deve se iniciar toda urbanização. Os edis da época maquinista ainda não chegaram ao ponto de entender que a rua não é mais uma crosta colocada sobre a terra, mas é uma *construção comprida*, um edifício — um *receptáculo* e não uma epiderme.

. . . . . .

— ... o centro de Paris se desloca, aliás; este centro era a place de la République e agora está na Étoile: o centro de Paris bateu em retirada!

Após a guerra os negócios emigraram para a zona oeste porque os altos executivos já não podem mais estacionar seus carros no centro, diante de seus escritórios. O centro de Paris foi à Cité, em seguida à praça des Vosges e, mais adiante, ao faubourg Saint-Germain e à Bourse. Os grandes negócios são muito recentes; durante a guerra, enquanto as moratórias imobilizavam os locais do centro, a zona oeste foi procurada porque lá as ruas eram mais largas, o que convinha aos auto-

---

1 Comentário no original [N.E.].

móveis, as residências eram mais confortáveis e melhor iluminadas, além de serem mais disponíveis. Apesar disso, o centro, dia após dia, acolhe novos prédios de escritórios; é um indício.

O exame da cidade de Buenos Aires confirma a noção de fixidez geométrica do centro das grandes cidades. Buenos Aires está inteiramente construída sobre o "quadrado espanhol" de 120 metros de lado; *suas ruas têm uma largura fixa* (10 ou 11 metros) *tanto no centro como na periferia.* Assim, ninguém se sentiu atraído para deixar o centro por ruas mais favoráveis à circulação dos automóveis; como, mesmo assim, circula-se em toda a cidade e nenhum bairro é privilegiado, os negócios *se encontram onde sempre estiveram, onde estão e onde permanecerão*, isto é, no centro. Neste caso, o centro é um semi-círculo junto ao mar, exemplo típico de todas as cidades marítimas.

— ...Levaremos Paris ao longo da "Estrada Triunfal", da Étoile até Saint-Germain-en-Laye (24 quilômetros); Paris se esvaziará para ir agrupar-se em torno de nossa avenida. Que nos deixem em paz, de uma vez por todas, com o centro de Paris! O centro de Paris será esvaziado; faremos dele um jardim para as babás e iremos nos divertir nele!

— Se observarmos o mapa da França, o mapa da região parisiense e o mapa de Paris, constataremos que Paris é um fenômeno concêntrico, radial.

Diversas circunstâncias fizeram com que Paris se deslocasse para o oeste: o medo das invasões, desastres militares recentes, voltaram os olhares para o lado oposto ao leste. Não se deve porém esquecer que na época atual do automóvel e da estrada de ferro, Paris, a bem dizer, prolonga suas atividades até os portos marítimos e os grandes rios do leste e do sudeste. Ora, Paris está bloqueada a leste; nenhuma avenida permite que se saia dali e é talvez por causa de um impedimento cuja razão de ser não exista mais que os parisienses se habituaram a olhar para o oeste.

— Se fizermos da *Estrada Triunfal* o eixo do futuro centro de negócios, deveremos providenciar para que ela possibilite múltiplas circulações...

— Superporemos os meios de circulação: metrô, bondes, ônibus e auto-estrada para ligação direta com o aeroporto.

— Atenção, atenção! Não é tudo que podemos colocar em nossa *Estrada Triunfal*: imóveis residenciais luxuosos, imóveis comerciais, avenidas destinadas ao passeio, ruas que possibilitem a circulação rápida. É preciso saber o que queremos fazer: uma estrada estética, uma estrada de comércio, uma estrada de circulação rápida?

. . . . . .

— Se aplicássemos a nova legislação relativa às construções "em pirâmides", poderíamos adicionar os andares uns aos outros, indefinidamente, de acordo com a extensão do quarteirão onde se construirá a pirâmide. O que acontecerá, porém, com os lugares situados no interior da pirâmide? Serão completamente escuros?

— Perdão, abriremos pátios.

— Sim, mas a regra de inclinação de 45 graus, indispensável nas ruas, será igualmente indispensável nos pátios.

— Então não existirão mais pirâmides, mas edifícios com pátios, como acontece hoje!!

— Como se disporá de terrenos suficientes para construir as pirâmides? As atuais propriedades são por demais pequenas, inumeráveis, desajeitadas...

— Será preciso *agrupá-las*!

— E se houver quem se oponha a isto?

— Serão desapropriadas!

— Mas então haverá uma revolução!

— Não, o desapropriado sempre ganha, *é um fato conhecido*!

— A legislação sobre as construções "em pirâmide" ainda nos proporciona esta surpresa: *deixa intacta a questão da rua.* A rua continua sendo a mesma que no passado: a rua do cavalo. O engarrafamento do trânsito persistirá.

— O regime das ruas não deve ser condicionado pelo das casas. As casas se erguem no espaço; sua disposição será ditada pelos ritmos dos diversos volumes que oferecem ao olhar o jogo de suas proporções. A rua é destinada à circulação; as ruas são rios e ribeirões, seu trajeto deve ser *regular*; o estacionamento de uma única viatura na margem desses cursos de água perturbaria seu escoamento. O estacionamento será feito nos portos ou docas, abertos sobre os flancos dos rios. Tais portos ou docas encontrarão superfícies úteis quando as casas — para seu próprio bem — forem retiradas da beira das ruas e se levantarem em massa vertical, no centro dos quarteirões. Essa massa vertical pode ser gerada por uma planta em forma de cruz grega, por um U, um duplo T ou uma cruz de Lorena etc. No espaço liberado pelos rios e docas, plantaremos árvores que cobrirão de verde toda a extensão da cidade. Das residências altas, agrupadas no meio dos quarteirões, contemplaremos o mar das árvores e o espaço, e não mais ouviremos o barulho das viaturas nas ruas; a cidade dos tempos modernos será uma cidade verde.

• • •

TRAJETÓRIA FATAL DO ACONTECIMENTO
PÂNICO
ATOS

— Um chofer de táxi de Paris, que ganha sua vida apenas pelas gorjetas, dificilmente percorrerá 110 quilômetros durante a jornada de trabalho, ainda que trabalhando de dez a onze horas. Média: 11 quilômetros por hora. Existem 200 mil automóveis em Paris que também correm *a um quarto de sua velocidade normal*, a um décimo de sua velocidade possível. Imaginem só quanto desperdício. Calculem

o valor do tempo que os homens de negócios, cujos minutos custam caro, perdem no trânsito lento.

— Se implantarmos auto-estradas nas províncias francesas e na região parisiense, cujo escoamento será de 3 mil automóveis por hora, por auto-estrada, o que será das ruas e da circulação na capital!!

— Este é o problema!

. . . . . .

Foi instituído em Nova York um comitê para estudar a demolição e reconstrução de Manhattan. Que bela prova de energia!

(Um general de alta patente da Aeronáutica): A aeronáutica francesa desenvolve-se sem programa, sem uma visão de conjunto.

Na França *não existe uma doutrina de aeronáutica!*

E o que dizer do urbanismo?

• • •

MUDANÇA DE ESCALA

Não deveríamos mais estimar a largura das ruas em medidas métricas; deveríamos fixar um padrão de medida que representasse o espaço ocupado por um automóvel (largura do automóvel e espaço útil ocupado num cruzamento ou numa ultrapassagem); uma rua teria 4, 6, 8 "automedidas" e não 9, 13 ou 21 metros. Assim evitaríamos as *falsas medidas.*

— O mesmo se refere a todos os novos órgãos da vida de uma época maquinista. Tomar decisões, escalonar-se!

• • •

ESTATÍSTICA

— No que diz respeito ao recolhimento dos impostos, a cifra de Paris é de 23 bilhões e a de toda a França é de 62 bilhões.

— Isto evidencia o poder de atração das grandes cidades e, tendo em vista um contato fecundo, a concentração das energias de um país.

— A estatística informa, mas não existem estatísticas em Paris. Não se conhece a temperatura da cidade e nem se ela tem febre.

— Perdão, os hospitais fornecem anualmente estatísticas admiráveis.

É muito bom sabermos de que doença morremos. Seria, porém, bem mais fecundo saber *como* vivemos: *onde* os cidadãos moram, *como* moram (diversas superfícies das residências, número de metros quadrados por habitante, número de camas por quarto; habitações higiênicas ou cortiços); onde eles trabalham (em casa,

em oficinas, escritórios, fábricas); onde se situam na cidade, os diversos locais de trabalho; quais os meios de transporte usados para se chegar a esses locais (metrô, ônibus, bondes); quanto tempo o cidadão dedica cada dia para chegar ao trabalho; quais são os pontos de engarrafamento e congestionamento que imobilizam os passageiros; ao contrário, quais são, na cidade, os locais onde o trânsito flui rapidamente; como se povoam os subúrbios (densidade, situação das aglomerações, seu regime de acesso); como, na prática, se realiza a jornada do morador dos subúrbios; quais, são, na cidade, as edificações ocupadas pelos negócios, pelas oficinas, onde se situam, quantas são; mostrar onde estão os negócios, a intensidade dos pontos de concentração dos negócios etc. etc.

Comenta-se que as estatísticas são abundantes e que o último andar da sede da prefeitura contém uma imensa biblioteca dedicada à estatística. Muito bem. Nossa existência de arquitetos não permite que nos tornemos ratos de biblioteca. Aquilo que constitui uma *leitura estatística* não é a massa dos documentos, *é o sentido da pesquisa realizada, o tema da pesquisa* (um tema relativo à arquitetura ou ao urbanismo). É o modo como são apresentados os resultados da pesquisa; os "relatórios sobre..." e "as pesquisas sobre..." são excelentes, mas deveriam ser completados por *gráficos de visualização*, que proporcionassem uma leitura instantânea da questão, sem texto nem perda de tempo. Em Bruxelas, o museu de história humana no Palácio Mundial é um exemplo magnífico de *visualização*. A visualização é a estenografia da idéia.

Não existem em Paris, cidade de 4 milhões de habitantes, elementos estatísticos que sejam um traço de união entre, de um lado, aquela massa colossal de indivíduos e necessidades e, de outro, os arquitetos ou os urbanistas convocados para criar *no vazio* uma obra de salvação, destinada ao fracasso ou, pelo menos, à incoerência; *porque não existe estatística* e, assim, chafurdamos no pântano. Por outro lado, a desconcertante contradição das idéias que aqui expomos se transformariam em propósitos coerentes, caso existisse uma estatística *útil*. Então saberíamos *como salvar Paris*. No momento *ninguém sabe*. Talvez alguns consigam *adivinhar*.

— Senhores. Há dois anos, diante da necessidade imperiosa de contribuir com uma solução para a crise de Paris, foi solicitada ao ministro do Interior uma subvenção de meio milhão de francos para estabelecer bases estatísticas seguras.

Obtivemos um crédito de 50 mil francos!!

Mais tarde esse crédito se elevou a 200 mil francos. É inútil dizer-lhes que, com isso, nada podemos fazer.

— O ministro do Interior deveria instituir um sub-secretariado da estatística. Ali não se acumulariam apenas montanhas de informações, mas se disponibilizariam, sobretudo, *dados estatísticos destinados às atividades localizadas do país. Distribuir-se-iam comunicados breves e "visualizados"*, como fizeram outrora os G. Q. G., que tinham outros objetivos.

• • •

DE VOLTA A PARIS

— Somente Berlim possui um aeroporto *na cidade*, enquanto os aeroportos das outras cidades são situados a tamanhas distâncias do centro que a economia de tempo proporcionada pelo avião é simplesmente aniquilada pelo trajeto do automóvel entre o aeroporto e o centro. Em Berlim, no campo de aviação de Tempelhof, contentou-se em admitir o princípio de um núcleo central de 300 metros de diâmetro; sobre o perímetro deste núcleo apóia-se uma linha de servidão para todas as construções em torno; esta linha, que é como a geratriz de um cone, eleva-se do zero até o perímetro do núcleo de 300 metros, com uma inclinação de 15 graus; é proibido que as construções vão além da superfície cônica assim gerada; é algo simples, absoluto, mas flexível.

— Dentro de dois anos, aliás, os aviões — não os grandes aviões internacionais, mas os taxis aéreos — poderão aterrissar verticalmente no centro das cidades.

A estação poderá transformar-se em "aeroestação".

. . . . . .

— Uma legislação hábil que intervenha após *idéias e concepções urbanistas* (e não uma legislação apriorística, arbitrária, perigosa, paralisante), pode muito bem substituir o ditador — rei ou tribuno — que temos tendência a desejar um tanto facilmente quando se fala de urbanismo.

Melhor ainda, a autoridade mais forte pode ser constituída pura e simplesmente pelo próprio *interesse*. Assim, a praça Vendôme, que é um belo exemplo de unidade, uma verdadeira manifestação de autoridade, não resulta de uma lei, de um decreto real etc.... A praça Vendôme *é uma questão de loteamento*, a conseqüência da venda bem regulamentada de um terreno.

. . . . . .

— Senhores, exporei um projeto feito a título de estudo e cujo objetivo é demonstrar que se pode solucionar o caso de Paris, apelando *ao próprio lucro* pois, acreditem, é possível valorizar o solo da cidade, particularmente o do atual centro, inextricavelmente construído com casas imundas, que dão para pequenas ruas inomináveis. Tendo em vista nossa demonstração, o sr. B... e eu escolhemos o setor compreendido entre o bulevar Sebastopol, o bulevar Bonne-Nouvelle, a rua Montmartre e a rua Réaumur. No lugar das *41* ruazinhas que ocupam esse espaço projetaremos não mais do que *seis*; elas terão *30* e *20* metros de largura. Margeando-as, levantaremos edifícios destinados exclusivamente a escritórios, de dez andares, dos quais dois serão recuados; estas edificações modernas darão para pátios.

— Espero que a quantidade de subsolo possa ser *ilimitada*; pode-se projetar locais de trabalho tão profundos quanto quisermos!...

No interior destes quarteirões assim formados, levantaremos torres de 20 a 30 andares, com superfície de 1000 a 1500 metros quadrados, separadas umas das outras por uma distância de 180 metros.

O financiamento do empreendimento se realizará *somente pela valorização do terreno*, pois este *situa-se no centro de Paris*. No momento pertence a 550 pequenos proprietários. Ao fazer um apelo à alta inteligência financeira de alguns homens de negócio de primeira categoria, que atualmente exploram o comércio naquela região, será fácil constituir um sindicato geral de proprietários.

Assim, senhores, realizaríamos, por exemplo, esta primeira etapa da reconstrução de Paris, no próprio lugar onde existe incontestavelmente o centro de Paris. Dado este primeiro passo, viria o segundo, ao lado, e depois o terceiro, o quarto... e assim, no espaço de 10 a 15 anos — talvez menos — Paris poderia ser reconstruída; o centro de Paris poderia ser reconstituído. Esta primeira operação custaria dois bilhões, mas ninguém, entre os senhores, duvida que a despesa seria imediatamente ressarcida pelos usuários desse novo centro de negócios modelar.

— Perfeito.

— Muito bem.

— Perfeito.

— É isto...

Seria necessário uma lei que modificasse a regulamentação das construções e obrigasse os proprietários recalcitrantes...

Senhores, concluo com estas palavras: *a base do dinheiro está nesse bairro!*

Após procurarmos a periferia de Paris a 30 ou 50 quilômetros de seu centro, eis que *voltamos a Paris; voltamos para a cidade!*

. . . . . .

(O que se segue foi dito em particular ao sr. A. R., autor deste projeto, após uma reunião. Abstive-me de fazer esta declaração durante a sessão da comissão, por um pudor que será compreendido se soubermos que jamais, nesses debates, foram evocados os estudos de 1922 e do Plano "Voisin".

O senhor bem pode imaginar que eu o ouvi com o maior prazer e que fiquei encantado com a aprovação geral que se manifestou após sua comunicação. Durante muito tempo passeávamos desesperadamente nos campos da Île-de-France, até Rambouillet, Fontainebleau e Compiègne, para procurar o limite extremo de Paris: 30 ou 50 quilômetros de raio, 60 ou 100 quilômetros de aglomeração urbana! O senhor tornou a entrar em Paris. O senhor se colocou no centro geográfico da cidade, à beira do bulevar Sebastopol. Em 1922 e em 1925 designei esse lugar para a criação do centro de negócios (*Plano "Voisin" de Paris*). Reagrupe-se o terreno; 550 pequenos proprietários tornam-se um sindicato único, com um único conselho de administração. O senhor estabelecerá toda sua concepção sobre o princípio da valorização do terreno no centro das grandes cidades e

todos nossos colegas o aprovarão. Os imóveis estão limitados a uma altura de 20 metros, na cornija, mas o senhor romperá com esta limitação; construirá "torres" — em outros termos, arranha-céus. Seus colegas reivindicam uma lei. O senhor afirma que a operação não constitui um sacrilégio em relação à história da cidade; declara que ela se harmoniza com o espírito histórico da cidade. Afirma que a realização material deste programa se oferece normalmente, que não existe nela impossibilidade alguma, nenhuma temeridade, nenhuma utopia. Declara em seguida que estenderá a operação aos bairros adjacentes e que assim, em breve, Paris terá em seu centro uma cidade de negócios, brilhante e reluzente quanto o capacete de Minerva! Todos os nossos colegas lhe deram razão, nenhum deles o taxou de louco.

Permita ao diretor do *Esprit Nouveau*, que publicou tais propostas desde 1920, e ao autor do *Plano de uma cidade contemporânea de três milhões*, de 1922, e do *Plano "Voisin" de Paris*, de 1925, oferecer-lhe, por sua vez, o apoio de sua convicção."

Um de nossos colegas presentes a esse encontro declarou: — Que fabuloso! Em 1922 todo mundo o considerou louco. Vejam só agora!...

. . . . . .

Por ocasião de um dos encontros precedentes o muito amável sr. B., um dos dois autores do projeto a que acabamos de nos referir, disse-me: "Conheço bem seu livro *Urbanismo*. O senhor adotou um ponto de vista um tanto literário...".)

• • •

LEITURA DE SITUAÇÃO

— Se estudarmos a implantação de um "zoneamento" racional para a região parisiense, seremos levados a definir diversos elementos constitutivos do fenômeno urbano, a destinar territórios precisos para funções urbanas precisas e, conseqüentemente, a ler o atual mapa da região parisiense, a reconhecer do que ela é feita e o que se faz nela; em seguida realizaremos modificações — deslocar determinada função para determinado lugar, localizar outra função, transferir, eliminar servidões, regulamentar, em uma palavra, e *intervir* onde tudo foi deixado ao livre arbítrio. Instituir servidões significa desvalorizar regiões inteiras! *Desvalorizar* implica *indenizar*. Onde iremos buscar dinheiro para isso!

— Estamos impossibilitados de *ler* o mapa da região parisiense; ele *não é atualizado*; zonas inteiras estão cobertas por casas e, no entanto, o que o mapa mostra são prados. Se contássemos com as estatísticas necessárias, poderíamos saber, mas não sabemos nada! Ignoramos como vivem os 4 milhões de habitantes da região parisiense! Então somos atingidos pela imobilidade, no momento de iniciarmos nossa tarefa; não podemos realizar nosso trabalho!

— Quem diz "*urbanizar*" deve dizer *ganhar dinheiro*! O zoneamento deve proporcionar dinheiro mediante a valorização do solo. Pensa-se sempre *corriqueiramente*, quando se trata do solo, e não se imagina que o regime da construção *foi alterado pelas técnicas modernas*. O cálculo sempre se faz com o teto das construções a uma altura de 20 metros acima do solo. Este teto é o limite razoável fixado desde o reinado de Luís XIV para a altura dos edifícios construídos em pedra. As técnicas modernas introduzem o aço e o concreto armado. É preciso romper com o teto de 20 metros; podemos elevá-lo a 200 metros.

Se o elevarmos a 200 metros, valorizaremos formidavelmente certas regiões que, com inteligência, são designadas como pertencentes ao território parisiense. Com os benefícios proporcionados pela valorização será possível pagar as indenizações das servidões. É preciso que uma zona submetida à servidão seja indenizada por uma zona que se beneficiou dos progressos proporcionados pela técnica moderna. A ordenação previdente, coordenada, que adote uma visão de conjunto sobre uma região industrial ou a realização de oficinas de manufaturas em Paris, proporcionarão benefícios. É mediante tais benefícios que se poderá oferecer o luxo das áreas verdes na cidade. O "zoneamento" age por intermédio de anéis beneficiadores que compensarão os anéis deficitários.

Quem ordenará tudo isto, quem se encarregará de gerir os benefícios e pagará as indenizações? O valor da propriedade privada é sagrado. Muito bem! Mas se a iniciativa comum *valorizar uma região* inerte ou com baixo rendimento, quem assumirá as despesas decorrentes dos trabalhos que provocam a valorização? A iniciativa comum; mas quem receberá o benefício? O proprietário inerte, que se manteve numa posição passiva? Somente ele? Jamais! Ele receberá sua parte, o mesmo acontecendo com a iniciativa comum, em proporção igualitária.

Mas o que é, afinal, a *iniciativa comum?* É a autoridade. E quem é a autoridade nesta matéria? Que ela seja definida e instituída. Se criássemos um sub-secretariado da estatística, poderíamos muito bem criar um ministério do urbanismo. O país inteiro deve ser urbanizado. As cidades da França são as únicas do mundo a acusar uma taxa de mortalidade mais elevada que a da natalidade, em conseqüência de seu estado de vetustez e da ausência de um urbanismo moderno. O problema é de envergadura.

A propriedade é por demais fracionada e se opõe a toda tentativa de urbanização. É preciso reagrupar a propriedade. Para evitar a chantagem e a especulação, para poder proceder com calma aos estudos sobre a organização do território nacional, é preciso, por meio de uma medida de salvação pública, *mobilizar a propriedade*. Mobilizar? Isto se realizará tendo por objetivo a valorização. Haverá benefícios a serem compartilhados após a realização de grandes obras de utilidade pública. Alguém disse aqui: o expropriado sempre ganhará com isto.

Autoridade, mobilização do solo. Será ainda necessário um decreto sobre as grandes obras, tanto no que se refere à região parisiense como ao país inteiro. O

Estado oferecerá as garantias e isto basta. Entenda-se que ele não assumirá o empreendimento.

Não existe doutrina na aeronáutica francesa. Ela não existe no urbanismo. A cidade se estenderá por um diâmetro de 60 ou 100 quilômetros ou, ao contrário, se comprimirá? Paris vive nos 20 metros de altura permitidos aos imóveis. Ali tudo é atravancado, sem ar nem vegetação, e a densidade é baixa demais. Em conseqüência, as distâncias são grandes demais. Trabalhar na cidade e morar no subúrbio pode muito bem ser um sonho falacioso. O entusiasmo pelas cidades-jardins que isolam os homens e os privam dos benefícios da organização — sobretudo os serviços comunitários — constitui talvez o erro romântico deste último período.

Estender o centro de negócios de Paris até a periferia é também um sonho contraditório. Em nome do progresso técnico, aqui se reclama o direito de escavar tantos subsolos quantos se queira; não seria melhor romper o teto de 20 metros?

Evadir-se de Paris para transportar a cidade sobre uma linha reta bem organizada significa anular, de uma só vez, o mais formidável valor imobiliário, o do centro geométrico da região urbana. Começar a inscrever um valor tão formidável na coluna das perdas é arriscar um balanço perigoso.

Se dispuséssemos de uma estatística consolidada para o uso dos urbanistas, não discutiríamos mais, agiríamos e nossas teses não seriam mais contraditórias.

Perguntaram: o que fazem as outras cidades, nos outros países? Muitos têm os olhos fixados em Paris, esperando dela um gesto que testemunhe que as técnicas modernas contribuem com a solução para as perturbações provocadas pelo maquinismo. Esta solução representaria uma nova página de grandeza arquitetônica na história da cidade.

Moscou, março de 1930.

ATMOSFERA MOSCOVITA

Não procuro aprender russo pois a aposta seria alta demais. Ouço, porém, dizerem "krasni" e "krassivo" e pergunto o significado. *Krasni quer dizer vermelho, krassivo significa belo.* Esclarecem-me que no passado os dois termos se confundiam: vermelho e belo. O vermelho era o belo.

Se eu me reportar a percepções pessoais afirmarei: o vermelho é o vivo, a vida, o intenso, o ativo. Quanto a isto não há a menor dúvida.

Então sinto-me autorizado a admitir que, naturalmente, a *vida* é o *belo* ou o *belo* é a *vida.*

Este pequeno exercício de matemática lingüística não é tão ridículo quando nos preocupamos com arquitetura e urbanismo.

• • •

A União Soviética estabeleceu um programa de equipamento geral do país, o "plano qüinqüenal", programa de cinco anos. Ele é executado, e decidiu-se até mesmo dedicar em grande parte o produto do trabalho atual à realização do programa. É por isso que não existe mais manteiga sobre os espinafres na União Soviética e, atualmente, caviar em Moscou: vendem-nos, obtêm divisas com eles.

O equipamento do país: fábricas, represas, canais, manufaturas etc. Isto quanto ao trabalho. No que se refere aos homens — à sua moradia — serão construídas 360 cidades novas. Tais obras já foram iniciadas, aliás.

Ao pé dos Montes Urais instalou-se uma fábrica de tratores, a maior do mundo: 40.000 tratores por ano — um trator a cada seis minutos.

Está sendo construída, para os operários da fábrica, uma cidade de 50 mil habitantes. Custo: 120 milhões de rublos no que se refere a casas, estradas e plantações; uma primeira parcela de 60 milhões de rublos já foi liberada.

O arquiteto recebeu a encomenda em janeiro. Os projetos foram elaborados em um mês e meio. O início das obras está fixado para o mês de abril.

Os dados para a implantação dos planos são os seguintes:

a fábrica terá 50 mil operários, homens e mulheres;

além disso, 30% de dirigentes e administradores.

Fora isso, 25% representam as pessoas ainda não empregadas na fábrica.

Em seguida, 37% refere-se às crianças.

finalmente, 7% é relativo aos inválidos (os idosos).

A vida das novas cidades industriais da União Soviética é regida pelos serviços comunitários.

As crianças, até a idade de 7 anos, são criadas em pavilhões ligados aos grandes blocos de casas; os pais as vêem quando o desejam.

Dos 7 aos 16 anos elas permanecem em escolas conjugadas com cada um dos grandes blocos residenciais.

Admite-se para os anos atuais (que se seguiram à guerra e à revolução) estas normas: para 5 mil adultos, 800 crianças de 7 a 16 anos e 2.100 crianças abaixo de 7 anos.

A cidade, portanto, é formada por grupos que comportam, cada um deles, cinco edifícios de mil pessoas, com pavilhões para bebês e uma escola para 800 crianças.

Cada edifício compreende: quatro elementos para adultos, um elemento administrativo e de serviços comunitários, um elemento esportivo, um elemento para crianças (210 crianças); uma garagem (os carros pertencem à comunidade e todas as pessoas podem usá-los em seu dia de descanso); (ver adiante: *o descanso do quinto dia*).

Não existem cozinhas nas moradias: a comida da coletividade é preparada numa fábrica alimentar central, que tem ramificações com restaurantes.

Não existem lojas, mas um grande entreposto geral de produtos de consumo, ligado a um *bazar* instalado no vestíbulo de cada edifício.

A densidade foi fixada em 300 pessoas por hectare; outras cidades industriais novas a diminuíram para 150.

• • •

Moscou é uma *fábrica de planos*, a Terra Prometida dos técnicos (sem Klondyke). O país está sendo equipado!

Um afluxo surpreendente de projetos: fábricas, represas, unidades manufatureiras, moradias, cidades inteiras. Este conjunto se coloca sob um único signo: *tudo o que contribua para o progresso.* A arquitetura se infla, se agita, estremece, dá à luz sob o sopro e a fecundação daqueles que sabem algo e daqueles que simulam saber.

Designa-se determinado arquiteto para uma tarefa; designam-se 3, 4, 5, 7 arquitetos para competir em concursos (pagos). Em relação à grande fábrica de automóveis Ford apelou-se, além disso, a um arquiteto americano especializado em cidades industriais. O que ele projetou assemelha-se a prisões, mas é, entretanto, a cidade operária americana *modelo*. O espírito do tempo não se encontra ali e a coisa resulta anacrônica. Caçoa-se dela em Moscou, o que não é conveniente num meio tão novo. Este pequeno incidente é uma pedra de toque e dá a medida da qualidade espiritual dos projetos moscovitas.

Moscou está repleta de projetos em execução, idéias em elaboração, jurados que examinam. O plano qüinqüenal é um tiro de barragem da tecnicidade contemporânea.

• • •

Encerrado o prazo do concurso, os projetos são expostos em determinado local hoje e em outro amanhã. Uma multidão atenta observa os gráficos — jovens, homens e mulheres (existem muitas arquitetas em Moscou). Olham, discutem silenciosamente, ávidos, compenetrados, intensamente curiosos.

Aqui se prepara uma arquitetura para a qual são designados novos objetivos.

• • •

Nestes projetos a juvenilidade marca presença. Isto nos convém em certa medida, nós de Paris, esmagados pelo academismo onipotente. Não nos entusiasmemos, porém: os acadêmicos rondam o Krêmlin assim como rondam o Quirinale ou o Quai d'Orsay, mas estão camuflados.

Entre os jovens existe um excesso de inventividade, mas como culpá-los? Quanta incompreensão! Algumas vezes percebemos que o eixos em forma de estrelas da École des Beaux-Arts de Paris exibem, como Mefistófeles, uma vestimenta enganosa. Em Moscou (como exatamente em todos os lugares!) é preciso desconfiar do surgimento de um academismo dos novos tempos!

• • •

A *Cidade Verde.*

Eis de que se trata:

Na União Soviética foi suprimido o domingo, introduziu-se o *descanso do quinto dia.*

Este descanso se dá por alternância: a cada dia do ano, um quinto da população da União Soviética descansa; amanhã é a vez do outro quinto e assim por diante. O trabalho não pára.

Comissões de médicos estabeleceram a curva de intensidade produtiva do trabalho. Esta curva se inflete fortemente no fim do quarto dia. Os economistas declararam: é inútil satisfazer-se com um rendimento medíocre durante dois dias. Concluiu-se: o ritmo da produção maquinista é de cinco dias; quatro de trabalho pleno, um de descanso.

Os médicos reconheceram, porém, que o homem se estafa, se expõe ao esgotamento nervoso. Recuperar-se durante as férias, anualmente? É insuficiente e será tarde demais, porque ele estará desgastado. Cuidar dele, de sua manutenção, revisar sua máquina, isto sim. A medicina moderna, aliás, orienta-se de acordo com um postulado novo:

Não se cura homens doentes,
faz-se homens sadios.

Férias anuais (quinze dias, um mês) vêm tarde demais. Os vícios enfraqueceram para sempre as máquinas, que se tornaram incuráveis: é usura, o mundo moderno se desgasta.

Decidiu-se então pela criação das *Cidades Verdes*, dedicadas ao descanso do quinto dia.

Para estabelecer suas características trabalharam comissões de médicos, mulheres e esportistas.

Um grande entusiasmo manifestou-se após a decisão de criar as *cidades verdes*.

A Cidade Verde de Moscou, situada a 30 quilômetros, entrou, sem demora, na fase de realização; seu território está delimitado e seu programa estabelecido. Um primeiro concurso de urbanismo e arquitetura acaba de contribuir com as bases para a discussão da urbanização das cidades verdes.

Eis o programa da Cidade Verde de Moscou:

O terreno mede 15 quilômetros de profundidade por 12 quilômetros de largura. As cotas de altitude variam entre 160 e 240 metros. O terreno está coberto por grandes florestas de pinheiros, entremeadas por campos e pastos; em alguns lugares correm ribeirões, que uma represa transformará em lago, no setor alocado ao esporte.

A Cidade Verde de Moscou será configurada como uma gigantesca hotelaria, na qual seus habitantes irão descansar no quinto dia, em alternância, de acordo com modalidades precisas. O problema arquitetônico consiste, portanto, em criar uma célula de repouso para um homem ou um casal, agrupar estas células numa edificação e repartir estas edificações no terreno obedecendo a uma disposição engenhosa. Ali o que vai contar é o *campo*, a natureza e nada que diga respeito ao fenômeno urbano da grande cidade. No entanto, como os serviços comunitários devem funcionar normalmente, é preciso criar, com toda a sua integridade, um organismo arquitetônico e urbano inteiramente novo.

No primeiro ano serão realizadas construções que abrigarão de 20 a 25 mil "vilegiaturistas" por dia, o que representa uma alternância de 25 mil x 5 = 125 mil pessoas que irão descansar, se admitirmos o ritmo de uma vilegiatura a

cada cinco dias, ou então uma alternância de 25 mil x 5 x 2 = 250 mil, se o ritmo for de uma vilegiatura a cada 10 dias e, finalmente, de 375 mil, caso o ritmo for de uma quinzena.

Em três anos e meio, isto é, no final do "plano qüinqüenal" da União Soviética (este plano gigantesco, que galvaniza atualmente o país) serão hospedadas 100 mil pessoas ou seja: 500 mil para um ritmo de 5 dias; 1 milhão para um ritmo de 10 dias; 1 milhão e meio para um ritmo de quinze dias. O suficiente para proporcionar um relaxamento à população moscovita.

Além do *descanso do quinto dia*, a *Cidade Verde* será habitada, à proporção de duas semanas ou um mês, pelos funcionários ou operários que nela passarão suas férias.

Finalmente os doentes, não aqueles que padecem de doenças que precisam dos cuidados de uma clínica, mas aqueles para os quais é necessário repouso, terão a sua disposição os sanatórios da Cidade Verde.

Será necessário organizar os transportes; a estação da ferrovia existente, Bratova China, tornar-se-á a estação central (a linha já está eletrificada). É preciso criar uma auto-estrada, estradas radiais e um anel rodoviário, além de uma rede de exploração rural e de um serviço de hotelaria (para o serviço da fábrica).

Esta primavera verá a construção de dois grandes hotéis com 500 células e de quatro hotéis pequenos, com 100 células. Haverá, espalhadas pelo território, dez bases turísticas (albergues).

Atualmente quase 3 mil camponeses encontram-se dispersos nas isbás das aldeias situadas no território da Cidade Verde. As isbás serão demolidas e as aldeias serão suprimidas. Os 3 mil camponeses serão agrupados num local que formará uma "agrovila" (é o termo corrente, que representa, no momento, o grande artifício de organização industrial da terra, em toda a extensão da União Soviética).

Uma região da Cidade Verde se destinará a uma grande fazenda coletiva onde os 3 mil camponeses serão agrupados em torno de instalações-modelos, providas do equipamento mecânico fabricado nas novas cidades industriais. A fazenda modelo servirá para o abastecimento da Cidade Verde.

O restante do território será alocado a hotéis de vilegiatura cuja forma ainda precisa ser determinada. A central de abastecimento, que comporta uma fábrica de alimentos, será ligada aos restaurantes dos hotéis por um serviço de viaturas. Haverá um centro esportivo com lago artificial, diversos estádios e um estádio central para os grandes jogos. Resta resolver a questão de ordenar igualmente o esporte na totalidade do território, na proximidade dos hotéis, pois a cultura física é um dos motivos essenciais da Cidade Verde.

O programa de hotelaria vai dos "campings" aos estacionamentos para *trailers*, cujo tipo ainda precisa ser criado e cujo objetivo é proporcionar a cada indivíduo o sentimento da mais total liberdade e, ao mesmo tempo, propiciar o benefício das salas comunitárias e do serviço de hotelaria organizado.

Uma distribuição está prevista, regulando a hospedagem das crianças, da "juventude" e dos adultos.

As crianças bem pequenas (que ainda não estão na idade de ir à escola) ficarão com seus pais; as demais, até a idade de 14 ou 15 anos, podem acompanhar seus pais no descanso dos cinco dias mas, de preferência, virão com suas classes, para se beneficiar, sob o controle de educadores qualificados, de toda a tonificação passível de ser proporcionada por sua estada, em meio às florestas e campos.

Os "jovens" acamparão ou terão liberdade em suas células; pensa-se que existe uma idade na qual os jovens têm necessidade de independência.

Finalmente os adultos, homens e mulheres, disporão juntos ou separadamente desta "célula", cuja forma e tamanho ainda se está por definir e que suscita um problema arquitetônico da mais elevada qualidade.

Tal é, em resumo, a textura da Cidade Verde, cujas obras preliminares já se iniciaram em Moscou.

• • •

Uma onda de urbanismo invade o país, que até agora permanecia sem urbanismo, a não ser por algumas iniciativas que se poderia denominar *asiáticas* e que, sem contestação, são hoje desprovidas de um laço comum com as realidades econômicas e sociológicas que caracterizam atualmente a União Soviética. Pretende-se aplicar ao problema a solução mais "contemporânea" possível.

É possível que na confusão geral que jogou este país de camponeses numa gigantesca aventura maquinista não exista total clareza sobre o que constitui o fenômeno urbano e, em particular, o que caracteriza a cidade da época maquinista. A feiúra e a confusão das atuais cidades do mundo inteiro são consideradas arbitrariamente o resultado e a expressão de uma civilização capitalista. Atenção, porém! As cidades que herdamos de nossos pais são simplesmente cidades da época pré-maquinista. Estou de pleno acordo com o fato de que *ainda não refletimos como organizar o programa das cidades da época maquinista.* Temos diante de nós um gigantesco programa sociológico. Nada fizemos até agora. Na União Soviética encara-se o fenômeno e propõem-se sistemas. Penso que em urbanismo tais fenômenos são e devem continuar sendo fenômenos *humanos.* Trata-se de homens, de necessidades de homens que se agruparam para trabalhar, produzir e consumir, de homens que se juntam, como sempre se juntaram os homens, com um objetivo de cooperação indispensável, *material e espiritual.* Atribuo ao fruto espiritual deste agrupamento instintivo um valor, um significado que se destina simplesmente à felicidade humana. Penso, portanto, que ao colocar o homem na frente de algumas doutrinas, urbanizaremos melhor e com mais segurança.

Ora, a onda de urbanização na União Soviética conduz desde o início (em certos meios limitados, bem entendido, mas inteligentes e ávidos por novidades) a um

conceito que se exprime de maneira estranha e característica por uma palavra que lisonjeia, deleita e soa bem: *desurbanização* (a pronúncia é quase a mesma em russo). Existem palavras que trazem a morte nelas mesmas e esta palavra é contraditória e paradoxal demais. Ela aniquila aquilo que ela designa. Coube-me examinar projetos de desurbanização. Manifestei-me com firmeza: não nos engasguemos com palavras, não brinquemos com sentimentos falaciosos e *sentimentais*. Não escamoteemos o fato para nos refugiarmos em novas casinhas do Trianon. Afirmei: a jornada solar condiciona a vida humana. É em seu ciclo de 24 horas que nossas atividades devem se desenrolar. Diante deste fenômeno cósmico, que não podemos em absoluto modificar, inscrevi esta outra fatalidade do mundo, da natureza, do trabalho material e espiritual humano: *a lei da economia*. Então, *concentrados* pela lei da economia e *enquadrados* pelas vinte e quatro horas da jornada solar, acredito que nos cabe *urbanizar*, e não *desurbanizar*.

Eis a carta que escrevi a um dos arquitetos mais talentosos de Moscou o qual, com três outros colegas, criou projetos para o plano preliminar da Cidade Verde:

Moscou, 17 de março de 1930

Meu caro Ghinsbourg

Parto de Moscou esta noite. Solicitaram-me redigir um relatório sobre o recente concurso da Cidade Verde *de Moscou. Deixei de fazê-lo, pois não queria emitir um julgamento sobre o trabalho de meus confrades. Por outro lado, respondi indiretamente ao pedido que me foi feito, enviando à Comissão da* Cidade Verde "comentários sobre a urbanização de Moscou e da Cidade Verde". *Minhas conclusões não participam do entusiasmo que, no momento, uma simples palavra* — desurbanização — *parece suscitar aqui.*

Este termo encerra uma contradição. É um disparate fundamental *que seduziu muitos ideólogos ocidentais, que fez perder muito tempo aos conselhos de administração de nossas indústrias. É um disparate fundamental que tudo combate e tudo debilita. O fenômeno social é complexo, não é simplista. Quem procurar proporcionar-lhe uma solução precipitada e tendenciosa encontrará quem lhe dê ouvidos: ele se vinga, entra em crise e apesar dos avatares e dos impedimentos,* não se deixa submeter: *a vida continua!*

Ontem à noite no Krêmlin, no gabinete de trabalho do sr. Lejawa, o vice-presidente da União Soviética, o sr. Miliutin, um dos comissários do povo, solicitou-me que traduzisse um pensamento de Lênin que, longe de apoiar a tese da desurbanização, consagra, ao contrário, a necessidade da urbanização. Lênin disse o seguinte: "Se quisermos salvar o camponês, *é preciso levar a indústria aos campos*". *Lênin não disse:* "Se quisermos salvar o citadino"; *não se deve confundir, pois ficou muito claro.*

Levar a indústria aos campos, isto é, tender a industrializar o campo, isto é, criar lugares de concentração humana que disponham de máquinas. A máquina fará o mujique pensar; a natureza não fazia o mujique pensar. A natureza é benfazeja para o citadino que galvanizou seu espírito na cidade, que acionou, na cidade, o mecanismo diligente do espírito. É preciso acionar o mecanismo diligente do espírito. É no agrupamento, no choque e na cooperação, na luta, na ajuda mútua e na atividade que o espírito amadurece e dá frutos. Quer-se confundir, mas a realidade se encontra presente. Não é o camponês quem contempla a floração das árvores e que ouve o canto da cotovia. É o citadino quem o faz. Você entenderá o que quero dizer se, francamente, não nos deixarmos enganar pelas palavras.

O homem sente a necessidade de agrupar-se — sempre, em todos os países, em todos os climas. O agrupamento proporciona-lhe a segurança da defesa, o prazer da companhia. Mas, a partir do momento em que o clima se torna hostil, o agrupamento provoca a atividade industrial, a produção *por meio da qual os homens vivem (vestem-se, buscam o conforto). E a produção intelectual é filha do trabalho dos homens reunidos. A inteligência desenvolve-se, aguça-se, multiplica sua ação, adquire as finezas e suas inúmeras faces, nas massas agrupadas. É o próprio fruto da concentração. A dispersão atemoriza, empobrece e afrouxa os laços da disciplina material e espiritual, sem a qual o homem retorna ao estado bruto.*

As estatísticas internacionais *nos ensinam que* a mortalidade é mais baixa nas aglomerações mais densas*; a mortalidade diminui à medida que a população* se concentra. *São fatos estatísticos e temos que nos inclinar diante deles.*

A história situa todos os grandes movimentos do pensamento no ponto matemático da mais forte concentração. Sob Péricles, a Ática era povoada em fileiras cerradas, como uma de nossas grandes cidades modernas, e é por isso que Sócrates e Platão podiam discutir ali idéias purificadas.

Avaliem com exatidão que dez séculos de civilização pré-maquinista produziram para nós cidades que são uma careta horrenda e perigosa no momento da expansão maquinista. Então admitam que aí está o mal*: nesta herança; e que aqui está a salvação: ajustar as cidades* que se concentrarão *sempre cada vez mais (estatística e elementos concomitantes do progresso moderno: transportes, atrações espirituais, organização industrial etc.); ajustar nossas cidades às necessidades contemporâneas, isto é,* reconstruí-las *(como, aliás, elas se reconstruíram após nascer).*

Meu caro Ghinsbourg, o arquiteto moderno tem precisamente por missão magnífica organizar a vida das coletividades. Fui o primeiro a proclamar que a cidade moderna deve ser um parque imenso, uma cidade verde. Mas, para permitir-me esse luxo aparente, quadrupliquei a densidade da população e — em vez de estendê-las — diminui as distâncias.

Por outro lado, concebo muito bem, como um satélite de toda aglomeração urbana de trabalho (trabalho e residência) uma Cidade Verde *destinada ao descanso, organizada eventualmente, como neste país, na base da alternância, a cada cinco dias.*

Cheguei a assinalar em meus comentários que o escalonamento obrigatório do descanso (ao menos uma vez sobre três, todos os quinze dias) deveria ser instituído de modo semelhante ao escalonamento no trabalho. Esse escalonamento comportaria o controle de um esporte adequado, praticado mediante uma prescrição individual por parte dos médicos da Cidade Verde. *A Cidade Verde torna-se a oficina mecânica onde se* revisa o automóvel *(tanque de óleo, engraxamento, verificação das peças, revisão, manutenção do veículo). Por outro lado um encontro íntimo com a natureza (primavera radiosa, tempestades de inverno) conduz à meditação e à introspecção.*

Rogo, portanto, que não veja nenhuma atitude hostil em minha afirmação serena e decidida: O homem tende à urbanização.

Aprecie este detalhe característico: um dos projetos de desurbanização de Moscou propõe, entre outras medidas, a construção de cabanas de palha na floresta da Cidade Verde. Bravo, magnífico!...contanto que seja para os fins de semana! Não digam, porém, que tendo construído cabanas de palha, agora poderão arrasar Moscou.

Muito cordialmente,

L.C.

Via Moscou-Paris, 20 de março de 1930.

"APARTE"

Penso que estas dez conferências de Buenos Aires serão, para mim, as últimas que realizo sobre este tema: "*A revolução arquitetônica fomentada pelas técnicas modernas*".

O mundo — Buenos Aires, São Paulo, Rio, Nova York, Paris, a União Soviética — inclina-se para a realização de tarefas urgentes, e é fremente, no momento das "grandes obras". *A hora das Grandes Obras*, parece-me que este é o tema atual que se oferece a nossas reflexões. "A HORA QUE PASSA, ou O EQUIPAMENTO DA CIVILIZAÇÃO MAQUINISTA", eis o livro que, em breve, teríamos o gosto de escrever.

UMA LEITURA CRÍTICA CARLOS A. FERREIRA MARTINS

A quase três quartos de século de sua primeira edição, *Precisões* permanece, como verá o leitor, um livro instigante. A recuperação de sua importância no conjunto da obra teórica de Le Corbusier é, no entanto, relativamente recente.

Se tomarmos como indicador as suas traduções, verificamos um descompasso em relação a outros textos de Le Corbusier. A primeira tradução para o alemão (Frankfurt, Ullstein) é de 1964, quatro anos posterior, portanto, à primeira reedição francesa (Paris, Vincent Frèal, 1960); em castelhano aparece pela primeira vez em 1977 (Buenos Aires/Barcelona, Poseidon). A tradução italiana é de 1979 (Bari, Laterza) e a primeira edição em língua inglesa é de 1991 (Cambridge, Mass., MIT Press).

É conhecida a tendência de dividir a obra de Le Corbusier em dois grandes períodos: o primeiro, compreendido entre a elaboração do esquema Dom-ino, em 1913, e o projeto da vila Savoye, em 1929, e o segundo, entre a Unidade de Habitação de Marselha, em 1946, e os últimos monumentos de Chandigarh. O primeiro aparece como racionalista, abstrato, cartesiano, maquinista. O segundo costuma ser adjetivado como brutalista, poético, expressivo, evocador do primitivo ou do arcaico. Em conseqüência, permaneceu por muito tempo minimizada a avaliação crítica da produção teórica e projetual realizada entre 1930 e o final da Segunda Guerra.

Em 1968 Von Moos, na primeira monografia crítica sobre Le Corbusier, destaca que o livro "enuncia os princípios de arquitetura e

urbanismo desenvolvidos até então por seu autor".[1] Aparentemente, a avaliação desse período teve seu ponto de inflexão com Tafuri que, ao destacar a importância conceitual dos projetos para Argel, o fazia também quanto às experiências que os antecedem de forma imediata e, em conseqüência, quanto ao livro que plasma esse momento da reflexão corbusiana,[2] assumindo as propostas para a América do Sul como bases teóricas para projetos urbanísticos concretos e não meros exercícios de fantasia urbana.[3]

É interessante notar que boa parte dos trabalhos dedicados à viagem e aos projetos sul-americanos está na órbita da crítica e da historiografia italianas.[4]

Tentori retoma a sugestão de Von Moos, afirmando que *Precisões* assume para Le Corbusier o caráter de uma espécie de "summa" de sua elaboração teórica e conceitual anterior,[5] o que seria coerente com a escolha de 1929 para a publicação do primeiro volume da *Obra Completa*.[6] Essa dimensão de avaliação e redefinição, cujo caráter está expresso no próprio título do livro, coincide com uma inflexão do trabalho de Le Corbusier: fim da etapa dos encargos privados e dedicação plena e consciente aos *grands travaux*; confirmação da busca da "opção latina" e afirmação da necessidade de um "urbanismo sensível".[7]

---

1 Stanislaus von Moos, *Le Corbusier* (Barcelona: Lumen, 1977, pp. 207-10). Primeira edição (Frauenfeld: Huber & Co., 1968).

2 Manfredo Tafuri, "La crisis de la utopia: Le Corbusier en Argel", in *De la Vanguardia a la Metropoli. Critica radical a la arquitetura* (Barcelona: Gustavo Gili, 1972. p. 62). Primeira edição (*Contropiano*, nº 1, 1969).

3 Para uma análise exaustiva dos planos para Argel ver Jean Pierre Giordani, *Le Corbusier et les plans pour Algier* (Paris: Université de Paris 1, 1987).

4 Marcello Fagiolo, "Le Corbusier 1930: I Piani per l'America Latina e per Algeri", *Ottagono*, nº 44, março 1977; Francesco Tentori, *Vita e Opere di Le Corbusier* (Roma/Bari: Laterza, 1979, especialmente pp. 75-86); Francesco Tentori e Rosario De Simone, "Proposte per le Cittá dell'America Latina", in *Le Corbusier* (Roma/Bari: Laterza, 1987, pp. 95-104).

5 Tentori, *op. cit.*, p. 75.

6 O. Storonov e W. Boesiger (eds.), *Le Corbusier et Pierre Jeanneret: Ihr Gesamtwerk von 1910 bis 1929* (Zurique: Girsberger, 1929).

7 Le Corbusier, "Comotions Sudamericaines (1929). Introduction à un urbanisme sensible", in *La Ville Radieuse . Elements d'une doctrine d'urbanisme pour l'équipment dela civilization machiniste* (Paris: Ed. L'Architecture d'Aujourd'hui, 1935, p. 220).

Liernur indica que as circunstâncias que precedem a viagem apontam para a conclusão de que essa mudança de etapa não se dá como resultado das conferências, mas "constitui um dos motivos centrais da sua realização".[8]

No entanto, essa viagem tem duas dimensões. Apresentada pelo próprio autor como uma missão de empreender uma nova "conquista da América", é também, uma vez mais, uma viagem de aprendizado.

Para situar adequadamente no conjunto da obra e da trajetória intelectual do autor, este livro que Tentori considera "talvez a coisa mais bela jamais escrita por Le Corbusier",[9] talvez seja necessário começar por uma obviedade: trata-se de um livro de viagens, escrito e publicado entre o final de 1929 e 1930.

Por isso é preciso ter em mente o significado das viagens no processo de formação de Le Corbusier e é fundamental relembrar a sua posição no quadro das vanguardas arquitetônicas européias à época dos primeiros CIAMs (Congressos Internacionais de Arquitetura Moderna).

Os vários trabalhos dedicados à formação de Charles Edouard Jeanneret-Gris mostram a influência de seu mestre L'Eplatennier, professor da Escola de Artes Aplicadas de La Chaux-des-Fonds, que inculcou no jovem aprendiz a noção romântica da viagem como ampliação de conhecimentos, mas sobretudo como experiência essencial à formação do caráter e das convicções.[10] Essa noção permanece ao longo de sua obra, em que serão constantes as referências ao significado decisivo das viagens à Itália (1907), à Alemanha (1910) e, sobretudo, da chamada Viagem ao Oriente (1911). Seu relato, publicado em pequenos textos no jornal *La Feuille d'Avis,* de La Chaux-des-Fonds, ganharia o formato de livro em 1966. Sua leitura é imprescindível para compreender a maneira particular como em Le Corbusier se imbricam passado e presente, percepção da paisagem e cultura, ampliação do horizonte de conhecimento e formação do caráter do artista.[11]

---

8 Francisco Liernur e Pablo Pschepiurca, "Notas sobre los proyectos de Le Corbusier en Argentina, 1929-1949", *Summa*, nº 243, 1987, pp. 40-55.

9 Tentori, op. cit., p. 81.

10 Paul Venable Turner, *La Formation de Le Corbusier: Idealisme et mouvement moderne* (Paris: Macula, 1987, pp. 20-32). Primeira edição (Nova York: Garland, 1977); Giuliano Gresleri, "Partir et Revenir: Le Voyage d'Italie", in *Le Corbusier et la Mediterranée* (Marselha: Parentheses, 1987, pp.23-34); Rosario De Simone, Ch. E. Jeanneret, *Le Corbusier. Viaggio in Germania 1910-1911* (Roma: Officina Edizioni, 1989).

11 Le Corbusier, *Le Voyage d'Orient* (Paris: Parenthèses, 1987). Primeira edição (Paris: Forces Vives, 1966).

Mas a viagem de 1929 já não é a de um aprendiz, e sim a de um dos protagonistas do movimento internacional de renovação da arquitetura. Quando, em maio de 1929, Le Corbusier escreve a Cendrars afirmando que está decidido a ir à Argentina, tem nas mãos pouco mais que um convite para as conferências de Buenos Aires, a possibilidade de outras em São Paulo e Rio, e uma referência pouco concreta ao sonho de Planaltina, no qual teme haver sido antecipado por Agache.[12] É inevitável perguntar o que o levaria a deixar de participar da segunda edição dos CIAMs, para apresentar algumas conferências na longínqua América do Sul.

Ao contrário da narrativa senso-comum do chamado movimento moderno europeu, a posição de Le Corbusier nos três últimos anos da década de 20 era, no mínimo, incômoda. Sua participação, a convite de Mies, na Exposição do Werkbund, em Stuttgart, com a construção de duas casas na Weissenhof Siedlung,[13] e a publicação dos *Cinco Pontos para uma nova arquitetura*,[14] em 1927, haviam-lhe garantido um certo protagonismo mas também provocado as primeiras críticas internas do movimento, especialmente por parte dos jovens arquitetos radicais alemães.[15]

Por ocasião do I CIAM, realizado em La Sarraz, em julho de 1928, já se explicitava a distância que o separava da "ala alemã", especialmente nas questões referentes ao papel social do arquiteto, aos problemas estéticos e éticos, às idéias políticas e às modalidades de ação política e de relação com o Estado.[16]

O debate atinge sua maior virulência na ácida crítica de Karel Teige, que caracteriza como formalistas e historicistas os projetos da Cidade Mundial e do Mundaneum. Le Corbusier assim se refere ao Congresso:

A fundação dos Congressos Internacionais de Arquitetura Moderna, em La Sarraz, em 1928, havia sido a ocasião de uma luta severa: os delegados alemães atacavam, fortalecidos pelo aval de inúmeras casas ditas modernas. Eu travei um combate em que o que estava em jogo era uma linha de conduta coerente.

---

12 *LC a Blaise Cendrars*, 07.05.1929, AFLC C.3.5.290.

13 Le Corbusier, "La signification de la cité jardin de Weissenhof", *L'Architecture Vivante*, nº 1, 1928, pp. 9-15.

14 Le Corbusier, "Funf Punkt zu einer neuen Architektur", *Die Form*, vol. 2, 1927. Publicada em francês como "Les Cinq Points d'une architecture nouvelle – Consequence des techniques modernes", *L'Architecture d'Aujordhui*, outubro 1933.

15 Giorgio Ciucci, "Il mito Movimento Moderno e le vicende dei Ciam", *Casabella*, nº 463-464, novembro-dezembro 1980, pp. 28-35, especialmente p. 29.

16 Ciucci, op. cit., p. 30.

[...] Barrava-se-nos o caminho, dizendo: poetas, utópicos! E isso era uma injúria. Eu dizia razão e objetividade, mas eu não admitia as definições que encaixotariam a arquitetura.[17]

A vitória dos "delegados alemães" expressou-se também na escolha de Frankfurt como sede do segundo Congresso, marcado a princípio para agosto de 1929, decisão que não podia ser vista com neutralidade por Le Corbusier. Em abril de 1928, Ferdinand Kramer havia sugerido a possibilidade de convidá-lo para projetar uma das *Siedlungen* de Frankfurt. Ernst May, apoiando-se nas polêmicas suscitadas por suas casas de Stuttgart, bloqueou a iniciativa.[18]

Desclassificado do Concurso da Sociedade das Nações pelos acadêmicos e duramente criticado pelos jovens entusiastas da Nova Objetividade,[19] Le Corbusier sentia-se, como dirá em uma das conferências de Buenos Aires, atacado pelos "dois lados da barricada".

A reunião preparatória do II CIAM voltou a pôr em evidência o controle de May e deixou claro que o Congresso se desenvolveria sob a sua orientação. Em abril, num artigo sobre a arquitetura moscovita, publicado na revista *Neue Zurcher Zeitung*, Le Corbusier ataca novamente a arquitetura "de parte dos arquitetos alemães que, há algum tempo, proclamam o princípio da utilidade da Nova Objetividade [...] com um entusiasmo [...] que termina no fanatismo".[20]

É nesse quadro que se pode compreender que, quando o II CIAM foi convocado para outubro de 1929, Le Corbusier tenha preferido manter a viagem programada para a América do Sul e limitar a sua participação à leitura formal de sua comunicação por Pierre Jeanneret.[21]

---

17 Le Corbusier, "Défense de la Architecture: réponse à Karel Teige", *L'Architecture d'Aujourdhui* (Paris: 1933, pp. 38-61). Citação tomada da p. 39. Primeira Edição: *Stavba*, nº 2, Praga, 1929.

18 Liernur e Pschepiurca, op. cit., p. 42.

19 *Neue Sachlickeit*, ou Nova Objetividade, foi a consigna que articulou jovens arquitetos alemães, holandeses e checoslovacos (Meyer, Teige, Schmidt, Stam) em torno da superação do dualismo entre arte e indústria pela supressão do primeiro termo e inserção da arquitetura entre as técnicas de organização da produção de massa. Para um panorama completo, com documentos de época, ver Mara de Benedetti e Attilio Prachi, *Antologia Dell'Architettura Moderna* (Bolonha: Zanichelli, 1988, pp. 383-504).

20 Le Corbusier, "Die Baukunst in Moscau", *Neue Zurcher Zeitung*, 09.04.1929.

21 Le Corbusier, "Le Probleme de la Maison Minimum", *L'Architecture Vivante*, nº 27, primavera 1930, pp. 5-15.

O texto "L'Esprit de Sud-Amérique" exprime bem os sentimentos do arquiteto que deixa às costas uma Europa marcada pela "letargia continental", como escreve a Paulo Prado. Uma vez mais, em sua trajetória pessoal, a viagem é um momento de redefinição de rumos, é um instrumento de busca do universal e do atemporal. Uma vez mais é um passo no auto-convencimento e na afirmação de um destino pessoal diferenciado:

No Ocidente europeu, eu transporto comigo há vinte anos proposições de urbanização para as cidades, que são revoltas contra a desordem e que são tentativas de ordem. Se o Expresso conduz-me a Moscou e o navio a Buenos Aires, se eu experimento toda a gama de climas e de estações, os espetáculos dos distintos costumes, todo o choque de raças profundamente diferentes, a consumação de voltagens discordantes, meu Ocidente pulveriza-se, desfaz-se de suas mesquinharias supérfluas, de seu pó de epidermes mortas. O essencial surge, decantado:
o homem, a natureza, o destino.[22]

A viagem à América do Sul fica marcada como um momento chave de opção pelo "latino", fórmula concisa em que resume sua recorrente obsessão pela ordem e pela clareza:

Já não há que pensar: Nova York. Há que pensar: Latino = clareza, ordem, alegria. Há que fugir do pesadelo das cidades que materializam essa etapa da época maquinista cujo primeiro ato foi representado, sobre o qual cai a cortina na hora presente. Há que representar o novo ato. Levantar a cortina sobre uma outra empresa, sobre diretrizes que vêm de outra digestão, de uma assimilação, de uma conclusão. Crepúsculo, talvez, de Nova York; Aurora, certamente, sobre a América do Sul. Latinos, aqui está a voz de vosso destino: Risonho, claro e belo.[23]

O estado de espírito de Le Corbusier nessa viagem movia-se – ou assim quis apresentá-lo – entre o do viajante humilde, aberto à descoberta do "novo mundo" e à emoção da magia da natureza tropical, com suas cores e vastas extensões, e o do europeu disposto a reconquistar e re-civilizar aquelas longínquas terras.

---

22 Le Corbusier, "L'Esprit de Sud-Amérique", original datilografado com correções de Le Corbusier, AFLC U3 (8) pp. 2-9. Trecho citado à p. 3. Tradução para o português em Cecília Rodrigues dos Santos et alli, *Le Corbusier e o Brasil* (São Paulo: Tessela/Projeto, 1987, pp. 68-71).

23 Idem, p. 9.

Esta nova "conquista da América" aparece como um esforço de trazer ao antigo *Novo Mundo,* horizonte de expansão da primeira modernidade ocidental, o *novo mundo* da segunda modernidade: aquela da *civilização maquinista* e de sua correspondente revolução espiritual.

Em "L'Esprit de Sud-Amérique", o paralelo com os conquistadores é reivindicado de forma explícita na tentativa de estabelecer, para sua própria ação cultural, uma genealogia acorde com seus valores, idealizando assim o sentido de sua missão civilizadora por meio da arquitetura:

> Todo esse imenso élan do Renascimento, esse entusiasmo, esse amor pela aventura que é vida e não estagnação, que é ação e não submissão, que é juventude e não cansaço e velhice, que é aurora e não crepúsculo. A Idéia, dominadora, atropela todas as fronteiras. Esses são homens livres, indivíduos, cabeças fortes, fortes cabeças que partiram para assumir comandos, construir. Colonizar. Colonizar é pura e simplesmente tirar-se os chinelos e instigar à aventura. O cientista, o artista, colonizam a cada dia. Descobrir, em conseqüência revelar. Revelar, em conseqüência mudar a face das coisas. Mudar a face das coisas, agregar um amanhã ao ontem.[24]

Le Corbusier sabe que para empreender essa nova "conquista da América" conta com a atração polar que exerce a cultura francesa sobre as elites daquelas "jovens nações" e é ele mesmo quem aponta que "essa viagem transformou-se em uma missão".

Mas ele sabe, também, que não é o único a falar "em nome de Paris". Os trabalhos de Forestier em Buenos Aires e de Agache no Rio de Janeiro repõem no ambiente sul-americano as polêmicas com o urbanismo da SFU.[25] Na sua ação doutrinária na América, ao menos um dos lados da barricada, o do academicismo, já está posicionado para o embate. É natural, portanto, que busque o contato e a aliança com os pequenos grupos de intelectuais modernistas, esforçando-se para encontrar um ambiente propício à sua prédica na suposta efervescência cultural das grandes cidades.

Que essa efervescência se restrinja a pequenos grupos não é um problema para quem já havia estabelecido a convicção de que a concretização da *civilisation machiniste* não radicava em uma mudança de consciência de massas ou em alterações na estrutura social, mas na intervenção esclarecida

---

24 Idem, p. 5.

25 Sociedade Francesa de Urbanismo. Para uma análise das premissas sociológicas da doutrina urbanística de Agache, ver David Underwood, "Alfred Agache, French Sociology and Modern Urbanism in France and Brazil, *Journal of the Society of Architectural Historians*, vol. 50, nº 2, jun 1991, pp. 130-166.

da "autoridade". Na América do Sul, como em Argel ou, mais tarde, na Índia, Le Corbusier não se cansaria de buscar um novo Colbert.[26]

Em cada uma das cidades que visitou buscava convencer, além dos grupos intelectuais que formam aquela "imensa máquina dos amigos de meus amigos", às autoridades locais, aos técnicos e políticos em condições potenciais de aderir aos "grandes trabalhos", a todos os que poderiam colaborar, de uma posição de poder, no sentido da ação urbanística que ele proclamava.

Hostilizado na Europa pela vanguarda da Nova Objetividade, empenhado na articulação de sua *entente latina*, convencido de sua missão de emular a ação civilizatória nesse novo mundo, tudo parece confirmar que o esforço que preside à elaboração das conferências, e do livro, é o de constituição de uma *summa*.

É o próprio autor quem fala em um processo de *cristalização* de noções, conceitos e formulações e explicita a intenção de consolidar uma doutrina.[27]

Primeiro, e sem dúvida motivado pelos recentes enfrentamentos no CIAM, *Precisões* demonstra um esforço de avançar na reflexão sobre as relações entre possibilidades técnicas e criação formal, o que em termos corbusianos significa a explicitação das relações entre as potencialidades técnicas da *civilização maquinista* e a esfera da criação ou do lirismo individual. Em segundo lugar, a tentativa de sistematização de uma teoria da sensação arquitetural, paralela ao esforço teórico do purismo. Decisiva para a compreensão das propostas urbanísticas desse período é a extensão da noção de "unidade arquitetural", desenvolvida inicialmente no livro *Une maison-Un palais*,[28] para a escala da cidade e do território. Por fim, mas não menos significativo, *Precisões* é, decerto, um dos momentos em que, em sua reflexão teórica, Le Corbusier está mais próximo de vencer a distância entre a importância evidente da paisagem em sua obra e a elaboração conceitual de algo como uma teoria da paisagem.[29]

• • •

---

26 Colbert, ministro de Luís XIV, aparece recorrentemente nos textos de Le Corbusier como expressão da intervenção firme da Autoridade, condição para a transformação da cidade.

27 "O termo doutrina não me assusta. (...) Doutrina quer dizer um leque de conceitos que derivam intimamente uns dos outros segundo as leis da razão" . Le Corbusier, *Precisões*, p. 36.

28 Le Corbusier, *Une Maison-Un Palais. A la recherche d'une unité architecturale*, ed. facsimilar (Turim: Bottega D'Erasmo, 1975). Primeira Edição (Paris: Crès, 1928).

29 Ver, a respeito do tema da paisagem na obra de Le Corbusier, Caroline Constant, "From the Virgilian dream to Chandigarh", *The Architectural Review*, vol. 181, nº 1079, janeiro 1987, pp. 66-72.

No desenho que abre a segunda conferência, sob o lema "as técnicas são a própria base do lirismo", Le Corbusier estabelece uma linha divisória entre os eventos cotidianos, materiais, e os espirituais. Abaixo ficam os elementos que configuram a dimensão social, coletiva, da arquitetura e do urbanismo modernos: as possibilidades técnicas, as necessidades sociais e econômicas. Acima, encontra-se aquilo que pertence à esfera do individual, o domínio das emoções, o drama e a paixão, isto é, o lirismo.

Retoma-se aí o que já foi apontado como a grande aporia do purismo: a tentativa de uma conciliação entre a expressão do espírito do tempo e a busca da perenidade, condição essencial da arte. Dizendo de outra maneira, trata-se da permanente tensão entre o contingente, o mutável, aquilo que é determinado pelas condições técnicas e o que é permanente, constante, universal. Na constituição do discurso corbusiano essa tensão/oposição freqüentemente aparece como a relação entre o engenheiro e o arquiteto.

Esse tema recorrente nos permite acompanhar os avatares de uma relação atormentada com a máquina – metonímia do mundo da técnica – que marca o pensamento corbusiano entre os textos reunidos em *Por uma arquitetura* e a viagem sul-americana.

Em suas primeiras formulações, nos textos de *L'Esprit Nouveau*,[30] essa relação aparece como uma tentativa de síntese entre uma formação idealista e neoplatônica, fortemente marcada pela teoria de Provensal,[31] e o racionalismo positivista que marca o período de aprendizagem junto a Perret.[32] Nessa tentativa de síntese, arquitetura e engenharia têm como objetivo comum a busca da harmonia com as leis da natureza. O engenheiro atinge-a em sua positiva e racional busca do útil e do econômico. O arquiteto, uma vez superada a deformação dos estilos, alcança-a na medida em que consegue "emocionar".

Em *Urbanismo*, essa relação se coloca de maneira mais complexa. A obra de engenharia expressa uma racionalidade evolutiva, portanto provisória e perecível, incapaz de alcançar a perenidade da arte, que é "aquilo que está além do cálculo". Aplicada à teoria da cidade, a relação entre engenharia

---

30 A revista *L'Esprit Nouveau* foi dirigida e publicada por Jeanneret e pelo pintor Amedée Ozenfant, entre 1920 e 1925. Os primeiros artigos sobre arquitetura, em que surgiu o pseudônimo Le Corbusier, foram reunidos no livro *Por uma arquitetura* (S. Paulo: Perspectiva, 1973), cuja primeira edição é de 1923.

31 A forte influência do livro de Henri Provensal, *L'Art de demain*, de 1904, está analisada em Turner, op. cit.

32 Alan Colquhoun, "Arquitetura e engenharia: Le Corbusier e o paradoxo da razão", em *Modernidade e tradição clássica* (São Paulo: Cosac & Naify, 2004, p. 99).

e arquitetura volta a tomar a forma de uma oposição. De um lado, a racionalidade do engenheiro é marcada por sua parcialidade, como expressa a metáfora das pérolas e do colar. De outro, na escala do urbanismo se estabelece, com mais clareza que na obra isolada de arquitetura, a distinção entre os domínios do funcionamento da cidade, de seu "mecanismo" e os da capacidade de criar sua identidade enquanto obra de arte, de definir sua "alma".

Em *Precisões* Le Corbusier parece retornar à visão do maquinismo como tragédia que havia marcado seu período de formação.[33] O que em *Por uma arquitetura* era a saudação entusiasta à verdade surgida do cálculo, à "multiplicidade de coisas belas nas quais rege a lei da Economia",[34] aqui aparecerá, inicialmente, como um catálogo de perdas. O maquinismo é causador de um processo de perda de referências e destruição de valores, transtornados pela mobilidade súbita, pela dissolução dos papéis estabelecidos, da família e a cidade é a "a soma desses cataclismos locais".

Para Le Corbusier, a inevitabilidade do mundo moderno não implica a sua aceitação incondicional. A cidade, condensadora e resultante dos "cataclismos" parciais é também o espaço de sua própria transformação, de busca de um novo contrato social que incorpore as possibilidades da técnica, mas subordinando-as a uma referência permanente, a uma constante, que só pode ser oferecida pela arte.

A relação entre engenheiro e arquiteto é redefinida pela introdução de um terceiro interlocutor, o "acadêmico". O engenheiro, isto é, a ação do cálculo e o desenvolvimento da máquina, é o perturbador das relações sociais e espaciais. O acadêmico é aquele que sofre os efeitos dessa perturbação sem compreender as causas, o que tanto se aplica às elites incapazes de sintonizar-se com as mudanças quanto às massas, porque "a multidão pensa de forma acadêmica".[35]

À multidão e ao acadêmico já não se opõe o engenheiro, senão o homem especial, capaz de antever no caos aparente as tendências gerais da nova época, isto é, mais uma vez na esteira de Provensal, o *poeta-profeta*. Entre *Por uma arquitetura* e *Precisões* o papel de antever as transformações do novo mundo maquinista se desloca do engenheiro para o arquiteto ou, mais amplamente, para o "construtor". A marca do engenheiro é a análise e aplicação do cálculo; a do construtor, a síntese e a criação.

---

33 Robert Fischman, *L'Utopie urbaine au XXe siécle*, (Bruxelas: Mardaga, 1979, pp. 129-139). Primeira edição (Nova York: Basic Books, 1977).

34 Le Corbusier, *Por uma arquitetura*, p. 9 (ed. orig.).

35 A referência a Provensal é quase literal. Cf. Turner, op. cit., p. 23.

A figura do construtor é o recurso que permite a Le Corbusier elidir, por um lado, a dificuldade em estabelecer um juízo sobre obras como as de Eiffel ou Freyssinet e, por outro, as asperezas do debate com a Nova Objetividade. Mais importante entretanto é que, ao definir as esferas da síntese e da criação como o terreno do construtor, Le Corbusier repropõe o próprio estatuto da arquitetura. Nas formulações de *Urbanismo*, como já indicou Colquhoun, era a sobrevivência do arquiteto como especialista socialmente necessário que estava ameaçada. Agora essa relação está redefinida: ao arquiteto compete atuar na esfera da criação, consciente de que, não podendo abstrair o espirito do tempo, tampouco pode se limitar a traduzi-lo. A poética arquitetônica de Le Corbusier repõe assim, de forma permanente, a aporia purista em que cabe: ao artista-construtor partir dos elementos da época, apoiar-se sobre o cálculo, mas reconhecê-lo como mutável, contingente e, pelo lirismo, atingir a perenidade, objetivo de toda obra de arte.

O segundo tema fundamental da atualização conceitual plasmada em *Precisões* é o da relação entre arquitetura e urbanismo. A noção de "unidade do sistema arquitetural" aparece de forma explícita em *Une Maison – Un Palais*, livro publicado no calor do debate sobre o projeto da Sociedade das Nações. Num movimento entre imperativo ético, concepção idealista e constatação das alterações técnicas que é típico de sua estratégia discursiva, Le Corbusier articula as noções que o conduzem à dissolução dos limites disciplinares entre a arquitetura e o urbanismo. O ponto de partida é o imperativo ético de "servir a uma intenção elevada", que não é outra senão a busca da emoção propiciada por "relações matemáticas harmônicas", e que, por sua natureza espiritual, não pode estar subordinado às exigências da utilidade nem à limitação das finalidades consagradas de cada objeto. Nosso autor constata que a arquitetura do mundo moderno transborda os limites da normativa disciplinar, torna obsoletas as noções apoiadas na hierarquização da escala de "casas, templos e palácios" e intercambiáveis os seus atributos: o templo é, em sua origem, "uma cabana votiva"; a casa construída de acordo com a natureza converte-se em palácio por sua capacidade de emocionar e o palácio da época maquinista deve funcionar "como uma casa".

Esse imperativo ético encontra no movimento do mundo técnico a possibilidade de atender *em nova escala* à necessidade de buscar o máximo rendimento – funcional e emocional – da casa.

Para compreender essa formulação é necessário lembrar que a doutrina purista se estrutura no quadro do "retorno à ordem", e absorve do neoplatonismo que marca o debate estético europeu de meados dos anos 20, a noção do mundo moderno como o momento privilegiado em que o desenvolvimento da ciência e da técnica oferecem a possibilidade de reencontro com as leis perenes da beleza ideal. A palavra *escala* tem aí uma signifi-

cação decisiva e representa um risco para o leitor que não tenha em mente que Le Corbusier herdou de Provensal a idéia de uma distinção entre "escala do corpo físico" e "escala do pensamento". Para este autor, a arquitetura, compreendida como "manifestação da idéia, necessidade moral ou ideal de um povo, já não está à escala do corpo humano, lugar passageiro em que o indivíduo abriga sua existência, mas à escala de seu pensamento, lugar onde a coletividade acolhe sua alma".[36]

Na argumentação corbusiana a idéia da nova escala é retomada em sua dupla determinação: a das novas necessidades e possibilidades impostas pela sociedade maquinista e pela urgência de uma visão globalizadora do fato urbano.

A descrição do transatlântico é um recurso discursivo para a afirmação de uma nova escala do habitar, em que o desenvolvimento das soluções do espaço mínimo tem como complemento necessário a redefinição dos serviços domésticos, deslocados da esfera individual para a coletiva. Mas, como é recorrente em toda a sua teorização, certas soluções oferecidas pela sociedade maquinista repõem princípios ou idéias do longo percurso da civilização. É na visita à Cartuxa d'Ema, realizada em 1907, quando encontrou, naquela magnífica paisagem da Toscana, "uma cidade moderna coroando a colina", que o autor afirma haver iniciado a sua longa investigação sobre o tema da "célula".[37]

Da descrição dessa pesquisa, que havia passado pelo esquema Dom-ino, pelos *immeubles-villas*, pela célula prototípica do Pavilhão de 1925, pelo Centrosoyus e pela Cidade Mundial, Le Corbusier extrai duas conclusões, ambas indicando já as propostas urbanísticas sul-americanas. A primeira refere-se à possibilidade técnica, oferecida pelo concreto armado, de encontrar soluções econômicas para a circulação nas grandes cidades de topografia acentuada, criando a partir daí majestosas "sínteses arquitetura-natureza". A segunda é já uma sugestiva indicação de forma, ao reivindicar que a construção harmonizasse seus métodos com o espírito da época maquinista que estava a exigir a "supressão da pequena construção privada". O anúncio da fase dedicada às grandes obras de conjunto (*grands travaux*) se traduz no desafio de pensar a casa à escala de quilômetros, isto é, pensar o habitar não mais à escala privada da família mas à escala coletiva da cidade e do território.

Os dois outros pontos doutrinários fundamentais atualizados em *Precisões* são a elaboração sobre o tema da paisagem e o esforço de explicitação dos fundamentos da "percepção arquitetural".

Caroline Constant já indicou a desproporção entre a importância da paisagem na obra de Le Corbusier e o pequeno espaço dedicado ao tema no

---

36 Provensal, op. cit., p. 159. Citado por Turner, *trad. cit.*, p. 27.

37 Le Corbusier, "Uma célula na escala humana", in *Precisões*, p. 93.

conjunto de sua obra teórica. Excetuando-se as passagens referidas à experiência e às propostas urbanísticas sul-americanas, é a conferência "Arquitetura em tudo – Urbanismo em tudo" que concentra as referências mais explícitas ao tema. O aprofundamento da reflexão sobre a paisagem aparece, assim, diretamente articulado ao esforço de sistematização de uma teoria da percepção arquitetural, cujas bases estão assentadas na formulação purista das relações entre sensação, percepção e composição.

De maneira esquemática, podemos dizer que em *Après le Cubisme*[38] a elaboração doutrinária parte da distinção entre a ação plástica que se dirige aos sentidos e aquela que comunica ao "espírito". Na teoria purista essa passagem de formas agradáveis aos sentidos para formas significativas ao intelecto, que é a condição da verdadeira Arte, se dá por um processo de composição, compreendido como a verificação e correção, por meio de traçados reguladores (seção áurea, diagonais de verificação) de um primeiro arranjo intuitivo.

Em *Por uma arquitetura*, os traçados reguladores eram instrumentos de aferição e correção de fachadas que resultavam de um desenvolvimento interno da planta. Nos projetos para a Cidade Mundial, estes instrumentos passam a orientar a distribuição das massas construídas; deixam de ser um recurso de composição planar para operar tridimensionalmente e à escala urbanística.

"Arquitetura em tudo – Urbanismo em tudo" é, juntamente com "O plano da casa moderna", um dos textos em que Le Corbusier apresenta de maneira mais explícita os supostos de seu processo de criação. Para ele, a criação em arquitetura é o percurso entre dois instantes, individual o primeiro, universal o segundo, pertencentes ambos ao âmbito da paixão ou do lirismo, com um momento intermediário de intervenção corretiva, de retificações racionalizadoras.

O primeiro, o momento da invenção é especificamente individual e intuitivo, saído de "não se sabe que profundo estoque de conhecimentos adquiridos e de potência criativa individual". Sobre essa primeira formalização opera-se uma intervenção de ordenação, corretiva, baseada na teoria das proporções. O resultado, harmonizado, é o que o autor descreve como "algo de definitivo, agudo e verdadeiro, de imutável e permanente" que ele chama de *instante arquitetural*, finalidade última do trabalho do arquiteto, objeto da paciente pesquisa que marca toda a sua obra e que, num texto posterior, ele chamará de *espaço indizível*.[39]

---

38 Charles E. Jeanneret e Amedée Ozenfant, *Après le cubisme*, (Turim: Bottega D'Erasmo, 1975, ed. fac-similar). Ed. orig. (Paris: Ed. des Commentaires sur L'Art et la Vie Moderne, vol. 1, 1918).

39 Le Corbusier, "L'Espace indicible", *L'Architecture d'Ajourdhui*, abril 1946, p. 10.

A elaboração teórica de Le Corbusier é permanentemente referida à sua própria experimentação projetual. A especificidade das conferências de 1929 reside numa significativa evolução na escala e no peso específico que a paisagem passa a jogar na determinação do projeto. E, por conseqüência, numa alteração do significado e do valor atribuído a certos elementos sintáticos propiciados pela técnica moderna, tal como apareciam nas diferentes versões dos *Cinco pontos*.

A descrição do Centrosoyus como *sinfonia arquitetônica* serve para que o papel dos pilotis apareça superando a noção canônica do elemento de transição entre o objeto arquitetônico e o solo liberado para uma circulação mais livre ou a "natureza intocada" de inspiração virgiliana.[40] O piloti passa a ser o recurso técnico que permite a incorporação ao processo de percepção arquitetônica da "linha impecável da parte inferior do edifício", permitindo que o volume "seja visto por inteiro". Mais do que isso, é o elemento construtivo que permite harmonizar a necessidade de construir edifícios em escala cada vez maior e a "intenção elevada" de manter intacta a "poesia da paisagem".

Opera-se assim a modificação da relação entre arquitetura e natureza, que já não será de domínio ou sujeição mas de interação, de estabelecimento de uma estratégia projetual que ele chama de "composição atmosférica", consistente com o jogo de relações entre os prismas puros idealizados e as paisagens, ainda igualmente idealizadas pela referência rousseauniana.

Se o caráter de abstração espacializada da Cidade Contemporânea, de 1922, não permitia ir além de uma referência limitada à linha de recorte dos edifícios contra o céu, a experimentação da segunda metade dos anos 20 parece levar Le Corbusier à consideração concreta do sítio como elemento central do raciocínio projetual. A natureza, que numa demonstração diagramática só podia aparecer como referência teórica dominante (as leis da ordem) ou como fator dominado (o jardim), assume agora a condição de objeto de um olhar específico. Assume, em outras palavras, sua concretude e sua especificidade enquanto paisagem. Nos projetos urbanísticos sul-americanos esse deslizamento se completa com a dimensão natural incorporando-se ao processo de concepção da forma urbana enquanto território.

Mas antes é necessário um passo conceitual decisivo. Na Petite Maison, de 1925, ou na Cidade Mundial, de 1928, o papel da paisagem na concepção do projeto, embora explicitamente colocado como determinante, ainda se dá no plano da fruição contemplativa tradicional. Apesar das referências simbólicas a uma unidade cósmica, sempre presentes na poética corbusiana, a paisagem ainda não é, enquanto tal, objeto da ação projetual.

---

40 Constant, op. cit.

Para completar esse percurso teórico era necessário retomar um tema já anunciado em *Por uma arquitetura* e considerar os elementos exteriores ao objeto arquitetônico como intrinsecamente constitutivos da "composição arquitetural". A relação – de composição – entre a obra construída e os elementos exteriores aparecem explicitamente em *Precisões* como "o fundamento da sensação arquitetural". A descrição do impacto perceptivo provocado pela visão de uma rocha vertical formando com a linha do horizonte um ângulo reto, esse "lugar de todas as medidas", serve a Le Corbusier para retomar um dos pilares teóricos do purismo, a primazia do ângulo reto, ampliando-o agora para abarcar toda a extensão exterior ao volume arquitetônico como objeto da ação arquitetônica. A fórmula *le dehors est toujour un dedans* sintetiza, no âmbito teórico, o suporte para a redefinição do estatuto da ação arquitetônica presente na consigna do abandono das pequenas obras privadas em favor dos grandes trabalhos de conjunto. Ou, em outras palavras, é o fundamento conceitual para a afirmação da unidade do sistema arquitetônico à escala da cidade e da paisagem.

• • •

"Eu não existo na vida senão pela condição de ver". Essa afirmação, do "Corolário brasileiro", não mereceria maior atenção – afinal a existência de todo artista plástico está diretamente ligada à construção de um olhar peculiar – se o tema do olhar corbusiano não fosse, para os críticos, uma questão recorrente em que o único consenso parece ser o da impossibilidade de uma naturalidade da visão como elemento explicativo de sua obra projetual.

Scully toma a tardia revelação de que Le Corbusier teria perdido a visão de seu olho esquerdo durante a preparação de seu primeiro quadro purista como mote para a hipótese de uma peculiar tridimensionalização "cerebral", que compensaria a limitação ocular, agudizando a tendência neoplatônica de considerar o fenômeno plástico em termos de volumes ideais, jogo dramático de luz e sombras, virtualização dos elementos construtivos.[41]

Em outra chave de leitura, a visão de Le Corbusier é vinculada a uma concepção afinada com a idéia hegeliana do poeta-filósofo capaz de captar a totalidade da história e identificar aí o trabalho da razão, à qual Colquhoun chama "visão em altura", não sem insistir na importância que o arquiteto atribuirá ao significado da visão aérea.[42]

---

41 Vincent Scully, "Le Corbusier, 1922-1965" in H(arold) Allen Brooks (ed.), *Le Corbusier* (Nova Jersey: Princeton University Press, 1987, pp. 47-55).

42 Colquhoun, op. cit. p. 111.

Mas aquela frase sublinha o fato de que *Precisões* é também o texto em que Le Corbusier melhor explicita o que somos tentados a chamar de uma fenomenologia do olhar articulada às modalidades de locomoção. Se é verdade que a noção de *promenade architecturale,* assim como algumas passagens de *Viagem ao Oriente* ou de *Urbanismo,* já aponta nesse sentido, há na viagem americana dois elementos novos: a experimentação da dimensão cognitiva do vôo e a descoberta de um espaço natural surpreendente, tanto pela escala do território, cuja ocupação assume para ele conotações épicas, como por sua condição ainda relativamente intocada pela primeira fase da civilização maquinista.

Giordani, detendo-se nas conseqüências dessas descobertas para as concepções urbanas que daí parecem surgir, chama a esse novo olhar de visão geográfica.[43] Le Corbusier preferiu identificar o que chamou de "visões humanas" – a do caminhante, a do navegante e a visão aérea – em oposição às modalidades de percepção espacial propiciadas pelo automóvel, pelo trem ou mesmo pela bicicleta, que caracteriza como desumanas. A expressão "visão humana" resulta mais compreensível se lembrarmos da noção de "escala humana" como "escala do espírito".

Mas há uma condição prévia ao pleno usufruto da potência cognitiva desses modos de ver. É necessária uma predisposição, uma preparação que deixe o sujeito criador com os sentidos e a mente abertos ao fluxo de sensações, disposto a compreender, a "estar sempre em estado de julgar".

O tempo e o ritmo auto-impostos para alcançar esse estado de abertura do olho e da mente é parte integrante e essencial da viagem como experiência cognitiva. Em *Voyage d'Orient*, Jeanneret relata a espera quase ritual que se impôs antes de aproximar-se da Acrópole ou de Istambul.[44] Na viagem à América do Sul é o tempo da travessia atlântica que lhe permite preparar-se para essa mudança de estado que, uma vez alcançada, permite articular de maneira globalizante os distintos modos de ver.

O olhar do caminhante permite percorrer as ruas e bairros das cidades e compreender a lógica de seu cotidiano. Buscando conhecer as "casas dos índios" em Assunção ou as pequenas casas de tetos ondulados em Buenos Aires, Le Corbusier retoma outro tema de suas viagens de formação: as "casas de homens", que ele opõe às "casas de arquitetos" como expressão de um saber natural, não corrompido pela noção de estilo.

O caráter explicitamente rousseauniano dessa busca adquire sua expressão mais acabada na descrição da visita que ele faz a um morro do

---

43 Jean-Pierre Giordani, "Visioni geografiche", *Casabella*, nº 531-2, janeiro-fevereiro 1987, pp. 18-33.

44 Le Corbusier, *Voyage d'Orient*, pp. 153 e 66-67.

Rio de Janeiro. Sua evidente idealização da pobreza não é estranha à construção literária de seu amigo Cendrars, fascinado pela idéia de uma bondade fundamental dos negros e pela harmonia entre suas crenças atávicas e a ordem cósmica.[45] Descrevendo um dos mais belos desenhos de seus *Carnets*.[46] Le Corbusier encontra nos barracos das favelas quase a antecipação de suas células incrustradas no grande edifício-cidade linear: construídas sobre pilotis, as habitações são "exíguas" mas "eficazes", e suas janelas se abrem "de maneira estupenda" para aquela paisagem extraordinária.

Se o olhar do caminhante permite ao artista a observação detalhada das soluções humildes e naturais, das pequenas casas de homens espalhadas aleatoriamente pelas grandes cidades, a visão do navegante opera na apreensão da silhueta da cidade e da qualificação do sítio. Essa "impressão primeira", que quer ser substantiva e condensar numa imagem unitária aquilo que, em *Urbanismo*, Le Corbusier havia chamado de "alma da cidade", é possível porque a navegação tem uma dimensão de pausa que possibilita ao artista colocar-se em "estado de julgar", de ritual de passagem a um estado agudo da percepção.

A visão do navegante joga, na poética de Le Corbusier, um duplo papel. É a maneira privilegiada de aproximação aos atributos originais da cidade, com seus portos e fortificações.[47] Mas é também o recurso de adequação dessa percepção aos procedimentos e princípios do purismo, de "depuração" da visão da cidade. Ou, nos termos da doutrina purista, é a visão que opera a redução do objeto cidade a seus traços mais significativos e permite a distância adequada à sua percepção como acontecimento visual unitário. É também a que possibilita verificar, por meio da vista frontal, decisiva nas formulações puristas, a correção da composição. Na descrição de sua proposta para o Rio de Janeiro, Le Corbusier afirma que ela foi concebida desde o avião. Mas é à visão do navegante que ele recorre para verificar a sua correção.

A visão do caminhante e a do navegante correspondem, ainda, à escala do corpo. A experiência do vôo significou para Le Corbusier, a conquista da *vue d'oiseau*, da visão à "escala do espírito". A fascinação pela experiência da visão aérea permaneceu uma constante durante toda a sua vida. Pedretti, trabalhando com as anotações dos *Carnets* referentes às viagens aéreas à Índia, realizadas entre 1951 e 1964, destaca a decantação de uma visão cósmica que constata a pequenez humana frente a um mundo que se nega a toda tentativa de conquista.[48]

---

45 Blaise Cedrars, "Febronio", in *La Vie dangereuse* (Paris: Grasset, 1938).

46 Carnet B4-287.

47 Relatando sua emocionada chegada a Istambul, o jovem Jeanneret esclarece que "nós haviamos vindo, à maneira clássica, pelo mar". Le Corbusier, *Voyage d'Orient*, p. 67.

48 Bruno Pedretti, "Il volo dell'etica", *Casabella*, nº 531-2, janeiro-fevereiro 1987, pp. 74-80.

Mas o livro que nos ocupa é ainda o momento da revelação, do entusiasmo pelas possibilidades cognitivas daquele instrumento assombroso. Antes da viagem sul-americana, o avião aparece na mitologia maquinista de Le Corbusier como expressão emblemática das novas potencialidades abertas pela revolução técnica. Em *Por uma arquitetura*, afirma-se seu valor estético, como produto da mais rigorosa seleção. A partir de *Precisões*, o avião assume o caráter de instrumento objetivo da conquista de uma nova escala de visão, com imensas possibilidades abertas ao urbanista, tanto para a constatação da irracionalidade profunda dos assentamentos urbanos quanto para a concepção de uma nova harmonia entre as cidades e seu entorno natural.

No livro *Aircraft*, o duplo sentido desse símbolo da nova época é apresentado com clareza. Testemunha acusadora da miséria das cidades, ele é também o estimulador de uma nova consciência, ética e profissional, de um "estado de consciência moderno". O tema recorrente da conjunção entre o desenvolvimento da técnica e do espírito reaparece, agora com a mediação explícita do olho: "O avião deu-nos a vista do pássaro. Quando o olho vê claramente, o espírito decide com limpidez".[49]

Se Pedretti afirma que a reflexão de Le Corbusier nos *Carnets* dos anos 50 e 60 é uma reflexão *desde o vôo* e se o tema de *Aircraft*, de 1935, é uma reflexão *sobre o avião*, as descrições apaixonadas de *Precisões* são uma reflexão *sobre o olhar*, sobre as possibilidades abertas ao urbanista quando olha dessa altitude em que "tudo toma a precisão de um plano".

Mesmo numa prosa veemente e apaixonada como a das páginas iniciais de *Precisões*, podemos discernir três objetos privilegiados desse olhar: a ordem inscrita nas "leis fortes" da natureza que se apresentam por meio da mutabilidade e da contingência da paisagem; a dimensão epopéica do território sul-americano; e finalmente o fenômeno do desenvolvimento das cidades em sua relação com o território que as envolve. Como dirá em *Aircraft*:

> A vista de pássaro. O olho agora vê materialmente o que antes o espírito só subjetivamente podia conceber. É uma nova função somada aos nossos sentidos. É um novo critério de medida. É uma nova base para a sensação. O homem o utilizará para conceber novos objetivos. As cidades surgirão de suas cinzas.[50]

• • •

---

49 Le Corbusier, *Aircraft* (Paris: Adam Biro, 1987, ed. fac-similar). Primeira edição (Londres: Studio, 1935). Le Corbusier escreve em francês a introdução "En frontispice aux images de l'epopée aérienne" e propõe como título para o livro "L'avion accuse".

50 Le Corbusier, op. cit., fig. 96.

As propostas urbanísticas que Le Corbusier apresenta para as quatro cidades que visita constituem uma síntese projetual das idéias e noções que, como vimos, cristalizam-se nas conferências recuperadas neste livro.

Dois aspectos chamam a atenção de forma mais imediata. O primeiro é a ruptura com o traçado diagramático cartesiano da Cidade Contemporânea, de 1922, ou mesmo com o Plano Voisin, de 1925. Frampton é levado a ver nessa mudança o abandono do otimismo ingênuo em relação às potencialidades do mundo industrial e a busca de uma relação mais orgânica entre a cidade e o entorno natural, numa espécie de paralelismo com a superação da rigidez doutrinária purista, marcada pela incorporação da figura humana em sua pintura e pela substituição dos "objetos-tipo" pelos "objetos de reação poética".[51]

O segundo aspecto é a aparente diversidade formal das quatro propostas. Uma leitura mais atenta das propostas e do raciocínio exposto pelo arquiteto permite identificar melhor as razões dessa diversidade, assim como a construção de uma linha unitária de procedimento.

Em todos os casos, Le Corbusier parte de um diagnóstico algo impressionista sobre a disfuncionalidade dos traçados urbanos, especialmente em relação às modernas necessidades de circulação e, ao mesmo tempo, de uma identificação dos características formais básicas dos sítios.

A grande plataforma de concreto projetada sobre o rio da Prata, destinada a abrigar cerca de duas dezenas de edifícios cruciformes, tem o objetivo declarado de dotar a cidade de um centro de negócios (*cité d'affaires*) compatível com o lugar que Buenos Aires estaria chamada a representar como capital do Novo Mundo. Primeira manifestação em escala urbana do solo artificial propiciado pela técnica do concreto armado, ela subverte a lógica dos planos de 1922 e 1925 e estabelece uma distinção entre o centro geográfico ou histórico da cidade e a nova centralidade espacial e simbólica do "posto de mando".

Liernur comenta as permanências entre os esboços de 1929 e o Plano Diretor de 1938, indicando quatro operações básicas: o deslocamento da cidade para o sul; a transformação paulatina da trama urbana; o aeroporto e o centro de negócios. A grande plataforma de solo criado visaria a concretização de uma grande operação arquitetônica metropolitana, em oposição a intervenções de caráter municipalista ou anti-urbanas que marcavam o debate portenho.[52] A proposta estaria assim apoiada na leitura que faz Le

---

51 Keneth Frampton, "El otro Le Corbusier: la forma primitiva y la ciudad lineal 1929-1952", *Arquitectura* (Madri), no. 264-265, jan.-abr. 1987, pp. 30-37. Ver também Stanislaus Von Moos, "Le Corbusier as Painter", *Oppositions*, nº 19/20, 1980, pp. 88-107.

52 Liernur e Pschepiurca, op. cit., p. 45.

Corbusier do anacronismo da quadrícula e envolvida numa estratégia de economia urbana, o que não é estranho às suas preocupações.

Mas essa ordem de preocupações não parece suficiente para explicar a proposta ou, pelo menos, não está em contradição com as razões estéticas que lhe deram origem, "de um golpe seco". Do navio, Le Corbusier percebeu Buenos Aires como um sítio ao qual "a natureza nada ofereceu". Nada além de uma "linha infinita e plana" que a visão noturna destaca. E diante dessa "horizontal sublime", o gesto humano por excelência, na poética purista, é o de oferecer uma contrapartida vertical, definindo, na escala majestosa de um monumento ao espírito da civilização maquinista, o ângulo reto, esse "lugar de todas as medidas".

O diagnóstico de Montevidéu é fundamentalmente o mesmo. A quadrícula espanhola, outrora expressão da ordem e da racionalidade renascentistas, não mais dá conta das necessidades funcionais da cidade moderna. Desde a sua primeira aproximação, de navio, Le Corbusier percebe o promontório como o grande elemento identificador da cidade e a insuficiência da escala dos pequenos arranha-céus existentes. A solução apresentada para o problema da circulação é o prolongamento da principal artéria da cidade, avançando por cima do porto e ensejando a *boutade* do "arranha-mar".

É aqui que se antecipa a proposta da grande estrutura linear, espécie de edifício-estrada, que marcará as propostas para São Paulo, Rio de Janeiro e Argel.

No croqui publicado em *Precisões* há um segundo trecho que corta em cruz o eixo principal. Em *La Ville Radieuse* aparece um esboço que corresponde melhor à descrição, com um único eixo prolongado sobre o mar.[53] A precariedade funcional é evidente. Não há referências à incongruência desses arriscados *cul-de-sac* que terminam a pique sobre o mar numa espécie de elogio inútil à velocidade.

Parece claro que a motivação do arquiteto é outra, como sugere o argumento com que ele conclui sua descrição, preocupado em sonhar com "a beleza da cidade" e o orgulho de ver "elevar-se da água" um desses "espetáculos arquitetônicos magníficos", já conhecidos em menor escala, como o velho forte de Marselha ou a vila Adriana.

O diagnóstico e a proposta para São Paulo apresentam algumas diferenças relevantes. Única das quatro cidades cuja imagem não pode ser apreendida do mar, a capital paulista não apresenta nenhum marco topográfico significativo. Face ao sítio marcado por uma espécie de "mar de morros" o próprio desenvolvimento recente da cidade sugeria a solução de viadutos superando os inúmeros pequenos vales. Sem horizontais sublimes, sem promontórios ou o espetáculo grandioso de montanhas e mares, resta ao arquiteto a vinculação cósmica de uma grande cruz ordenada pelos pontos cardeais. A inovação

---

53 Le Corbusier, *La Ville Radieuse*, op. cit., p. 222.

aparece no fato de que essas gigantescas "réguas de 45 quilômetros" não se destinam apenas a abrigar os escritórios do centro de negócios, mas também, antecipando o Rio de Janeiro e Argel, as unidades residenciais na periferia.

Há, portanto, na proposta para São Paulo dois importantes elementos de distinção em relação às formulações anteriores. O primeiro é a supressão da diferenciação tipológica entre os edifícios de escritórios e os residenciais, que passam a integrar-se numa mesma macro-estrutura, diferenciando-se o uso em função apenas de sua localização. Em segundo lugar, a criação do terreno artificial já não se dá fora da cidade pré-existente, como em Buenos Aires ou Montevidéu, nem pela demolição de uma zona concentrada, como no Plano Voisin.

Se é pertinente deduzir no trabalho de Le Corbusier durante sua estadia sul-americana um processo de progressiva abstração da cidade – no sentido de que a estruturação urbana de Buenos Aires merece uma análise mais ou menos detalhada, a de Montevidéu deduz-se daquela e a de São Paulo se limita à constatação da verticalização do centro – o Rio de Janeiro parece ser o limite desse processo.

Nas antípodas de Buenos Aires, local onde a natureza nada aportou e que portanto era "pura criação do espírito", o Rio de Janeiro é "pura natureza".

A prosa epifânica de *Corolário* é a manifestação de uma excitação incontrolada face à magnificência grandiosa desse sítio que "parece desafiar radiosamente toda colaboração humana". Em todo o texto pouco se encontra de descrição urbana além de uma breve menção às ruas da cidade, que "se dirigem para o interior, nos estuários de terra plana entre as montanhas" e ao caráter de uma cidade "alegre, portuguesa, encantadora, retilínea".

Não cabe aqui resumir a descrição exaltada que constitui essas páginas de prosa feérica. Mas é preciso chamar a atenção para uma referência que tem passado desapercebida para a crítica. Descrevendo a relação entre o sitio e a cidade, o arquiteto afirma que "estes planaltos seriam como o dorso de uma *mão espalmada*, à beira mar".

É possível que haja aqui apenas uma referencia analógica. Mas Patricia Sekler já enfatizou a enorme carga simbólica da mão aberta, tanto para Ruskin como para o nosso arquiteto. Citando Jean Brun, ela aponta que a mão revela "essa situação ambígua do homem, que é a de ser ao mesmo tempo superior a todos os seres viventes e inferior ao que faz a vida".[54] Constantino Nivola, anfitrião de Le Corbusier durante sua estadia em Nova York por ocasião do projeto para a sede das Nações Unidas, afirma ter ouvido do já velho mestre "estas ou muito similares palavras":

---

54 Jean Brun, *La Main et l'esprit*, Paris, 1963, p. 17, apud Patricia Sekler, "Le Corbusier, Ruskin, the Tree and the Open Hand", in Russel Walden (org), *The Open Hand. Essays on Le Corbusier* (Cambridge: Mass., MIT Press, 1977, pp. 42-95). Texto cit. na p. 69.

A mão aberta é um gesto plástico carregado de conteúdo profundamente humano. Um símbolo bem apropriado à nova situação de uma terra liberada e independente. Um gesto que chama à colaboração fraternal e solidária a todos os homens e todas as nações do mundo. Também *um gesto escultural e plástico, capaz de alcançar o céu e de envolver a terra.*[55]

Essa consciência da inferioridade humana perante "o que faz a vida" é uma pista para compreender que o arquiteto – depois de considerar que a ação humana ordenadora ante aquela paisagem magnificente equivaleria a "encher o tonel das Danaides" – se apresente pletórico, como criador que "sente" e "compreende" e é acometido de "um desejo violento, talvez louco, de aqui também tentar uma aventura humana, o desejo de jogar uma partida *afirmação-homem* contra e com *presença-natureza*".

É evidente em todo o trecho dedicado ao Rio de Janeiro que Le Corbusier está mais interessado no gesto estético de afirmação criadora nessa partida *contra* e *com* a natureza do que numa análise – ainda que genérica, como nos casos anteriores – das tendências de crescimento ou dos pontos de congestão da estrutura urbana da cidade carioca. No entanto, em sua descrição do edifício-estrada, os pontos centrais da *cidade como mecanismo*, para retomar a expressão de *Urbanismo*, estão claramente colocados. Em princípio, é possível admitir que nas duas semanas de permanência no Rio, a inegável acuidade holística ou intuitiva de Le Corbusier lhe permitisse identificar esses pontos num diagnóstico mais sensível do que técnico. Mas uma comparação mais cuidadosa com o plano de Agache, cujo escritório no Rio ele admite ter visitado, pode nos sugerir uma outra relação. A idéia proposta por Corbusier, ainda que antagônica no plano formal, guarda com o esquema geral de circulação proposto por Agache algumas similaridades significativas.[56] E o terreno das coincidências não se esgota aí. Um plano de Cortez e Bruhns, publicado em 1928 em *Die Stadtebau*, indica a projeção da esplanada monumental do Calabouço, em ponte até Niterói, como aparece nos croquis de Le Corbusier.

Em que pese a tentação de pensar as divergências entre Le Corbusier e Agache – ou Cortez – num certo paralelismo com a polêmica entre o mestre purista e Perret a propósito da concepção do arranha-céu, isto é, numa distinção que, apesar de toda a retórica sobre a técnica, está mais assentada na opção estética, não podemos deixar de perceber que há na proposta corbusiana uma diferença fundamental, que não é apenas formal.

---

55 Cit. em Sekler, op. cit., p. 75, nota 87. Grifo nosso.

56 Para uma reconstituição das propostas de 1929 que permita uma comparação com o esquema geral de Agache, veja-se Yannis Tsiomis (org), *Le Corbusier. Rio de Janeiro 1929-1936* (Rio de Janeiro: Centro de Arquitetura do Rio de Janeiro, 1988, pp. 69-99).

A ruptura tipológica representada pelo edifício-estrada, que formaliza a promessa *da casa aos quilômetros* é conceitual e espacialmente decisiva, como demonstram os vários projetos longamente elaborados para Argel.

Um croqui realizado num papel de carta do Hotel Glória do Rio de Janeiro mostra o perfil das quatro propostas sul-americanas e apresenta o seguinte texto: "Conclusão. Da empresa privada às grandes obras de conjunto. Por uma nova escala de grandeza. POESIA".[57]

Parece justificada a observação de Tafuri que vê nesses projetos uma unidade de método sob a sua diversidade formal. Tomando os elementos da paisagem como gigantescos *ready-mades*, Le Corbusier "formula a mais elevada hipótese teórica do urbanismo moderno, ainda não superada nem no nível ideológico nem no nível formal".[58]

Um último ponto. As propostas sul-americanas não constituem, como é óbvio, planos de conjunto das cidades. Consideradas em sua relação com a estrutura urbana pré-existente e na escala proposta, não são *villes* mas *cités*. A descrição final dessas estruturas "suspensas no espaço por cima da cidade" como "uma resposta, um eco, uma réplica" à paisagem, dessa magnífica horizontal "capaz de cantar com o capricho veemente dos montes", nos leva a pensar que Le Corbusier talvez não pretendesse de fato projetar a cidade moderna. Consciente de que esse era um trabalho coletivo, que envolvia os engenheiros (isto é, todo o quadro dos técnicos modernos) e necessariamente se subordinava, na definição do seu mecanismo, aos aspectos contingentes do cálculo, o artista-poeta-construtor antes buscaria construir as Acrópoles da civilização maquinista, aquilo que define a alma das cidades e atinge o objetivo maior da Arte: a perenidade.

• • •

Este texto não é um guia de leitura nem tem a pretensão de esgotar a riqueza, a multiplicidade e os paradoxos de um dos criadores da arquitetura do século XX, num dos momentos mais fecundos de sua produção teórica e projetual. Tampouco cabe defender suas concepções e propostas. Esperamos apenas lembrar que, como todo grande criador, Le Corbusier não cabe nas leituras empobrecidas em que uma certa preguiça intelectual ameaçou encerrá-lo.

São Carlos, março de 2004

---

57 Arquivo FLC (B2.9.681). Reproduzido em Cecília Rodrigues dos Santos et al. (org.) *Le Corbusier e o Brasil*. (São Paulo: Tessela/Projeto Editora, 1987, p. 67).

58 Manfredo Tafuri, "La crisis de la utopia: Le Corbusier en Argel" *in De la Vanguardia a la Metropoli. Critica radical a la arquitetura* (Barcelona: Gustavo Gili, 1972. p. 62). Publicação original *Contropiano*, nº 1, 1969.

BIBLIOGRAFIA SELECIONADA

PRINCIPAIS OBRAS DE LE CORBUSIER

LE CORBUSIER. *Le Voyage d'Orient*. Marselha: Parenthèses, 1987. [Ed. orig. em forma de artigos em: *Feuille d'Avis de La Chaux-de-Fonds*, 1911. Como monografia, ed. orig., PETIT, Jean (ed.), Paris: Ed. Forces Vives, 1966].

JEANNERET, Charles E.; OZENFANT, Amedée (1918). *Après le cubisme*. Paris: Ed. des Commentaires sur L'Art et la Vie Moderne, vol. 1, 1918.

LE CORBUSIER. *Vers une architecture*. Paris: Arthaud, 1977. (Ed. revista e ampliada.) [Ed. orig., Paris: Crès, 1923. (Col. de l'Esprit Nouveau). Ed. bras., *Por uma arquitetura*. São Paulo: Perspectiva, 2002].

LE CORBUSIER. *L'Art décoratif d'Aujourd'hui*. Paris: Arthaud, 1980. [Ed. orig., Paris: Crès (Col. de l'Esprit Nouveau), 1925. Ed. bras., *A arte decorativa*. São Paulo: Martins Fontes, 1996].

OZENFANT, Amedee et JEANNERET, Charles Edouard. *La Peinture moderne*, Paris: Crès, (Col. de l'Esprit Nouveau), 1925.

LE CORBUSIER. *Urbanisme*. Paris: Ed. Gres et Cie (Col. de l'Esprit Nouveau), 1925. [Ed. bras., *Urbanismo*. São Paulo: Martins Fontes, 2000].

LE CORBUSIER. *Almanach d'architecture moderne*. [Ed. fac-similar] Turim: Bottega D'Erasmo, 1975. [Ed. orig., Paris: Crès (Col. de l'Esprit Nouveau), 1926].

LE CORBUSIER. *Une Maison-Un Palais. A la recherche d'une unité architecturale* [Ed. fac-similar] Turim: Bottega D'Erasmo, 1975. [Ed. orig., Paris: Crès (Col. de l'Esprit Nouveau), 1928].

LE CORBUSIER. "Defense de la Architecture: réponse à Karel Teige", *L'Architecture d'Aujourd'hui*, nº esp., 1933, pp. 38-61.

LE CORBUSIER. *La Ville Radieuse – Elements d'une doctrine d'urbanisme pour l'équipment de la civilization machiniste*. Paris: Editions de L'Architecture D'Aujourd'hui, 1935. [Reed: Paris: Vicent Freal, 1964].

LE CORBUSIER. *Quand les catédrales étaient blanches*. Paris: Denoel/Gonthier (Mediations), 1983. [Ed. orig., Paris: Plon, 1937].

LE CORBUSIER. *Sur les quatre routes*. Paris: Denoel/Gonthier (Col. Mediations), 1978. [Ed. orig., Paris: Gallimard, 1941].

LE CORBUSIER. *La Charte d'Athénes: Travaux du 4me. CIAM*. Paris: Plon, 1943. [Ed. bras., *A carta de Atenas*. São Paulo: Hucitec, 1993].

LE CORBUSIER. *Maniére de penser l'urbanisme*. Paris: Denoel/Gonthier (Col. Mediations), 1982. [Ed. orig., Boulogne (Paris). [Ed. de L'Architecture D'Aujourd'hui (col. ASCORAL), 1946. Ed. port., *Maneira de Pensar o Urbanismo*. Lisboa: Europa-América, 1997].

LE CORBUSIER. *Le Modulor: Essai sur une mesure harmonique à l'échelle humaine*

applicable uniquement à l'architecture et l'urbanisme. Bologne (Paris): Ed. de L'Architecture D'Aujourd'hui, 1950.

LE CORBUSIER. *Poème de l'angle droit*. Paris: Verve, 1955.

LE CORBUSIER. [Willy Boesiger (ed.)] *Oeuvre Complète 1910-65*. Zurich: Artemis, 1967.

Le Corbusier Sketchbooks. Londres: Thames and Hudson/FLC, 1981-1982. [Ed. orig., *Le Corbusier Carnets*. New York/Paris: The Architectural History Foundation /Dessain et Tolra, 1981-1982. 4 vols. 1. 1914-1948; 2. 1950-1954; 3. 1954-1957; 4. 1957-1964].

BIBLIOGRAFIA SELECIONADA SOBRE LE CORBUSIER

BARDI, Pietro Maria. *Lembranças de Le Corbusier: Atenas, Itália, Brasil*. São Paulo: Nobel, 1984.

BENTON, Tim. *Les Villas de Le Corbusier et Pierre Jeanneret, 1920-1930*. Paris: Philippe Sers, 1984. [Ed. ingl., New Haven: Yale University Press, 1987].

BROOKS, Harold Allen (ed.). *The Le Corbusier Archive*. New York/London: Garland/FLC, 1982-1985, 32 vols.

CURTIS, William J. R. *Le Corbusier: Ideas and Forms*. Londres: Phaidon, 1986. [Ed. cast., Madri: Blume, 1989].

EVENSON, Norma. *Le Corbusier: The Machine and the Grand Design*. Nova York: George Braziller, 1969.

FISCHMAN, Robert. *L'Utopie urbaine au XXe. siècle. Ebenezer Howard, Frank Lloyd Wright, Le Corbusier*. Bruxelas: Pierre Mardaga (Col. Architecture + Recherches), 1977. [Ed. orig., Nova York: Basic Books, 1977].

FRAMPTON, Kenneth. *Le Corbusier*. Londres: Thames & Hudson, 2001.

FRAMPTON, Kenneth. *Le Corbusier: Architect of the 20th Century*. Nova York: Harry N. Abrams, 2002.

HARRIS, Elizabeth. *Le Corbusier: riscos brasileiros*. São Paulo: Nobel, 1987.

HILPERT, Thilo. *La Ciudad Funcional/ Le Corbusier y su visión de la ciudad: condiciones, motivos, razones ocultas*. Madri: IEAM – Instituto de Estudios de Administración Municipal, 1983. [Ed. orig., Brawnschweig/Wiesbaden: Friedr. Vieweg, 1978].

JENCKS, Charles. *Le Corbusier and the Continual Revolution in Architecture*. Nova York: The Monacelli Press, 2000.

LUCAN, Jacques (ed.). *Le Corbusier: Une encyclopédie*. Paris: Centre Georges Pompidou/CCI, 1987.

MARTINS, Carlos A. Ferreira. *Razon, ciudad y naturaleza: La génesis de los conceptos en el urbanismo de Le Corbusier*. Tese de doutorado. Escuela Técnica Superior de Arquitectura de Madrid, 1992.

MOOS, Stanislaus von. *Le Corbusier*. Barcelona: Blumen, 1977. [Ed. orig., *Le Corbusier. Elemente eine Synthese*. Frauenfeld: Verlag Huber, 1968. Ed. ing. revista e ampliada. Cambridge (Mass): The MIT Press, 1979].

SANTOS, Cecília R. et alli. *Le Corbusier e o Brasil*. São Paulo: Projeto/Tessela, 1987.

TENTORI, Francesco e DE SIMONE, Rosario. *Le Corbusier*. Roma/Bari: Laterza (Col. Guide all'architettura moderna), 1987.

TSIOMIS, Yannis (org.). *Le Corbusier. Rio de Janeiro 1929-1936*. Rio de Janeiro: Centro de Arquitetura e Urbanismo do Rio de Janeiro, 1988.

TURNER, Paul Venable. *La Formation de Le Corbusier: Idealisme et mouvement moderne*. Paris: Macula, 1987. [Ed. orig., *The Education of Le Corbusier*. New York: Garland, 1977].

WALDEN, Russel (ed.). *The Open Hand: Essays on Le Corbusier*. Cambridge (Mass.): The MIT Press, 1977.

ÍNDICE REMISSIVO

Academia de Belas Artes, 44
academismo, 41, 43, 89, 112, 174, 214, 255
Ação Francesa, 189
Agache, Alfred Donat, 230-31, 268, 271, 286
agrovila, 257
Aircraft (Le Corbusier), 282
Alberti, Leon Battista, 216
Almonacid, capitão, 16
América do Sul, 8, 16, 39, 230, 238, 266, 268-70, 272, 280
Ami du Peuple, 189
Amigos da Arte (*Amigos del Arte*), 32
Amigos da Cidade (*Amigos de la Ciudad*), 32, 143
Antibes, 232
Après le Cubisme (Jeanneret e Ozenfant), 277
ar condicionado, aparelhagem de, 74
arco ogival, 62
Argel, 266, 272, 284-85, 287
Argentina, 15, 17, 29, 45, 199, 201, 205, 222; Rio da Prata, 28, 30, 35, 201, 231, 283; Terra do Fogo, 199; Trópico do Chaco, 199

Bach, Johann Sebastian, 24
Baker, Joséphine, 25
Beethoven, Ludwig Van, 24; *Missa Solene* de, 28
Bonnier, Louis, 243
Brancusi, Constantin, 68
Brillat-Savarin, Jean-Anthelme, 23-24, 26
Brun, Jean, 285
Bruxelas: Exposição Universal de, 8; Palácio da Justiça, 159; Palácio Mundial, 247; Pavilhão Phillips, 8
Buenos Aires, 9, 13, 15-16, 18, 22, 26-33, 35, 38, 49, 76, 91, 94, 118, 135, 198-201, 203, 205, 207, 209-10, 214, 216, 220, 222, 228, 230-32, 236, 238, 243-44, 263, 265, 268-71, 280, 283-85; Costanera, 199; Parque Palermo, 210; Retiro, estação do, 203
Bureau Internacional do Trabalho, 213
Butti (Faculdade de Ciências Exatas), 32

C*ahiers de l'Étoile*, 40
Cândido (Voltaire), 23
Cantilo, Luiz, 16
Capitólio (Michelangelo), 80
Carnets (Le Corbusier), 281-82
Cartuxa d'Ema, 98, 103, 276
casa de concreto armado ou de ferro, 52-53
casa de pedra tradicional, 52
Cendrars, Blaise, 29, 31, 268, 281, 287
Chandigarh (Índia), 265
CIAMs (Congressos Internacionais de Arquitetura Moderna), 267-69, 272
Cidade Contemporânea, 278, 283
cidade-corredores, 169
Cidade de três milhões de habitantes, 98-99, 187, 250
Cidade Mundial, 99, 131, 211-14, 268, 276-78
Cidade Verde, 255-61
City, 197
Colbert, Jean-Baptiste, ministro de Luís XIV, 187, 272, 287
Colquhoun, Alan, 275, 279, 287
colunata, 58, 197, 236
Considère, Louis Pelnard, 26
Constant, Caroline, 276
Constitución, estação de, 203
cor, 21-22, 47, 99, 105, 188, 199, 220
Cordilheira das Montanhas Rochosas, 200
Cordilheira dos Andes, 19, 200, 236

Dato, duquesa de, 31
Debussy, Claude, 24

descanso do quinto dia, 255, 256, 257
desurbanização, 259, 261
Die Stadtebau, 286
"Dom-ino", casas, 100, 265, 276
Don Segundo Sombra (Guiraldes), 17

École de Beaux-Arts, 62
edifícios-vilas, 98, 103, 236
Eiffel, Gustave, 26, 45, 174, 188, 275
Elizalde, Helena Sansinea de, 32
entre-janelas, 62
Eplatennier, L', 267
época maquinista, 37-39, 41-42, 99, 107, 110-11, 114, 145, 153, 177, 195, 200, 225, 241, 243, 246, 258
"Esprit de Sud-Amérique, L'", (Le Corbusier), 270-71, 287
Esprit Nouveau, l' (coleção), 22, 45, 145, 177
Esprit Nouveau, l' (revista), 16, 29, 43, 188, 250, 273, 287
Estados Unidos, 22, 26, 30, 37, 199, 216, 238
Estrada Triunfal, 191, 193, 244
Exposição Internacional de Artes Decorativas (1925), 99, 145, 187

Fachada livre, 54, 127
Faculdade de Ciências Exatas, 16, 32, 77, 93, 159, 211
Farnese, palácio, 216
favelas, 228, 281
Fazenda São Martinho, 25
Feuille d'Avis, La, 267
Flandres, arquitetura de, 100
Forestier, J.N.L., 271
Fougès, Henry, 188
Frampton, Keneth, 283
Freyssinet, Eugène, 45, 275

Garaño, Alfredo Gonzales, 17-18, 27-28, 31, 205, 222
Garches, vila de, 80, 105, 138
Genebra: Biblioteca Mundial, 60; Cidade Mundial em, 58; Palácio das Nações, 56-57, 65; 72, 99, 120, 131, 161, 220; Universidade Internacional de, 60
Ghinsbourg (arquiteto), 259-60
Giordani, Jean-Pierre, 280
Giulio Cesare (transatlântico), 231
Gropius, Walter, 65
Guiraldes, Ricardo, 17

Haussmann, Baron Georges-Eugène, 26, 49, 62, 64, 152, 178, 188
Henrique IV, 196, 243
Humanité, L', 189

Índia, 272, 281
Instituto de França, 214, 241
Intransigeant, 194
Istambul, 280

Janela corrida, 64, 66, 100, 120, 127, 135, 139, 142
janelas, 9, 49, 52-53, 58, 62, 64-66, 72, 80, 83, 100, 103, 115, 217, 220
Jeanneret, Pierre, 65, 98, 138, 267, 269, 273, 287: *Voyage d'Orient*, 280

Kramer, Ferdinand, 269, 287

La Plata, 220, 222
Laurent, 68
Léger, Fernand, 29, 57
lei do meandro, 18, 143, 144
Lejawa (vice-presidente da União Soviética), 259
Léman, casinha à beira do lago, 130
Lênin, Vladimir Ilich Ulyanov, 189, 259
Liernur, Francisco, 267, 283
Lipchitz, Jacques, 68
Lloyd Wright, Frank, 99
Loucheur (ministro do Trabalho), 56, 100, 177: Lei, 100, 103
Louvre, 193; colunata do, 172-4
Luís XIV, 113-14, 152, 191, 196, 200, 243, 251

Luís XVI, 123, 227; estilo, 61
Lyautey, marechal, 177
Lyon, Gustave, 9, 165

Mallet-Stevens, Robert, 230
Manhattan, 238
Mansart, François, 68
maquinismo, 37, 93, 98, 143, 180, 186, 210, 216, 225, 252, 274
Mar del Plata, 220, 222
Marselha, 232
May, Ernst, 269
Mercier, Ernest, 177
Mesquita Verde de Brousse, 135
Michelangelo, 80, 216
Mies van der Rohe, Ludwig, 268
Miliutin (comissário do povo), 259
mobiliário, 111, 113
Mongermon, M.,188
Montaigne, Michel Eyguem de, 23
Montevidéu, 13, 15-16, 21, 30, 97, 198, 205, 231, 284-85
Monzie, Anatole de, 188
Moscou, 30, 56-57, 60, 65-66, 76, 95, 99, 131, 189, 238, 253-6, 258-59, 261: Centrosoyus, 56, 60, 99, 131, 189, 276, 278; Cidade Verde de, 256, 259; Palácio das Cooperativas de, 120
Mozart, Wolfgang Amadeus, 24
Mundaneum, 268
Museu Mundial, 60, 214
Museu Nacional, máscaras indígenas do, 24

Nações Unidas, sede das, 9, 285
Nénot, Paul, 23, 58, 197
Nivola, Constantino, 285
Notre-Dame, 172
Nova Objetividade, 269, 272, 275, 287
Nova York, 9, 30, 201, 209, 246, 263, 270, 285

Obelisco da Concórdia, 191
Ocampo, Victoria, 28, 35
ordens da arquitetura, 7, 216
Otlet, Paul, 213

Pano de vidro, 65-66, 68, 100, 105, 120, 127, 135-36
panos de pedra, 65
panos mistos, 65
paredes neutralizantes, 74, 161
Paris, 2, 10, 16, 22, 28-29, 31, 35, 37-39, 72, 99, 113, 118, 131, 135, 138, 145, 172, 174, 177, 179, 183, 185-86, 188-91, 193, 196-98, 209, 214, 230, 232, 238, 242-49, 251-52, 255, 263: Arco do Triunfo, 191; Centro de negócios de, 145, 174, 180, 183, 186-87, 209-10, 231-32, 235, 242, 244, 249, 252; Cité, 172, 243; Comissão da Nova Paris, 191; Défense, monumento da, 191; École de Beaux-Arts, 62, 255; Grande Palácio das Exposições, 159; Nova Paris, 195; Palácios da Concórdia, 72; Plano "Voisin", 32, 99, 145, 172, 187-88, 193, 210, 249-50, 283, 285; Praça Vendôme, 248; Saint-Antoine, abadia de, 172; Saint-Germain-des-Près, abadia de, 172; Salão de Outono, 98, 118, 145, 230, 187; Torre Eiffel, 174
Partenon, 62, 84
Pavilhão de l'Esprit Nouveau, 65, 99, 105, 118, 145, 187-88, 276
Pedretti, Bruno, 281-82
Perret, Auguste, 99, 273, 286
Perriaud, Charlotte, 118
Petite Maison, 278
Picasso, Pablo, 29
pilotis 53-54, 56-58, 60, 66, 68-69, 72, 74, 89, 103, 127, 139, 152, 157, 161, 189, 203, 229, 231, 278, 281
Pitágoras, 69
plano qüinqüenal, 253, 255, 257
planta livre, 54, 127
Poema Eletrônico, 8
Poissy, vila de (vila Savoye), 105

Por uma arquitetura (Le Corbusier), 273-74, 279, 282, 287
Prado, Paulo, 27, 29, 31, 270
Prestes, Júlio, 16
Provensal, Henri, 273-74, 276, 287

Quadrado espanhol, 207, 244

Redressement Français, 39, 145, 177, 189, 241; Vers le Paris de l'époque machiniste, 186
Rei-Sol, 113, 174
Rio de Janeiro, 13, 15, 201, 227, 229, 233, 235-36, 238, 243, 271, 280-81, 284-87: auto-estrada para, 235; Bruhns e Cortez, plano para a cidade, 286; Corcovado, 238; Gávea, 238; Pão de Açúcar, 235, 238; Praia Vermelha, 235
Romier, Lucien, 177, 241
Rousseau, Jean-Jacques, 23, 60
ruas-corredores, 169
Ruskin, John, 285

S.F.U. (Sociedade Francesa de Urbanismo), 271
Sââr Péladan, 61
São Paulo, 13, 15-16, 18, 21, 24-27, 29, 31, 178, 230-33, 235, 243, 263, 268, 284-85; diâmetro urbano de, 233
São Pedro, basílica de, 216: colunatas de, 58
Satie, Eric, 24, 136
Scully, Vincent, 279
seção áurea, 83
Sekler, Patricia, 285
Serruys, Daniel, 177, 189
Sociedade das Nações (Secretariado das Nações Unidas), 9, 58, 61, 159, 161, 167, 177, 179, 213, 269, 275
Soufflot, Jacques-Germain, 174
Stevenson, George, 37
Stravinsky, Igor, 25
Stuttgart, 60

Tafuri, Manfredo, 266, 287
taylorismo, 74
Teige, Karel, 268, 287
Tentori, Francesco, 266-67
teto-jardim, 54, 66, 105, 127
teto-terraço, 50, 74, 89, 164, 222
Thiers, Adolphe, 37
Tivoli, 232
Torre da Manteiga (Rouen), 84

U*ne Maison – Un Palais* (Le Corbusier), 22, 159, 272, 275
União Soviética, 189, 254-55, 257-59, 263
Unidade de Habitação de Marselha, 265
Urbanismo (Le Corbusier), 99, 145, 177, 180, 189, 273, 275, 280-81, 286

Vauthier, Paul (tenente-coronel), 189-90
Velho Forte (Marselha), 232
Vers le Paris de l'époque machiniste, 39, 186, 189, 241: comissão de urbanismo, 145
Viagem ao Oriente (Jeanneret), 267, 280
Vignola, Giacomo Barozzi da, 22, 61-62, 94-95, 214, 216, 223
Vilar, Antonio, arquiteto, 210
vilegiaturistas, 256
vila Adriana (Tivoli), 232, 284
vila Savoye (Poissy), 265
Ville Radieuse, 284
Voisin, Gabriel, 188
Voltaire, François Marie Arouet, 23
Von Moos, Stanislaus, 265-66

Wanner (industrial de Genebra), 99
Werkbund, 26

SOBRE O AUTOR

Charles-Édouard Jeanneret-Gris nasceu em La Chaux-des-Fonds, Suíça, em 6 de outubro de 1887. Em 1930, naturalizou-se francês. Sob o pseudônimo Le Corbusier, foi um dos maiores e mais ativos arquitetos e urbanistas do século XX, cujas idéias revolucionárias guiaram a criação da arquitetura moderna no mundo todo.

Com quatorze anos ingressou na Escola de Artes aplicadas de La Chaux-des-Fonds, onde o professor L'Eplatennier despertou-lhe o interesse pela arquitetura. Entre 1908 e 1910 estudou em Paris com o arquiteto Auguste Perret e, em seguida, trabalhou em Berlim no ateliê do designer Peter Behrens, ocasião em que conheceu os futuros líderes da Bauhaus, Ludwig Mies van der Rohe e Walter Gropius.

Logo após a I Guerra, passou a dedicar-se à pintura e fundou, ao lado de Amedée Ozenfant, o núcleo purista do cubismo, com o lançamento do livro *Après le cubisme* (1918). A estética purista preconizada pelo grupo abrangia a literatura, a arquitetura, o desenho industrial e a pintura, e resultou numa campanha em favor da ordem formal veiculada principalmente na revista *L'Esprit Nouveau* (1920-5) e nos livros *Por uma arquitetura* (1923) e *A pintura moderna* (1925).

Nas décadas de 20 e 30, deu expressão às suas idéias urbanísticas com o Pavilhão de l'Esprit Nouveau (1925) e a publicação do livro *Urbanismo* (1925). Concebeu ainda o Plano para uma cidade contemporânea de três milhões de habitantes (1922), o Plano Voisin de Paris (1925) e *La Ville Radieuse* (1935), com os quais se propunha a resolver a iminente crise habitacional e de circulação nas grandes cidades.

Para Le Corbusier, o arquiteto deveria ter como meta alojar as pessoas de maneira decente e humana, e isso só seria possível mediante a fabricação industrial, a padronização e o urbanismo racional. Já em 1914 criara o sistema de construção Dom-ino, com elementos pré-moldados e combináveis de diversas formas. Em 1927, reúne seus princípios de projeto em *Cinco pontos para uma nova arquitetura.*

Em 1928, fundou em La Sarraz o grupo CIAM (Congressos Internacionais de Arquitetura Moderna), voltado para a discussão dos rumos da arquitetura e do urbanismo modernos em âmbito mundial.

Afastando-se mais tarde do purismo e do racionalismo e aproximando-se de uma concepção identificada como brutalista e expressiva, projetou obras como a Unidade de Habitação em Marselha (1945-52), a capela de Ronchamp (1950-55) e o convento de La Tourette (1953-60), na França; edifícios em Chandigarh, na Índia (1950-59) e o Secretariado das Nações Unidas, em Nova York (1947).

Influenciou várias gerações de arquitetos brasileiros, a começar por Lucio Costa, Affonso Eduardo Reidy, Oscar Niemeyer e inúmeros outros. Visitou o país em três ocasiões: em 1929, 1936 e 1962.

Faleceu vítima de uma crise cardíaca em Cap Martin, França, em 27 de agosto de 1965.

Edição original: 1930
© Fondation Le Corbusier
© Cosac & Naify, 2004

Capa Croqui [B4-279] e foto de Le Corbusier no Brasil, 1929 © FLC

COLEÇÃO FACE NORTE

Coordenação editorial Cristina Fino
Tradução Carlos Eugênio Marcondes de Moura
Projeto gráfico Elaine Ramos
Composição Jussara Fino
Revisão técnica Carlos Roberto Monteiro de Andrade
Revisão Alexandre Hubner
Índice remissivo Maria Cláudia Mattos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Le Corbusier, 1887-1965.
Precisões sobre um estado presente da arquitetura
e do urbanismo / Le Corbusier; tradução Carlos Eugênio
Marcondes de Moura; posfácio Carlos A. Ferreira Martins. —
São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

Título original: Précisions sur un état présent
de l'architecture et de l'urbanisme
Bibliografia.
ISBN 85-7503-290-9

1. Arquitetura 2. Le Corbusier, 1887-1965 3. Urbanismo
I. Martins, Carlos A. Ferreira. II. Título.

04-1190 CDD-720

Índices para catálogo sistemático: 1. Arquitetura 720

COSAC & NAIFY
Rua General Jardim, 770, 2° andar
01223-010 — São Paulo — SP
Tel: (55 11) 3218-1444
Fax: (55 11) 3257-8164
info@cosacnaify.com.br
www.cosacnaify.com.br

Atendimento ao professor: [55 11] 3218-1466

tipologia Walbaum e Univers papel alta alvura 120 g/m²
pré-impressão Postscript impressão Cromoset